UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ÁREA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA

MATEMÁTICA E SEUS FUNDAMENTOS FILOSÓFICO-CIENTÍFICOS

POTÊNCIAS PRODUZIDAS NO ENCONTRO DE UM EDUCADOR MATEMÁTICO COM A CASA DO HIP HOP DE PIRACICABA/SP

HEINRICH DA SOLIDADE SANTOS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

RIO CLARO-SP
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

HEINRICH DA SOLIDADE SANTOS

POTÊNCIAS PRODUZIDAS NO ENCONTRO DE UM EDUCADOR MATEMÁTICO COM A CASA DO HIP HOP DE PIRACICABA/SP

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roger Miarka

Rio Claro - SP
2025

S237p

Santos, Heinrich da Solidade
Potências produzidas no encontro de um educador matemático com a Casa do Hip Hop de Piracicaba/SP / Heinrich da Solidade Santos. -- Rio Claro, 2025
210 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Roger Miarka

1. Educação Matemática. 2. Filosofia da Diferença. 3. Cartografia. 4. Pesquisa Performática. 5. Hip Hop. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

Impacto potencial desta pesquisa

Esta tese aborda aspectos científicos, sociais, econômicos, educacionais e culturais relacionados aos ODS. Promove educação de qualidade (ODS 4), igualdade de gênero (ODS 5), redução das desigualdades (ODS 10), comunidades sustentáveis (ODS 11), paz e justiça (ODS 16) e igualdade étnico-racial (ODS 18) com foco na Casa do Hip Hop de Piracicaba como um Quilombo Urbano.

Potential Impact of This Research

This thesis addresses scientific, social, economic, educational, and cultural aspects related to the SDGs. It promotes quality education (SDG 4), gender equality (SDG 5), reduction of inequalities (SDG 10), sustainable communities (SDG 11), peace and justice (SDG 16), and ethnic-racial equality (SDG 18), focusing on the Casa do Hip Hop of Piracicaba as an Urban Quilombo.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

HEINRICH DA SOLIDADE SANTOS

POTÊNCIAS PRODUZIDAS NO ENCONTRO DE UM EDUCADOR MATEMÁTICO COM A CASA DO HIP HOP DE PIRACICABA/SP

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. ROGER MIARKA
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Profa. Dra. JAQUELINE LIMA SANTOS
IFCH/UNICAMP/Campinas (SP)

Prof. Dr. ANTONIO FILOGENIO DE PAULA JUNIOR
FCA/UNICAMP/Limeira (SP)

Profa. Dra. SÔNIA MARIA CLARETO
FE/UFJF/Juiz de Fora (MG)

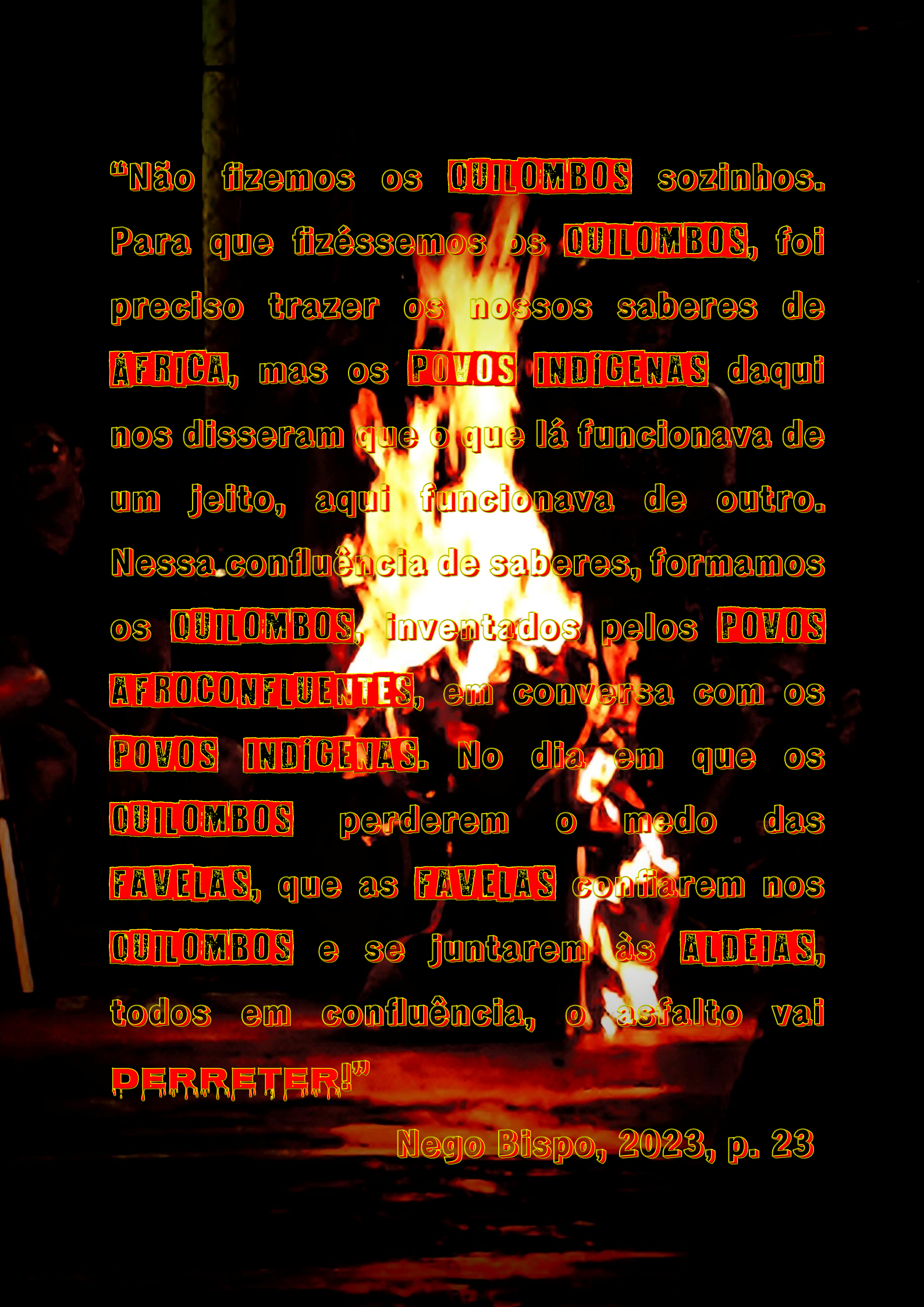
Profa. Dra. HELOISA DA SIVA
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)

Conceito: Aprovado.

Rio Claro (SP), 07 de abril de 2025.

AGRADECIMENTOS

Como iniciar os agradecimentos de um trabalho acadêmico? Quantos trabalhos devem começar com essa pergunta? Pela liberdade poética operada pelo caos, vou, em vez de agradecer, dedicar. Mas também é agradecimento, afinal, é o que está escrito acima, né? Dedico à minha mãe – Lúcia –, e pai – Paulo –, que dedicaram suas vidas para que eu e meus irmãos (Phelippe e Matheus) pudéssemos estudar. Dedico ao meu ~~orientador~~ amigo – Roger, que dedicou seu coração ao carinho a este trabalho, ao grupo e tantas outras possibilidades de operar com a diferença. Dedico à banca de defesa da tese: Antonio, Heloísa, Jaqueline e Sônia; que dedicaram tempo e contribuições espetaculares possibilitando a existência deste trabalho. Somam-se à esta banca: Andreia, Jorge e Jamaal, que, além da amizade, se dedicaram à leitura. Dedico à minha duplinha, minhas amadas Danielle e Julikitty que estiveram mais próximas de mim, principalmente em tempos de fechamentos de escrita e composição. Evidentemente que dedico esta tese, e tudo que eu fiz, vi, vivenciei, aprendi, à Casa do Hip Hop e todas as pessoas que aqui dialogaram, em especial, Bira, que eu nunca presenciei titubear em sua dedicação às causas que acredita. Difícil contabilizar, então sempre corro o risco de deixar faltar alguém, mas, gosto de correr riscos, afinal, sou sagitariano aventureiro. Dedico a vocês por dedicarem à produção de afetos em seus anúncios, enunciados e denúncias cotidianas: Sônia, Mayra, Cadson, Marcinha, Savana, Renata, Joana, Jaqueline, Andressa, Maria, Osvaldo, Thiago, Patrícia, Dilsão, Tatu, Andrea, Lia Augusto, Juliana, Lia Mara, Ubaldo, Joel, Naomi, Marquinhos, Josi... somam-se a vocês, absolutamente todas as outras deusas e deuses do Hip Hop que tornaram, têm tornado, essa cidade menos injusta, menos faminta... mais potente, mais viva! Dedico também, às muitas amizades produzidas no PPGEM (sempre bem representado por Ina) e além: Coletivo Cronopies+ e o eterno Cortiço versão quando estivemos por lá, que se dedicaram a sorrir das minhas piadas e acolheram minhas lágrimas: Wanderson, Maiélita, Carolzinha, Adrielen, Joãozinho, Lucas, Jôkasta e Jorge. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Enfim, valeu turminha. Cês são incrivelmente espetaculares! Bora derreter o asfalto!



“Não fizemos os QUILOMBOS sozinhos. Para que fizéssemos os QUILOMBOS, foi preciso trazer os nossos saberes de ÁFRICA, mas os POVOS INDÍGENAS daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os QUILOMBOS, inventados pelos POVOS AFROCONFLUENTES, em conversa com os POVOS INDÍGENAS. No dia em que os QUILOMBOS perderem o medo das FAVELAS, que as FAVELAS confiarem nos QUILOMBOS e se juntarem às ALDEIAS, todos em confluência, o asfalto vai PERRETER!”

Nego Bispo, 2023, p. 23

RESUMO

Este trabalho reconhece a Casa do Hip Hop de Piracicaba como um Quilombo Urbano, onde foi realizada uma pesquisa que objetivou assumir afetos vivenciados e sentidos no encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop, operando na diferença, com a cartografia. Recorreu-se a uma metodologia cartográfica como habitação de um território, durante o acompanhamento de processos, por meio da vivência nos espaços da Casa, uma Associação que utiliza os cinco elementos (MC, DJ, break, grafitti, consciência social) como filosofia para mobilizar as atividades que acontecem na cidade de Piracicaba, desde 2002, que é utilizado para oferecer oficinas, promover eventos culturais, educacionais entre outros. Assim, o presente texto se vale de tais elementos operando junto ao Coletivo Cronopies+ do PPGEM, para que os afetos vivenciados e sentidos produzam potência no encontro de um educador matemático com as pessoas que dialogaram sobre suas histórias de vida, amores, dores, percepções de mundo... Assume-se uma política de escrita que opera por meio das palavras, de músicas, das cores, das formas, de remixes, do balançar, do movimento... possibilitando cartografar afirmação de vidas, de consciência, em meio ao caos histórico, político e social das terras de Pindorama (Brasil), da região em que há um rio onde os peixes param (Piracicaba) e do bairro Paulicéia. Portanto, em diálogo com apoio de referências sobre o amor, o ódio, o Brasil, a periferia, a favela, o politeísmo, o pensamento exuzíaco, resistência, os modos de um Quilombo Urbano – entre outros –, esta pesquisa produziu uma composição assumida pela diferença como promotora de uma hiphopzação da Educação Matemática para salvar vidas!

Palavras-chave: Filosofia da Diferença; Educação Matemática; Cartografia; Pesquisa Performática; Soberania Alimentar.

ABSTRACT

This work recognizes the Hip Hop House of Piracicaba as an Urban Quilombo, where research aimed to embrace the affections experienced and felt in the encounter of a mathematics educator with a Hip Hop house, operating in difference, with cartography. A cartographic methodology was used as a habitation of a territory, during the monitoring of processes, through the living experience in the spaces of the House, an Association that uses the five elements (MC, DJ, break, graffiti, social consciousness) as a philosophy to mobilize the activities that happen in the city of Piracicaba, since 2002, which is used to offer workshops, promote cultural, educational events among others. Thus, this text makes use of such elements operating alongside the Cronopies+ Collective of PPGEM, so that the experienced and felt affections produce power in the meeting of a mathematics educator with people who talked about their life stories, loves, pains, world perceptions... A writing policy is assumed that operates through words, music, colors, shapes, remixes, the swaying, the movement... enabling the mapping of the affirmation of lives, of consciousness, amidst the historical, political and social chaos of the lands of Pindorama (Brazil), of the region where there is a river where the fish stop (Piracicaba) and the Paulicéia neighborhood. Therefore, in dialogue with the support of references on love, hate, Brazil, the periphery, the favela, polytheism, exuzíaco thinking, resistance, the ways of an Urban Quilombo – among others –, this research produced a composition assumed by difference as a promoter of the hiphopization of Mathematics Education to save lives!

Keywords: Philosophy of Difference; Mathematics Education; Cartography; Performative Research; Food Sovereignty.

Sumário

17 DO NADA: elementos

19 Mayra

43 Cadson

45 Do (pré)projeto a (esta) tese

49 Joana

51 HIP HOP: tempo

55 Jaqueline

68 "O que é a palavra Hip Hop?"

77 Marcinha

85 Amor e ódio

89 Savana

96 CASA DO HIP HOP: Piracicaba

99 Andressa e Maria

113 Contar, cantar e... encantar

118 15dejulhode1955

126 ELEMENTO: quinto

128 Renata

137 Osvaldo

152 Bira

165 Coletivo Cronopies+

185 Fundamentação Teórica...?
Metodologia...? Análise...?
Considerações... Finais?

202 Operantes

UM CONVITE

Eu convido você, a algumas sensações. Não posso dizer quais, se sensacionais ou não, isso, só você poderá me dizer depois de ler. Este trabalho diz respeito a uma pesquisa de doutorado, desenvolvida junto com muitos corpos. Entre eles, em especial, citam-se dois: (1) a Casa do Hip Hop de Piracicaba e (2) o Coletivo Cronopies+. Esses dois grupos são importantes de se mencionar aqui no início, pois dão o tom deste texto. Aliás, não só o tom, mas oS tonS, bem como as cores, as formas, a diagramação, as ênfases, e, acredito, muito das sensações.

Esta tese foi escrita levando em consideração os aprendizados junto a esses grupos, e afetos produzidos a partir das vivências durante o desenvolvimento da pesquisa, mas também de elementos que permearam minha vida. Aliás, falando em elementos, acho que é importante uma breve apresentação sobre os dois grupos mencionados.

A Casa do Hip Hop de Piracicaba é um espaço que, a partir do Hip Hop, utiliza os cinco elementos (DJ, MC, DJ, break, grafite, conhecimento) para mobilizar as atividades que acontecem na cidade de Piracicaba/SP. Há um espaço próprio, desde 2002, que é utilizado para oferecer oficinas, promover eventos culturais, educacionais entre outros, visando atender gratuitamente principalmente jovens, mas com abertura para o público de diversas idades. Também há mais dois espaços físicos: o Projeto Casarão e o Projeto Ladeira, operados do mesmo modo, em bairros diferentes.

Este trabalho, portanto, é sobre tudo isso. Sobre potências dos espaços e dos elementos assumidos pelas pessoas. Sobre as pessoas – incluindo eu mesmo. Sobre o Hip Hop. Sobre o que cotidianamente é enunciado, anunciado e denunciado. Sobre afetos vivenciados e sentidos. Sobr[redacted] uma política de escrita. Sob[redacted] um rigor ético/estético/político. So[redacted] sensos político, poético e ético. [redacted] COM vidas que o Hip Hop salvou, mas também com um bairro, uma cidade, um país, uma sociedade que não salvaram vidas. Com processos de potência na/com a Educação Matemática. Com... ah, é! Não tinha comentado antes: esta pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM). Nesse caso, vamos para a apresentação sobre o outro grupo mencionado, que integra o programa de pós-graduação supracitado.

O Coletivo Cronopies+ é um grupo de pesquisa, de estudo, de extensão, que opera com a Filosofia da Diferença, em um entendimento de que a diferença pode ser promovida como produtora de conhecimento. As pesquisas desenvolvidas no Coletivo buscam mobilizar elementos de potência junto a grupos em situação de vulnerabilidade, negligência e resistência, utilizando como possibilidade de narrativa composições artísticas.

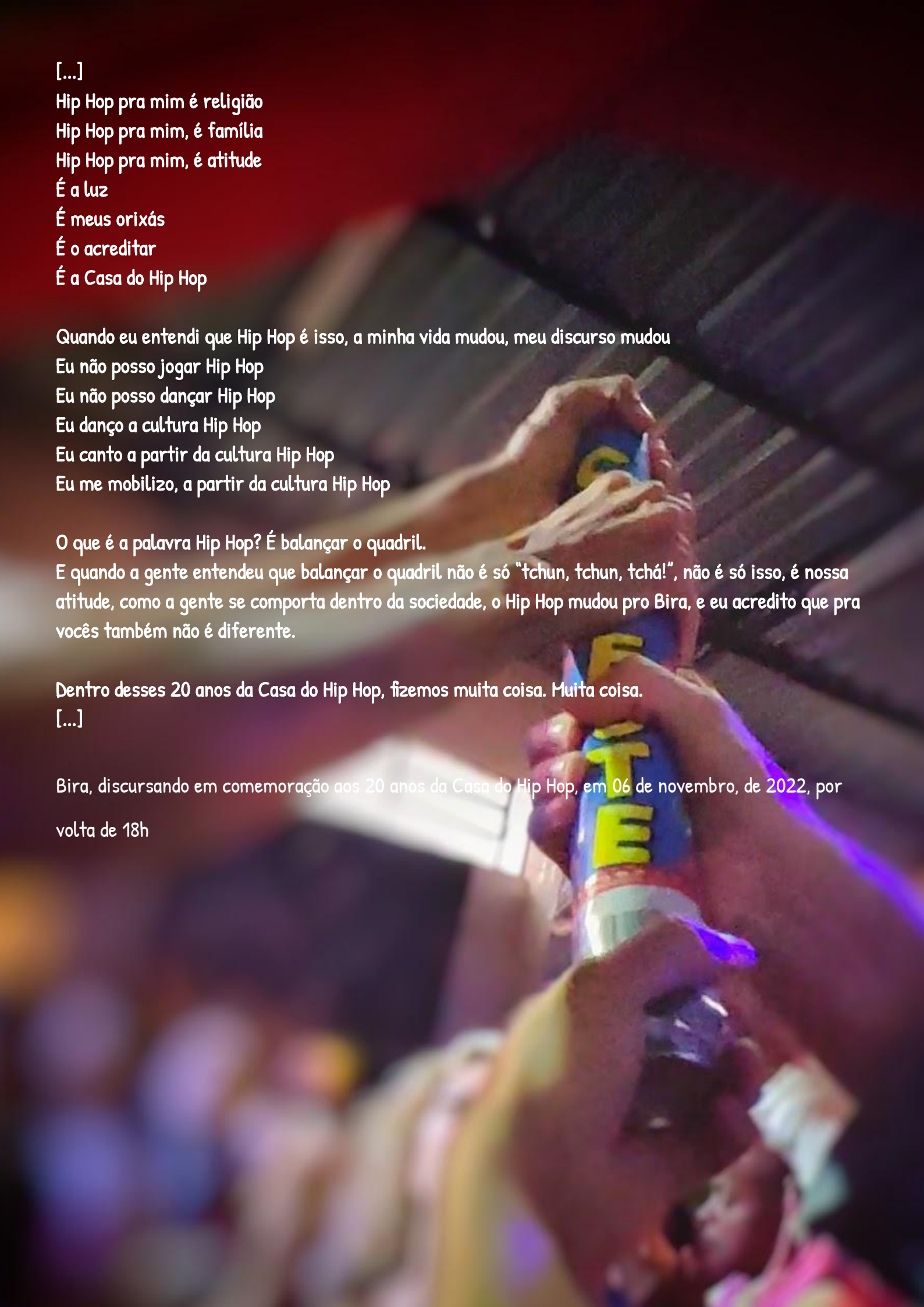
Com um compromisso ético, estético e político, o Coletivo intenciona que as escolhas das pesquisas direcionem um caminho que defende a vida junto à Educação Matemática. Para fazer isso, nesta tese, se assume a cartografia, submergida num pensamento exuzíaco. Nesta tese se assume também os sensos político, poético e ético.

Bem, veja: são muitos conceitos até agora, eu sei! Mas, todos eles serão discutidos posteriormente. Lembre-se: aqui é só um convite. Nesse convite, aliás, quero dizer que, pelas escolhas realizadas, optamos por apresentar a tese como uma composição de muitos elementos, incluindo o Hip Hop. Talvez, nem tudo seja óbvio, mas tudo tem um motivo *pra tá escrito como tá, onde tá, da forma e do modo que tá* – sem necessariamente seguir o enredo narrativo que habitualmente territorializa as pesquisas acadêmicas. Algumas vezes, as ideias vão e vêm, de forma que quaaase parecem confusas, mas, talvez, só sejam mesmo... caóticas. As cores! e as FORMAS! e os textos! e as palavras! e as gramáticas! e as IMAGENS! e as fotos! e as discussões! e as falas! e os relatos! e as transcrições! e as criações! e as reproduções! e os QR Codes (que também são links)! e... não é – não são! – do nada.



Portanto, antes de continuarmos por caminhos que se cruzam, saiba que:

- a Casa do Hip Hop de Piracicaba é compreendida como um Quilombo Urbano, pois é um espaço de resistência que opera pela lógica politeísta e se assume pela preservação da cultura contracolonial.
- não se intencionou produzir uma imagem representativa da Casa, mas sim operar com a multiplicidade de potências e produção de efeitos;
- falas, músicas, imagens etc. são compreendidas como conhecimento (produzido com o Hip Hop), assim como outras referências, logo, esta tese é povoada pelas produções da/com a Casa;
- os textos que compõem as falas das pessoas com quem conversei, operam pelo modo de marcas de linguagem; não há erros gramaticais, mas sim a forma de falar no oeste paulista somado à herança dos povos originários;
- escrevo na primeira pessoa pois com você quero conversar, ao mesmo tempo em que assumo as lutas contra-colonialistas direcionadas à estrutura que tentou nos apagar exigindo uma escrita na terceira pessoa, "impessoal" – nada aqui é impessoal, ao contrário, é pessoalíssimo;
- a escrita por vezes é como penso, lembro, recordo... então, para o olhar da academia hegemônica pautada principalmente em pensadores eurocolonialistas, aqui há um grande exagero, superlativos e adjetivos – e contradições;
- nas vivências com o PPGEM, nas vivências com o Coletivo Cronopies+, nas vivências com a Casa do Hip Hop e nas vivências da vida, fui afetado;
- desejo que você se afete. Se deixe ser.



[...]
Hip Hop pra mim é religião
Hip Hop pra mim, é família
Hip Hop pra mim, é atitude
É a luz
É meus orixás
É o acreditar
É a Casa do Hip Hop

Quando eu entendi que Hip Hop é isso, a minha vida mudou, meu discurso mudou
Eu não posso jogar Hip Hop
Eu não posso dançar Hip Hop
Eu danço a cultura Hip Hop
Eu canto a partir da cultura Hip Hop
Eu me mobilizo, a partir da cultura Hip Hop

O que é a palavra Hip Hop? É balançar o quadril.
E quando a gente entendeu que balançar o quadril não é só "tchun, tchun, tchá!", não é só isso, é nossa atitude, como a gente se comporta dentro da sociedade, o Hip Hop mudou pro Bira, e eu acredito que pra vocês também não é diferente.

Dentro desses 20 anos da Casa do Hip Hop, fizemos muita coisa. Muita coisa.
[...]

Bira, discursando em comemoração aos 20 anos da Casa do Hip Hop, em 06 de novembro, de 2022, por volta de 18h



Festa das Nações – Barraca da África do Sul

21 de maio de 2023



DO NADA



Mayra é uma das principais pessoas que está na Casa desde o início – e antes disso. Foi a primeira pessoa com quem busquei conversar (gravando), porém, pela mágica da Casa, foi a última pessoa com quem conversei. Quando o diálogo finalmente ocorreu, era um dia chuvoso (como é possível perceber pelas indicações [...] que são lacunas no arquivo de áudio), e, portanto, precisamos sair da área aberta da Casa, para o salão, para o estúdio – uma sala no interior do espaço. Institucionalmente Mayra compõe a diretoria da Casa como Coordenadora Educacional e de Formação. Conversa gravada no dia 27 de dezembro de 2024. A opção por iniciar por este diálogo se dá pelo quão simbólico foi o acontecimento deste encontro, também porque são falados sobre quase todos os temas abordados nesta tese – em especial: o reconhecimento da Casa como um **Quilombo Urbano**.



Heinrich – A ideia é que eu vou transcrever depois... e aí, antes de publicar tudo isso... tem muita gente, eu tenho muita coisa de muita gente... aí, eu passo pra cê, cê vê se quer que eu deixe ou não, enfim... antes de publicar. Aí, a gente vai voltar nisso ainda, né? Mas não como conversa, mais pra cê ver depois, tá bom? É isso. É... Então, e aí é muito louco, porque é o que eu te falei, né? Eu vim pra cá, pelo meu orientador. Eu sou de São Paulo, enfim, morei em vários lugares e tava morando em Rio Claro por conta do doutorado, né? E aí. meu orientador, ele é daqui de Piracicaba, o Roger, e ele veio num teatro aqui na Casa... que era um teatro que era você e não sei com quem mais fizeram... e aí, ele veio e eu tava procurando um lugar pra fazer a pesquisa, pra desenvolver a pesquisa, enfim... E aí, ele me sugeriu vir aqui conhecer e foi naquela que eu conheci você. Eu me lembro que foi num sábado, que eu cheguei... no domingo! Foi num domingo, que tava tendo a roda de conversa, que tinha você, a Savana[1], o Marcos Mendes[2], a Júlia Madeira[3]...

Mayra – O José...

Heinrich – O José. Isso. O José Carlos[4], do Nutri... E aí, cê me chamou, eu fui lá na Portelinha[5], inclusive, e a Josi[6] tá aqui hoje, olha só, olha que coisa, né? Enfim... E aí, é isso, a pesquisa... agora eu acho que já sei melhor o que ela é, mas em geral eu converso com as pessoas, é livre, assim... é uma conversa, é um bate-

[1] Em Piracicaba, Savana é uma das principais vozes e mobilizadora de movimentos para a segurança alimentar; uma conversa com ela foi realizada, e é apresentada nas próximas páginas.
[2] Marcos Mendes é Educador Físico e atua junto ao Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Piracicaba (Conepir).
[3] Júlia Madeira é produtora cultural e organiza o @rotasafro, que conta a história negra de cidades do Oeste Paulista em caminhadas por Piracicaba, Rio Claro, Campinas, Vinhedo e Sorocaba.
[4] José Carlos é nutricionista e responsável pela conta @onutrifavelado nas redes sociais.
[5] Bairro periférico de Piracicaba.
[6] Joseane é uma liderança comunitária no bairro Portelinha e participa ativamente das ações da Casa. Mulher preta, nordestina. Em uma truculenta ação da Polícia Militar, em 2021, foi atingida por uma bala de borracha e perdeu a visão do olho direito.

papo, e é isso, assim. Não sei... aí, cê pode falar o que cê quiser, seja sobre a Casa, seja sobre você, seja sobre a cidade, seja, sei lá. É livre mesmo.

Mayra – É livre mesmo.

Heinrich – O que for, o que sair, saiu, sabe? É isso.

Mayra – Tem uma pergunta norteadora ou não?

Heinrich – Não, acho que não precisa, não. Só se você quiser, a gente pode... se cê quiser que parta de algum ponto, a gente pode partir também... não é uma questão, assim.

Mayra – Falar sobre mim... vou falar isso. Está sendo muito novo eu aceitar falar sobre mim. E vem acontecendo recorrentemente. Eu falei pra minha mãe que deve ser a idade. Com a idade... ela falou: "ah, tá, eu tenho idade e ninguém fica me procurando". Eu sei que é muito pelas coisas que nós fazemos. Mas isso é... eu aceitar falar sobre mim. É algo novo, apesar de eu ficar sempre falando. Mas é uma questão de aceitação. Tava falando com um amigo meu, que as pessoas me chamam pra... "Mayra, cê quer fazer uma palestra?" Eu fiz um TED[7], né? Fiz uma palestra no TED, no TEDx, né? Eu falei, não, eu não dou palestra. Eu não gosto. Eu gosto de uma roda de conversa. Eu sempre fico no esquivando, assim, sabe? Quando eu fiz o projeto Palestra Cantada[8], foi porque eu voltei a cantar RAP. E toda vez que eu dava a palestra, que me chamavam... eu fui uma veze pra São Pedro... e eu me apresento como rapper: "ah, eu sou rapper". Daí, as pessoas começam a falar: "ah, rapper?". E a galera: "cante uma". E eu não tinha uma pra cantar. Porque eu era aquela menina, ainda, aquela menina, rapper dos anos 90, que fazia... backing. Mulher dos anos 90, ainda mais do interior. Era pra fazer backing, não era pra cantar uma música inteira. Tinha Dina Di[9], tinha Negra Li, tinha uns nomes, assim... tinha Negra Li, e eu cantava junto com a galera. E eu me baseava muito nisso. Então, eu não tinha uma música, na minha cabeça. Apesar de ter feito parte do Akanny[10], onde lá eu fiz a minha primeira competição. E tem uma galera que lembra até hoje dessa primeira competição. Tem um povo que fala: "ê, Mayra, cê não vai cantar, aquela?" De tão marcante que foi isso... em 2009, eu acho. Hoje eu tenho 49, então é muito tempo... muitos anos atrás. Tem um povo que lembra dessa composição, aí. Mas, eu trazia essa Mayra. Então, eu não tinha música. Aí, eu resolvi me encaixar no quinto elemento. O que encaixa... o que eu estou falando, o que eu estou fazendo, aquele elemento do conhecimento... que vai falar sobre... Aí, pra fazer o Palestra Cantada, mas, eu pensei em trazer alguém, porque agora eu tenho música. Então, eu vou fazer o contrário, quando pedirem música, agora eu tenho música... Aí, eu assumi como uma palestra cantada, mas era fácil, eu falava... e eu gosto muito da mediação. Na verdade,

---

[7] TED, sigla para Technology, Entertainment and Design se refere a uma organização que promove palestras curtas sobre temas variados; TEDx é um programa de voluntários que segue as diretrizes do TED.
[8] Palestra Cantada iniciou como um projeto em parceria com o Sesc Piracicaba, em que Mayra subiu ao palco para palestrar com canções.
[9] Dina Di, Negra Li e Sharylaine foram pioneiras na cena do RAP brasileiro durante a década de 1990. Dina Di faleceu com 34 anos após contrair uma infecção hospitalar ao dar à luz sua filha.
[10] Grupo de estudos e musical sobre cultura afro; no link há apresentação no SESC, nos anos 1990.

eu gosto muito de mediar, porque eu pego aqui e pego ali, e aprendi a fazer mediação. E essa coisa do palestrar, é... a primeira vez que o projeto... eu quero palestrar...

[...]

Mayra – Bom, é isso. Que mais que eu posso falar?

Heinrich – Ah... não sei. Ah, sim! Cê pode falar sobre... antes da Casa, por exemplo.

Mayra – Antes da Casa? Antes da Casa. Antes da Casa eu vinha na quadra, no samba... tiveram muitas violências domésticas. Meu pai bebia... Morei na Vila África...

[...]

Mayra – Eu era pastoral da criança... Então, sempre vivi o trabalho voluntário...

[...]

Mayra – Antes da Casa, eu sou mãe. Sou mãe solo, antes da Casa. Eu fiz parte, então, com alguns grupos... com o Akanny, que o Birão fez parte. Então, a gente teve um projeto... acho que eu tinha uns dezenove anos... de cultura afro, que é o... Junior. O Bira tem isso... nós temos isso na nossa biografia de vida.

Heinrich – Ah, o Junior, o Antônio Filogênio? Ele está na minha banca, inclusive.

Mayra – Ah! Ele, deu um curso, e ele nem era formado em nada, ele era autodidata... Ele deu um curso pra nós, e abriu, assim. Ele deu um curso no Treze[11], e coincidentemente, ou não, fomos em três grupos de RAP fazer o curso. Porque a gente tinha sede de saber, pra saber o que escrever... Não era igual agora. Não tinha lei de 10.639... como se funcionasse muito... Eu trabalho na Educação Infantil, posso dizer que é um tipo de lei que não... Só quem é aliado que pega pra estudar na sala de aula... Mas, aí a gente vai fazer esse curso. Que é aí que eu me aproximo de Bira, que eu me aproximo de Cris, que eu me aproximo de algumas pessoas, Rubinho... a gente vai fazer... a gente formou o Akanny. Foi pra alguns lugares, eu saí antes, porque eu sempre fui a revoltada... Eu sempre fui a revoltada. Eu não gostava de tal coisa: "ah, eu não sou obrigada". É isso, sabe? Sempre fui essa pessoa. De pouca conversa. Não sei como eu falo tanto agora, porque eu não era de falar. Falava através da música. Eu não falava. Era assim: "bom dia, boa noite", baixo. E daí, com o RAP, eu falava. Com a música que os outros escreviam. Eu tenho um pai roqueiro e uma mãe da MPB, então a musicalidade é bem forte. Então tinha algumas músicas que me representava, e o RAP mais forte... Legião Urbana... cantava Geração Coca-Cola, eu jurava que tava cantando... E o RAP

[11] A Sociedade Beneficente Treze de Maio é um clube social de Piracicaba fundado em 1901, como um espaço de resistência após a abolição da escravidão no Brasil. A cidade foi um dos muitos palcos do país de organização e revoltas da população que foi escravizada principalmente pelos fazendeiros, havendo documentos que indicavam a necessidade de maior poder bélico por parte dos governantes escravocratas – cujos nomes ocupam as principais ruas, praças e monumentos da área central (Piracicaba, 2022).

nacional. Mas, nesse meio tempo eu comecei a namorar, casei. Fiz tudo, assim. Namorei, casei, construí... construí, e fui... tive filhos. Tive meus dois filhos. Mas aí, tive meus dois filhos. E ser mãe solo, mesmo eu tendo um concurso público... tem camadas na minha história... não foi fácil. Essa coisa da gente estar na base da pirâmide é muito real. Ser mãe solo, foi muito difícil. Foi um dos períodos mais difíceis da minha vida. Eu tinha três empregos. Foi uma loucura pra poder sustentar eles e conseguir fazer... a casinha lá do [bairro][12] Santa Fé. Meu filho nasceu alérgico, então... de cuidar... Mas eu tive meus filhos depois que eu já estava no serviço público, já era servidora pública. Eu ser servidora pública... agora a Mayra servidora pública. Eu... Teve alguns episódios na minha vida que me marcaram. E o sistema me falou não. Então, tipo... ia procurar emprego, era "não, não, não". Eu nasci, gente, num momento que a mulherada alisava o cabelo. Onde você estar mais próximo da branquitude - não do branco, da branquitude - você era visto melhor... você conseguia mais coisas, né? Porque parece que assim, o racismo, pra mim... ele olha e diz assim: "ah, você está querendo ser igual a mim, você não está querendo ser igual a mim, você está querendo ser mais que eu". Parece que tem essas camadas. Eu senti muito porque eu nunca quis, por exemplo, alisar o cabelo, desde os anos 90. Eu sempre tive muita dificuldade com isso, eu sempre aceitei muito o meu cabelo, sempre gostei do meu cabelo. E eu nasci na época do alisar o cabelo com o pente. Eu sou desse momento, eu sou de 75, eu sou do final de uma ditadura. Então, acho que o racismo... até se cê pensar que faz 136 anos... é muito pouco tempo que a gente tem da abolição pra cá. E o Brasil, pra mim, o Brasil é colonial ainda. As coisas que eu vejo acontecer é um absurdo. Então, tipo, imagine, né? Eu com treze anos não querendo alisar o cabelo, sendo obrigada a estar lá, fazendo crisma e tudo mais... mas, até aí vai, nasci em uma família católica. Primeira comunhão. Eu lembro, eu brigando, porque eu não queria pôr a saia, porque eu não queria fazer tal penteado. Isso pra mim foi muito difícil, essa coisa. Quando eu vejo umas meninas, agora, aqui, dançando na Casa do Hip Hop, com suas tranças, com seus blacks, ou com o cabelo alisado... é isso, você pode fazer o que quiser... é a parte que mais me toca. De verdade, é a parte que mais me toca. Putz, acho que a gente conseguiu. Algumas pessoas, ali da minha época, conseguiu fazer isso. Porque você nem vê muita mulher de dread ainda. Como... eu digo, assim, no dia a dia ali... pegando um buzão... cê vê pessoa branca de dread. Mas a mulher negra, a mulher preta e retinta, ainda não é comum. Eu vejo que as pessoas me olham meio assim, sabe? Usar um turbante... Mas eu vejo uma evolução enorme da época minha e agora. Então, eram muitos nãos. Muitos nãos. Então, tudo quanto era emprego era não. Então, eu fui empregada doméstica até eu conseguir o serviço público. Eu comecei a trabalhar com dez anos, junto com a minha mãe. Com doze, daí eu já pegava apartamentos no mesmo prédio, de preferência no mesmo andar, que ela ia lá e dava uma olhada no que eu tava fazendo. Eu vou falar o que eu falei hoje de manhã. Minha mãe é a melhor empregada doméstica. Ela só é mal remunerada. Ela é mal remunerada. Eu ganhei um concurso na escola que... o orgulho da minha mãe... é um concurso na escola, onde os alunos... acho que era terceiro ano... sou ruim de data... tinham que ir... é... o Fundamental, o Fundamental, hoje. Teriam que ir fantasiado de alguma profissão. E eu fui de empregada doméstica. E eu ganhei. Eu lembro direitinho, com um espanador. Eu acho isso muito bonito da minha mãe, sabe? Minha

[12] Santa Fé é um bairro de Piracicaba com localização mais distante do Centro da cidade. Quase todos os bairros citados pelas pessoas nesta tese se referem a locais periféricos e próximos da Casa do Hip Hop. A partir daqui, será utilizado apenas a indicação [bairro] para fazer a indicação de um bairro.

mãe dava leveza às coisas. Deu tanta leveza que eu não sabia que eu era uma trabalhadora infantil. Eu não sabia. Eu não sabia. Ela passava e falava assim: "guardou os materiais de limpeza?". Ou eu tinha guardado errado... eu não sei por que, mas é essa memória que eu trago dela vindo ver se eu tinha guardado os materiais de limpeza certo, no apartamento que eu tava. Ela terminava antes de mim. Era uma criança, então ela terminava antes de mim. Então, eu estava trabalhando, eu tinha um pai alcoolista. A rua sempre foi minha casa. Porque dentro de casa era violento. Então, eu trabalhava fora de casa. E quando a minha mãe faz tudo isso com leveza, eu não sei... Até que eu fui um dia... eu estou cortando vários assuntos, eu falo pra caramba, não sei como cê vai fazer com isso... ou pode ser assim, também, né? Aí, vou eu numa palestra sobre trabalho infantil. Mas eu fui só porque eu adoro palestras. Apesar que eu não gosto de ser palestrante, mas eu adoro aprender. E estou lá, porque vinha uma pessoa de não sei da onde falar... com um livro. Falei: "que legal". Apesar de ser artista, eu gosto muito de ser plateia. Eu adoro aplaudir, assim. Eu preciso arranjar tempo pra fazer isso. Fiquei sem tempo, fiquei muito triste. Porque eu gosto de prestigiar. E vinha uma mulher falar, não sei da onde... Falei: "nossa, eu vou". Falando várias coisas... até aí, eu tava aqui, plena, assistindo a palestra. Até que ela me solta que a porta de entrada pro trabalho infantil, a maior porta de entrada, onde mais pessoas entram pro trabalho infantil, é o serviço doméstico. Eu chorei de soluçar. O Igor tava lá. O Igor olhou pra mim, assim. Eu chorava. Caiu minha ficha depois de adulta. Pra sobreviver. Pagava aluguel, um pai alcoolista, três irmãos. Empobrecida, mas de uma área um pouco mais... E vários "nãos, nãos, nãos, nãos, nãos, nãos, nãos", que eu tive. Me sobrou ser servidora pública, né? Detalhe, não fui eu quem me inscrevi. Eu passei... esses dias com a Marcinha[13], no dia de Natal, e eu contei essa história pra ela, porque a família desse amigo meu estava ali, fazendo... Eu falei assim: "ah, lembrei do Reginaldo". Ele... chegou o diário, era papel, né? 96. Chegou um diário, da prefeitura. Alguém ia prestar um concurso e levou o diário na sala de aula. Quando eu voltei a estudar... Minha vida é muito enrolada, viu? Porque eu voltei a estudar, porque eu não queria ficar dentro de casa. Eu terminei a contabilidade, e aí eu voltei a fazer o normal. E chegou esse diário. Aí eu olhei o diário, todo mundo olhando, vendo lá. Ele falou assim: "Mayra, cê não vai prestar?" Eu falei: "não". Eu tava muito desanimada. Eram muitos nãos. Na minha cabeça já tinha posto... O que o sistema faz? É isso que é você. Você nasceu pra isso. E eu já tinha posto isso na minha cabeça. Eu já tinha me conformado com isso, sabe? Tinha me conformado. Tinha vinte anos. E daí, chega esse diário, e ele falou assim: "cê não quer ver?" Eu passei o dedo, assim, vendo... ele falou: "pra qual cê prestaria?" "Ah, pra esse aqui, que tem mais vaga". Monitora de SEC. Nunca mais esqueço. Monitora de SEC. "É isso aqui, pode ver que tem mais vaga". Eu bati o olho e falei isso. O tempo passou, ele falou assim: "eu fiz a tua inscrição". Ele pagou e fez a minha inscrição. Pegou meus documentos... Ele passou em casa e foi me buscar, porque eu tava muito desanimada. Eu tinha tomado um baque, depois eu falo, muito grande, que era de um serviço que eu tinha certeza que ia conseguir. Mas, enfim. Aí, eu prestei o concurso numa sala grande, ele me buscou. Só eu passei. Ele olhava pra mim, depois de um tempo, e falava: "falei, você é inteligente". Eu falei assim: "não é uma questão de inteligência". O sistema está cagando se a gente é inteligente ou não. Não tá nem aí se a gente é inteligente ou não, sabe? E eu prestei. E até hoje, eu sou uma monitora de SEC. Eu tenho 28 anos, estou

[13] Marcinha é educadora física e dançarina, sempre resgatando movimentos de países do continente africano; mais a frente, nas próximas páginas, há uma conversa com ela.

pra aposentar ano que vem. Mas é um trabalho que me deu e me dá possibilidades. Porque ser servidora pública estatutária, eu consigo abonar pra estar nos lugares, eu consigo fazer algumas coisas. Eu consegui criar meus filhos. Eu consegui fazer coisas na minha casa. Esse rapaz aí, que acreditou mais em mim do que eu mesma, sabe? Ele acreditou mais em mim do que eu mesma. Que coisa, né? Acho que é por isso que as vezes eu consigo ter um olhar sobre as pessoas... Eu tive um professor de geografia... Eu gosto muito de ler. Acho que tenho que falar isso, também. Eu gosto muito de ler. Eu devorava. Uma das minhas fugas era a leitura. Então, eu ia pra um canto, assim, e ficava lendo. Muda, quieta, né? Eu era uma pessoa que não falava com ninguém, nem na sala de aula, lugar nenhum. Um professor de geografia percebeu que eu gostava de ler. E ele virava... Ele trazia... "Acabou de ler, Mayra, tal livro?" Ele trazia. Ele gostava muito de literatura brasileira. Só trazia literatura brasileira e me fez com que eu gostasse. E eu sou apaixonada por literatura brasileira. Então, algumas pessoas, assim, me trouxeram até onde... é a Mayra hoje em dia. Porque eu quero ser mais. E não é uma questão de ser mais, de ser grandiosa. Eu quero fazer mais coisas. Quero pular de paraquedas. Andar de balão. Cantar por aí com a 4MP, sabe? Eu quero fazer isso...

Heinrich – É muito doido, cê me falar isso tudo porque, assim... eu cheguei aqui. Enfim... eu era um. E agora, com certeza, sou outro. Necessariamente. E tem muitos modos de se fazer pesquisa. E eu cheguei fazendo pesquisa. E hoje eu não faço mais pesquisa, mas também faço pesquisa, né? Eu vivo aqui e continuo participando, independente de pesquisa, terminando pesquisa... continuando por aqui.

Mayra – Cê tá dentro da pesquisa agora, né? Faz parte.

Heinrich – Estou dentro da pesquisa. E é muito louco porque eu tenho conversado com muita gente e muita gente de idades diferentes, de lugares diferentes, de momentos diferentes. E das Casas, das três Casas diferentes. E aí, assim... você me falando isso, eu vejo... Ah, o que cê falou das meninas dançando e tal. É isso, Mayra. Não é por acaso que todo mundo que eu falo sempre fala de você, sempre lembra da Mayra. Porque... Isso tudo vem junto, né? Isso tudo vem junto. Cê falou do Akanny, eu ouvi falar do Akanny, lá no Afropira. Que aí, o Antônio, inclusive, tava lá... e aí, falaram disso. De antes que tinha você, o Bira, a Marcinha... E eu fiquei pensando muito nisso, assim... É a galera que tava correndo antes, né? Pra galera poder andar agora.

Mayra – Exato. Tem uma música que eu falo: "nossos passos vêm de longe, têm poeiras", eu gosto muito de reforçar isso, porque... Quando você pensa que nós não éramos mais pra estar aqui... Porque é a eugenia, né? Existiu um projeto pra nós não existirmos mais no Brasil. Era pra ser todo branco. A gente só tá aqui porque vieram antes e vem abrindo esses caminhos pra nós. E acho que a gente acaba fazendo a mesma coisa. Eu gosto de gente. Isso me ajuda muito. Eu não sei como eu não falava. Eu não consigo explicar esse momento da minha vida, o que eu tinha. Eu tinha a violência muito forte em mim. Acho que era isso. A violência doméstica que eu sofri, que era pesada. Eu vi coisas que eu não precisava ver. Eu vivi coisas que eu não precisava viver. E daí, quando eu passo a ter esse contato com gente, na rua... Eu gosto de gente, mano. Então, eu vou gostar de ficar sentado ali... Eu vou gostar de estar aqui. Eu vou gostar de observar. Eu vou gostar de olhar. Eu gosto de ouvir, apesar de agora falar muito. Eu sempre fui muito boa ouvinte. Então, eu vou gostar de ouvir e ouvir de várias maneiras, né? Então, eu vou olhar ali e vou perceber

que um corpo não tá legal, ali. Eu vou chegar de um jeitinho... aprendi... Fiz alguns cursos... Ser promotora legal, popular... Que foi o primeiro curso... desde o primeiro curso, daqui... em Piracicaba, que foi aqui na Casa do Hip Hop. A Casa do Hip Hop é acolhedora, né? A gente não tinha outro lugar e foi aqui. Então, ter contato com psicólogas, com advogadas... Então, é um olhar, né? A gente vai aprendendo. A gente... Tem uma música dos Novos Baianos que eu gosto muito, "O Mistério do Planeta". E é muito isso: "vou mostrando como sou, e vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos, e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto..." Eu acho que a gente é essa troca, sabe? Eu tenho que pôr isso em uma letra. Porque eu gosto muito dessa música. Eu gosto muito desse trecho. Nos encontros, a gente ganha, a gente doa e ganha. E eu consegui fazer, aprimorei isso aí. Então, acho que as pessoas falam por causa disso. Porque, às vezes eu só estou ali do lado. Só estou aqui, ó... Não tô fazendo muito mais que... Mas, às vezes a gente precisa só de alguém ali. Precisa de alguém ali do lado. Quantas vezes eu não precisei de alguém ali do lado? E não tive. Então, quando vem pra Casa, ou quando vem pra esses lugares acolhedores, que forma esse Quilombo Urbano, essa coisa de conversar... É muita riqueza. É muita riqueza. Eu ficava, quando mais nova, eu ficava pensando no Clube da Esquina. Agora eu vou trazer um pouco da MPB da minha mãe. O que seria aquilo, né, mano? O que é sentar com o Milton Nascimento? Com essa galera... e construir música. Mano! Ali é saúde. Cê tá tratando da sua saúde mental. Não é possível! Cê tá sentado ali, fazendo música e tá conversando, tá escrevendo um projeto... Porque pra mim é isso. Às vezes não dá certo. Mas eu não deixo de tentar mais. Nunca mais. Eu não deixo de tentar as coisas. Eu já deixei de fazer muita coisa. Nunca mais. Nunca mais eu deixo. E é isso que eu passo pra galera: "viu, eu sei como cortar esse caminho, aí, mano... uma voltona"... E é isso...

Heinrich – Cê vai falando... são muitas coisas... E, assim. Cê tá falando de fazer música... Eu lembro que quando eu te conheci, e aí, cê falou que era rapper, que tinha cantado, que tinha publicado algumas coisas, que foi aquele "Aos 45 do primeiro tempo". E aí, fica essa ideia de... a gente tá fechando alguma coisa, e o trabalho é isso. Eu tô fechando, e também é com você. E aí, você falou de Quilombo Urbano, e a minha pesquisa é isso. É muito louco, porque eu assumo a pesquisa inteira a Casa como um Quilombo Urbano. Então é isso que norteia a pesquisa. Eu uso o Nego Bispo pra trazer isso, assim. É Nego Bispo do começo ao fim pra pensar Quilombo Urbano e a Casa como um Quilombo Urbano. E pensar nessas histórias e como isso tudo vai se formando... Textos meus tem pouco, no trabalho. Porque eu deixo as transcrições, sem muita interpretação. Porque não é isso. São muito das falas. E é um pouco diferente, assim, de como a academia geralmente faz... de ABNT... é meio caótica. Você falou "não sei como cê vai fazer isso..." É assim mesmo.

Mayra – São pessoas, é isso.

Heinrich – É isso. E aí, eu me perco nos textos. Eu me perco o tempo inteiro no texto, assim... Porque, é isso.

Mayra – Porque não é muito linear, né. Eu não gosto muito dessa vida linear. E talvez cê vai se perder porque quando fala a palavra Hip Hop vem muito a questão do negro. Não adianta. E a gente não separa as coisas. Como Ocidente, europeu, essa coisa... sabe? Quando vê, a nossa vida é assim. É fundida. Eu sempre me fazia uma pergunta assim: "Mayra, e a arte?" Não sei separar a Mayra da arte. Entendeu? Eu não consigo separar. Hoje em dia eu separo algumas coisas, assim, por conta do processo da mulher. Como que eu vou explicar, agora... Por exemplo: "a mulher tem que ser isso, isso, isso e isso..." sabe? Essa coisa do machismo? Eu sou a Mayra que gosta de curtir um baile. Eu sou a Mayra que é a dona da casa. E dona mesmo. Não dona de casa. Não aquela do cara do ovo: "alô, alô, minha amiga, dona de casa; alô, alô, meu amigo consumidor". Ah, o homem é consumidor, a mulher é dona de casa? Olha o sistema. Não vê quem não quer. Eu não sou essa pessoa. Sou a dona da casa, mesmo, assim. A produtora. Eu sou produtora cultural. Produtora de muito tempo. Porque, a gente tá aqui, tem que pensar já na comida que vai levar amanhã... Aí, eu gosto de dar uma separada só, nesse momento, porque eu não sou... Mas o nosso, assim... A nossa cultura, que a gente traz muito forte... Porque, quando a gente diz que foram há só cento e trinta e poucos anos do fim da abolição... o racismo tá forte... Mas, a africanidade tá muito forte na gente, também. Essa coisa da gente não ter tudo em caixinha, tudo separado... é tudo muito junto, né? Uma vez, um grupo de mulheres... Eu entendo, eu super as entendo. Não tô falando mal da atitude delas... Mas, elas super me entenderam, também. Elas faziam maracatu, daí elas queriam fazer só pras meninas. Só pra mulheres. E eu não separo muito as coisas pra fazer no Barranco[14]. Coisa de menino, coisa de menina... ah! Nunca. Não separo. Nem sei. Foi a primeira vez que surgiu um assunto assim, alguns anos atrás. E eu pensei assim: "como que eu vou fazer? Não dá. Porque se vocês querem ver uma mulher feliz, uma mulher, mãe, da periferia, feliz, é ver o filho dela fazendo alguma coisa. Ela nem precisa estar fazendo. Mas, é tão parte dela que ela tá fazendo. Ela tá ali no maracatu. O filho dela tá em algum lugar. Tá fora da rua". Sabe? Não tem muita essa separação que vem de tanto... A gente é caótico, parece, né? Mas não é. A gente tá no samba, aquele barulho. Parece que é caótico, mas não é. A gente tá se organizando. É o nosso jeito. É o nosso jeito. É a nossa bagunça. É a nossa organização. É o nosso jeito de sair forte dali. Sempre foi quase pela arte. Pela cultura. Uma capoeira, um batuque de umbigada, um samba de lenço... Não é à toa que a gente traz tão forte essas manifestações. Sou batuqueira, né? Então, mano, saio do batuque, assim: "vem! Vem, sistema. Tô pronta pra caramba. Pra enfrentar as segundas, terças, quartas, quintas..." Então, parece tudo... Mas tá tudo aqui, na nossa cabeça tá tudo certinho. Não sei o que vou fazer... Estou contando história... que eu venho e vou, venho, vou. Mas a história tá tudo em mim. Tá tudo no meu corpo. Vira música. Não esqueço de nada, sabe? Vira a pauta, vira o que for. Tá tudo ali...

Heinrich – Como cê escreve? Seu processo de escrita...?

Mayra – Meu processo de escrita... Depende do momento... Eu gosto de chorar. Eu gosto de tristeza, ó, que loucura, mano. Eu gosto da revolta. Eu gosto da tristeza. Quase sempre a sociedade nos coloca... E transformo isso em combustível. Então, tem, tipo: "Pela Porta", que foi a primeira música que eu escrevi.

[14] Barranco Cultural é um espaço físico próximo à casa de Mayra, no qual ela é uma das principais mobilizadoras de atividades culturais voltadas para crianças. É, essencialmente, um barranco, em uma rua sem saída. Nas redes, é possível acompanhar no @barranco_cultural

Ela fala de violência doméstica. E eu escrevi em um momento que eu perdi a minha melhor amiga. Eu sou madrinha do filho dela. Eu podia ter escrito falando dela. Não, eu escrevi uma coisa sobre mim. Tá vendo? Parece caótico o rolê, mas não. Na verdade, eu precisava me curar pra eu falar sobre ela. Acho que eu nunca falei isso! É a primeira vez! Mas a gente faz. Porque é biológico, né? Como que eu vou...? Eu perdi a minha amiga. Eu não vou sair soltando um hit sobre ela. Não era sobre hit. Era sobre me curar. Era sobre a minha volta, que eu nem sabia que era uma volta. É que meu sobrinho começou a fazer um beat, eu falei: "ai, dentro de casa...". Pandemia, e eu perdi a minha melhor amiga. E eu falei com ela na terça à noite. Na quarta de manhã, a notícia. Me ligaram, com a notícia que ela tinha falecido. Eu me acabei, aquele ano. Primeiramente, assim, eu falei... Eu disse: "vou fazer parte da música"... Aí, eu fiz... uma porta... falando de violência doméstica... falando de ser dono do... Era o meu processo de cura. A escrita, pra mim, vem como um processo de cura. Porque eu consigo colocar ali, como eu falei. Aí, depois eu vou escrever sobre ela. Que é a música "No mesmo tempo", que eu falo do quanto eu sofri de não ter nascido no mesmo tempo que ela. Eu falo o nome das das mulheres... Mas aí, depois, pedindo autorização pela família... Porque, não é... não vem como... "nossa, eu consigo escrever". Vem como um momento de dor. De agradecimento, real. Aquela dor que eu tava, porque ela tinha meio que sido amenizada. Quando eu consigo escrever algo e, tipo, isso... massageio ela. Não sei se é por aí. Mas me faz bem. É uma cura. É uma cura. As pessoas: "nossa, Mayra!". Eu não tinha... aquela coisa... porque, até hoje não tenho YouTube, não tenho canal, Spotify, não tenho nada disso. E fez um boom no dia do meu aniversário. Eu fui muito esperta, né? Porque "Aos 45 minutos do primeiro tempo", eu fiz 45 anos, no dia do meu aniversário... É gravado aqui na Casa do Hip Hop. É tudo muito significativo. Eu acho que as coisas na minha vida elas são muito significativas. Eu falo "Aos 45 minutos do primeiro tempo", porque eu quero viver até os noventa. Porque a minha avó viveu até os noventa anos. Ela morreu no dia do aniversário dos 90 anos dela. Aí eu consigo colocar tudo isso num bololô, que parece um caos. Isso não está na letra, mas está aqui na minha cabeça. E na hora de eu soltar no Facebook ou no Instagram, eu coloco isso, "Aos 45 minutos do primeiro tempo", porque eu quero viver até os noventa. A minha avó, que morreu no dia do aniversário. Que óbvio, pega. Como não pega? "Aos 45 minutos do primeiro tempo", 45 anos de idade, dia onze de novembro. 11 do 11, que é a abertura de um portal. Eu gravei aqui, ó. Eu não tinha intenção nenhuma de voltar a cantar. Era só uma gravação que eu gravava. Intenção alguma. Nenhuma. Mas, nenhuma. É a mesma coisa que acontece no "Mesmo tempo que você". Eu falei: "ah, vou fazer uma homenagem à minha amiga". É um jeito de eu presenteá-la. Ia acabar ali. Ia acabar ali. Até o SESC me chamar pra gravar, e o Chico César compartilha um trecho do documentário... Mesmo assim, eu levo um tempo pra me levantar. Eu levo um tempo. Porque é voltar nesse momento de TRAP, de um RAP tão diferente. Eu falei: "como que eu vou fazer isso?" Não dá. Não tem concorrência. E aí, chamei a Gabs pra... Posso ir falando, assim? Chamei a Gabs e falei: "Gabs, tão chamando eu pra fazer um Salve das Minas[15]. Eu nunca quis estar sozinha. Sempre achei DJ o máximo. E você tá fazendo um curso de DJ, vamos ser DJ comigo?". Eu já tava pensando em tocar em outros lugares.

[15] O Sarau *Um Salve das Minas* teve suas origens na Casa, porém, atualmente também ocorre em outros espaços da cidade, como no SESC. Uma das organizadoras, Patrícia, está na Casa desde os primórdios. A fotografia de fundo da epígrafe desta tese, foi registrada durante uma performance em que as mulheres colocaram fogo em um papel simbolizando as marcas de violência que sofrem, nas atividades do Sarau de janeiro de 2023. Nas redes sociais o grupo opera o @umsalvedasminas

Ela tava fazendo um curso de DJ na Casa do Hip Hop. Olha a Casa influenciando a vida da gente. Um curso de DJ com o Marquinho, o DJ Marquinho. Eu falei: "vamo tocar comigo, lá, só duas músicas". Cara de pau no último. Só duas músicas. Eu falei assim, vamos tocar no Salve das Minas. Porque já tinha um nome, assim: "a Mayra voltando, está cantando". Não era nada disso. Só tinha essas duas músicas. Aí, eu sempre gostei de... Eu sempre gostei de uma boa redação. Eu tive a professora de português. Não no sentido de eu escrever correto, mas do que ela plantou na gente. Dona Dolly. Mano, ela pegou, um belo dia... através da religião católica... Ela falou assim: "eu quero ensinar religiosidade pra vocês". Fora de sala de aula. Extracurricular. Não foi currículo. E chamou algumas pessoas. Umas amigas eu tenho até hoje. A Agatha, que tá no Baque Caipira[16]. E chamou a gente ali. Ela falava de um jeito das músicas. Ela falava de um jeito dos textos. Ela dava vida, sabe? A árvore realmente ficava descabelada ao vento. Sabe, umas coisas assim? Ela trazia... Ela lia Camões e chorava. Era a coisa mais linda do mundo. E eu já gostava de literatura, né? Daí eu falei... Então, eu gosto muito da escrita. Então, se você me falar alguma coisa agora, eu vou pensar um pouquinho e vou escrever sobre. Também tem isso, né? Tem hora da tristeza, tem hora porque eu tenho algumas coisinhas guardadas na caixa. Eu fui muito instigada a isso. E... Aqui... Pelo amor de Deus, a Casa da minha vida. Estou aqui na Casa do Hip Hop, num pré-lançamento do documentário Madalena[17]. Até preciso responder... Eu não sou de Whatsapp. Saindo daqui eu preciso fazer isso. Vou até falar pra ele como eu lembrei... o diretor do documentário sobre a Madalena. "Meu nome é Madalena". Aí... O Birão que sempre toma a frente, né? Não sei por que cargas d'água, mas o Birão falou assim: "vai você falar, fazer essa mediação aqui", de um pedacinho do trecho que ia passar. E aqui tava a Natália[18]. Uma das produtoras, a Natália. E ela... Eu não conversava com a Natália. Nunca. Nunca tinha conversado. Porque essa coisa de seguir Instagram, Facebook tanto faz como tanto fez, né? E ela aqui sentada e eu fazendo a mediação. Ela falava alguma coisa... porque eu também falei que eu gosto de fazer mediação. Peguei no ar. E ela falou assim, com todo mundo assistindo... Não sei se você já tava, faz um pouco de tempo...

Heinrich – Eu participei de uma conversa sobre o documentário. Mas foi na quadra.

Mayra – Não. Foi aqui. Foi a primeira conversa. Porque ela vem fazendo outras, né? Não sei se de lá veio pra quadra... Sei que eu não consegui participar. Que era pra ter sido na Horta, acho que esse que foi pra quadra... Enfim. Estou eu aqui no primeiro... no primeiro lugar... E ela falando... Eu acho que ela acompanhava as duas músicas, não era nem o meu trabalho. As duas músicas que eu tinha feito RAP. Ela falou assim: "você não quer fazer parte da trilha sonora?" Eu falei: "eu?" "É, você não quer fazer parte? Eu acompanho..." Porque eu ainda não tinha me assumido como rapper, MC de novo. Eu não tinha. Não tinha ainda. Tinha essas duas músicas que eu já cantava em algum lugar e todo mundo já tava cantando "Pela porta", "Pela porta"... todo mundo já... Mas eu ainda não. Eu falei: "tá". Eu sou boa de aceitar coisa, também.

---

[16] *Baque Caipira* é um grupo de percussão de Piracicaba, de maracatu de baque virado, fundado em 2013. Os cortejos de carnaval ocorrem com a presença de muitas pessoas da Casa, algumas representando entidades, deusas e deuses de religiões de matrizes africanas. Participam, por exemplo: Mayra, Marcinha, Andrea (Coordenadora Financeira da Casa), Bira, entre outras pessoas.

[17] Documentário sobre a vereadora trans Madalena, assassinada @madalenaodocumentario

[18] Natália também é professora de Yoga na Casa e em seu espaço particular @odarateraPia

Às vezes, é ruim de eu participar porque minha vida ficou muito tumultuada. Mas eu aceito qualquer coisa. Eu aceitei um Nudes, num trabalho de teatro. Ali eu passei dos limites, total. Eu posso contar essa historinha depois. Mas, lugar da Casa é... Cê viu como tá vindo natural o lugar da Casa, né? Você tá me deixando bem à vontade, isso. Não tá: "e a Casa? O que cê fez na Casa?" Você só fez aquela primeira pergunta: "mas como é a Casa?" Aí, eu vou... venho... e faço a música "Tom Madalena". E pra eu fazer, eu fiquei pensando muito. Eu não sou uma mulher trans. Eu não sou nem bi. Eu sou hétero. Como que eu vou... Em que momento... Madalena... Porque na minha cabeça a Madalena era tão forte... Eu conheço a Madalena desde que eu sou pequena. É isso que eu canto na música. Tento mostrar na música. E pra mim era aquele homem... "É homem? Então... é mulher? Tem tamanco? Usa...?" E meu tio era bissexual. Então pra mim não tinha muito... Pra mim ele não era bissexual, porque ele não tinha essa coisa, na época... Ele era uma pessoa que gostava de pessoas. Então era muito comum pra mim, normal. Mas a Madalena, não. Porque ela se vestia diferente, né? Então, pra mim foi assim... ué? Desde pequena... E mexia com tudo quanto é homem. Era só isso que vinha na minha cabeça. Quando, daí ela me pede pra fazer a música, e eu tenho que saber um pouco mais, entendo por que ela mexia com todo mundo. Eu falo: "é quase o que eu faço". Porque foi uma coisa que eu aprendi a lidar com o racismo. Eu aprendi a rebater o racismo. Então... assim... antes dele chegar em mim. Olhou pra mim diferente, eu já tô aqui, ó. Eu fiz a mesma coisa... a minha filha. Minha filha entrou, ela verbaliza: "o que foi? Algo de errado?" Eu não. Era o que a Madalena fazia. E olha o quanto ela me influenciou. Quantas pessoas de representatividade... Ela era aquela figura. Pra mim, era uma figura. Não era uma... Não era uma pessoa trans, era só uma figura. Não era uma mulher. Não sabia o que era. E até... então, quando entrou na câmera, entrou com o nome dela... Eu falei assim: "gente, é sobre isso que eu vou falar". Sobre o tom da nossa pele. O quanto ela me representou. Aí, saiu a Madalena. Ficou grande a Madalena, no fim. Hoje em dia, eu faço parte da equipe do filme. Eu vou fazer... Absurdo. Começou aqui, agora eu vou fazer parte da equipe. Vou ter que mandar uma mensagem pro Tiago. Pra falar... porque ele quer conversar. Vou trabalhar algumas questões lá. Não como atriz. Gosto de ser atriz, mas eu fujo de ser atriz. Sou uma pessoa fujona, de algumas coisas. Vou fazer parte de um espetáculo agora. Negritude. Em fevereiro e março. Mas, o meu processo de escrita é assim. Mesma coisa foi Flora. "Cê quer escrever sobre?". Mostrou pra mim. Mas acho que isso tudo foi da coisa de vivência e de leitura.

Heinrich – É engraçado que cê fala que cê foge, aí cê aceita e foge, aceita e foge. É esse caminho... E cê falou isso de...

Mayra – Daí, vem Flora... quando essa começa... A primeira "Palestra Cantada", a gente não tinha nem nome. Não tinha nome nenhum. Eu só chamei as meninas, já tava meio que se aproximando. Chamei a Arilene, vai gravar Madalena comigo... A Arilene tava pra ir embora de Piracicaba. Ela mora na comunidade Esperança. Ela tava pra ir embora de Piracicaba, e eu resolvo montar um coral, no caso. Não adianta ver. Porque tinha... queria aproximar as mulheres trans. Tinha uma amiga da [minha filha] Lindwe que ela cantava muito bem. Muito bem. Canta muito bem. E as pessoas, as mulheres trans negras, elas não vão sair da periferia porque... O racismo já pega. Imagina ser uma mulher trans, preta. Elas não saem de lá. E nessas de não saírem de lá, gostar de cantar... E, a Andréia topou. A Andréia Martins. E nisso, foi o tempo que eu fiz a música. E eu não sabia muito que tom tocar porque eu não sei... Eu não sou conhecedora

de música, assim. Eu não sei. Eu cantava tom baixo: "mesmo tom de pele..." Eu cantava assim. Cantar oitavas... "mesmo tom de pele"... Nisso, a Arilene, é uma menina que eu conheci num projeto nosso que a gente fez lá. Era só isso. Uma menina que eu tinha... tinha cantado no sarau Salve das Minas, num projeto "Aquilombando através da leitura", no Barranco Cultural. "Aquilombando através da leitura" é um projeto que a gente passou no Lab e fechava com o sarau. E essa menina apareceu. Fazia, sei lá, alguns meses que ela tava do Rio pra cá. Essa menina apareceu. Cantou maravilhosamente bem. Eu falei "absurdo". Mas passou. Foi só isso. Fui falar, parabéns pra ela. Eu falei: "meu Deus do céu, cê cantou maravilhosamente, com facilidade... a gente se mata, cê só fez... Saiu, né?" Ela foi toda tímida, e a gente não se viu mais. Isso foi em dezembro. Agosto do outro ano que eu resolvi fazer o coral. Falei assim: "lembra? Cê cantou... então, sou a Mayra". E ela assim: "tá bom". Ela morava ali perto, desceu em casa. Nessa, a gente fez um mês de coral. Fiz muito. Foi só pra... Aí, nessa de eu cantar, de eu apresentar as duas versões, ela tava aqui, ó: parada. Porque já tinha acabado essa aula de coral, naquele dia. Aí, ninguém ia embora de casa. Ficava todo mundo ali, sempre, conversando. Aí, eu apresentei a música e ela cantou a segunda. Com uma facilidade, né? Olhei pra cara dela: "quer gravar essa música comigo?" Falei com a Natália: "Natália, eu posso levar uma pessoa pra gravar comigo?" Tipo, não tinha grupo de RAP. Tinha assim... eu tô fazendo. A Natália, pode. A hora que ela abriu a boca, lá, ficou todo mundo meio bobo, né? Cantou Madalena, comigo. Aí, eu falei assim: "vou escrever um projeto Palestra Cantada... as pessoas vão cantar, vão palestrar sobre os temas que...". Nesse meio tempo, a Gabs já...já vinha comigo, fazendo as duas músicas. Uma cara de pau. Aí, entra a Arilene pra cantar Madalena e a Gabs fala assim: "ah, eu tenho uma sobrinha e ela toca contrabaixo e ela gosta muito, ela queria estar junto". Eu falei: "o que que essas meninas novinhas tá querendo estar junto comigo? Meu Deus, o que eu estou fazendo?" Porque é uma responsa, né? Eu falei: "o que isso aqui está virando?" E a gente vai pro palco do SESC fazer a primeira Palestra Cantada. Eu nunca mais esqueço... o Iuri[19], o programador... o Iuri falou assim: "cês não têm nome?", na hora de apresentar. É Mayra e suas... Não, Mayra e suas... Foi assim! Foi assim, Heinrich. Nossa! Daí, naquele dia, a gente saiu e falou assim: "acho que a gente tem que dar um nome pra nós, né? Vamos formar um grupo de WhatsApp e daí a gente vai conversar". Nisso de formar o grupo do WhatsApp, eu coloquei "4MP". Um nome à toa, porque somos quatro mulheres, né? "Eu vou botar 4MP, gente, daí a gente vai pensando no nome, tá? Isso aqui é só pra gente não se perder". O grupo 4MP. "Ah, eu gostei". "Ah, eu gostei". "Ah, eu gostei". "Gostou do quê, gente?" "Do nome" Falei: "não, esse não é o nome. Não é o nome. Isso aí é só pra..." Até hoje tá 4MP. Sim. E daí, quando a Tatá, no show nosso, a gente chamou a Tatá... daí, ficou "4MP Mais Todas Elas". E vai ser sempre assim, sempre que a gente tiver alguém, vai ser "4MP Mais Todas Elas". Porque eu enfiei na cabeça que eu tô com várias mulheres, não é só nós quatro. É bem o que eu falo, eu não estou sozinha, né? Elas estão aqui. É muito forte, pra mim...

Heinrich – Nossa! Assim... por um lado, eu quero comentar tudo. Por outro lado, eu quero perguntar tudo, também. Palco e teatro. Porque você no palco é uma coisa absurda. Eu lembro do... Lá no Engenho... No

[19] Iuri é funcionário do SESC Piracicaba e um dos principais responsáveis pelas parcerias de atividades e projetos que ocorrem junto à Casa e as pessoas que dela participam.

Engenho... Aquilo foi absurdo. Que tinha acabado de acontecer o caso que a polícia entrou[20]... Cê transformou em texto, a coisa que tinha acabado de acontecer.

Mayra – Foi uma semana antes que a gente fez isso. Como que foi...? O show da 4MP ele é dividido entre: a) antes das meninas, antes de sermos um grupo de RAP; b) e depois. Músicas que eu fiz depois que elas já foram entrando. Com suas percepções, colocando o contrabaixo lindamente. Aí, já pensava a música na voz da... A Flora já foi pensada na voz da Arilene, sabe? A Flora eu escrevi do dia pra noite, assim. Escrevi numa madrugada. Eu falei assim: "Arilene, cê vai fazer isso, isso, isso. A hora que eu falar do navio, cê vai gritar, cantando, cê tem uma voz". E ela não brincava muito com a voz nas músicas dela. Mas fazia Whitney Houston... Eu falei: "hum, ué...?" Cê vai fazer... Daí ela fala... Cada vez que ela faz aquilo, dá uma força pra eu falar aquele texto, sabe? Eu adoro fazer esse texto, assim, né? O eco, ecoa, né? Nos navios, né? Nas favelas, nos... escravizados, até hoje. Porque é um grito de dor. Pra nós, é isso, né? Pra minha escrita. Tô com ela ali, ó: embaixo, no navio... ela tá aqui, ó. Ela tá chorando e eu tô falando, isso, sabe? Essa cena que eu fiz... se eu tivesse que fazer uma cena, um clipe. E... Ela... E tava lá, nós, no preparativo... Eu sou produtora, sou do teatro. E as meninas aceitam tudo que eu falo. Eu já falei pra elas que elas têm que falar não pra algumas coisas. Porque eu viajo. Eu viajo demais. E eu falei assim: "então a gente vai fazer assim, assim, sabe?" Elas olhavam minha cara... Aí, tem um intervalo onde cada uma vai mostrar pra além da 4MP. Então, tem a primeira parte, que são músicas que eu fiz sem ser a 4MP, que é a "Madalena". Intervalo. A Arilene canta as duas dela. A Iza fez uma música linda, porque ela toca na orquestra, a Izabela. Ela toca na orquestra, em São Paulo. Então, ela toca o baixo acústico. É que a gente não consegue levar no show, né? Ela toca o baixo acústico, além da guitarra, além do violão, além do contrabaixo. Ela é multinstrumentista. No show ela toca. Ela vai pra guitarra, ela vai pro contrabaixo e vai pro violão. É um absurdo, assim, né? Aí eu consegui desenhar o palco... então, ela se mexe... E a Tatá entrou com o tambor, a Tatá. E a Gabs também toca, né? O atabaque. E a gente ia fazer esse intervalo. Onde eu ia apenas recitar uma poesia minha, de teatro. Aí, a Arilene fala assim, pra mim: "Mayra, cê é muito grandona fazendo cena. Cê tem que fazer cena". Eu falei: "nossa, tá bom". E a Iza trouxe uma parte de uma música... Ah, caraca... eu sou muito ruim de música... Do Rashid! "O que fizemos aos senhores, além de nascer com essa cor, e de sorrir..." Nossa. Ela trouxe essa parte. E a gente, aqui, ensaiando na Casa do Hip Hop, a gente começa a ensaiar aqui. Eu lembro... A gente tá aqui agora... dando os depoimentos... Eu lembro. Olha, me arrepia! Eu, ali, ela começa aqui na guitarra... E a Arilene que canta mais, essa música, assim... "Eu já sei qual é a cena que eu vou fazer". As meninas olharam pra mim. A Gabs tava aquele dia, ela falou assim: "sabe?" "Eu já sei a cena que eu vou fazer. Eu vou fazer a cena sobre isso. Sobre dor" Tipo assim, eu não sabia qual era a cena, eu já sabia qual seria o motivo da cena. Sobre dor. Sobre sorrir lindamente. Nisso, me sai... que... os policiais, que levaram... a Cláudia, que caiu... tinham sido absolvidos. Um dia antes da gente se apresentar. Eu já tinha preparado uma outra cena. Ali. Só tive que fazer poucas adaptações. Mas isso é a revolta. A dor. Então começou a minha arte. Eu falei: "meninas, eu mudei a cena". Elas falou: "calma".

[20] A Polícia Militar abordou um jovem que estava sentado na calçada de sua casa, depois invadiu a casa e agrediu a família com socos, chutes e cassetete, incluindo o pai cadeirante. A ação truculenta ocorreu no bairro Cantagalo, periferia de Piracicaba, e foi filmado. Os policiais foram afastados temporariamente. (G1, 2024)

"Mudei. Mudei. Eu vou parir. Eu vou parir a dor. Eu preciso de uma corrente". Um dia, pra conseguir corrente. Pra conseguir... até hoje a gente não tem, aliás. A corrente eu comprei. Pra fazer... da Casa. Mas pro espetáculo. Pro show da 4MP, não. Mas a bacia é emprestada. Se alguém pedir hoje eu tenho que sair correndo e emprestar de alguém. Porque não tinha esse tempo, né? E eu falei assim: "eu vou parir. Eu vou parir a dor. Eu vou parir a corrente". E quando o Wally[21] me chama pra fazer aquela parte, que é de dor, também... do pai dele, que ele fala tudo... Eu falei assim: "tá. Eu vou parir outra dor. Então acho que essas, infelizmente... vai ser sempre a atual. Tá parindo essas dores, que são essas correntes... Foi assim que surgiu, de uma música. Mas, detalhe: a música, essa partinha... a música, do Rachid. A cena, que eu escrevo. Nada é por acaso. Então, tem tudo a ver. E ficou muito bonito. A Arilene entrando, cantando, enquanto eu tô parindo, né? "Lindamente..."

Heinrich – Acho que uma das coisas mais bonitas, assim, que eu já assisti, foi esse espetáculo. Foi absurdo, assim... Eu lembro... Eu me senti... Sabe quando a gente é criança e vai a primeira vez no cinema? Parece aquela coisa absurda? Eu me senti assim!

Mayra – Foi! Foi muito bonito. E cê sabe que é muito difícil. Eu sou do palco. Eu sei o que é trabalhar algum tempo no palco. É muito difícil ter um elenco tão grande. Reunir tanta gente. E ter tanta organização. Porque, pra nós, tava tudo desorganizado, lá atrás. Era gente trombando, gente esquecendo... Era tudo, lá atrás. Heinrich, era tudo, lá atrás, acontecendo. Eu recebendo um presente de uma moça que tinha vindo assistir, um pouco antes de começar. Alguém chegou falando assim, eu já tava pronta, eu já tava com a minha barriga: "Mayra, tem uma pessoa aí querendo dar um presente pra você". "Presente? Pra mim? Um presente? Não, acho que eu devo ter esquecido alguma coisa". Aí eu cheguei, ela tá vindo, assim: "eu fui assistir seu show, no SESC. Eu quero te dar um presente. Eu te sigo...". Aí, eu vi também umas coisas, de como as pessoas me veem. Isso me deu um certo, assim... Falei assim: "não... como assim?" Ela me deu uma sessão de massagem... Porque na música eu falo, "Coisas de me cuidar". Olha o que pegou. E eu sou de palestrinha, antes da música. A pessoa que não falava e agora... Eu sempre falo alguma coisa antes das minhas letras. Uma explicação, o que tem ali, onde me inspirou... E eu falei, eu acho que isso tocou ela, e ela me deu uma sessão de massagem. Tudo isso, já tava tipo assim... Já tava quase que pra tocar o terceiro toque do teatro. Eu acho lindo a mocidade se organizar. As juventudes. E a Casa tem essa... essa qualidade... ela consegue fazer isso. Porque era muita gente. Era muita gente que passava de um lado pro outro. O que era esse Wally correndo com essa turma que dança. O que era...? Turma de dança, que chega... novo... e aquela menina que fez, que dançou...? Tudo foi um absurdo. Eu praticamente carreguei aquela menina. E ela chegou lá, chegou aqui no ensaio... não! E os ensaios? Não dá pra ensaiar. Vamos falar: não dá pra ensaiar. Eu vim nos dois últimos ensaio, porque eu não tinha esse tempo, né? E eu trouxe a Arilene em um. A menina que veio aqui... foi um belo dia que ela recitou no sarau... a... ela recitou no sarau e eu falei assim: "cê nunca recitou uma poesia? Cê é slamer[22], né?" Ela deu uma risada... Hoje em dia tem um slam que ela faz parte. Ela faz parte, não, ela é produtora do slam. Gente, como as coisas... A Casa, é um lugar

[21] Wally, ou Wallisson é dançarino e professor de dança na Casa. Dirigiu o espetáculo Meu Coração é Hip Hop, uma apresentação com mais de 50 artistas em cena.
[22] Slam é uma competição de poesia falada.

de encontros, né? E eu lembro que ela, por exemplo, coitada, veio um pouco dizer... Nossa, tem que escrever sobre isso, isso... É uma junção de potência de artistas, que daí chega lá e coloca... E saiu aquilo ali, mano. E saiu absurdamente... Meu Coração é Hip Hop. Isso a gente fez de novo agora. E quando eu vi, eu chorava... o dela. Eu chorei porque eu vi... ela... ela faz aniversário no mesmo dia que eu. É tudo umas coisas assim tão loucas, né? Aí: "gente, essa menina... eu vi ela bebê. Porque ela tá dançando desse jeito...? Fazendo...?" Família evangélica, viu? E ela falou muito sobre... eu adoro isso, mano. Eu acho que a cultura é revolucionária. A arte é revolucionária.

Heinrich – Nossa, Mayra, é muito doido, isso. Porque, assim... a minha família é muito evangélica, eu fui criado em uma igreja evangélica, na Congregação que é muito... muito evangélica. E aí, eu fui até os meus dezoito anos. Enquanto eu morei com meus pais, eu precisava ir.

Mayra – Cê ia?!

Heinrich – Eu tinha que ir. Eu tocava violino.

Mayra – Cê toca violino?!

Heinrich – Não, eu não toco mais. Tem muitos anos que eu não toco violino, mas eu toquei uns dez anos. Tocar na igreja e tal. E aí, é muito louco porque eu chego na Casa e dentro dessa pesquisa que é vivência, que é tudo... que é caos... que é caos. São muitas coisas. Eu começo perceber essa coisa... que sempre esteve aí, que é a... de religiosidade, assim. E aí, inclusive nos nomes... o meu nome, por exemplo é da Solidade Santos, meu sobrenome. Solidade é... vem de solidão, da Virgem Maria, que é o nome dela... do sofrimento de quando Jesus morre... é crucificado. E o Santos, também, enfim. E ao mesmo tempo não é só religioso... É um nome que foi dos donos de fazendas, de famílias escravocratas... Durante a pesquisa eu fui atrás da história da família... e fui descobrindo muita coisa... então, eu me conheci muito dentro da Casa... do meu histórico, da minha vida, de pais... Conversei muita coisa que eu nunca tinha conversado, com minha família, com minha vó... Enfim.

Mayra – Muitos reencontros, né?

Heinrich – Muitos reencontros. E aí, essa coisa da religião... ela vai atravessando o texto, o tempo inteiro, também. E... aí, é muito bonito, assim... ouvir isso tudo, sabe? Cê falando e tal... Eu fico muito feliz de não ter dado certo da gente conversar antes. Sério!

Mayra – Que da hora! E eu tava me sentindo mal...

Heinrich – E aí, as vezes eu te encontrava nos lugares, aí eu via que cê falava assim: "gente"...

Mayra – "Gente, eu precisava ter respondido".

Heinrich – E aí, pra mim "tá tudo bem, tá tudo certo... uma hora vai dar certo... é isso, vai rolar". Que é isso, essa magia linda que é esse palco da vida.

Mayra – Exato. Que não é muito desenhado pela gente. Eu gosto muito de pensar nisso... Eu não acredito em coincidência há muito tempo. Há muito tempo. Vai achando que é coincidência... Tem um autor, africano... caramba, eu sou ruim de... enfim. Ele fala que a gente perdeu a magia... ou de ver a magia, né? Agora a gente tá vendo uma. A gente tá reconhecendo. Você acabou de falar, cê acabou de reconhecer: "que bom... olha, tinha que ser agora". Porque senão passa batido. A gente só vai vivendo as coisas, vai atropelando. Tinha que ser agora, agora que eu tenho esse tempo, agora que eu já vivi tantas coisas mais... Esse ano pra mim foi 4MP. Eu não teria 4MP pra falar, eu não teria... eu não teria. Aconteceu exatamente esse ano. Esse ano foi o start, assustador...

Heinrich – Enfim! É muito legal... nossa! São muitas coisas... Eu tô doido pra terminar, pra poder apresentar pra geral, aqui... o que eu tenho feito, que a gente tem feito, né?

Mayra – Cê faz muito parte, né? É verdade... o rapaz que veio só pra conhecer o que eu... E cê sabe que a gente tá... desde então, a gente nunca mais conseguiu fazer algo, o Beleza Preta. Que lembra que eu falei pra você que eu queria chamar... só tinha mulheres... lembro que cê tinha falado... Eram elas. Eram nós, né? Vamos ver se a gente consegue em 2025, retornar. Nunca mais foi como antes... antes de eu falar pra você que acontecia, daí... não, não... tem momentos, né? É muito difícil ser mulher negra, é muito difícil ser mulher negra. Por isso que é muito gostoso falar aqui em Casa, a gente se sente em casa, né? Na Casa a gente se sente em casa. É um lugar que não dá medo. É um lugar que não dá medo, eu posso dizer, assim. Porque, se acontecer alguma coisa, a gente vai falar. A gente tem voz, por exemplo. Não tô falando que aqui é um portal e nada acontece... entrei e nada vai acontecer, mentira, porque somos humanos, né? Mas é um lugar que eu vou poder falar, sabe? Eu vou poder falar o que tá errado, o que não tá... É diferente você estar em um outro tipo de instituição... aqui a Casa... tá tudo certinho os documentos dela, tudo certinho. Além de tudo ela é uma instituição. Além de tudo ela é uma instituição. Mas, quando a gente tá aqui, a gente não enxerga ela como uma instituição, né? Ela é instituição porque tem que ter, pra gente estar nos lugares, pra gente conseguir pleitear algumas coisas... e, além de tudo, ela é uma instituição. Que estranho, que legal. Gosto dessa liberdade.

Heinrich – Caraca, maravilha. Nossa, valeu muito. Cê quer me perguntar alguma coisa? Não sei por que, eu fico com a sensação, às vezes, que eu também... eu não falo muito, assim, né?

Mayra – Devia falar mais, porque a gente conhece pouco de você. A gente vai conhecendo aos poucos. De repente: "nossa, escreve projeto". Porque você se apresentou como professor...

Heinrich – É que eu sou professor de matemática. Agora eu não tô em sala de aula por conta do doutorado.

Mayra – Mas, então... o que que você pretende fazer, depois, após o doutorado?

Heinrich – Então... eu tô tentando voltar pra sala de aula, agora, né? O estado é essa loucura de processo seletivo... de categorias que eu não consigo entender qual é a categoria, porque em cada lugar que cê olha é uma categoria diferente. Nesse momento, eu tô nisso. Quero voltar pra sala de aula, eu gosto de sala de aula. Trabalhei com muitas séries, trabalhei em Minas, trabalhei em São Paulo, trabalhei do sexto,

sétimo, oitavo primeiro, segundo, terceiro ano... trabalhei com a EJA, já trabalhei em faculdade, trabalhei... Só não trabalhei com cursinho de vestibular. O resto tudo eu já trabalhei.

Mayra – Eu sou apaixonado por matemática, física e matemática. Eu tive um professor, de física, maravilhoso, que ensinou física... um dia atravessando a rua... a gente fazendo uma pipa... Eu fiz contabilidade até, achando que era apaixonada por matemática. Sou muito humanas, no final das contas. Mas o quanto a matemática tem a ver com humanas? Eu acho, assim... tá tudo, na vida da gente... Esse professor me ensinou isso... cê calcula tudo na sua vida. Tudo na sua vida é calculado, presta atenção. Tem uma amiga minha... e olha a matemática, como entra... e ela nem tem a ver, nada, com a questão matemática... e ela fala assim: "você é matematicamente correta, credo, cê é matematicamente correta". Eu tava maluca, com o horário que eu cheguei atrasada. Tenho não sei o quê, com o horário. Eu falei: "mas esse cara tá me atrasando, não sou eu, ele que tá me atrasando". Eu sempre tive a chave de tudo, porque eu chego no horário. As pessoas vão chegando, coisas com a vida... Eu programo a minha vida. "Amanhã eu vou fazer tal coisa", vou fazendo isso. Se sai alguma coisa fora, o tico e teco já tromba, eu já fico perdida, eu já fico... "tenho alguma coisa pra entregar". Eu fico assim... Meu irmão descobriu dislexia, agora. E ele quer me levar, ele tem certeza: "não, Mayra, cê tem tudo... o tanto que cê repete de música, o jeito que cê fica sozinha". Minha mãe fala, desde pequena eu ouço: "a Mayra pensa torto". Talvez seja isso. Então, cê vai voltar pra sala de aula? Aqui em Pira?

Heinrich – Eu quero, quero voltar... aqui em Pira.

Mayra – Gostou mesmo?

Heinrich – Eu tô rodando há muito tempo, e não é bom, não é gostoso ficar rodando... cê roda muito, cê não fixa e às vezes é muito dolorido, também, ficar rodando e não fixar, né? E eu acho que aqui eu encontrei uma casa.

Mayra – A Casa... que da hora! Que louco. Que bom. Piracicaba ganha muito com você. Cê já ajudou... várias coisas, eu vejo, ali... empenhado. A gente precisa de pessoas, assim... de pele mais clara pra ajudar a gente, aliado. É muito sério, isso. A gente não tem um tanto, assim, em quem confiar...[23]

[23] A primeira pessoa com quem eu tentei conversar, foi a última com quem conversei. Esse dia, ficamos eu e Mayra conversando. Josi foi embora. Estavam no salão principal da Casa um pessoal na aula/oficina de Circo. Depois, vieram dois rapazes skatistas buscando abrigo da chuva. Por fim, eu e Mayra fechamos a Casa. Foi a primeira vez que fechei a Casa. Nego Bispo indica que Pindorama era o nome das terras que os europeus invadiram e chamaram de Brasil. Pindorama significa terra das palmeiras. No primeiro dia que eu fechei a Casa, junto com Mayra, a primeira pessoa com quem tentei conversar, mas a última com quem conversei, um registro de uma palmeira e um arco-íris foi realizado.



Do nada.

Nada.

Que pode uma página com *nada*? Que *pode* uma página? *Pode* uma página? Que nada! É um tanto quanto difícil começar uma escrita "do nada", como que um acontecimento repentino, aparentemente sem causa ou motivo. Aqui, vamos assumir o que acontece "do nada", apenas como do nada, sem aspas. Nem dá para dizer muito – por enquanto –, sobre *que* nada. Talvez a ideia nem seja dizer muito. Quem sabe, nem dizer?

Ora, começa com um título, que, *do nada* diz sobre a Casa do Hip Hop de Piracicaba. Ou: Associação Comunitária, Cultural, Educacional e Política Casa do Hip Hop de Piracicaba – Casa do Hip Hop. Por aqui, Casa do Hip Hop. Às vezes: Casa. De qualquer maneira, voltaremos aqui. Por enquanto, continuamos com o que compõe esta tese

Como que do nada, um trecho de um discurso durante uma festa de aniversário – de 20 anos da Casa, em 2022. No trecho, muita coisa aparece. Coisa? Tudo bem: muitos *elementos*. Mais irão aparecer, surgir, emergir... talvez meio que repentinamente. Do nada. De fato, muitos. Afinal: "Dentro desses 20 anos da Casa do Hip Hop, fizemos muita coisa. Muita coisa" (Bira).

Durante o período que tenho estado por lá, por aqui... registros diversos foram produzidos. Outros registros são apenas anotações realizadas pelo afeto e cuidado do momento repentino. Nem fotos, nem vídeos, nem áudios, nem nada. Esses momentos, apenas quem estava ali que registrou, pelo sentido, escutado, visto, memorizado, afetado...

Desses momentos repentinos, podemos começar por uma conversa que antecedeu a festa de aniversário da Casa em 2022. Com seu celular em mãos, sempre filmando e fotografando (https://www.facebook.com/PauliceiaLive), Joel me explicou sobre uma magia que tinha na Casa. Ele disse sobre os acontecimentos sem explicação. Que acontecem como que por magia, não se explica. As coisas simplesmente acontecem. Aconteceram. Acontecem. E continuarão a acontecer. Do nada. Afinal, como disse Bira no dia seguinte: "[...] fizemos muita coisa. Muita coisa." Essa conversa com Joel ocorreu enquanto estávamos sentados no chão do salão da Casa, observando um grupo de pessoas dançarem. O chão era o palco de uma festa que acontecia naquele momento, mas também aconteceria no dia seguinte. Aliás, estávamos encostados no palco que tem na Casa. Joel, um dos fundadores da Casa, faleceu em 18 de fevereiro de 2024, com 73 anos, em decorrência de um infarto.

Aliás, abusando do aliás, não por falta de outra palavra, mas para trazer a ideia da repentina lembrança; como quem diz algo, se lembra de outro *elemento*, e diz novamente a mesma palavra, até em um tom mais forte: ***aliás!***, foi nesse palco que o orientador desta tese assistiu a uma peça de teatro e me sugeriu conhecer a Casa, em um momento que eu estava à procura de um lugar que confluísse com a preocupação político-social para desenvolver esta pesquisa.

Procurei sobre o lugar pela internet, achei um número de telefone no site da instituição, e entrei em contato com o Bira, presidente da Associação (lembrando, a Casa é – oficialmente –, uma Associação Comunitária), por mensagem.

"Olá, bom dia, espero que esteja bem. Eu sou o Heinrich, consegui seu contato no site da Casa do Hip Hop. Faço doutorado na Unesp, em Rio Claro. Gostaria de saber, por gentileza, que horário e dia eu posso ir até à Casa para conversar sobre possibilidades de parceria em um projeto de formação em tecnologia da informação. Grato pela atenção."



"Bom dia"

"Pode ser no sábado as 14hs"

Na mesma semana, no sábado, dia 21 de maio de 2022, fui à Casa e conversei com o Bira sobre a possibilidade de um projeto a ser desenvolvido. Ele me sugeriu voltar no dia seguinte para uma roda de conversa que iria acontecer. Saí da Casa naquele sábado e fui para uma festa que estava ocorrendo na cidade, a Festa das Nações.

Exatamente um ano depois, em um domingo, a Casa participou, pela primeira vez da Festa das Nações, com uma barraca representando a África do Sul. Naquele domingo, ao final, último dia de trabalho, nos reunimos na cozinha, demos as mãos, e cada pessoa foi dizendo algo sobre o momento. Entre as palavras proferidas, por todas as pessoas que estavam ali, foram rezadas duas orações: Pai Nosso e Ave Maria.

Como quem olha por uma fresta de uma janela, mas de curiosidade vai expandindo-a, para perceber o que se anuncia através, a religiosidade foi emergindo no decorrer das vivências dessa pesquisa, nos nomes de pessoas com as quais convivi e convivo – inclusive no meu próprio nome –, mas, principalmente, junto com as leituras de Nego Bispo (também pelas sugestões efetuadas durante a banca de qualificação[24]: Antônio, o Junior; Heloísa, a Helô; Jaqueline, a Jaque; e Sônia, a Soninha).

Ele diz que: "O povo eurocristão monoteísta, por ter um Deus onipotente, onisciente e onipresente, portanto único, inatingível, desterritorializado, acima de tudo e de todos, tende a se organizar de maneira exclusivista, vertical e/ou linear." (Santos, 2023, p. 29)

[24]Antonio Filogenio de Paula Junior, Heloísa da Silva, Jaqueline Lima Santos e Sonia Maria Clareto.

Por outro lado:

> Quanto aos povos pagãos politeístas que cultuam várias deusas e deuses pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza que formam o universo, é dizer, por terem deusas e deuses territorializados, tendem a se organizar de forma circular e/ou horizontal, porque conseguem olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções. Por terem deusas e deuses tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou o patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos. Por verem as suas deusas e deuses através dos elementos da natureza como, por exemplo, a água, a terra, o fogo e o ar e outros elementos que formam o universo, apegam-se a plurismos subjetivos e concretos (Santos, 2023, p. 30).

Não intenciono nenhum tipo de imposição, nem nada que se assemelhe. Intenciono, sim, discutir junto aos conhecimentos que operam por uma lógica politeísta. Uma cosmovisão politeísta, como diz Nego Bispo. Afinal, a Casa é um Quilombo Urbano, com deusas e deuses. Portanto, eu, junto com você, junto com a Casa do Hip Hop, junto com o Coletivo Cronopies+, junto com a Educação Matemática, junto com saberes ancestrais de mestras e mestres – como o próprio Nego Bispo, mas também bell hooks e Carolina Maria de Jesus e Luis Rufino e Luis Simas e Nei Lopes e Bira e Savana e Joana Maria de Jesus e Renata e Cadson e Andressa e Maria e Osvaldo e Marquinhos e Jaqueline e tantas e tantos outras e outros. "Meu acalanto é viver, no mesmo tempo que vocês" (Mayra, 2021).

A seguir, algumas pessoas que eu conversei dialogam por aqui. Mayra já disse, em páginas anteriores, sobre suas produções com a Casa. A seguir, Cadson falará sobre o Deus do Nada. Adiante eu conto do início dessa pesquisa e aproveito para anunciar o problema e os objetivos. Joana, responsável pela chave de um dos espaços da Casa – o Ladeira – nos recebe em sua casa para falar sobre o tempo que chegou em Piracicaba, nos anos 70. Aproveito para anunciar sobre o tempo, e sobre pesquisas científicas com Educação Matemática e Hip Hop, mas não antes de Jaqueline falar sobre sua adolescência na Casa. Marcinha conta de seu passado e presente, antes e depois da Casa. Então, Savana fala sobre seus primeiros contatos com a Casa e suas vivências no espaço. Aproveito para anunciar sobre a Casa, e Andressa e Maria falam sobre o filho/neto que se recuperou da depressão com apoio do skate. Daí, Renata fala sobre o Casarão e o trabalho com crianças e adolescentes. Osvaldo fala sobre o início da Casa. Bira conversa, em um documentário, sobre soberania alimentar e a horta da Casa. Depois, o Coletivo Cronopies+ se apresentará. Eu me apresento e, por fim, os caminhos percorridos nos leva não às conclusões, mas ao começo.



Foto registrada na ponte sob o Rio Piracicaba, para acessar o Engenho Central, durante a primeira Festa das Nações que a Casa do Hip Hop participou. Esse talvez seja um dos lugares que mais foi derramado o inocente sangue do povo que construiu essa cidade em prol do desenvolvimento de escravocratas genocidas.

Cadson é um dos principais mobilizadores de ações na Casa, nos últimos anos. Foi uma das primeiras pessoas que me aproximei, por ajudar com as tarefas na horta comunitária da Casa. Institucionalmente, Cadson compõe a diretoria da Casa como membro titular do Conselho Fiscal. Conversa gravada no dia 11 de fevereiro de 2023. A opção por trazer este diálogo por aqui foi assumida a partir da compreensão de que as coisas na Casa (e na vida?) se dão por magias concebidas, em especial, pelo modo politeísta que tende a operar um Quilombo Urbano.



Cadson – [...] eu gosto de levar tudo assim por esse lado. De mágico, sabe? Sim, o que acontece não é natural. A sincronicidade do jeito que... essa semana, o que aconteceu: esse trampo, esse – olha esse trampo, que louco, que loucura que aconteceu. Um brother já tinha falado pra mim fazia uns dois anos sobre. Lance de trabalhar com bambu... que lá vai ser um braço da USP pra fazer um curso sobre bambu e lá já produzem algumas paradas. É para fazer casa de bambu... tudo de bambu. Aí, beleza, né? Ele falou: "mano, preciso de mais alguém". Falei: "quem eu vou chamar?" Ele falou: "você conhece uma galera aí, chama alguém." Eu pensei em tanta gente que eu poderia chamar. Pensei em você, a princípio era pra fazer trabalho, tipo o que a gente faz na horta, né? Pensei em um monte de gente, cara, mas... Me veio um cara, assim: Alex, da Chácara Brasil, não sei se você conhece. Meditei um pouco antes, eu falei: vou ver quem o campo me traz. Aí veio o Alex! Aquela coisa de sincronicidade. Eu até brinco, né? Que é o Deus do Nada. Do nada eu pensei no Alex. Do Nada eu mandei uma mensagem para ele, falando pra me responder até as 6 da manhã, porque era a hora que eu ia sair no domingo. Foi no sábado agora, sábado a gente estava junto aqui, não é? Aí depois recebi essa parada aí... Ah, não! Você está ligado! A gente tinha falado lá... no que eu falei: "mano, vou fazer um trampo..."

Heinrich – Ah, foi aquele[25] trampo, se...

Cadson – É! É! Tá ligado? Aí o cara falou que precisava de alguém, aí cheguei em casa, fui meditar, aí eu mandei mensagem pra ele. No outro dia de manhã, assim que eu acordei, às 6, ele respondeu: "Mano! Eu quero muito cara aquilo, não sei o quê... Cara, ontem eu desvinculei do meu emprego porque eu estou indo pra Minas Gerais fazer um curso sobre bambu." Você é louco, Mano, aí arrepia tudo.

Heinrich – Nóóó! Que isso! Caraca!

Cadson – É muito louco, Mano. Surreal!

Heinrich – Eu sou da área de exatas, da matemática. Entretanto, o que eu tenho percebido na minha vida é que a parada não é exata, tá ligado? A parada da natureza, assim, ela não é exata. Tem muita coisa que vai

[25] Na semana anterior, estávamos eu, Cadson, Bira e Tatu (um dos principais voluntários que participa das atividades da Casa) trabalhando na horta para escoar uma pilha de serragem que estava próximo ao portão de entrada, e Cadson comentou que havia recebido uma proposta de trabalho.

acontecendo... Pô! Outro dia, eu estava estudando pra preparar uma aula para uma turma que eu peguei uma disciplina na graduação, né? Pra ministrar. A gente, no doutorado, faz isso, assim, como estágio dentro do doutorado, a gente pega aulas pra galera que tá começando a faculdade, né?

Cadson – Sim. Você está em que ano?

Heinrich – Do doutorado, no... Começando o terceiro, começando o terceiro ano; são quatro, né? Começando o terceiro. E aí, eu estava lá, preparando, estudando um material que eu ia aplicar pra turma, de uma disciplina que eu fiz no começo da minha graduação, porque é uma disciplina de primeiro ano: Geometria Analítica...

Cadson – É, já tinha esquecido.

Heinrich – Cara, é! Quando eu fiz, eu quase reprovei. Assim, eu sempre tive muita dificuldade, tal... Enfim! E aí, é... Eu tava estudando lá, no computador... olhando, pesquisando... Aí subiu uma notificação no aplicativo de lembrança de fotos. Cara! Na hora que veio a notificação, exatamente naquele mesmo dia... Há quantos anos atrás...? Foi o ano passado... Em 2011... 10 anos. Não! 11 anos! Exatamente há 11 anos. Foi 2011 que entrei na graduação. 11 anos, exatamente 11 anos. No mesmo dia eu estava resolvendo aquele mesmo exercício e aí eu estava com dificuldade, veio a notificação com a foto do exercício que eu tinha resolvido.

Cadson – Nossa, né não mano!

Heinrich – Te juro, velho! Te juro! Eu fiquei chocado! Caraca, eu mandei mensagem para minha professora da época. Na hora eu falei, mano: olha o que aconteceu!

Cadson – Eu vou sempre definindo os termos, né? Nem tem muito a ver. Mas agora, eu estou em uma que é assim, ó. Você tá sempre carregando um saco de semente, tá ligado? E você planta, com consciência, mas o saco está furado, tá ligado? Têm várias coisas que você planta, sem consciência. De certa forma, cara, eu tou forçando a barra um pouquinho, né? Você plantou isso aí sem consciência, essa lembrança de foto, aí, que apareceu. E você pode replicar para a vida. Mas é muito louco, mano. O que chama coincidência, né? Ou do Nada. Deus do Nada. Eu gosto de chamar de sincronicidade.

Heinrich – Gostei disso: Deus do Nada.

[...]

DO (PRÉ)PROJETO A (ESTA) TESE



[26]Após o primeiro contato com a Casa do Hip Hop de Piracicaba, essa tese começou a tomar novas formas. O que era, em um primeiro momento, uma proposta de formação em TI, foi se modificando pela vivência no campo de pesquisa.

Após o dia 21 de maio de 2022, em que tinha ido à Casa conversar pela primeira vez com Bira, voltei lá no dia seguinte, um domingo, para uma roda de conversa. Essa atividade foi desenvolvida a partir de um edital de empresa privada em que a Casa foi contemplada para financiamento. O tema, nesse dia, foi sobre a saúde e a população negra, e três pessoas estavam responsáveis pela formação: (a) José Carlos, nutricionista e responsável nas redes sociais pela página @onutrifavelado; (b) Savana Fernandes, assistente social e coordenadora da área de Segurança Alimentar na Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (Smads) de Piracicaba; e (c) Marcus Mendes, professor de Educação Física e integrante do Conepir.

Nesse dia, conheci uma das responsáveis pelo Coletivo Beleza Preta (@coletivobelezapretapira), formado por mulheres pretas que atuam em conjunto com a Casa em atividades sobre representatividade e cultura negra. Mayra Krystina, que integra a coordenação da Casa, na função de Coordenadora Educacional e de Formação, me convidou para ir em uma atividade que iria acontecer na próxima semana, dentro da Comunidade Portelinha.

Então, no dia 29 de maio de 2022, domingo, eu conheci [o bairro] a *Comunidade Portelinha*, mais especificamente no campo de futebol. Ocorreram atividades relacionadas ao RAP, em que um grupo se apresentou, duas artistas da dança que exibiram um curta-

[26] A figura *MEDúvida* foi produzida na disciplina *Etnomatemática, cinema, cultura e diferença*, ministrada por Roger Miarka no PPGEM/2020, orientador desta tese. A composição diz respeito à síntese do primeiro encontro, baseado em uma cena do filme *The Five Obstructions*, em conjunto com a cabeça da Medusa - mulher transformada em monstro por vaidade e decapitada por capricho; ao fundo, localidades territorializadas pelos corpos que habitaram o primeiro encontro em suas narrativas de autoapresentações.

metragem de sua autoria e as crianças puderam assistir à animação Encanto, enquanto comiam pipoca. Ao lado do campo, pessoas da comunidade estavam ensaiando para uma dança de quadrilha de festa junina (os sons competiam entre si – exceto durante a exibição do filme para as crianças).

Nesse percurso, percebi a necessidade de criar uma página nas redes sociais para acompanhar a divulgação das atividades. Foi assim que nasceu o @15dejulhode1955, uma homenagem ao primeiro dia que Carolina Maria de Jesus registrou em seu livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada.

Também fui percebendo, conforme visitava a Casa – geralmente aos finais de semana –, que havia muitas produções ocorrendo, sempre ao mesmo tempo. Enquanto isso, eu estava cursando disciplinas no PPGEM, ministrando disciplina como requisito do Estágio Docente, presidindo a Associação de Pós-Graduandos (APG) do campus da Unesp de Rio Claro, entre outras demandas. Além disso, pairava a dúvida sobre como, quando e de que forma propor atividades em parceria com a Casa.



Foto registrada no campo de futebol da Portelinha

Os dias... as semanas... os meses... foram passando, até que, no dia 04 de setembro de 2022, ocorreu uma feira agropecuária em um sítio parceiro da horta comunitária da Casa, com intuito de arrecadar fundos para o *Tô Aqui* (@toaquipiracicaba), um movimento que organiza entregas de cestas saudáveis para comunidades da cidade. Nesse dia, após ajudar na organização inicial – limpando as folhas do chão próximo ao portão de entrada com um rastelo – as pessoas da Casa me disseram: "venha, participe das atividades". Assim, a preocupação de propor algo foi diluindo, na medida em que o rigor político, ético, estético foi efervescendo. Acredito que, se fosse analisado pelo ponto de vista químico, do que compõe minha estrutura, aquele foi (mais) um ponto de bifurcação. Ali eu pude experimentar uma marca que me afetou e me possibilitou romper fronteiras de um corpo.



Mobilizado a tornar essa investigação atravessada pelo Hip Hop, além do próprio contato rotineiro com a Casa, conheci seus cinco elementos: o RAP, o grafite, o DJ e o break; além disso, também há o chamado "quinto elemento", o qual a Casa, desde sua origem, opera abarcando o conhecimento. Um desses elementos, o grafite,

afetou bell hooks a escrever sobre o amor; ela começa seu primeiro livro da trilogia Tudo Sobre o Amor, indicando a frase que viu uma vez em um canteiro de obras e a transformou em uma fotografia pendurada em sua cozinha: "a busca pelo amor continua, mesmo diante das improbabilidades" (hooks, 2000, p. 28).

Para bell hooks, o amor não é somente algo associado à ideia de relacionamentos românticos, mas a ação aplicada à "vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa" (hooks, 2000, p. 44). Para amar, cuidar, é necessário fazer, fazer com vontade tal que aconteça o crescimento de si e de outra pessoa, produzindo, portanto, diferença – subjetividade.

Aqui, portanto, assumimos que o Deus do Nada opera a partir de tudo, para produzir a diferença que torna um corpo irreversível de seu estado anterior, para um novo estado – caótico, de maneira cíclica, em um processo de repetição em que cada vez que repete é uma vez única, diferente do que foi e do que será. É a diferença na repetição. O Deus do Nada produz diferença, potência, evolução espiritual. A ação do Deus do Nada é intrínseca ao amor. Então, assim, DO NADA, o problema de pesquisa e dos objetivos desta tese:

Problema de pesquisa

Que pode o encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop produzir com a Educação Matemática ao assumir afetos vivenciados e sentidos?

Objetivo geral

Assumir afetos vivenciados e sentidos no encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop, operando na diferença, com a cartografia.

Objetivos específicos

(a) cartografar afetos vivenciados e sentidos em uma casa de Hip Hop, ao se assumir o que enuncia, anuncia e denuncia cotidianamente; e

(b) discutir processos de produção de potência na Educação Matemática, operados junto a afetos vivenciados e sentidos em uma casa de Hip Hop.

A discussão metodológica desta tese foi deslocada para o final, texto que antecede as referências. Entre as motivações para a escolha deste caminho, diz respeito, também, à uma estratégia de guerrilha epistêmica, ao assumir que a Casa do Hip Hop de Piracicaba tem sido produzida por uma comunidade contra-colonizadora, que, de seus modos e significados, se apropria das armas de ataque dos colonizadores. Aqui, nesta página, utilizou-se os modos dos colonizadores (fonte, estrutura, cores) para deles chamar a atenção ao fato de que suas armas dominamos. Por enquanto, apenas nos defendemos.

> Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios (Santos, 2019, p. 35).

A partir do conceito de território para Deleuze e Guatarri, Alvarez e Passos (2015), indicam que haja nesse modo de pesquisa, o privilégio aos sentidos e aos modos de expressão. Dessa forma, nas próximas seções desta tese, em especial a que vem a seguir, podem ajudar a compreender o Hip Hop como produto do caos gerado pela instabilidade violenta que marcou diversos corpos. O Hip Hop, nesse caso, talvez tenha sido, tem sido, a resposta mais amorosa possível pela sobrevivência dos corpos que enunciam, anunciam e denunciam cotidianamente.

"O mundo é menos pior por conta do Hip Hop"

Dr. KL JAY, em show realizado na balada Afroblack, em Piracicaba, dia 8 de julho de 2023, às 3h.

Conversa realizada dia 14 de novembro de 2024, na casa de Joana Maria de Jesus. Aos 90 anos de idade ela foi uma das primeiras moradoras do bairro Jardim Glória, e é responsável pela chave do Ladeira - um outro espaço físico da Casa do Hip Hop de Piracicaba. Apesar de ela dizer pouco sobre a Casa/ o Ladeira em si, o espaço revela-se como um dos mobilizadores de sentido para pessoas de todas as idades, incluindo idosas, como é o caso de Joana.

Heinrich - Posso gravar? Tudo bem? E aí depois, pra eu lembrar, pra eu escrever... Aí fica mais fácil. Bom... deixar aqui, acho que pega mais. Então... primeiro, como que é o nome da senhora mesmo?

Joana - Joana.

Heinrich - Joana, Joana... perfeito. Eu sou o Heinrich, eu faço... eu faço doutorado, né? Eu terminei a faculdade, eu sou professor de matemática. Aí eu terminei a faculdade, fiz mestrado, doutorado... Agora eu estudo lá em Rio Claro.

Joana - Sei.

Heinrich - Aí eu venho aqui pra Casa do Hip Hop, ali na Paulicéia desde 2022, assim, que eu frequento ali pra... Pra escrever sobre a Casa, contar a história da Casa, sobre as pessoas, pra entender assim como que que começou, quem que são as pessoas que tão trabalhando na Casa... E aí, falando com o Bira, eu fiquei pensando na senhora, porque acho que a senhora pode me ajudar, então...

Joana - É, eu tou até pra fazer isso, muito pouco, agora, nem tô fazendo mais não.... mas, é... você veio pedir com o Bira, então vamos dá umas conversada com você. Mas antes vinha gente de longe, de São Paulo, tudo atrás de mim... e esse aí, eu não tô mais mexendo com essas coisas, não... mas eu vou falar umas coisas. Eu juntei aqui, era 77. Aqui era mato. Aqui antigamente não era rua não, era mato. Eu saí, eu tinha um menino desse tamanho, que é o dono desse carro hoje, era pequeno assim... Nós foi na prefeitura, eu pedi um lugar, que ia fazer o barraco. E tinha dado uma chuva muito grande, quebrou a casa assim... aí o prefeito me deu... E falou: "ó, cê vai caçar um lugar lá, que não for terreno, e faz um barraco lá, se interessar. Aí, nós... foi isso que eu fiz. Aí, nós chegou, mais meu marido, juntou, e os meninos, limpou o lugar e fez a casinha, e nós foi ficando por aqui... e foi chegando gente lá de Minas, rapaziada de lá da minha terra, não sabia, né... e colocou aqui, e tinha doze rapaz que morava mais eu, dentro de casa. E eu fazia doze marmitas, pra eles ir trabalhar, pra esses que veio de Minas, pra não deixar pra rua. Era conhecido tudo da minha terra... E foi. Aí, um menino meu, tinha feito um barraco aqui, aqueles barracão feio. Aí, depois ele falou: "mãe, eu vou querer ir embora pra onde que nós viemos". Aí, eu falei: "pega o barraco e vende". Aí ele pegou o barraco e vendeu pro Frei Sigrist. Aí, o Frei veio com as coisas dele, colocou esse barraco dele aí, e que fez essa casinha aí. Depois que fiz esse barraco aqui, ficou uma... duas muié que foi mais eu na prefeitura. Ela fez um barraco, a outra fez também, e eu fiz, essa já tinha morrido. E aí, agora o povo pegou e foi fazendo casa. Pondo um foguinho pra ali, um foguinho pra ali... até que se

virou... Hoje em dia, tá bom, não tá? É... mas o povo não capricha. O povo não capricha. Agora, se eles caprichassem... que nem hoje, ó, veio o povo da prefeitura fazer a... Era pra mode eles tudo junta pra conversar, uma coisa, né? E eles não vêm. Aí fala: "mãe, a gente interessa pra eles ou interessa pra mim". A gente tem que ser muito... né? Hoje, eles não dá respeito.... Eu trabalhei, meu marido morreu de tanto trabalhar. Morreu arrebentado aqui, ó, de tanto fazer... Óia, se cê vê o muro... eu vou mostrar procê o muro, depois vou mostrar o muro procê, da onde é que ele trazia pedra e era... Pra hoje... morreu rebentado. Agora, hoje eles não respeita, eu vou falar mais nada pra eles? Eu não vou, não. Não, não vou mesmo não. Me dói muito. Dói muito. E aí, eu tô... Meu menino que era pequeno... faz tanto tempo que eu moro aqui, agora em fevereiro... Em fevereiro, nós chegou em fevereiro, 77... Em fevereiro vai passar por 60 ano que eu tô aqui. E tô aqui, ó. É sem graça, que meu marido morreu, eu... briguei pra aposentar, não aposentei... conseguiu aposentar só o salário dele, ainda agradeço muito a Deus, né? Deus levou ele, ficou ao menos isso aqui, a casa pra mim... E o salário dele, que eu compro remédio. Eu tomo remédio direto... Mas, ele morou aqui, era muito unido com nóis, era muito unido comigo. Eu e meu marido era uma coisa enorme. Eu sabia passar por ele, passar por mim ele sabia... Tem dias que Deus, alembra eu dele, né? Agora... Meu marido... Aquela falta a gente tem deles, que foi embora. Meu filho mais velho, que morreu. Isso tudo eu sinto, né? Mas, então, aí... Aqui era... A polícia pra entrar aqui, entrava com cachorro. Então, praqui era tudo... tudo mato. Não tinha retrato, ainda. Então, daí quando ele tava roçando, achou onde o bandido jogou um bocado de roupa, era... tudo tava ali. Mas daí, quando o prefeito andou aqui, aquele prefeito antigo que foi embora há muitos anos, que veio aqui em casa, ele pediu pra eu ir lá na prefeitura que ele mandava pra mim e não mandou. Aí ele saiu da prefeitura. Mas eu tinha tudo, pra mostrar ao povo como é que foi.

[...um vizinho chegou para conversar com dona Joana, ao qual expliquei sobre a pesquisa e sobre a gravação...]

Agora o Bira veio aí. Eu falo memo, o que eu puder fazer pra ajudar ele, eu ajudo. Só não vem assim, é... negócio de noitão, não. Enquanto é de dia, o que eu puder ajudar, eu ajudo. Mas, até hoje, ele está sendo muito bom pra mim, então, o que eu puder fazer pra ele eu faço. Mas... Até o dia que Deus quiser.

Heinrich – A senhora conhece o Bira há muito tempo?

Joana – Pouco tempo. Quando ele abriu a... que eu conheci. Mas ele é muito bom. Já encerrou, né?[27]

---

27 Após parar a gravação, Joana comentou sobre os preços das coisas, que está tudo caro, pagou quarenta reais em um saco de arroz. Também falou sobre hoje em dia as pessoas usarem muita droga, que os filhos e filhas dela nunca usaram nada. Ela mostrou os muitos remédios e comentou sobre estarem muito caros; só um colírio, por exemplo, custa 200 reais. Falou que toda semana fica esperando o Bira chegar, e fica na garagem de sua casa sentada até a hora dele ir embora. Por fim, me levou para ver o muro que seu marido havia construído.



HIP HOP

TEMPO



Black.



Registro realizado durante aula de DJ com professor Marquinhos

Conversa realizada com Jaqueline Altomani no dia 14 de maio de 2023, na pista de skate – ao lado da Casa. O dia estava bastante calor, e, por conta disso, a gravação parou em alguns momentos, gerando uma conversa com duas interrupções, indicadas por [...]. Ela é autora da dissertação intitulada *Hip Hop e sapiência: os rappers como intelectuais orgânicos* (Silva, 2020).



Heinrich – Bom, então... eu sou o Heinrich, faço uma pesquisa aqui na Casa. Acho que tá fazendo um ano, por agora, já, inclusive. Eu, eu moro lá em Rio Claro e aí eu venho geralmente aos finais de semana, mas já vim durante a semana também, dependendo da situação e tal. E é uma pesquisa de doutorado. Eu sou da matemática. Eu sou formado em matemática, mas a área do doutorado é na educação matemática. Mas eu não trabalho com matemática. Eu trabalho com a ideia política, cultural, filosófica e tudo mais. E a pesquisa é sobre a Casa, sobre as pessoas, sobre como que essas pessoas potencializam as vidas e o espaço... E o que é tudo isso, assim, né? Enfim. E aí, eu tô sempre conversando com muita gente, conforme vai aparecendo gente assim pra eu conversar, né?

Jaqueline – Que legal. Você é o amigo da...? Não? É que uma amiga me deu um salve de um amigo dela, que tipo tava numa pesquisa também que ela tinha indicado um artigo meu e que essa pessoa ia conversar comigo. Mas eu acho que não é você, não. Mas tá tudo bem, vamo que vamo.

Heinrich – Não, não sou eu, não. Mas, enfim. E aí, a ideia é... é entender, assim, como que... é... como que cê veio parar aqui na Casa... Não sei. Não é uma entrevista, assim, é uma conversa, pra, sei lá... O que a gente conversa, que pode sair temas daqui ou não. Não sei... Porque a pesquisa ela é aberta, sabe? Eu não tenho os temas definidos...

Jaqueline – Tá. Caramba. Eu acho que amanhã, simbolicamente... simbolicamente fazem onze ou doze anos que eu entrei aqui pela primeira vez. Que a primeira vez que eu vim aqui era Dia das Mães, porque... Porque... É! Entendeu? O Dia das Mães pra mim é um dia que marca pra mim, que é o dia que eu me aproximei do Hip Hop, enquanto movimento político. Porque o que aconteceu foi: era Dia das Mães, o Dilsão tava organizando um campeonato... Pra você ter noção, sabe quem é o Lucas Pinheiro, o Palito? Que anda de skate? Que agora vai pra gringa etc? Foi a primeira vez que o Palito correu um campeonato, ele tinha sete anos de idade. Então, ele tá com dezenove...? Faz, tipo... vida. Ele era pequenininho, assim. E aí, tipo, eu vim pra cá porque eu ia vê o Palito correr. Era Dia das Mães... e eu vim vê um amigo que é órfão de mãe e a gente é amigo à milianos. Então, geralmente, no Dia das Mães, ele via a minha mãe. Tipo, era uma referência, de vínculo. E aí, a gente veio pra cá... Eu vi com a minha mãe... e... Eu tinha uma câmera, como eu tenho agora. Desse mesmo jeitinho. E aí, eu falei: "ah, vou levar a câmera e faço umas fotos". E aí, foi a primeira vez que eu vim na Casa. Eu não sabia que a Casa existia, não sabia o que era a Casa. Sabia que existia a quadra e que tinha o chão quadriculado ali na frente. E pensava várias coisas, mas não sabia o que era. E aí, eu fiz as fotos, a gente brincou, a gente se divertiu. No final do dia, o Bira chamou lá na

salinha. Aí ele falou: "viu, eu vi que cê tem uma câmera, cê tá começando?" Aí, eu: "ah, tô". Aí, ele falou: "cê não quer vim fazer umas fotos? Vai ter um evento". Aí eu falei: "vai ter um evento, mas evento do quê?" Falou: "vai ter show do Marechal". Aí, eu já fiquei, tipo: "quê? Vai ter show do Marechal? Eu tenho o CD do Marechal. Como assim vai ter show do Marechal? Que doideira!". Eu falei: "não, eu quero vir sim e tal". E eu fui ficando. Eu fui ficando. E... e antes de vir pra Casa, eu vivia várias situações de vulnerabilidade social. Minha adolescência foi bem caótica, minha infância foi bem caótica, também. Porque eu nasci no [bairro] Califórnia, que é um bairro popular por cocaína. Então, a maior boca de cocaína da cidade é lá. E a minha perspectiva era a mesma de todas as minas do meu bairro: ou engravidaria ou, enfim... E quando eu vim pra cá, eu comecei a ter contatos com pautas que eram socialmente importantes. Então, as pautas da cultura, as pautas da política, as pautas do movimento Hip Hop, as... os fundamentos do movimento Hip Hop. E aí, o Bira, a Patrícia[28], o Adilson[29], o Tiu Igor - o Igor Serra[30], principalmente... Foi fundamental para a minha formação, porque foram pessoas que falaram pra mim: "pô, você é inteligente, você tem... você pode conhecer as coisas, você pode ser cidadã, você pode ser, é... politicamente ativa. Você pode fazer coisas. E coisas que eu nem imaginava que existia. Então, a partir da Casa, eu fui em diversos congressos políticos, congressos de Hip Hop, congressos de educação... E eu fui indo... Eu fui indo e a galera foi me levando. E eu fui, tipo, entendendo que a Casa era uma porta aberta pro mundo. Porque, apesar dela ser um espaço, um território, muitas pessoas, muitos coletivos, muitas frentes transitam por aqui. Então, aqui eu entendi o que era a universidade. Eu entendi que eu podia entrar na universidade, eu entendi o que era um edital, o que era dinheiro público, que eram leis, o que eram projetos de leis, como se construir a política pública. Eu fui uma das crianças que votou pra construção da pista de skate. Eu tava lá. A gente fez essa luta política, tipo... criança! É... Nem era secundarista, ainda, não era secundarista. Eu tava no primeiro ano do Ensino Médio. Então, tipo: entender essa potencialidade que é a Casa pras juventudes. A Casa mudou muito nesses... quase doze, sei lá quantos anos que se passaram... Mas isso continua porque continua esse trânsito de pessoas, esse acesso, essas possibilidades e um espaço do sim. Eu acho que durante muito tempo eu tive um espaço que "não, não pode, não deve, não é bom, você não pode..."

Heinrich - Espaço do sim...

Jaqueline - Só... só não. Só não. E, quando eu cheguei aqui, eu... E, assim, eu... eu, primeiro: eu podia falar. Eu podia falar! A Casa foi um lugar que me ensinou a falar. Se eu falo muito bem, se eu sou articulada, é porque eu pude testar tudo na Casa. Então assim, pô... falar em reunião... como se fala numa reunião? Como cê se porta numa reunião, numa reunião com vários coletivos? O que é um coletivo? O que é ser coletivo? "Pode?" "Pode." "Pensei em fazer..." "Vai lá, faça. A gente apoia, você consegue!" E aí, cê fica tipo... Oportunidades. Portas abertas. O que não é a realidade da maioria das pessoas, né? O que não é a

[28] Uma das principais lideranças desde o início da Casa. Atua com o Sarau das Minas.

[29] Mais conhecido por Dilsão, é coordenador administrativo da Casa, professor de skate e um dos principais mobilizadores junto com juventudes que passam pelo espaço, incluindo a Pista de Skate. Ele foi entrevistado na dissertação de Hummel Hara (2022), e conta sobre a criação da Pista. Nas redes, utiliza o @dilsao_chama

[30] Um dos principais percursores da batalha de rimas Batalha Central.

realidade da maioria dos jovens, das crianças. "Porque você não está pronto, não está na hora, agora não pode, você não serve, não é o suficiente..." Aqui, não. "Pode" Aqui: "deve, faça, continue...", sabe? Eu acho que foi... foi nesse sentido, assim, que eu conheci a Casa e que eu quis ficar. A Casa é um lugar que eu sempre retorno. Sempre que eu tenho alguma questão, sempre que eu tenho alguma dúvida, sempre que eu posso, eu volto. E somo. Somo como eu posso. Se é pra catar tiririca na horta, se é pra fazer... foto, se é pra construir edital... eu volto. Eu volto porque é um lugar que faz parte da minha vida. E faz parte da minha vida de um jeito muito poderoso. Que eu conheço pessoas muito incríveis, que eu tive oportunidades muito legais, assim... Eu lembro, pô, eu tinha quinze anos eu tava sentada numa mesa com o Dexter, com o KL Jay e com o Gog, comendo amendoim. Eu não tava fazendo nada, mas eu tava lá. Eu estava vivendo a parada. E, tipo, esse tipo de oportunidade me fez querer as coisas. Me fez querer construir novas... pra outros jovens, pra criançada que está aí agora, criançada que vai chegar e continuar o trabalho. É na Casa? Às vezes, não. Já foi muito tempo na Batalha Central[31]. Eu faço parte da Batalha Central, da coordenação. E, às vezes é na Batalha central, às vezes é no Terra Mater[32], às vezes é na Santa Calle[33]. A gente vai se dividindo e multiplicando.

Heinrich - Santa Calle?

Jaqueline - É. Que daí, o que aconteceu foi: eu fui pra faculdade, eu sou graduada em jornalismo, porque eu comecei fotografando, né? E aí, a minha ideia era: "pô!" Eu... eu sempre gostei de foto, tipo, desde, sei lá, desde o Ensino Fundamental. Eu, tipo, imprimia os livros na escola, de fotografia, pra ficar lendo, pra tentar entender. Entendia porra nenhuma, mas tentava. E aí, quando eu fiz quinze, eu comprei uma câmera. E aí, eu fui atrás e tal... E eu queria entender qual que era a minha relação com fotografia. E eu entendi que a minha relação com a fotografia existia porque a família do meu pai começa na gente. Assim, eu não tenho história. O meu avô foi vendido... criança, e... pra família da minha vó. A minha avó casou com meu vô e ela foi deserdada. Então, a gente não tem família antes da gente. A gente começa na gente. Então, tipo, registo, foto sempre foi muito importante porque a gente não tem história. E aí, eu queria contar a história. Então, eu comecei na foto... "só que não... não é o suficiente, tem que escrever, tem que registrar e tal. Vou pro jornal." Queria ir pra história, mas, na história, eu entendia que eu ia contar a história. Eu queria escrever. E aí, me graduei em jornalismo. Terminei a faculdade. Só que aí, jornalismo é aquela loucura, né? Cê vai fazer jornalismo no interior de São Paulo... Aí, eu já tava na militância. Eu fui fazer o quê? Cobrir reintegração de posse. Eu fui, tipo, fazer jornalismo de guerrilha. Fui construir com o MST. Fui fazer um monte de coisa... Pá! Quando eu tava no último ano da faculdade... aí, a civil, a militar, me pegou aqui dentro da Casa. Fiz meu aniversário aqui, a gente fechou a Casa, era duas horas da manhã, parou cinco viaturas. A gente foi levado... foi, acho que seis ou sete horas de tortura... E foi bem pesado, assim.

---

[31] Batalha de rima que acontece no centro de Piracicaba, na Praça José Bonifácio, desde 2009.

[32] Instituto que atua como uma associação comunitária para promover e fomentar a cultura e a economia criativa em Piracicaba.

[33] Produtora cultural sob a tutela de Jaqueline.

[...]

Jaqueline – Praticamente tinha um piano por casa. Um piano por casa. E aí, cê vai achar o registro disso nas pinturas do... do Almeida Júnior[34]. Tá lá na Pinacoteca de São Paulo. Chama "O lar"[35], eu acho. Tem, assim: o pai, sentado, lendo um livro; uma criança no chão, cuidando de mais duas crianças; a mãe, a mamãe com outra criança e do lado tem um piano. Era comum. A Tarsila do Amaral[36] vinha tomar café na beira do rio. O tal do Almeida Júnior tava sempre por aqui. Tava fazendo o quê? Tava com os boy. Piracicaba, no prédio que hoje é o Senac, tinha um centro de estudos anarquistas. Aqui [no bairro] na Coréia tinha um movimento negro de... dos negros que estavam chegando pra trabalhar aqui no final do período colonial. Lá [no bairro] em Santa Terezinha tinha um quilombo. Não é à toa.

Heinrich – Não, não é. Não é do nada.

Jaqueline – É só continuidade. Ninguém tá inventando a roda. É tudo uma continuidade de trabalhos que estão sendo feitos desde sempre e desde os indígenas, porque Piracicaba tá na rota das navegações indígenas. Então é um lugar de movimento, porque é um território de movimento. E a gente na tá inventando a roda, a gente só tá fazendo o que foi feito pra nós fazer. Que foi sempre nós mesmo. É meio que natural. Tipo, você tá aqui porque é isso. Tu deveria tá.

Heinrich – É... se eu fosse... igual cê falou. Assim, se eu fosse... a perspectiva de vida na onde eu morava era essa também. Ah, hoje era pra eu tá com três, quatro filhos, morando lá na comunidade, no mesmo trampo de sempre... Mas por uma questão política, principalmente de acesso à universidade, me possibilitou viver outras coisas, né?

Jaqueline – É, sim. E assim, sinceramente, se você não tivesse na universidade, você ia acabar chegando aqui do mesmo jeito.

Heinrich – Sim, isso que é doido.

Jaqueline – Porque isso aqui não tem nada a ver com a universidade.

Heinrich – Isso que é... isso que é foda, assim... isso que é louco, né? De pensar.

[...]

---

[34] Pintor e desenhista brasileiro, que passou parte de sua vida em Piracicaba, na segunda metade do século XIX.

[35] A obra a qual Jaqueline se refere é a Cena de Família, de 1891.

[36] Jaqueline fez referência à essas pessoas para indicar que a cidade de Piracicaba foi tomada por pessoas ricas, à época; porém, também indica movimentos de resistência, por exemplo a existência de um quilombo no bairro Santa Terezinha.

Jaqueline – Como um todo, de fato, está mais politizado. Teatro RAP[37], uma parada assim. Depois eu mando uma foto da capa pra você.

Heinrich – Tá vendo? É assim que a minha pesquisa é construída. Pelas pessoas da Casa. Não sou eu que estou fazendo, cês estão me orientando.

Jaqueline – É... Aí, você vai ler "Batidas, rimas e vida escolar", do Marc Lamont Hill[38]. Que ele vai falar sobre a pedagogia Hip Hop, educação com base no Hip Hop, dentro de uma experiência de ensino de RAP dentro de uma escola-arte nos Estados Unidos. Mas, o legal é que ele vai dar a base pedagógica do Hip Hop, que é essa base pedagógica que é trabalhada na USP de São Paulo. Que é a metodologia que a gente usa na Batalha Central e que a gente usa pra construir. Aí, a gente tá tentando um ProAC[39] pro ano que vem pra gente ter formação de arte educadores aqui, dentro da pedagogia Hip Hop com os intelectuais da faculdade, das universidades, que trabalham isso. Enfim. Mas aí, não passamos ainda. Mas... aí, deixa eu pensar outro... Ah, tá. Aí, cê vai jogar no Google, porque eu não lembro o nome do texto: conectividades marginais. É da... Ai, ela é do break... Eu não consigo lembrar o nome...

Heinrich – Tá, mas não tem problema, porque aí com os elementos, eu... eu acho.

Jaqueline – Mas, enfim. Mas, aí ela vai falar o que são as conectividades marginais. Elas são aquele negócio, que assim... Ela vai colocar em palavras e ela vai descrever isso, que é o que me faz me sentir conectada com você, com o Bira... E é essa parada... É porque a gente têm referências visuais, sentimentais, físicas, de comportamento, que fazem a gente enxergar o outro na rua, e cê não precisa conhecer a pessoa, mas cê sabe quem ela ela é. Ou cê tá num ambiente que não é o seu ambiente, cê dá uma caçada, assim, e cê acha os seus. Que é tipo as nossas marginalidades que nos conectam e isso é muito foda, isso é muito potente dentro do... dentro do Hip Hop. E aí, isso é... isso que possibilita... Porque a marginalização, ela é um processo do capital. E esse processo do capital, mesmo sendo no capitalismo tardio, ele vai acontecendo no mundo inteiro. Então, se você... É que eu não sei que pé você tá, nesse momento, mas... De se identificar, mesmo. Então, assim, se se eu estou andando em qualquer lugar do mundo e eu vejo uma pessoa que ela é do Hip Hop, eu sei que ela é do Hip Hop, ela não precisa falar. Tipo, eu consigo olhar pra ela e saber que ela... que eu posso me conectar a ela, porque a gente tem as conectividades marginais. E aí, isso é muito louco, porque isso vai funcionar tipo com os mais velhos que os mais novos... Tipo, a gente

---

[37] Chamado de Ópera RAP, o espetáculo dirigido por Joel e Naomi Torigoi, ganhou os palcos de Piracicaba e de outras cidades, como São Paulo, em 1994. Os diálogos eram todos compostos em forma de RAP e tinha Bira como uma das estrelas da peça, que, aos seus 16 anos de idade impactou o Racionais MC's que fizeram a abertura do espetáculo. (Folha de São Paulo, 1994a, 1994b)

38 Originalmente intitulado por Beats, Rhymes, and Classroom Life: Hip Hop Pedagogy and the Politics of Identity é um livro de Marc Lamont Hill que apresenta uma experiência realizada em uma escola periférica na Filadélfia, nos Estados Unidos da América. O autor propõe a Pedagogia Hip Hop como possibilidade para que estudantes pudessem analisar textos oriundos de RAP e ressignificassem suas identidades de modo singulare e coletivo (Hill, 2014).

[39] ProAC é o Programa de Ação Cultural de São Paulo, que apoia projetos culturais do estado regulamentado legislativamente.

se conecta dentro das nossas expectativas de linha. Isso também conecta os brancos, os ricos, entre eles. Mas aí, entre nós, são as nossas conectividades marginais, que é muito legal.

Heinrich – Isso é foda! Porque eu estou começando a escrita pelo... por uma coisa que o Cadson me falou. Que é as coisas que acontecem do nada. E, a partir daí, que eu tô começando a pensar, o que é esse do nada, né?

Jaqueline – Não é do nada.

Heinrich – Exatamente. Que não é Do Nada. Como se dão essas produções de afetos aqui nesses ambientes, não é Do Nada. É... Existem contextos políticos, sociais, culturais, entre outros elementos como esse que você me falou agora...

Jaqueline – Olha, eu acho que seria legal você ler o livro da... da bel hooks, o Tudo Sobre o Amor e Novas Perspectivas. Ela vai falar sobre tipo amor, afeto e cuidado. O que você vê aqui não é afeto. É cuidado. Afeto e amor são diferentes do que você vê aqui. Aqui a gente se cuida, não significa que a gente... na verdade, nem significa que a gente se gosta. E isso é fundamental, porque assim, se não, coloca todo mundo dentro de um bloco "Ah, se você é do Hip Hop então você é amigo." "Não, não sou amiga". Eu cuido. A gente se cuida, a gente se protege, porque a gente sabe das nossas marginalidades, mas não significa que eu gosto. Tem gente que eu não gosto. Mas eu vou proteger. Tem gente que eu não concordo, mas eu vou proteger. Tem gente que tipo, eu sei de coisas, eu falo essas coisas só pra pessoas que eu conheço, eu não vou ficar explanando porque eu não... Isso aqui é espaço de cuidado. Tem afeto? Tem. Entre algumas pessoas. E aí, é legal, porque ela vai tipo definir isso, em palavras. Porque também são escolhas, né? São escolhas. Aí, é legal a gente colocar isso... não... tipo... dá a sensação que a Casa é materna. E a Casa também não é uma mãe. Ela é uma instituição. Deixa eu ver que horas são... que eu tenho...

Heinrich – Ah, show, caraca!

Jaqueline – E aí se eu for lembrando de mais coisas...



Registro do container que abriga a biblioteca da Casa, com grafites de artistas da cidade

Quando esta tese começou a ser produzida, o entendimento parecia ser o de que não havia nenhum trabalho acadêmico sobre "Hip Hop" E "Educação Matemática". Analisando essa frase, seria possível dizer que não foi publicada nenhuma tese, dissertação ou artigo em periódico científico sobre os dois temas quando filtrados em conjunto nos mecanismos de busca. Porém, o cenário agora é outro.

Escrever uma tese, um trabalho acadêmico, pode significar idas e vindas, inclusive sobre os modos e significados de uma tese. Há muitos caminhos possíveis, e, no limite, é preciso escolher alguns. Há algumas fases que, pode-se dizer, são mais marcantes: a confecção inicial do projeto, em que se prevê as rotas iniciais; a redação e apresentação do texto de qualificação; redação final do texto, em que tudo precisa estar, mesmo que nem tudo. É nesse momento, final, que as pessoas que participaram da banca de qualificação mais interagem, apoiam, suportam o que foi apresentado previamente - com suas sugestões, os caminhos ganham foco e se cruzam. É nesse momento, de redação final, que o produzido precisa isso, ser final. Mesmo que o final de um início. Com resquício do que foi, é, será. Os caminhos que se encontram, cruzando, foram aqui, escolhidos, assumidos, também a partir da Pedagogia das Encruzilhadas, como estratégia de guerrilha epistêmica, por meio dos sensos:

> Político, pois assume como problemática ética/estética e ato de responsabilidade a luta contra o racismo anti-negro e a transgressão dos parâmetros coloniais. Essa dimensão está implicada diretamente com a preservação da vida em sua diversidade; Poético, pois emerge a partir e em um diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas. Ou seja, produzidas como não possibilidades uma vez que são sistematicamente descredibilizadas. A dimensão poética, que aqui deve ser lida no cruzo com a problemática epistemológica, revela a impossibilidade de separação entre ser, saber e suas formas de produção de linguagem. Assim, a emergência de outras gramáticas perpassa também pela dimensão política de defesa da vida em sua diversidade; Ético, implicada com uma das principais demandas a ser vencida na colonialidade, a invenção de novos seres. A dimensão ética perspectivada pela educação revela não um método a ser aplicado para a resolução dos dilemas escolares, mas emerge como um ato responsável comprometido com a transformação dos seres. A educação é aqui lida como fenômeno existencial na articulação entre vida, arte e conhecimento. Assim, a perspectiva das encruzilhadas emerge como potência educativa, uma vez que abre caminho para outras invenções que transgridem o desvio existencial e o desmantelo cognitivo incutido pela ordem colonial. (Rufino, 1987, p. 20)

O tempo todo esta tese busca se manter de pé. Consegue? Importa o que se assume: vida. Tempo como ilusão. Desordem, e, talvez, caos. Operar com potência educativa para transgredir fronteiras colonialistas. Conhecer e apresentar as que aí estão.

Tradicionalmente, em trabalhos acadêmicos, é realizada uma investigação acerca das produções existentes acerca de determinado tema que se deseja investigar. Esse processo pode ser denominado por revisão de literatura; consiste, basicamente, em acessar bases de dados com teses, dissertações e artigos de periódicos a partir de palavras-chave sobre um determinado tema.

Na última semana de novembro de 2024 busquei pelas seguintes palavras: "educação matemática" e "hip hop" - como nas plataformas pode haver diferença em utilizar o hífen (hip-hop), em todas as pesquisas realizadas foram consideradas as duas escritas. Foram incluídas as bases Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Scielo - que leva em consideração outros países, além do Brasil, e periódicos científicos. Também foram consultados os termos em inglês (mathematics education e hip hop). Os resultados para essas buscas foram:

Base de dados	educação matemática	mathematics education	hip hop	hip-hop	educação matemática AND hip hop	educação matemática AND hip-hop	mathematics education AND hip hop	mathematics education AND hip-hop
Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	9.183	2022	483	483	1	1	1	1
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	6.430	2.547	468	468	2	2	0	0
Scielo	1.209	710	64	51	0	0	0	0

Observações sobre os resultados:

1. Para o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes: a) o único resultado para a junção dos termos, nos dois idiomas, refere-se ao mesmo documento; b) foi pesquisado utilizando os termos com aspas " ", pois não é possível adicionar mais termos de maneira nativa na plataforma.
2. Para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações: a) um dos dois resultados para a junção dos termos refere-se ao mesmo documento do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; b) foi pesquisado utilizando a ferramenta de busca avançada, adicionando os termos em campos de busca separados; c) foi pesquisado utilizando os termos com aspas " ".
3. A plataforma Scielo: a) refere-se a periódicos científicos e leva em consideração outros países, além do Brasil; b) foi pesquisado utilizando a ferramenta de busca avançada, adicionando os termos em campos de busca separados; c) foi pesquisado utilizando os termos com aspas " ".

UFA! – onomatopeia dedicada para imitar, com a escrita, o som de cansaço, alívio ou surpresa que emitimos ao *respirar* de maneira mais profunda.

ALIÁS, sobre respiração, eu fiz um retiro de dez dias em silêncio. Das muitas coisas operadas pelo Deus do Nada, a concorrida inscrição ocorreu exatamente no dia em que eu completei trinta anos: 28 de novembro de 2021. Sagitariano. Quando criança, eu contava as falanges dos dedos das duas mãos, e percebia ser 28 – me perguntava sempre se era por acaso.

Bem, lá no retiro, eu aprendi sobre sensações. O objetivo da formação é esse: aprender sobre uma técnica de meditação para observar as sensações do próprio corpo. Quando eu apenas respiro, naturalmente, sem controlar a respiração, e só fico como um observador de mim mesmo, o que eu sinto? Para isso preciso ficar completamente inerte, numa mesma posição, em uma Forte Determinação de apenas observar as sensações do meu corpo. Sensações físicas e, em algum grau, espiritual – dos chakras. Uma mente que observa a si mesma, assim como está atenta à potência de cada chakra e não julga o que percebe – de fato, apenas observa. Ao fazer isso, sankara é liberado: que são as reações agradáveis ou desagradáveis produzidas ao longo da própria trajetória da vida presente e de outras que passaram. Cada sankara que se libera, é uma oportunidade de evoluir no sentido contrário ao sofrimento. Se sofro, é porque produzi sankara (ou seja, julguei e reagi) a diversas sensações. Pra mim, escrever, sintetizar, também ajuda nesse processo de observação. Então, o que estou sentindo? Ou: por qual motivo apareceu aqui, DO NADA, um trecho sobre respiração, espiritualidade, sofrimento...?

Como já dito em outros momentos, aqui, se defende a vida. Isso não é possível sem calor, sem um coração pulsante, sem respiração... Ao menos não em um corpo físico, biológico. E o Hip Hop? Que é, aqui? De que modo é assumido? Junto com afetos vivenciados e sentidos em campo. Vale retomar um dos textos que abre esta tese, a fala do Bira – presidente da Casa do Hip Hop –, em comemoração aos 20 anos da Casa, em 06 de novembro, de 2022:

[...]
Hip Hop pra mim é religião
Hip Hop pra mim, é família
Hip Hop pra mim, é atitude
É a luz
É meus orixás
É o acreditar
É a Casa do Hip Hop
Quando eu entendi que Hip Hop é isso, a minha vida mudou, meu discurso mudou
Eu não posso jogar Hip Hop
Eu não posso dançar Hip Hop
Eu danço a cultura Hip Hop
Eu canto a partir da cultura Hip Hop
Eu me mobilizo, a partir da cultura Hip Hop
O que é a palavra Hip Hop? É balançar o quadril.
[...]
A gente faz porque pra nós, faltou lá. E a gente entendeu que a falta lá, nos fortaleceu aqui. Então, hoje a gente é resistência por causa disso. Infelizmente, faltou o sistema fazer. Faltou a sociedade fazer. Criaram, aqui, ó: um monte de monstros. Então a gente não é qualquer coisa. A gente é resistência. A gente é vontade. A gente é desejo. A gente é esperança. A gente é vida. Certo? [...]

Bira fala do Hip Hop. Apresenta elementos da cultura Hip Hop. Aliás, apresenta o Hip Hop como cultura. Que pode a cultura Hip Hop e a Educação Matemática? Do ponto de vista acadêmico essa indagação e seus potenciais desdobramentos podem encontrar possibilidades em outros trabalhos já realizados. Para tal, continuemos buscando recuperar o que já foi produzido nas bases de dados.

Considerando os poucos resultados obtidos no banco de Teses e Dissertações da Capes, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e na plataforma Scielo, passei a buscar em outras plataformas, como o Google Acadêmico, que indexa conteúdos na íntegra de materiais acadêmicos, além do título, resumo e palavras chaves. Os termos "mathematics education" and "hip hop" retornou aproximadamente 1580 resultados.

UFA! O primeiro resultado, uma resenha crítica de um livro: *Hip-Hop and Mathematics: A Critical Review of Schooling Hip-Hop: Expanding Hip-Hop Based Education Across the Curriculum* (DAVIS; PITTS BANNISTER; MUTEGI; 2014). Com esse texto, conheci uma metodologia escolar voltada para uma educação a partir do Hip Hop, ou, Hip-Hop Based Education (HHBE).

Busquei, então, no Google Acadêmico, por "hhbe" and "mathematics education", por entender que poderia ser um caminho de investigação. E, de fato, foi o que aconteceu. O primeiro resultado, intitulado *The Effect of a Hip-Hop Based Education Unit on Fifth-Grade Students' Math Achievements*; chamou atenção; porém, antes de abri-lo, um outro artigo relacionado direcionou novamente a investigação.

INTEGRASI AKTIVITI MUZIKAL DALAM PENGAJARAN DAN PEMBELAJARAN MATEMATIK: SATU KAJIAN LITERATUR, foi escrito por Imam Koning et al., e publicado em 2021. Utilizando um tradutor que detectasse o idioma e traduzisse o texto, identifiquei que o texto estava em língua malaia, e, o título, em português seria algo como: *A INTEGRAÇÃO DE ATIVIDADES MUSICAIS NO ENSINO E APRENDIZAGEM MATEMÁTICA: UM ESTUDO DA LITERATURA.*

Este artigo diz respeito a possibilidade de associar música, em termos de altura, andamento e ritmo, aos conteúdos matemáticos, a partir de uma normativa do equivalente ao Ministério da Educação na Malásia. Os autores realizaram esse estudo com base em diversos artigos da literatura, apontando quais impactos da utilização de atividades musicais no ensino e aprendizagem da matemática.

Não. Imam Koning et al. não falaram sobre Hip Hop nesse artigo. Eu percebi isso ao terminar de ler o texto traduzido. E fui voltando todo o processo realizado para chegar até aqui. Foi assim que eu percebi que, talvez, os trabalhos de educação matemática associados ao Hip Hop que praticamente não foram encontrados anteriormente pudessem ser encontrados ao investigar os elementos do Hip Hop, e não o Hip Hop em si.

Porém, uma vez que nesse caminhar apareceram resultados em outros idiomas, em plataformas que abrangem a base de dados de outros países, recorri às recomendações da UNESP para uma pesquisa mais abrangente. Por meio do acesso por Virtual Private Network (VPN), a universidade disponibiliza o

acesso a serviços restritos, como e-books, periódicos, revistas entre outros tipos de materiais (UNESP, 2023). Então, elaborei a composição de um quadro, com dez bases de dados, em que foram pesquisados os termos "mathematics education", "hip-hop" e a junção de ambos. Também realizei a busca por "hip hop", sem o hífen, para garantir que não há diferença. Em todos os casos foram utilizadas as aspas. Além disso, mantive quase todas as configurações padrões, alterando apenas para buscar em toda a base, pois, diferente dos modos científicos do Brasil, as bases internacionais assumem um modo de produção envolvendo a mercantilização dos saberes – limitando o acesso e distribuição, muitas vezes cobrando em euro ou dólar. Felizmente, como ensina Nego Bispo, é possível recorrer à pirataria.

Base de dados	"mathematics education"	"hip-hop"	"mathematics education" AND "hip-hop"	"hip hop"
CABI Digital Library	152	172	0	172
Embase	686	316	0	316
Elsevier/ Scopus	13.633	4.009	1	4.009
IEEExplore	1.570	43	0	43
jstor	27.988	42.498	121*	42.498
ProQuest	167.636	1.298.527	3.373*	1.298.527
ScienceDirect	7.914	2.304	6*	2.304
Sage Research Methods	77	70	3*	70
Science	405	34	0	34
Web of science	18691	3592	0	3592

* Ao alterar o parâmetro para buscar apenas título, resumo ou palavras-chave o resultado é de 0 trabalhos recuperados.

Observa-se que as bases de dados podem utilizar a mesma fonte, e, portanto, o resultado recuperado de uma base, também pode ter sido recuperado por outra. Olhando de maneira separada, há um volume considerável de produções de Educação Matemática e de Hip Hop; mas é muito menor – em alguns casos nenhum –, quando se trata de ambos os termos somados com o operador AND. Para esses casos em que foram recuperados, foi construído um outro quadro, citando e/ou comentando os resultados.

Base de dados	Resultado recuperado para a busca "mathematics education" AND "hip-hop"
Elsevier/ Scopus	O único resultado recuperado, é um artigo intitulado "Concept raps versus concept maps: A culturally responsive approach to STEM vocabulary development", produzido por Young et al. (2018).
jstor	Apesar de terem sido recuperados 121 materiais, a base de dados faz uma busca levando em consideração todo o conteúdo, mesmo que cada termo tenha sido citado apenas uma vez. Por exemplo, um dos resultados, "Doctoral Dissertations on Russia, the Soviet Union, Central Asia, and Eastern Europe Accepted by Universities in the United States and Canada, 2019" (THURSTON, 2020) apresenta uma lista com o título de trabalhos produzidos, mas que não estão relacionados entre si; entre eles, há um sobre "hip-hop" e outros dois sobre "mathematics education".
ProQuest	Há 3.373 resultados recuperados ao buscar os dois termos conjuntamente. Porém, a pesquisa leva em consideração todo o conteúdo dos documentos.
ScienceDirect	Nenhum dos 6 resultados recuperados são sobre "mathematics education" e "hip-hop", mas sim acerca de temas que permeiam os dois termos; em alguns casos, são apenas os currículos de autores de livros.
Sage Research Methods	Os 3 resultados são e-books, disponíveis integralmente. Nenhum é sobre "mathematics education", nem sobre "hip-hop" tampouco sobre a junção dos dois temas.

Portanto, considerando essas buscas e produções recuperadas, levando em consideração os termos "hip-hop" e "mathematics education" somados com o operador AND, foram encontrados dois trabalhos, ambos em inglês, que já foram citados.

Concept raps versus concept maps: A culturally responsive approach to STEM vocabulary development (YOUNG et al., 2018), trata sobre o uso da pedagogia hip-hop para reforçar o vocabulário em science, technology, engineering and mathematics (STEM). Nesse artigo, discute-se que a chamada 'pedagogia hip-hop' oferece possibilidades para estudantes com diversidade cultural, tradicionalmente marginalizados e negros, além de ser relevante para o empoderamento coletivo.

Young et al. (2018) apontam que, os mapas conceituais – utilizados em processos de ensino e de aprendizagem de matemática – são estruturalmente semelhantes às letras de músicas de RAP, e compartilham elementos comuns.

> Concept maps and rap songs share four elements in common. Both include: the main idea or major point for consideration; a series of connections to the main idea; explicit explanations/elaborations on the relational structure of the main idea; and a formal organizational structure that users recognize.
>
> The main idea in a concept map is the concept, while the song title is typically recognized as the main idea in a rap song. Connections to the main idea are made through linking words in concept maps and the hook in a rap song. The next common element is explanations/elaborations that come in the form of semantic units in concept maps and as verses in rap songs (Young et al., 2018, p. 5).

Como desafios dessa prática, Young et al. (2018) indicam que 80% de docentes nos EUA são pessoas brancas, de classe média, sendo que, em STEM, são majoritariamente homens. Por fim, concluem que a pedagogia hip-hop seja empregada não apenas como motivadora, mas sim como mobilizadora de novas maneiras de pensar – pois, por exemplo, o RAP cria padrões para gerar música, e, a matemática, procura padrões para resolver problemas.

The Effect of a Hip-Hop Based Education Unit on Fifth-Grade Students' Math Achievements (Lutes et al., 2021), é fruto de um doutorado intitulado *The Rose That Grew from Concrete: A Study of Hip-Hop Based Education in Urban Fifth-grade Math* (Lutes, 2019), que está sob embargo até julho de 2026. O artigo trata sobre a educação baseada em Hip Hop, ou Hip Hop Based Education (HHBE), e seus benefícios no processo de ensino e de aprendizagem de matemática levando em consideração o gênero. Para isso, foram realizadas quatro semanas de implementação da HHBE, e participaram: 113 estudantes, que fizeram testes antes e depois das atividades, e escreveram – semanalmente – redações acerca de suas percepções; cinco docentes, que responderam à entrevistas individuais presenciais com dez perguntas previamente estruturadas.

O artigo indica que as quatro semanas envolveram os elementos da HHBE, incluindo "rap songs, dancing, sampling, cyphers, rap battles, and hip-hop word problems" (Lutes et al., 2021, p. 7). Foram estudadas letras, batidas e fluxo de canções, acompanhadas por movimentos de danças, e, posteriormente, batalhas de RAP com músicas criadas com objetivo de compartilhar e debater estratégias para soluções de problemas matemáticos – por exemplo, cálculo de volume a partir do conhecimento prévio sobre área de figuras geométricas:

> In the HHBE unit, sampling was used as a prediction strategy. Students viewed existing knowledge and were asked to create new knowledge using the existing pieces. For example, students were shown an area problem and were asked to use their previous knowledge of the area to create new knowledge about volume. In a traditional curriculum, students may be asked to access their background knowledge but not to mix it to create new knowledge (Lutes et al., 2021, p. 7-8).

Lutes et al. (2021), apresentam resultados estatísticos indicando a melhora no desempenho em matemática nos testes realizados após as atividades – tanto para meninos quanto para meninas –, para a maioria de estudantes, sendo de aproximadamente 60% ao longo das quatro semanas; em suas redações, mais meninas que meninos indicaram perceber maior facilidade na aprendizagem. Docentes que participaram das entrevistas também indicaram suas percepções na melhora por parte de estudantes.

O artigo indica a HHBE como possibilidade de estratégia nas aulas de matemática, em especial para estudantes com inserção em contextos de baixa renda, além de potencializar os processos de ensino e de aprendizagem ao levar em consideração elementos da cultura, aproximando a vida cotidiana à sala de aula.

Dessa forma, retomo à frase dita anteriormente: Não há nenhum trabalho acadêmico sobre "Hip Hop" E "Educação Matemática". Os resultados apresentados dizem o contrário, inclusive se levar em consideração a utilização dos termos em inglês. A onomatopeia – ufa! – primeiro utilizada como sinônimo de cansaço, e depois de alívio, agora reaparece com seu terceiro significado indicado: surpresa. **UFA!**

Aqui, ao respirar diversas bases de dados, a surpresa se dá pela sensação de que, apesar da primeira percepção em relação à existência de trabalhos acadêmicos sobre "hip hop" e "Educação Matemática" estar equivocada, ela é escassa. Dentro da surpresa cabe ter conhecido possibilidades em sala de aula tanto da pedagogia hip-hop, quanto da HHBE.

Porém, levando em conta afetos vivenciados e sentidos, de elementos que foram, estão sendo, e serão enunciados, anunciados e denunciados, pode-se questionar o fora. Além das fronteiras da sala de aula, que lutas também podem integrar juntas à Educação Matemática?

Como outras composições aqui, o som, o volume, vão diminuindo, e, repentinamente, para ecoar outras batidas, outras vozes, de discos que estão sendo enunciados, parece encerrar do nad

"O que é a palavra Hip Hop?"

Como apresentado anteriormente, Bira conceitua o Hip Hop, ou, a cultura Hip Hop. Porém, eu só lembrei desse discurso no dia em que fiz uma aula experimental de DJ, no tempestuoso 18 de fevereiro de 2023.

"O Afrika Bambaata era um DJ de New York, foi ele que propôs os quatro elementos do Hip Hop – DJ, MC, Break e o Grafitti –, e, depois, ele acrescentou o quinto elemento, que é a ideia de Consciência Social", me explicou Marquinhos, o @marcosdjmarkinho, enquanto me ensinava como manipular os discos da direita e da esquerda para que o som, as batidas por minuto, o BPM, saísse sincronizado e então uma música pudesse ser harmoniosamente trocada pela outra. "A ideia do DJ era que alguém precisava trocar o disco da música, e, daí, para não parar a música começaram a fazer isso com dois toca-discos" – continuou explicando Marquinhos para mim e para uma outra aluna que já frequentava as aulas aos sábados. Nesse dia, em meu diário de campo (um solitário grupo no WhatsApp) eu anotei sobre a possibilidade de uma escrita de tese que pudesse imitar o DJ, ou seja, como que dois discos percorrendo ao mesmo tempo, mas que mude de um para outro, de maneira tal que as pessoas repentinamente se questionem: do nada? Em determinado tempo, o DJ retorna para o primeiro disco. Ele manipula o tempo.

Nesse mesmo dia, além das fotos e vídeos que registrei, também indiquei em meu diário de campo mais duas observações: a) sobre uma conversa que tive com um amigo na Casa, e sobre a história de Piracicaba estar diretamente relacionada ao trabalho escravo; b) uma atividade que a Pastoral da Criança realiza, uma vez por mês, na Casa, para acompanhamento de mulheres grávidas e o crescimento saudável das crianças – aliás, nesse mesmo dia participei da entrega de alimento e vestimenta em uma comunidade periférica atendida pela Casa, o Renascer.

Aos olhos, e ouvidos, e sensações da academia, de que maneira tudo isso poderia se relacionar com a Educação Matemática? Essa questão, junta-se à outras que já foram e que serão enunciadas, não com o objetivo de buscar respostas precisas – como podem ser os problemas de matemática –, mas sim o de elencar potências que mobilizem este estudo ao que diz respeito à defesa da vida – como podem ser os problemas de matemática.

Afinal,

o Hip Hop

salva vidas!

Desde seu início, e antes dele, seus precursores que o mobilizaram, salvam vidas. Que a Educação Matemática seja aliada.

A musicalidade associada ao Hip Hop sofreu influências diretas do blues, ou, melhor dizendo, do rhythm and blues (R&B), que, de acordo com Vianna (1997), nos anos 30/40, composta pela população

negra nos Estados Unidos, que trabalhavam em fazendas de algodão originalmente escravocratas. O autor indica que a união R&B – música gospel protestante negra –, fez emergir o soul e seus produtores, chamados de bluesman, acusados de pacto com o demônio. O autor indica também o processo de comercialização e eletrificação desses ritmos, alcançando, ao longo dos anos, grandes centros urbanos – como New York –, explodindo em discotecas e festas nas ruas do bairro Bronx.

Ninguém dança sozinho! Dança com, dança para, dança junto... Dança é encantamento, é resistência, é movimento de dentro anunciado no corpo, esse parceiro que nos permite dizer quem somos. Dança é expressão de que há algo vibrando, sendo. O viver é um dançar tão bonito. Embalado por uma música sentida, mas não tocada por nós. Por isso, misteriosa. E nos cabe dançá-la livremente, abraçando os que entram na roda, acolhendo seus ritmos, inventando passos. E ela, assim, vai ficando ainda mais bonita.

Certa tarde, na vida que dança ou na dança que vive, ouvi um tambor, segui seu chamado e fui encantada. O encanto veio das letras que brotam das pedrinhas miudinhas, que constituem o chão de um viver atento, vibrante, agradecido, que sabe ouvir o que é e o que já foi, que sabe agradecer os que já viveram e que, por isso, ainda vivem. O encanto veio das palavras atuantes que geram vida porque tocam pessoas. Palavras parideiras de pensamentos bagunceiros, daqueles que viram a casa de cabeça pra baixo fazendo aparecer a joia perdida... as coisas não pensadas e não sentidas antes deles. Que bom que ouvi o tambor e segui seu chamado. Que bagunça boa virou minha cabeça depois daquela tarde. Que barulho bom as pedrinhas fazem ao rolar.

Somos centelhas breves que alumiam à sua medida, a seu tempo, nessa grande luz que é a história. Fazemos parte do Todo, sem conhecê-Lo. É preciso humildade. Não o saberemos, resta-nos compor, alumiar e se deixar alumiar. Nesse pedaço da dança que me coube, herdei as certezas do pensamento ocidental, eurocentrado, que privilegia saberes, excluindo tons outros, elege o cientificismo academicista como fonte do conhecimento e da verdade sobre o Todo. Justo o Todo, que nunca será conhecido. Uma tradição que se autointitula dona do que não tem dono. Do que é livre e dançante. Pois é, ao querer aprisionar o que anda solto, a tradição ocidental foi perdendo a dança e com ela, a música, o Ser. Reduziu à técnica o que é experiência: preferiu o conhecimento em detrimento da sabedoria, e mal sabe ela que ambos são parceiros no baile da existência. Em vez de dançar escolheu a produção de teses sobre a dança, laureando coreógrafos. Mas o batuque é intenso e forte, potente, saborosamente doído, toca e, no seu tempo, se faz ouvir. Não exige exclusividade porque se sabe parte da melodia. Sabe que é um dos saberes da comunidade humana, não quer ser o único, muito menos o melhor.

> O pensamento ocidental perdeu a noção de comunidade nessa corrida louca por títulos que denominamos conhecimento. Ao engordar currículos, sucumbem anoréxicas as relações. Caminhamos a passos largos para longe da sabedoria, parindo enlouquecidamente diplomados que não sabem conviver.
>
> E o tambor toca, doído [...] (Sayão, 2020, p. 9)

E, por mais doído que também seja para a academia fazer uma citação seguida de outra, sem comentários acerca do texto, assim eu o farei, recorrendo ao senso poético como estratégia de guerrilha epistêmica de resistência contra colonial:

> O tempo, na concepção africana tradicional, é um fenômeno que se realiza em duas dimensões. A primeira é a dimensão que compreende todos os fatos que estão prestes a ocorrer, que estão ocorrendo ou acabam de ocorrer. A segunda é a dimensão que engloba todos os acontecimentos passados, que ligam o início das coisas ao presente desdobramento dos eventos no Universo. De acordo com esta ideia ancestral, o tempo flui mais pela opção existencial do ser humano do que por outros fatores. Assim, é preciso acreditar na existência simultânea do passado, do presente e do futuro; e orientar o tempo dentro da harmonia dessas três variantes. Porque o tempo linear, com horas, dias, meses e anos é também uma ilusão. (Lopes; Simas, 2020, p. 22)

Assim, o DJ que é o tambor que foi para as pick-ups - o DJ-tambor -, que faz movimentar o corpo - encanta-o. O DJ-tambor chama à vida, que dança; chama à dança, que vive. Ilusiona. É senhor do tempo. Manipula o tempo, pois opera com dois discos-dimensões. Possibilita, portanto, navegar nas fronteiras, no entre, nas frestas... do passado, do presente e do futuro. Munido, então, dessa arma contra colonial, convido a retornar aos dois resultados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações quando foi buscado "educação matemática" AND "hip hop".

Juventude e(m) movimento: uma terapia problematizadora da BNCC é uma dissertação de Gabriel Nogueira Malta (2023), em que o autor parte das próprias vivências acadêmicas e pessoais junto à quatro vozes da cena belo-horizontina/MG: Djonga, FBC, nabru e Laura Sette; com músicas publicadas entre 2019 e 2022. Unem-se à discussão Wittgenstein e Paulo Freire para problematizar a linguagem bancária imposta ao currículo do Ensino Médio por meio da BNCC. Somam-se por todo o caminho da dissertação fotos do viaduto que é palco do Duelo Nacional de MCs.

Malta parte do "eu", mas já nas primeiras páginas assume "nós", pois

> Nós somos um sujeito coletivo que se reconhece na luta pelo direito de ser jovem e ter acesso `a educação, saúde, segurança, trabalho, renda, moradia, alimentação saudável, lazer, etc. Somos uma juventude que luta por um Ensino Médio

> emancipador, que luta pela liberdade e que entende que o conhecimento deve ser democratizado e acessível para a nossa juventude (Malta, 2023, p. 27).

Então, a partir de buscas em diretórios de teses e dissertações, bem como em anais do Encontro Nacional de Educação Matemática, propõe que as letras e as composições de RAP, e o movimento Hip Hop de maneira geral, são modos de resistência cultural em prol da prática libertadora da juventude contra o assédio privatista à educação. Por fim, conclama que "precisamos é nos unir à justa luta pela libertação de todas as pessoas oprimidas e exploradas." (Malta, 2023, p. 123)

Canções matemáticas: contribuições para o processo de representação semiótica de conceitos matemáticos no ensino fundamental é uma tese de Sidcley Dalmo Teixeira Caldas (2023), em que o autor utiliza como um dos argumentos a potência do RAP como elemento para justificar a conceituação de Canção Matemática, ou seja, canções criadas especificamente para ensinar conteúdos matemáticos. Apesar de mobilizar o Hip Hop no processo de argumentação, Caldas efetuou e analisou encontros com estudantes do Ensino Fundamental para trabalhar com geometria e canções infantis encontradas no YouTube, mas sem recorrer ao RAP.

Olhar para tais estudos, me faz reafirmar o compromisso com este processo de hiphopzação. Portanto, passei a buscar no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes não apenas com "Hip Hop", mas também com os palavras que pudessem remeter aos elementos, como "RAP", "DJ", "MC", "break", "breakdance" "breaking", "grafite"... Em conjunto com "educação matemática", sobretudo "matemática"...

Termos	Resultado recuperado para a busca
"educação matemática" AND "rap"	14 trabalhos recuperados, sendo 11 anteriores à plataforma; observando os títulos e/ou resumos disponíveis, nenhum envolve o elemento "rap"
"educação matemática" AND "break"	1 trabalho recuperado; observando o título e o resumo não envolve o elemento "break"
"educação matemática" AND "muro"	4 trabalhos recuperados; observando os títulos e os resumos 3 não envolvem "muro" (no sentido do Hip Hop, grafite) • *que diz o muro da escola? aprendizagens e deslizamentos e matemática*, por Lucas Esteves Dore (2018), é uma dissertação que questiona o muro escolar imerso em três perspectivas: a) espacialidade, por delimitar o espaço; b) funcionalidade, por impedir entrada e saída; e c) ocupação, por colocar o apagamento, a rachadura e a colagem como metodologias de escrita – incluindo o grafite.
"educação matemática" AND "MC"	101 trabalhos recuperados, sendo 38 anteriores à plataforma; observando os títulos e/ou resumos disponíveis, nenhum envolve o elemento "MC"; o número alto de trabalhos recuperados nesse caso, está relacionado à existência de um programa de pós-graduação em educação matemática em que a biblioteca responsável se identifica por UNIAN MC
"matemática" AND "hip hop"	5 trabalhos recuperados, sendo 1 anterior à plataforma; observando os títulos e os resumos 2 não envolvem relação com "matemática" (no sentido da Educação Matemática) • *Ciência, Tecnologia e o Rap: Contribuições à Educação Científica e Tecnológica em Periferias Urbanas*, por João Paulo Ganhor (2016) é uma dissertação que aborda potencialidades a partir do Hip Hop, junto à Ciência e Tecnologia (CT); para tanto, busca músicas de RAP brasileiro que relacionam sociedade e temáticas de CT, a saber: a) CT em desigualdades e contrastes sociais; b) CT enquanto apartação e exclusão; c) CT, ciências médicas e dominação

	classista; d) CT e belicismo; e) CT em contraste com fundamentos religiosos; f) CT e interesses financeiros; g) CT e questão ambiental; h) CT como emancipação.
"matemática" AND "rap"	585 trabalhos recuperados; nesse caso, qualquer resultado com palavras que contenham as letras RAP são recuperados, mas não retorna resultados ao combinar com mais termos, como "matemática" AND "rap" AND "MC", por exemplo
"matemática" AND "MC"	136 trabalhos recuperados; nesse caso, acontece o mesmo que a informação anterior
"matemática" AND "DJ"	4 trabalhos recuperados, todos anteriores à plataforma; observando os títulos, nenhum envolve o elemento "DJ"
"educação matemática" AND "conhecimento"	2.008 trabalhos recuperados

Observações sobre os resultados:

1. Trabalhos recuperados mas que são anteriores à plataforma não estão disponíveis na íntegra – apenas a referência seguindo as normas da ABNT, contendo autoria, título, data, mestrado/doutorado, instituição e local.
2. Como são buscados os termos que estão entre aspas, trabalhos não relacionados são recuperados, por exemplo, "RAP" retorna estudos que contenham a palavra "RÁPido" ou "gRAPh".
3. Não foram indicados os termos buscados em conjunto em que não se recuperou nenhum trabalho, por exemplo, "educação matemática" AND "DJ".

Pois bem. Esse é um dos modos da academia de olhar para os saberes produzidos sobre determinado tema. Basta entrar em uma plataforma, realizar buscas, combinar termos e ler os títulos, os resumos... talvez o trabalho completo, se fizer sentido... Há outros modos.

No PPGEM, toda terça-feira ocorrem os Seminários de Matemática e Educação Matemática (SMEM) desde 1988, um espaço de encontros, de discussão sobre teorias, metodologias e demais questões relacionadas à pesquisa em Educação Matemática (PPGEM, 2024). Foi em um SMEM que tive contato com uma pesquisa que relaciona os termos "educação matemática" e "hip hop", porém não aparece nas bases – provavelmente por ser recente, ou por motivos algorítmicos...

Tirar a máscara, ouvir um RAP e (sobre)viver: entrecruzar saberes e provocar fissuras no currículo, por Luiz Felipe de Melo Pereira (2024), é uma dissertação que entrecruza a etnomatemática e o Hip Hop. O autor parte da própria história com sua família e vivências pessoais e acadêmicas para percorrer caminhos históricos da formação do Hip Hop no mundo e no Brasil, de maneira que seja possível evidenciar, principalmente, a potência dos elementos MC e DJ na produção de identidades e conhecimentos.

> Ao olharmos para a prática do DJ, podemos encontrar dentre os saberes e fazeres (matemáticos) alguns desses saberes e fazeres que atuam no campo da classificação, uma vez que o DJ antes de executar, planejar quais músicas serão

> tocadas e em qual ordem, mesmo que tal organização esteja sujeita a mudança, como dita anteriormente, de acordo com os frequentadores da festa. Essa organização apresenta uma lógica de composição que vai envolver os ritmos que se quer produzir na interação com o público. No entanto, esses sentidos "matemáticos" só fazem sentido se analisados no contexto da prática, que não é disciplinar.
>
> O DJ também possui um saber relacionado à medida vinculada ao tempo. Primeiramente seu objeto de trabalho são as músicas, sejam elas em discos de vinil, ou em mídias digitais, mas toda música possui uma duração dentro da qual uma quantidade de sons e ritmos estão organizados, e muitas das vezes o DJ não reproduz uma música por completo, cabe a ele então selecionar quais trechos são interessantes, e como realizar a ligação entre os trechos selecionados (Pereira, 2024, p. 71).

Antes de seguir, como um DJ faz ao selecionar e reproduzir trechos de outras músicas, quero mobilizar outro trecho nas frestas dessa discussão:

> Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas. Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta.
>
> Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monista do povo monoteísta (Santos, 2023, p. 68).

Pois bem, agora os dois discos podem caminhar ao mesmo tempo, de modo que, em algum momento, confluirão entre si, e outros trechos, de outros discos, participarão da relação. Pereira (2024) propôs uma confluência de saberes, e nesse caminhar, aponta também caminhos para uma área de conhecimento conhecida por Hip Hop 🎵 Studies 🎵

🎵 Hip Hop 🎵 Studies, a qual também foi sugerida na banca de qualificação desta tese, por Jaqueline Lima Santos, em especial junto aos trabalhos de Christopher Emdin. Em uma de suas obras, o autor conceitua jovens urbanos como neoindígenas, em busca de correlacionar as preocupações com o lugar e o espaço em que habitam (Emdin, 2016). A partir desse termo, ele argumenta acerca de possibilidades que docentes podem utilizar em suas aulas, por exemplo, ao conectar contexto e conteúdo aproximando temas como grafite e matemática ou ciência e Hip Hop.

Emdin, é importante dizer, iniciou sua carreira como professor de matemática no Bronx. Foi a partir dessa experiência que ele vivenciou pela primeira vez a sensação de alcançar a turma de estudantes, em um dia que conectou um crime que havia acontecido na região, com o conteúdo matemático de razão e proporção com a ciência forense.

> Ao longo do ano letivo, tive um ou dois dias em que senti que estava realmente alcançando os alunos. Em um desses dias, eu estava ensinando uma lição sobre razão e proporção e me deparei em uma conexão com a ciência forense e a resolução de crimes. De alguma forma, eu envolvi a lição na resolução de um crime que havia acontecido recentemente no bairro, e eu tinha conseguido a atenção dos alunos. Eu recontei a história que eles já conheciam e então fiz a transição de como crimes como esses são resolvidos. Aos poucos, eu fiz uma conexão com a evidência em vídeo do crime e como os cientistas podem determinar a altura da pessoa que cometeu o crime e outros dados sobre o perpetrador usando razão e proporção. Eu consegui a atenção deles. Eu acertei em cheio na pedagogia.[40] (Emdin, 2021).

Esse relato continua com uma situação em que um aluno entrou atrasado em sala de aula, no momento em que a turma de estudantes estava concentrada resolvendo problemas de matemática, e o aluno interrompeu o silêncio para cumprimentar os colegas, um por um. O professor frustrado berra ordenando que ele volte do lugar de onde veio, e recebe como resposta: "De onde eu vim? Eu sou mexicano, você quer que eu volte para o México?[41]" (Emdin, 2021, p. 183). Atravessado por esse relato, Emdin pontua que sua formação acadêmica não o preparou para esse momento, e defende outros modos da academia, por exemplo, enxergar o Hip Hop como uma relevante pedagogia.

Imerso nessas literaturas, se pedagogia Hip Hop, se Hip Hop Based Education, se Hip Hop Studies – termo que tem sido mais comum, e, inclusive, tende a oferecer mais resultados nas buscas, se consolidando como uma área acadêmica de fato –, se... bem, para esta tese, nesse caso particular, tem feito sentido mobilizar os saberes em confluência à STEM, ou STEAM, considerando Arte, por serem áreas

---

[40] Over the course of the school year, I had one or two days when I felt like I was really reaching the students. On one of those days, I was teaching a lesson on ratio and proportion and stumbled into a connection to forensic science and crime solving. Somehow, I wrapped the lesson into the solving of a crime that had recently happened in the neighborhood, and I had gotten the students' attention. I retold the news story that they all knew about already and then transitioned into how crimes like these get solved. Slowly, I made a connection to the videotape evidence from the crime and how scientists can determine the height of the person who committed the crime and other data about the perpetrator using ratio and proportion. I hooked them. I had hit pedagogical pay dirt

[41] Where I came from? I'm Mexican, you want me to go back to Mexico?

mais populares, abrangentes e difundidas no entre e nas fronteiras da Educação Matemática, potencializando sua hiphopzação.

Como exemplo, apresento a Tabela de Camelot, utilizada por DJs como técnica para mixar harmonicamente trechos de músicas a partir de um disco dividido em setores. Cada setor representa uma nota musical que se complementa ou combina sonoricamente com as que estão próximas. A técnica leva em consideração uma escala musical, ou seja, uma sequência de notas organizadas em uma determinada ordem. Cada nota musical refere-se a uma frequência de um som. Frequência (f), por sua vez, diz respeito a uma grandeza física que indica as repetições de um evento dado um período (T) de tempo, e é representada pela fórmula $f = \frac{1}{T}$. Vale dizer, também, que disco e setor estão relacionados ao círculo. Percorrer as idas e vindas entre as notas musicais na Tabela de Camelot, significa, por um olhar matemático, operar com o círculo trigonométrico. Todos esses conceitos, uma pessoa habituada com matemática, pode perceber. São exemplos, mas ainda há muito a se explorar. Que pode, então, uma Educação Matemática hiphopzada?



Vale ressaltar que há muitos caminhos que podem ser percorridos para entrecruzar os saberes, modos e significações das áreas de conhecimento abordadas nesta tese. A título de curiosidade, o banco de Teses e Dissertações da Capes resulta em 483 trabalhos, sendo 75 de doutorado, 352 de mestrado, 16 de mestrado profissional e 2 profissionalizante, ao buscar pelo termo "hip hop"/ "hip-hop". Há pesquisas disponíveis desde 1996 até 2024 registradas. E, em geral, apresenta o contexto histórico, além de relacionar com os termos (AND): "jovens", 129 resultados; "juventude", 92 resultados; "periferia", 108 resultados; "racismo", 15 resultados; "negro", 75 resultados; "educação", 147; "cultura", 312; "filosofia", 20; "DJ", 14; "MC", 29; "break", 29; "grafite", 37; "elementos", 67; "RAP", 169; "dança", 55...

Muitas outras relações de termos juntos ao Hip Hop poderiam ser feitas. Aqui, busquei apresentar algumas a partir das vivências na Casa e das leituras realizadas. Observa-se que os resultados podem ser confluentes, ou seja, um mesmo trabalho, pode ter sido contado mais de uma vez. Por exemplo, ao considerar "hip hop" AND filosofia AND "cultura", há 15 resultados, que apareceram quando se fez a busca por cada termo separado. Outra observação que precisa ser feita, diz respeito à grafia das palavras; como há muitos termos em inglês, por vezes algo pode ficar de fora, como é o caso da pesquisa "hip hop" AND "grafitti", com 4 trabalhos. Esse processo buscou identificar alguns termos que os trabalhos têm investigado, a partir do que disponibilizam em seus metadados: título, resumo, palavras-chave...

Trabalhos como os que foram investigados nesta tese apontam a origem do Hip Hop nas mãos dos DJs Kool Herc, Afrika Bambaata e Gradmaster Flash. Foram eles os precursores do movimento, mas, em especial, Afrika Bambaata, fundador da instituição Zulu Nation, contemplando e difundindo os cinco elementos, nesta tese, conceitos assumidos junto com Souza (2009): a) Disk Jockey (DJ) responsável por

elaborar composições sonoras e dar o tom da festa; b) Master of Ceremonies (MC), pessoa que canta RAP e declama poesias; c) breakdance, que une b.boys e b.girls em performances de dança; d) grafite, que mobiliza pinturas com técnicas verbais/não-verbais; e e) conhecimento, que possibilita a produção de saberes.

Há 50 anos, na década de 1970, Nova York, em especial o Bronx, estava literalmente pegando fogo. Eram comuns os incêndios em prédios, por conta da especulação imobiliária. Como opções de lazer, a população periférica – majoritariamente negra e latina –; ia às discotecas para dançar. Mas foi nas festas de rua que a figura do DJ ganhou fama, pois era necessário alguém para trocar o disco sem que a música parasse. O MC era o cantor da noite, que ritmava junto ao DJ rimas e sonoridade que faziam a plateia mexer o quadril, ou, Hip Hop; daí, o breakdance. Assim como a Zulu Nation, os grupos também tinham artistas responsáveis por deixar registrado reinvindicações, por meio do grafite – textos desenhados em paredes, muros e no trem da cidade. O Hip Hop emerge como um conjunto de potências da rua, e, portanto, foi agregando tudo que era da rua, periférico, preto, blues; então é comum o skate, o basquete, o estilo das roupas entre outros elementos também representarem a cultura.

Os grupos formados eram, inicialmente, gangues que disputavam a área. Posteriormente, esses grupos – chamados de crews –, passaram a concorrer a cena da cultura Hip Hop, imersos com o quinto elemento. Vale ressaltar que a violência em que o bairro do Bronx – periférico – estava imerso, dizia respeito inclusive à truculência do Estado na figura da polícia.

Em geral, os trabalhos acadêmicos com Hip Hop que foram abordados – assim como muitos outros que nem sequer foram citados por aqui – apresentam todo esse histórico e pontuam sobre a chegada da cultura no Brasil. Indicam, geralmente, a expansão das crews na Estação de Metrô São Bento, em São Paulo. Em consonância com o que tem sido afetado e vivenciado no campo de pesquisa, os trabalhos pontuam o Hip Hop como cultura que mobiliza, resiste, intelectualiza os debates e a sobrevivência da população negra e periférica. Apontam o Hip Hop como quilombo. Nessa confluência de saberes, por caminhos que se entrecruzaram, entrecruzam, a partir do projeto Rappers, do Instituto da Mulher Negra Geledés, principalmente mobilizado por mulheres negras, produziu-se a fundação da primeira casa de Hip Hop do Brasil, em Diadema/SP (Silva, 2023). Um Quilombo Urbano. Em Piracicaba e em tantas outras cidades, favelas, outros tantos quilombos.

Marcinha é, desde o início e antes, uma das principais mobilizadoras das ações da Casa. Educadora física e professora de dança, faz diversas apresentações pela cidade. É, atualmente, uma das responsáveis pela Vila África, um quilombo urbano localizado em Piracicaba. A conversa foi realizada dentro do container que abriga a biblioteca da Casa, e, o final da gravação foi comprometido por conta do ensaio de batuque que começou ao lado. Marcinha fala de amor, dor, liberdade, ancestralidade e...



Heinrich – Eu vou gravar, porque aí depois eu transcrevo... enfim, se não eu esqueço também das coisas, de boa? Mas aí o que eu for publicar, depois, enfim... eu vou mostrar antes. Eu tenho de várias pessoas... da Savana... tem da Renata[42]... Tem da Dona Joana, lá do Ladeira... Tem uma galera, assim. Mas aí, tô terminando de arrumar tudo, quando eu for publicar, eu mostro pras pessoas, antes. Porque, às vezes... às vezes a pessoa fala alguma coisa, aí: "isso não", e tudo bem. É isso. Faz parte. Mas, enfim... é... Eu tenho conversado sobre qualquer coisa, na verdade. E aí, é isso, assim. Aí, não sei... Se cê quiser comentar sobre... sobre você, sobre sua história, sobre a Casa... enfim.

Marcinha – Deixar livre o que eu quero falar. Ai... tem tanta história. Eu acho que já... nós conversamos isso, sobre quando começou aqui a Casa, né? Que nem sonhava que ela ficaria nessa estrutura. Acho que era pensar em querer isso, mas não ver isso. Era, acho que tão menos que a gente pensava que nós podíamos chegar... e ver nessa proporção de hoje, cada dia buscar mais, é um espetáculo, porque... container, biblioteca, uma quadra coberta... isso aqui era só um varejão, né? Começou com um varejão, descoberta e eu me dou a conhecer a capoeira, Paulicéia, desde pequena, na verdade. Porque os eventos eram feitos de... Raça negra, que falava, né? Era raça negra. Tinha evento de raça negra, a gente se colocava enquanto raça. E tinha os desfiles, e eu era muito pequena. Então, eu lembro disso. Lembro dessa essência enquanto Casa, enquanto que não era a Casa, era Paulicéia. Um clubinho aqui. E Vila África. Então, nem imaginava que ia chegar nesse contexto. A dona Sônia já fazia parte, os sobrinhos do Bira... A gente começou com dança afro. Só que ainda era muito difícil fazer a dança afro. A gente começou a capoeira, pra poder levar os meninos, que sempre foi difícil ter homem. E aí, os meninos super toparam fazer a dança afro. E aí, a gente começou a viajar, então, começou a surgir um incentivo nos meninos a participar. Aí, até que conheci a Ediana, que... na Casa... que é o... até, o Tonho, né? Nosso grande mestre. A gente teve esse contato aqui. porque daí a Ediana trouxe os filhos dela, e a gente se deparou com o samba de lenço. Então o batuque, e a partir daí, o samba de lenço, veio a conhecer o Junior, e a gente deu essa amplitude com... com o samba de lenço. E, olha, pra você ver. O que foi a Paulicéia. O que foi o encontro. O que foi essas manifestações de cada pessoa que a gente foi se conhecendo. E pra ter essa turma da Vila África com a Casa do Hip Hop, vou partir daqui. É... nós íamos daqui, a pé, até o varejão do

[42] Renata é uma das principais responsáveis pelas atividades que ocorrem em outro espaço da Casa – o Casarão. Em páginas seguintes, há uma conversa com ela.

[bairro] Piracicamirim, porque na Independência não tinha. Então, é uma turma de lá da Independência, até o Piracicamirim, que era atrás do... do terminal, que é o varejão do Piracicamirim, e a gente daqui, então, dava aula aqui, até um certo horário. Acho que nós éramos das seis às... eram duas horas e depois lá ia até às dez. A gente bebia e comia capoeira. Vivíamos... de capoeira. E, depois, a dança afro foi... com a capoeira. Eu era pequeninha, tinha todo esse contexto, mas não enquanto grupo. Aí, enquanto grupo, aí a gente... nós conhecemos... fazer uma apresentação pela capoeira, de dança afro, aí o Akanny[43] ia fazer uma apresentação, chamou a Milene e a Erika pra ir apresentar. Lá, eu conheci o Leonel, fazia parte do teatro, era diretor, fazia a direção do... Lá, conheci o Bira, conheci toda essa essência enquanto liderança que hoje nós somos. Mayra, já era da casa lá da Vila África. A gente já se conhece há mais de quarenta anos. Eu conheço mais Mayra do que Bira. Bira veio só depois, quando eu venho com a mãe dele. A mãe dele ia junto, eu tenho fotinho ainda. Dona Sônia com as netinhas, os filhos de Tatu. Foi o primeiro grupo de dança afro da Marcinha. Você tinha ideia disso? Dona Sônia, a Fabi, a mulher do Tatu.... Era tudo obras... A gente era um mutirão que ia. Aí, na época, não se chamava [bairro] Santa Fé, era Novo Horizonte, né? Nós íamos fazer apresentações na rua. Tem ainda a netinha dela, que hoje é evangélica, pequenininha, toda pintada. A gente usava roupa de oncinha e uma roupinha... é... os tecidos que a gente encontrava, que representava a gente quanto África. Era chita. Olha essa representatividade que a gente tinha, com tecido, né? Hoje venho falando isso, que hoje eu venho com uma moda... né? E a estrutura, procurar como vamos fazer essa estrutura pra aparecer os tecido afro. Então, veja só, quanta importância num único contexto. As pessoas falam que não tem nada a ver. Apesar, que eu fujo, mas é que tudo sai de um pequeno encontro, de uma pequena manifestação em pequenas reuniões, no que nós acreditamos, né? E aí, tudo bem, vou pra capoeira e daí eu tenho oportunidade... não! Daí, minha mãe falece, vem a falecer... E, antes de capoeira, tava bem no comecinho, 94, por aí... e eu vou pra rua. E a capoeira que me salva. E o pai da [minha filha] Larissa também, que era meu mestre, minha... minha obra, enquanto masculino, assim. É o que eu tinha de referência. E com ele eu fiquei por muitos anos, né? E aí, enquanto moradora... moro em vários lugares. Vi tudo que imaginar. Tudo absurdo que você... acho que eu vivi. Todos os abusos, também. Mas consegui enfrentar. E aí, eu sou adotada por uma professora de Geografia, e aí, eu vou morar com ela. E aí, eu começo os projetos sociais, na qual, onde o meu pai dava comida pra moradores de rua, e me atendia, mas não me aceitou enquanto filha. Mas num projeto social, eu faço amizade com as amigas dele. Aí, quando eu faço amizade com as amigas dele, eu ganho pra ir pra universidade, a bolsa, dessa... Maria de Lima, que é minha madrinha, né? Ela acreditou na época, assim: me deu oitenta reais pra prestar o vestibular. E, depois eu passei, depois de muito tempo sem estar na escola. Não sei, foi papai do céu, naquela época acreditava, assim, os Orixás... E aí, eu lembro que depois ela deu oitocentos reais, pra eu ingressar; se não, não podia pra pedir bolsa. E a bolsa veio, então eu ganhei pela bolsa do ProUni. E ali, minha vida muda, porque tão animada, tão... eu engravido! Engravidei quando eu entrei pra universidade. Então a minha história começa a mudar. E aí, como eu falei, não queria que a minha filha passasse por tudo que eu passei. E aí, eu fiz toda essa luta pra minha filha. Aí, quando eu estou na universidade, só pra você entender o que é dança, e como tudo aconteceu. Eu consigo a escola, o Colégio Seletivo, em 2009. Minha filha nasce em 2006. E em 2009

[43] Grupo de estudos e musical sobre cultura afro, já comentado em conversa anterior, com Mayra.

eu ingresso no Colégio Seletivo. E, pra manter a bolsa da minha filha, e acreditar que ia ter uma vida diferente, as vezes me calei enquanto... o que era a capoeira. Tinha que falar que não era educativo, que não era afro, que era um processo... Acho que mascarava, falava que era mais pro lado não religioso, não... sabe, assim? Tinha que interpretar de uma outra forma, e eu não podia me representar enquanto dança afro, se não iam falar que eu era macumbeira. E se a capoeira tinha alguma relação de macumbeira. Então, meu Face mesmo, hoje é diferente. Mas antes ele não tinha. Tinha medo de postar e perder o de comer. Então, essa é uma vergonha, uma trava muito grande que eu vejo hoje. Mas eu tinha muito medo. Então, eu tive que ser muito alma branca pra poder superar a realidade da minha filha não sofrer tudo que eu sofri. Mas eu não tinha essa visão, só precisava salvar e resistir. Persistir nisso. Mas eu não conseguia parar de dançar. Isso era a única forma que eu não tinha vergonha. Tinha isso muito forte. Quando era pra dançar, eu não tava nem aí, mas me segurava muito enquanto as danças bem tribais. Falavam que eu baixava santo e tudo mais. Eu é. E aí, quando eu fazia grupo de dança, pensava que tava animado, que a gente ia vencer esse grupo de dança: pai amado, não tinha mais ninguém. Na apresentação, que ia, é muito das crianças não conseguiam vencer, só mesmo os meus sobrinhos e primos. Só que daí, eu fui pra universidade e aí eu tive que dedicar. O meu grupo infantil se perdeu, perdi o meu grupo infantil. Eu tinha que estudar, não dava mais para ser... tinha que trabalhar e sobreviver pra poder manter a faculdade, que não é só... Aí, eu esperava carona, aí eu passava muito, muito mal. E graças à Deus eu consegui. A professora da própria iniciação científica, falou: "Márcia, eu vou te ajudar, você vai fazer iniciação científica". Não sabia que era nem... Mas deu tudo certo. Eu não acreditava, chorava muito. Não sei como... se não fosse as minhas três amigas que eu tenho hoje como irmã, a gente tem amizade até hoje. Elas me levavam lanche para eu sobreviver. Natália, Alice e a... Elas que fizeram com que eu não desistisse. Foi... foi punk! Chorei muito. Não me via naquele lugar. Ainda, eu tive que fazer, pra eu não perder a bolsa, eu tive... Eu era a mais velha da sala, era todo mundo 19 anos. E tudo filho de médico, tudo... sabe? Eu chorava... E, depois, ainda fiquei grávida... E aí, com quem deixar Larissa? Ela foi comigo. Enfim. Pra falar, fui pra fazer a iniciação científica, onde eu aprendi tudo. Me encorajei mais. Aí, ganhei o primeiro lugar, primeiro colocado de manifestações religiosas, mas não acreditava. "Sou PIBIC", sabe? Foi: "meu Deus!", mas ganhamos, primeiro lugar. Tânia Mara, foi incrível na minha vida. foi na marra? Aí, passava mal, não tinha como comer pra ficar o dia todo na universidade. Ela... Eu... São muitas pessoas que me ajudaram, não dá pra descrever os nomes, sabe? Não é uma. Então, quem fala que uma salva, não! São muitas mãos. É difícil. Muitas pessoas falam que: "ai, o... se quer... se você quer...". Não! Você tem que ter força de muitas pessoas, pra que a gente que não tem nada vencer um obstáculo. E daí, ela pagou, deixou o restaurante aberto pra eu comer, almoçar lá. E aí, tudo mudou, sabe? Tudo foi diferente. Então, eu esperava carona pra poder ir, e esperava carona pra descer. Então, isso foi real. Tudo fez diferença. Na universidade, eu consegui aprender muita coisa e depois, saindo de lá, eu ia ainda pra cultura nos bairros, em todos os bairros. Eu era professora. Comecei me envolver com isso. Sete anos depois... sete anos depois, aumenta. Daí, a minha madrinha, o marido dela era policial. Aí, ele teve um surto, de loucura e ele quis me matar. Quase me matou e que eu achei que eu tava... Porque, eu fui morar com ela, eu morei no porão, então a gente tinha feito de madeirite. Então, de um lado ficava os cachorros, e do lado era eu. E lá, tinha umas peças dela, de ciências... das crianças. E ele falou que eu tava usando. Aí, ele correu atrás de mim com

uma faca. Eu lembro que eu me perdi dentro do quarto, e liguei, gritava... ainda era telefone... e aí, eles foram me salvar. Aí volto eu a brigar com meu tio pra voltar na Vila África. Daí meu tio fez... Era só terra... e era água de mina. Ele fez um pedacinho. A gente nem imaginava que hoje ia ser aquele Ponto de Cultura[44]. e aí, né? E aquele Ponto de Cultura é o que resiste ali, hoje. Eu morei num lugar, lá. Na parte de cima, que ele fez de madeirite, mas era rato, era cobra, era tudo que cê imaginar. Um dia eu me deparei com... sabe aquele rato, assim? Como fala? Aqueles bichos que tem o rabo, assim?

Heinrich – Tipo uma ratazana?

Marcinha – Tipo uma ratazana. Meu Deus! Nunca mais esqueço! Achei que era um gato! Então, e minha filha ali, bebê. Eu tenho essas fotos. Eu, naquele lugar... O que segurava o fogão, era o guarda-chuva, pra não chover em cima. Aí, minhas amigas, foi visitar minha filha. E elas que me adotaram na faculdade. Eu era mais velha e elas que me adotaram. Elas foram lá, e os ratinhos, né? Acharam aquilo, o fim do mundo! E eu ia falar, o quê? "É o Joãozinho.... depois aparece os primos, mas não liga não." Mas imagina o choque daquela gente que tinha pra visitar minha nenê. Então, só pra você ter uma ideia de tudo que eu passei, e reexistindo até hoje. Então, é... seguindo. Aí, depois, quando a minha filha tá com sete anos, o pai da Larissa não quer deixar mais eu sair de dentro da minha casa. Eu fui pra casa dele, fui morar com ele, na casa dele. Porque lá na minha comunidade, pra você fazer um bolo, tem que fazer três assadeiras, e queria viver uma vida diferente. Daí ele se separou da mulher, fui pra morar com ele. Eu morei dois, porque na minha casinha, enquanto eu era só, ele ia embora todos os dias ele não dominava eu. Ele dominava tanto, mas não... não me prendia. Fui pra casa dele, cadeia. Não queria que eu trabalhasse, não queria que eu fizesse nada. Não podia usar tal roupa, não podia usar isso! Ai, me sufocou. Aí, eu falei: "vou embora". Ele me mandou embora porque tava me sufocando. Eu queria tirar carta, queria... não podia fazer nada. Aí mandou eu embora, eu fui embora. Só que daí, eu tentei levar minha filha, puxei de um lado e do outro e não levei. E a minha vida ali começa outra vida. Porque, daí, no outro dia tentei roubar ela, roubei. Sumi com ela, fui embora. Porque, tudo que eu passei, né? Foi só... não foi ele que me ajudou em nada. Ele só levantou, mas quem tive que correr fui eu. Eu não achava justo eu perder minha filha, que era a única coisa que eu tinha... única coisa que me alimentava. E aí, minha vida transformou tudo de novo. Tudo que eu tava... construía, construía... e era destruído. Mas esse foi o pior. Eu lembro com detalhes, de ir embora daquilo lá e falar: "e agora? Se eu não for vou viver essa prisão por toda minha vida. Não quero, não quero isso pra minha vida, eu vou mudar essa história." E aí eu saí. Saí sem minha filha. E roubei ela dois dias depois. E quando eu roubo ela, eu acabo perdendo na justiça. E aí, ele pra judiar de toda essa situação, eu venho ter ela mesmo, de fato, de ficar uns três dias com ela, agora com dezoito anos. Que até então ele usou tudo que podia. Então eu tinha que ficar longe das minhas manifestações, que ele usava. Então quando a gente ia de fim de semana fazer alguma apresentação ele causava, então a gente tinha que sair correndo. Ela se desesperava. Ela tem traumas. Ela tentou... se mutilou. Então ele tinha essa revolta. Então, eu acho que... Precisei de muito socorro da Mayra. Pra gente superar. Pra alguém falasse com ela. Até o Bira,

[44] A Vila África é reconhecida como um Ponto de Cultura pelo governo federal, e produz eventos culturais diversos.

muitas vezes teve que interferir, porque... Ia nas apresentações, aqui na Casa mesmo, de capoeira. Ninguém acreditava, mas ele... ele não deixava eu entrar, fazia um escândalo. Até que uma vez o Bira aqui na Casa teve que se colocar. Essa situação... Então, ninguém faz ideia do que é isso, o desafio. Acho que não tem... Viver toda a pobreza, toda a situação e você perder seu filho... Quando eu fui na justiça, eu falei... eu trabalhava já no Seletivo, ela estudava no Seletivo. Eu consegui pagar.... Pago até hoje, plano de saúde dela... Fiz tudo, mesmo assim, eu perdi a guarda. Sabe quando parece... E como pôde o juiz dar... e ele era... E o meu próprio, nosso próprio... Você conhece o Silvestre, já ouviu falar, do advogado do Treze de Maio? Ele! Ele tirou a minha filha. Conhecendo, toda nossa história. Conhecendo a minha história, que viu eu desde sete anos, desfilando na escola de samba, fazendo todos os ideais. Então, tem coisas que eu não acredito, nem tento, assim... né? Então, e você vê. Está entrelaçado em tantas coisas. E eu, sem mãe, sem pai. Daí, eu ter... a minha mãe sempre foi mãe solteira, então eu sempre dormi com a minha avó e com mais sete pessoas. A gente fazia a cama, Nossa Senhora. Juntava tudo e eu não pude ser filha da minha mãe. Eu tinha de ser filha da minha avó e do meu vô. Até mesmo pra dormir. Eu não tenho lembrança de eu dormir com a minha mãe. Eu tinha minha mãe, mas falo mãe e vó, que ela sempre fez eu fazer isso. Mas dormir, não lembro. De ter esse acesso, assim, só com minha vó. Eu acho que ela se relacionou e já me deu pra minha vó, que era o quarto de lado, de madeira. Só que eu criticava minha mãe, né? Onde já se viu, eu não ter o nome dela? E quem era meu pai? E aí, com oito anos eu fui conhecer, mas não me deu a mínima. Aí, depois, quando ela morre, aparece o pessoal que conhecia meu pai. E ligaram pra ele falando que ele teria uma filha que tinha perdido a mãe. Ele não tinha filha mulher, só tinha filho homem. Aquilo me marcou. Não deviam ter falado pra mim, acho que não marcaria tanto. Mas não condeno, também. Foi importante pra minha luta de hoje. Nesse sentido, depois voltando, acho que cê vai entender todo o processo. Se você tiver dúvida, alguma coisa que perguntar... tem muita coisa, e que tem resultados agora, sabe? Só agora que eu entendo o que foi toda minha luta, e quanto me tornou forte. E hoje se eu tenho o nome de Márcia Maria Rechia... Márcia Maria Antônia, que são da minha vó e do meu vô, que me adotou... Porque, naquela época o SUS, pra você ter benefício mesmo do governo cê tinha que estar trabalhando. Então, minha mãe era uma... dona de casa, dona de lar, né? Cuidava do... e minha vó era dona de casa, fazia serviço fora mas não era registrada. E aí, tinha que ser registrada pra ter benefício de saúde. Nem foi por outra coisa, nem outras questões. Mas, assim, eu lembro que eu não fiz creche, não fui pra escola porque ela era mãe solteira, não fui batizada porque ela era mãe solteira, não tinha como provar muitas coisas. Então isso tudo eu lembro... Que era até o padre da vila que registrou, porque era o único lugar que ia batizar. Enfim, tive tudo isso. E aí, hoje eu tenho o nome da Maria, que é Márcia Maria Rechia, que eu venho conhecer meus irmãos a pouco tempo, dois anos... três irmãos por parte de pai e reconhecimento de pai. Fico muito feliz porque daí meu pai deu um retorno. Mas, por seis meses, só. Que depois de seis meses, agora... depois de um ano que foi comprovado que eu era filha dele mesmo com DNA, ele falou que ia me atender por toda minha vida com oração. Mas depois de seis meses ele me mandou uma mensagem que a partir de hoje que não era mais pra falar com ele, em que a esposa dele não queria mais essa aproximação. E aí, isso... parece que não, mas mexe com a gente. Você sendo forte e tudo mais. Mas é muito louco quando você para pra pensar: "pô! Né? Meu pai não pode fazer nada porque foi...". Teve uma reação até muito legal, de falar que... teve tudo... Depois de uns seis meses: "não posso mais". E dali tudo

corta. Aí, a gente se depara com ele na igreja, que foi as últimas ações. Ele nem vem cumprimentar os filhos pra não ter que me cumprimentar. E a mulher dele veio cumprimentar, eu tô aqui na ponta e ela pula, cumprimenta os outros e vai lá pro outro canto. Aí, os meus irmãos falaram: "melhor não, você não merece ficar passando por isso, se depender da gente não faz mais encontro". Então ele morre ali pra mim de novo. Ele nasceu e já morreu. Mas uma coisa de bom me deixou. Deixou os meus irmãos, que hoje mesmo... amanhã vai ter um evento e eles quem contribui, porque... a festa acontecesse... vem há dois anos me ajudando, alugando espaço, dando os brinquedos... E eles me acolheram, de forma... Me acolheram. E isso reflete no quê? No que eu danço. Quem eu sou. Como me emociono. Como tudo que eu faço. Todas ações gratuitas... Porque eu... eu faço isso. Eu nunca tive uma visão... sabe? Das pessoas... Se eu tive que provar quem sou eu... ou... ou porque às vezes que me colocam numa situação que eu sou burra, que eu não pude estudar... que eu não sei ler, que eu não sei escrever... Mas, o que me fortalece foi essa questão de me empoderar e dizer que o que eu podia fazer é ter o carinho das pessoas. Aí, isso eu consegui. Eu sou simpática, tenho a simpatia. Eu... Mas tenho sempre que pedir desculpa, por favor... de agradar e ter que fazer... Desculpa da emoção, mas é que vem tanto filme, assim... E é isso... Hoje, estou aqui com você tentando rever quais são as minhas fraquezas, né? Ou o que me fez tão forte, também. É toda essa vida que eu não gosto de ficar sozinha. Sempre quero estar perto de alguém. Mas as coisas não acontecem... então eu sou muito dependente emocional... E o que me faz bem, é isso, estar no meio do povo e não é pra querer aparecer. Esse... ser aceito. Acho que é isso. É ser aceito, é ver que as pessoas vão sofrer. Não precisa se mudar pra pedir um carinho. Não precisar passar por tanta coisa pra enfrentar... mas, eu tenho que ser dura pra minha filha mesmo, pra ela não ser frágil, não ser fraca e não ser atacada por outras pessoas e não saber lidar. Acho que isso é um processo de vida desses... de assistência, de romantismo... É... então, a dança é isso pra mim. É o único momento que eu consigo pensar em mim, não ter que pensar em ninguém. Conversar com os tambores. Conversar com a natureza. Valorizar. Esperar. Ir atrás de quem abre e fecha a porta do outro lado... Não é ser preguiçosa, mas não dá pra fazer tudo. E a minha dificuldade é que eu não tinha... um momento não sabia ler, sempre tinha que esperar alguém chegar no terreiro pra me ajudar. É... tenho deficiência... devo ter dislexia, algo algo aí, eu acho que eu tenho. Da minha dicção... Não sei como posso dizer... Que às vezes foge tanta coisa que eu já passei, mas... Me envergonha tanto o... na escola, como as pessoas faziam chacota, sabe? Por eu não saber falar direito ou se fechar. Então, é tudo isso. E a dança pra mim é minha casa, estar com as crianças, assim... é especial, tudo isso, pra seguir pra frente. Então, a dança pra mim é libertação. Me salva. É o momento que eu não preciso pensar nada de ruim, sabe? Às vezes você tendo que enfrentar o que dançar e não poder dançar porque cê não sabe o que cê tá passando, como cê pode enfrentar tudo, depois. E é isso, então, estar aqui na Casa. Eu sempre falo que eu vou parar, né? Mas eu digo que a dança me escolheu. Falo: "vou parar, vou parar". Mas eu não consigo parar. Mais de trinta falando que vou parar e não parei. Eu já era pra eu ter morrido tantas vezes, né? Então, tem algo que é muito forte... e é uma situação de ter ido pra África[45]... Isso vou deixar... são poucas pessoas que estão sabendo, mas acho que é importante... que não contei...

[45] Marcinha foi para a África em 2024, visitar Togo representando o Brasil em atividade conjunta com a embaixada.

mas até mesmo de ser... de enfrentar um abuso em África, do deputado... de alguém top e ter que ficar calada. Mas, não conseguiu ter um ato mais grave, por conta da capoeira, que me salva. É por acreditar nessa essência, enquanto mulher forte, não ter medo de vencer. Então, eu vejo o quanto as mulheres lá são submetidas a isso... Mas, assim... eu achei que um deputado, lá na África... Não, embaixador... eu estava segura com o embaixador e tem que chegar até ele... eu sabia que muito mais grave poderia acontecer. Mas, também, arrisquei. E foi recente. Eu recebi esse abuso e tive que lutar. Lutar mesmo, como capoeira. De força, não sei onde eu achei. E, até ter preciso passar isso, pras mulheres, o quanto a gente pode se defender... Tem que pensar. Não pode se desesperar, pra ganhar fôlego pra sobreviver. Porque o fôlego, a saída da gente, é tudo na vida da gente. Sabedoria, saber pensar, se conduzir pra poder escapar do mal. E a gente às vezes se perde, por você não saber como lidar. Mas, é difícil pra cada pessoa. Então, acho que assim, a capoeira me trouxe isso. A dança me deu isso, deu não sofrer um ato. Eu sofri, sofri o abuso. Desde o momento que a pessoa te pega e te machuca, que faz... mas não há penetração... Eu acho que isso é muito forte. Então eu ainda venho disso, não é? Mas sempre enfrentando, isso. Mas isso foi o mais forte que... Eu nunca imaginei que uma pessoa, de um porte tão, poderoso, né? Da nossa própria... irmão... Eu iria sofrer isso. Só que eu não contei nada lá, nem nada aqui. Esperei chegar aqui, pra eu estar forte. Pra depois eu relatar isso. Ainda não muito, porque ainda tem uma certa... um certo... trabalho há fazer. Mas também faz parte... Então, quem me vê sorrindo, feliz, acho que tudo é lindo, maravilhoso... mas essa fortaleza, acho que é esse o segredo, né? É ter isso enquanto perspectiva que tudo tá leve, que tudo tá bom... É isso que nossa sociedade quer nos ver... Mas, enquanto africana, indígena, nação, quilombo... é mostrar essa beleza pra gente se defender. Apesar de ter muitas bagagens, que nos maltrataram, que nos mataram, já. Mas pra gente poder ser ancestralidade e sobreviver. É isso, eu nunca parei pra pensar. Eu tô aqui, abrindo meu coração, eu estou falando o que pode, o que eu consigo. Qual a emoção que a gente... e com razão, agora. De como eu tenho que pensar em mim, agora. Não mais no outro. De eu ter que falar: "pô, agora eu já consegui a associação; já consegui conquistar meu irmão pra Vila África". Consegui salvar a associação que estava na mão do Marcos, que foi difícil. Que a Larissa hoje tem uma afinidade, de conversar com ele, amenizar, não ter ódio, não ter nada... Agora falta eu. Então, acho que por isso que eu estou aqui emocionada... dizendo como vai meu autocuidado.... Agora não é mais romantizar, né? Não é mais falar: "ó, quero vida fácil", não é. Difícil. Mas falar que existe sim algo sobrenatural que vem na vida da gente, que é assim, altos e baixos o tempo todo. E tem que saber lidar com isso. Tem isso. Oscila pra caramba. Me pergunto se eu sou doida, se eu sou louca... mas aí, quando eu saí do padrão, do Colégio Seletivo... daquela coisa acorrentada, ter o poder de falar e não mais de ficar presa, fechada. E quando eu vou pro colégio... em três anos, é muito pouco... três anos pra mim, tudo mudou demais. Muito rápido... de uma forma diferente. Ter ido pro estado... um pouquinho mais de liberdade. Porque eu achava que eu vivia dependendo do outro para poder fazer um projeto... dependendo do outro pra... Não acreditava em mim própria. Mesmo fortalecendo o outro, mas é difícil. Tem que enfrentar algumas coisas que as pessoas falam: "ah, você é preguiçosa". Não! É tempo. Aí pedia pro outro... Agora não tenho isso... mas antes não. Eu ia tonta, cara de pau pra ter que fazer. Mas essas ajudas foram muito válidas. Só que agora chegou uma fase que não, não vou ficar dependendo dos outros quando eu devo fazer, o que eu tenho que fazer, como eu posso fazer isso. Chega! Esse eu já ajudei. Tem que fechar, assim. Não, não dá. Entende?

Aí, agora, a loja surgiu... a loja... ou seja, tecido. Também conheci um africano que trouxe os tecidos. E a Vila África ganhou um novo formato. Aí esses panos foi comigo pra tudo quanto foi lado. Melhorando nosso visual. Que até então achava que "não precisa de muito, não"...

[...]

Marcinha - Então, agora estamos nesse meu autocuidado, de crescimento. E querer a nossa dança afro agora não mais sobreviver, que agora ela tá aí, viva. Vai sim, permanecer... Mas, agora brigar pra que as pessoas ganhem, como eu ganhei, né? Ganhei com isso. Essa é a próxima meta. Próximo ato é fazer com que as pessoas dancem afro, mas ganhem igual qualquer outra profissão. Daí eu fui pro fórum, coletivo... me doar... sobrevivendo no meu trabalho como professora. Sair de casa sete, chegar meia noite. Trabalho, o tempo todo minha vida foi isso... E hoje estou desempregada. O estado me mandou embora... Mas é diferente de todas as outras que eu tive que trocar, sabe? Hoje estou mais segura, que eu tenho algo que eu posso sobreviver... Quando a gente não tem medo, com coragem, essa parte da dança, a gente conquista. Quando a gente tem medo, não consegue. Tenho medo, sim, mas não total. Tenho medo de que possa fechar um Norte, que se precisa ter. Mas eu tenho essa experiência, enquanto... motivar as pessoas... depois de tudo que eu passei, se eu tivesse numa situação... Eu tive que errar muitas vezes. Bater a cabeça muitas vezes...

[...]

AMOR E ÓDIO[46]

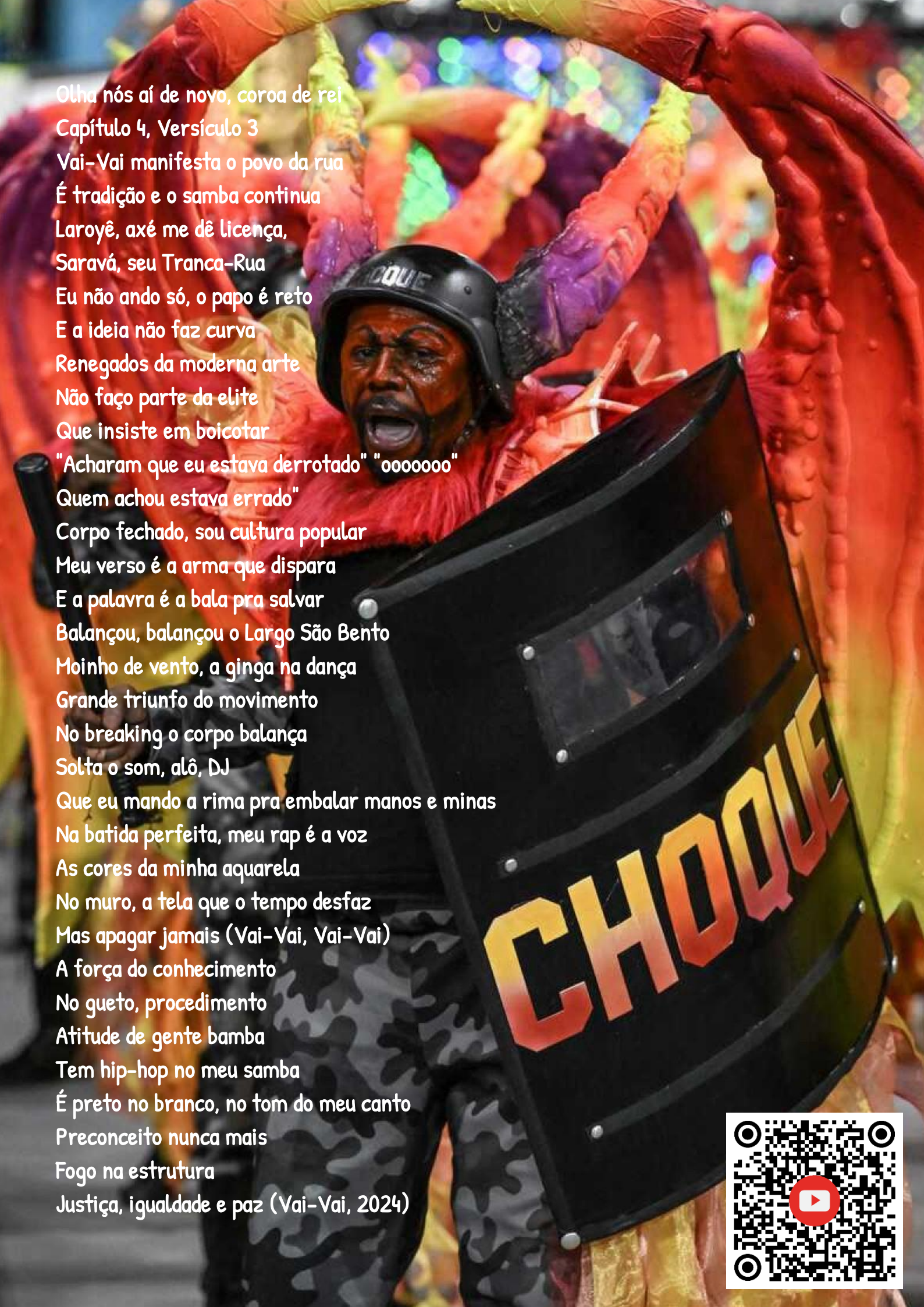
Deus e o Diabo na terra do Sol, nomeia uma música de Djonga com Filipe Ret, de 2019, também um filme de Glauber Rocha, lançado em 1964. Os 55 anos que separam as duas obras evidenciam a maneira que a história do Brasil perdurou de maneira semelhante.

No filme, que se passa no sertão nordestino - Monte Santo, Bahia -, Manoel e Rosa (também os nomes de minha avó e meu avô) perdem parte do gado ao levar para vender ao coronel, que é assassinado por Manoel ao se negar realizar o pagamento dizendo que o prejuízo seria dele; o casal parte de sua casa, e Manoel - à contragosto de Rosa - junta-se ao líder religioso Sebastião e seu grupo, que estão em discurso conflituoso com políticos, autoridades e fazendeiros. Posteriormente, Antônio das Mortes, é contratado para eliminar os fiéis, levando Rosa e Manoel ao encontro de Corisco, o Diabo Louro, último cangaceiro vivo após a morte de Lampião.

A música de Djonga apresenta uma continuidade da história retratada no filme. Não por acaso, foi em 1964 o ano do golpe militar no Brasil, uma ditadura que nunca terminou, pois segue, na figura da polícia, torturando e assassinando a população que antes foi sertão, e agora é favela, peri

feria, conforme indicado no também homônimo *"Deus e o diabo na terra do sol (leitura política de um capitalismo tardio)"*, por Souza (2003) o Estado brasileiro, uma das periferias do capitalismo, se utiliza do sufocamento e neutralização de tudo que se opõe ao interesse hegemônico econômico; vale, inclusive, utilizar de suas armas mais realistas contra a população: o fascismo, a ditadura, Antônio das Mortes. Para parar o fantasma do comunismo - imaginário -, o capital imperialista gera esquizofrenia geral, numa matemática louca: subtraindo tudo que considera do/o Diabo. Enquanto um lado da equação continua somando (o capital, os privilégios), o outro lado continua diminuindo (as vidas).

[46] *Amor e ódio* é uma música de Dina Di. É também as duas sensações que atravessam rotineiramente os corpos que operam pela arte, de seus modos, com a Casa do Hip Hop.



Olha nós aí de novo, coroa de rei
Capítulo 4, Versículo 3
Vai-Vai manifesta o povo da rua
É tradição e o samba continua
Laroyê, axé me dê licença,
Saravá, seu Tranca-Rua
Eu não ando só, o papo é reto
E a ideia não faz curva
Renegados da moderna arte
Não faço parte da elite
Que insiste em boicotar
"Acharam que eu estava derrotado" "ooooooo"
Quem achou estava errado"
Corpo fechado, sou cultura popular
Meu verso é a arma que dispara
E a palavra é a bala pra salvar
Balançou, balançou o Largo São Bento
Moinho de vento, a ginga na dança
Grande triunfo do movimento
No breaking o corpo balança
Solta o som, alô, DJ
Que eu mando a rima pra embalar manos e minas
Na batida perfeita, meu rap é a voz
As cores da minha aquarela
No muro, a tela que o tempo desfaz
Mas apagar jamais (Vai-Vai, Vai-Vai)
A força do conhecimento
No gueto, procedimento
Atitude de gente bamba
Tem hip-hop no meu samba
É preto no branco, no tom do meu canto
Preconceito nunca mais
Fogo na estrutura
Justiça, igualdade e paz (Vai-Vai, 2024)

Em matemática, utilizamos a expressão "notação ambígua", para quando uma mesma coisa significa outras tantas, dentro do mesmo contexto. Aqui, quero assumir a ambiguidade da notação 69. Além de ser o nome artístico de "tekashi" Daniel Hernandez, cantor de RAP envolvido algumas vezes em crimes como violência contra parceira e tentativa de assassinato (Forbes, 2024), é também exatamente o número de pessoas brasileiras que figuram entre as bilionárias brasileiras, que, juntas, têm R$ 1,16 trilhão (Valor, 2024), ou seja, cerca de 10,6% do Produto Interno Bruto (PIB) do país (IBGE, 2024a). 69 pessoas, de um total de 203.080.756 (IBGE, 2024b) é 0,002%. Aliás, a metade da população, somando tudo o que ganham, detém 10% da renda brasileira, enquanto os 10% mais ricos detém a metade da renda brasileira (Vocesa, 2024). Da população mais pobre, cerca de 16 milhões vivem em 11.403 favelas contabilizadas pelo Censo Demográfico de 2022 (Istoedinheiro, 2023).

Após uma imersão proposital em fontes que usualmente servem ao capital, como pode ser visto, sabem e divulgam a problemática distribuição de rendas no Brasil; porém, sem que seja efetivamente uma preocupação a política que institui, desde sua origem, um meio de defesa da nobreza e seus recursos (Senado, 2013) – a polícia.

A má distribuição de renda, afeta, inclusive as próprias forças de combate do Estado. A literatura indica que foram soldados retornando de Canudos que se instalaram e ficaram no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, para pressionar o governo a pagar os valores devidos; esse modo de moradia se assemelhava ao "Morro da Favella", último local dos combatentes contrários à República (Almeida, 2016). A favela, como vocabulário nacional – e o nome de uma planta –, pode ser também o sinônimo de morro, comunidade ou periferia, lugares em que tem vivido a população de origem composta por indígenas, ex-escravizados, entre outros.

A Terra do Sol, Bahia, foi o palco de muitas cenas: o local que portugueses invadiram Pindorama em busca de roubar riquezas; também por onde chegaram o povo da África que se rebelou ao chegar por aqui, formando comunidades em conjunto com os povos nativos (Santos, 2023); e que Antônio Conselheiro, em 1893, fundou Belo Monte, Canudos. Foi resultado de vinte anos de peregrinação de Antônio Vicente Mendes Maciel, que passou a ser conhecido como Antônio Conselheiro. O lugar escolhido era uma fazenda abandonada, que ficava às margens do rio Vaza-Barris. O nome Canudos, que acabou por se popularizar, é referência uma planta da região, de haste oca como um Canudo, utilizada por antigos para fazer canudos de pitos para fumar.

Em *Deus e o Diabo na terra do Sol*, o filme, em algumas cenas nota-se dois afetos, principalmente – do amor e do ódio. Do amor, pela ausência, pois, em praticamente nenhum momento parece haver alegria. Por outro lado, o ódio, parece ser comum. Manoel em ódio ao receber a notícia do coronel. Corisco em ódio pela morte de Lampião. Rosa ao agir contra Sebastião. Pela manutenção da segurança de suas posses, os políticos, autoridades e fazendeiros ao contratar Antônio das Mortes. Ele próprio, em um entendimento de que o ódio nunca pode ser bom, oferece sua crueldade à maior parte das personagens – que, por não estarem em liberdade, apenas meditam a morte, não a vida.

Na bíblia, tudo começa por Deus: "No princípio Deus criou os céus e a terra". Spinoza (2009) defende Deus como natureza. Imerso em diversos elementos muito comuns à matemática, tais como definições, axiomas, proposições, corolários e demonstrações, ele escreveu cinco partes na obra *Ética*, intituladas: a) Deus; b) a natureza e a origem da mente; c) a origem e a natureza dos afetos; d) a servidão humana ou a força dos afetos; e e) a potência do intelecto ou a liberdade humana.

O Deus de Spinoza, que é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas, existe em tudo e é infinito, é pensante, ama a si mesmo com amor intelectual, é a própria natureza. E tudo está nesse Deus. Ele é, portanto, tudo. E, se não existe nada que não se siga algum efeito na natureza, o Deus do Nada, talvez seja o Deus de Tudo. Que pode uma página com nada? Se tudo é Deus, e Deus é natureza, e de tudo segue algum efeito, uma página com nada pode... tudo! Também podem tudo, em termos de efeito, todas as outras páginas! E todos os outros deuses. E todas as outras deusas. Aqui, intelecto em formato de texto, cores, imagens, som, movimento... Aqui, se defende a vida, o que se afeta, a potência de Deusas e Deuses do Hip Hop. Nesta tese, se assume entidades. Orixás. Deusas de Tudo. Pluralidade politeísta.

> A humanidade se desconectou da natureza exatamente por ter cometido o pecado original. Seu castigo foi se afastar da natureza. Por isso Adão foi expulso do Jardim do Éden e o humanismo passou a ser um sistema, um reino desconectado do reino animal. Dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofobia.
>
> A cosmofobia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofobia? A contracolonização. Ou seja, o politeísmo, porque a cosmofobia é germinada dentro do monoteísmo. Se deixamos o monoteísmo e adentramos o politeísmo, nos imunizamos. No mundo politeísta não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Éden, ninguém tem memória de terror. Os deuses e as deusas são muitos e não temos medo de falar com eles. No mundo politeísta, ninguém disputa um deus, porque há muitos deuses e muitas deusas – tem para todo mundo. Como no mundo monoteísta só há um deus, é uma disputa permanente. O povo de Israel contra o povo da Palestina, por exemplo. Estão se matando na disputa por um deus. No nosso caso, não é preciso: temos Exu, Tranca Rua, Pomba Gira, Maria Padilha... Se não estamos com um, estamos com outro. (Santos, 2023, p. 9)

Savana é plural em sua diversidade de ações em prol de movimentos que visam a justiça social. Em sua atuação como assistente social participa em conselhos municipais de Piracicaba, como o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (Comsea). Na Casa, uma de suas principais lutas é a soberania alimentar de populações desassistidas, por meio da implantação de hortas comunitárias sem agrotóxicos. Também atua na produção e execução de projetos para fomento das atividades. A conversa foi gravada na entrada da Casa, em um sábado.

Heinrich – Então, a minha pesquisa, ela assim, ela é um pouco mais aberta do que geralmente as pesquisas da academia são, né? Geralmente o pessoal tem uma estruturação que é antes de começar a pesquisa; a minha já é numa ideia que vai estruturando conforme a pesquisa vai caminhando, né? Então, conforme vão aparecendo temas aqui, eu vou conversando com as pessoas, e vou escrevendo sobre o que as pessoas me contam que faz sentido escrever, né? É, enfim. E aí é isso, assim, mas aí eu queria... Eu sei que você é uma pessoa que que está aqui há mais tempo, conhece o bairro, você estava contando história aqui... Isso é uma coisa que eu já pensei sobre: como que é essa produção de afeto aqui dentro da Casa, por exemplo, de conhecer amigos, amores e um tanto de coisa do tipo, por exemplo.

Savana – Eu não... É que, assim, eu... Eu costumo falar que para mim faz sentido, eu sou uma pessoa que, assim, pensa muito; se aquilo lá faz sentido para você, então você se vincula, né? E a Paulicéia, aqui a Casa do Hip Hop está dentro daquilo que fez parte da minha vida, que eu gosto, que eu acredito, né sobretudo sobre nisso. Eu acredito que as pessoas juntas conseguem produzir coisas, né? Então, para mim, a minha troca, a minha relação com a Casa do Hip Hop é baseada nisso, é o momento onde têm pessoas que compartilham da mesma visão política, afetiva, de ideia, né? Compartilham comigo desses pensamentos e por isso eu estou aqui. Mas, acho que até por isso eu escolhi minha profissão, né? O serviço social é a base de toda a produção, de toda a lógica do serviço social, é isso, é as pessoas como potencial pra melhoria pra mudanças, né? Então pra mim é mais ou menos isso. Eu acredito que as coisas que a gente faz aqui, mesmo que pequenas, pra alguém, em algum momento, vai fazer sentido. Da mesma forma que foi para mim. Como eu falei, eu conheci o pai da minha filha aqui, né? A gente convivia na época, estava muito isso na questão do Hip Hop, eu não era tão ligada na questão do Hip Hop, a música tal, mas eu gostava da filosofia de compartilhar. De dividir, de todo mundo junto, né? Mesmo que eu não goste, eu respeito a sua vontade, então isso que me atraiu aqui na casa, né? E acho que naquela época isso, o que? Uns 20, 25 anos atrás, a juventude estava buscando, a gente não tinha mesmo e principalmente aqui, a Paulicéia, naquela época, a Paulicéia, Bairro Verde, Coréia, eram bairros onde a maioria era negra, as pessoas que viviam eram negras, e era onde a gente fornecia esse movimento para a gente estar bem, porque nos outros espaços a gente não se identificava, não. Não era bem

recebido, não era acolhido. Então, a Paulicéia tem isso. Era um lugar meu, onde eu era acolhida com aquilo que eu tinha para oferecer. E foi isso.

Heinrich - Você está aqui desde o começo, então...? Tipo, da Casa, assim, você participa...?

Savana - Sim, assim... mas, politicamente, depois... Acho que uns seis, sete anos, né? Mas assim, eu sempre participei da Casa enquanto espaço de lazer, de cultura, de convivência, então é mais ou menos, é desde o começo, né? Aquilo que eu falei: ali, era uma quadra de basquete... Era uma quadra de basquete; e aqui na Paulicéia a gente só tinha esse espaço para fazer essas atividades, né? É, então, assim, a gente vinha porque era o ponto de encontro da molecada, jovens... vinha o povo que vinha para dançar, o povo que vinha no skate, o povo que estava começando essa coisa do grafite, que até então era pichação... não tinha essa diferença entre pichação e grafite. Era aqui que a gente podia, a gente pintava 500.000 vezes o mesmo lugar. Porque aqui a gente fazia, a gente era respeitado, era valorizado, né? Tinha aquela coisa de adolescente: se sentir parte de um grupo... então... É por isso.

Heinrich - Como que era isso para com a sua família, de estar nesse espaço...? Que é o lugar que era permitido ou não? Porque eu já vi uma galerinha falando "Ah, o único lugar que minha mãe deixava eu ir, era na Casa do Hip hop".

Savana - Então, na minha época, a minha família... Eu fui criada pelos meus avós, eles são, eram evangélicos, então não era muito bem visto. No início não era muito bem visto porque tinha aquela ideia: "Ah, vai fumar maconha", "Ah, vai, vai para umbanda", "Não sei o que lá", então não era muito bem visto, mas com o tempo meu avô, graças a Deus, apesar de ser uma pessoa muito religiosa, muito ligada à doutrina da igreja, ele respeitava muito as pessoas. Então, assim: "traga os seus amigos, eu conhecendo eu deixo você ir. E, graças a Deus, naquela época ele se afeiçoou a todos os meus amigos daqui. Então, foi fácil, assim... eu convivia. Lógico que tinha horário para voltar, horário para sair, não podia sempre estar aqui... E, aqui, eu morava ali na Paulicéia, perto da caixa d'água, mas eu estudava numa escola lá no bairro Alto, no antigo Befecó[47]. Então era caminho meu de ida, eu ia a pé na escola, então era caminho meu, a gente vinha de lá, eu, a Thaís (do sítio de São Benedito), lembra? A Thais, a gente estudou junto... A Anne, Anne Elise, a Anne morava aqui em embaixo. Então era caminho. A gente ia para escola a pé, ia passando na casa de cada uma... encontrava, daí vinha embora e era caminho. Então era aqui que a gente parava, ficava conversando, foi aí que eu comecei a conhecer a casa do Hip Hop, né? E foi importante, porque assim até aquele momento é, eu só tinha o lado, eu só conhecia a verdade que os meus avós passaram, né? Para mim, aquela coisa da igreja, dos valores e tal, mas aqui eu me descobri por que tinha muita coisa aqui, para mim, não fazia sentido. Eu via, eu queria participar, mas eu não podia por conta da educação que eu tinha recebido. E, aqui na quadra, ali, na época, era o Centrinho - a gente falava Centro comunitário, o Centrinho, a Quadra -, eu conseguia descobrir. Eu sempre fui muito xereta, curiosa, então eu conseguia descobrir essas coisas aqui, então foi isso que me vinculou à Casa. E agora eu retornei, depois, de assistente social, eu retornei e

[47] Antiga escola da cidade de Piracicaba: Escola Estadual Professor Benedito Ferreira da Costa.

comecei a olhar o lado político, a criação de vínculo, criação de identidade é... a forma como a gente interage aqui... da gente respeitar o outro, né? Ele é diferente de mim, mas que que importa? Tem coisas que ele é parecido comigo, né? E está tudo bem, ninguém é obrigado a ser igual. Foi mais ou menos isso. Mas a princípio, minha família não gostava muito, não. Apesar de ser negra... mas, por conta da igreja, não era bem visto esse monte de gente negra, de gente preta, tudo junto, por conta da questão da marginalização, racismo, tudo isso. Mas depois, quando começaram a conhecer os amigos que eu tinha aqui, daí foi permitido.

Heinrich – É... legal! Bom...

Savana – Uma contradição. Que mais?

Heinrich – É, vou investigar isso porque eu tô estudando um pouco sobre o bairro, sobre a formação da cidade, sobre os espaços que tem, né? É... de acesso à cultura aqui na cidade, então... tem o Treze de Maio que eu conheci num roteiro da Júlia (Rotas Afro), eu já...

Savana – Sim, é que assim, Piracicaba, eu acho Piracicaba uma cidade muito... ao mesmo tempo que ela é muito acolhedora, ela também é muito presa a alguns valores antigos, assim, sabe? É muito burguesa, colonialzinha demais por aí... Mas ela é uma... Assim, ela te acolhe, só que, por outro lado, ela te força a viver do jeito que ela quer. E então, é justamente isso. E a questão da segregação era muito forte. Bairros, tipo: Castelinho, Jaraguá, Centro, Vila Rezende... eram os bairros ricos e a população que tinha uma condição inferior de renda acabava morando nas periferias; e, naquele momento, Coréia e Paulicéia eram as periferias, né? A cidade, não tinha se desenvolvido muito para lá, né? Apesar de estar tão próximo do Centro aqui, naquela época era considerado periferia, porque a grande maioria da população negra morava aqui, né? [bairros] Itapuã, Vila Cristina – chamavam de risca faca, na época –, Vila Cristina, Paulicéia, Coréia... eram os bairros mais longe assim, né? Então eu acho que tem a ver com isso. Um pouco dessa segregação, misturado com racismo, né? As pessoas... Essa convivência meio estranha, né? Mas, é isso. Não sei... eu me identifico com isso, eu gosto do clima. Eu falo assim: eu adoro baile black, não danço quase nada, mas adoro baile black; eu venho aqui pra ouvir as músicas, estar junto, com o pessoal, né? E é isso.

Heinrich – Uma outra coisa, último... assim, prometo... é você tem filha...? E qual a idade?

Savana – Filhas! Tem uma de 26 e outra de 21.

Heinrich – Nossa, sério?! Pensei que era mais nova.

Savana – Não... uma é de 26, que o pai dela é esse que eu conheci aqui.

Heinrich – Hum, Hum.

Savana – É... então, assim, elas, elas participaram desse movimento, mas assim, eu acho que justamente por ser tão diverso isso, elas seguiram para um outro mundo, mas não que elas não façam parte disso, se elas vierem aqui, de vez em quando, elas vêm, elas participam de boa. Mas assim, a afinidade delas é com outros espaços, mas aqui também é uma referência para elas, né? É, assim, elas me ajudam com bastante coisa daqui.

Heinrich – É que cê tinha comentado naquele dia na reunião da... Você tinha comentado aquele dia, das esposas, né? Que são inviabilizadas dentro do espaço e aí não assumem as posições de direção, por exemplo, mas que na verdade, esses homens aqui na Casa conseguem fazer isso tudo e estar nesse espaço, porque, né...

Savana – Tem esse respaldo, essa estrutura em casa, né? Que permite que eles façam. É! Eu entendo que isso seja uma realidade. Assim, no meu trabalho, eu vejo muito isso, né? E tenho que confessar muitas vezes eu acabei reforçando isso também, porque a gente... essa coisa do cuidado, da maternagem, do bem-estar, da administração do lar sempre foi relegado para a mulher. É um trabalho, é um baita de um trabalho, puxado, complicado. A gente tem que se desdobrar em 1.000. Para o homem, apesar do papel dele ser, é tão importante quanto esse, mas eles... Ele trabalhou fora – eu acho que tem muito a ver com o que as pessoas imaginam que seja trabalho, também –, trabalhou fora, trouxe dinheiro, o resto ele já cumpriu a obrigação dele. E enquanto para mulher, principalmente, que seja dona de casa, isso não é a da mesma forma; ela, além de trabalhar fora, ela tem que dar um jeito dos filhos estarem seguros, alimentados, bem vestidos; ela tem que dar um jeito na casa continuar bem administrada com tudo dentro, né? Então, é mais ou menos isso que eu penso. É por conta dessa estrutura que a gente vivenciava até então. Quer dizer, vive, ainda. Mas tem a ver com isso. As mulheres vêm muito aqui para Casa porque, penso eu, no primeiro momento, era para verificar o que estava acontecendo com os filhos. Por que que vinham muito aqui? Na minha época não tinha tanto adulto aqui, porque era uma época mais segura, também. Mas eu acredito que agora as mulheres vêm aqui justamente por isso, para verificar o que que está acontecendo, por que que meu filho vai lá? Não saia tanto de lá. E, vindo para cá, elas começaram a perceber que esse é um espaço que elas também poderiam utilizar para elas. E foi indo, né? Eu acho que a grande reviravolta da Casa aconteceu no momento da pandemia, porque poucos foram os movimentos que olharam para isso, né? Que viram que as famílias lá na periferia estavam passando necessidade, não era só a questão do alimento, era necessidade de conviver com as outras pessoas, né? Eu penso muito nisso. A pandemia, ela veio para mostrar que as pessoas precisam estar juntas para serem melhores. Não adianta nada eu ficar lá no meu cantinho, eu sou uma ótima pessoa sozinha lá no meu canto; eu tenho que ser uma ótima pessoa junto com outros, né? E a pandemia reforçou isso, eu acredito que, para o mundo todo, e aqui em Piracicaba a gente teve muita carência desses movimentos, dessas ações que aproximassem as pessoas. Então a casa se vinculou muito bem com as mães, por isso; porque, enquanto assistente social, lá onde eu trabalhava, eu via isso, chegava a mulher lá chorando por quê? Trabalhavam como diarista, doméstica, perderam o emprego, eram arrimo de família, não tinham o que fornecer para o filho, na casa ali, na rotina diária... Mas, por outro lado, a nível, assim, de sentimento, de, emocional, estava bem abalado porque elas também não conseguiam, não tinha uma pessoa que ouvisse essa necessidade delas; e a Casa, naquele momento, foi isso. E o ser humano tem muito disso: quando ele gosta, quando ele se sente bem, ele quer retribuir de alguma forma. Então a vinda das mulheres foi, no início, foi essa, também de retribuição por aquilo que a Casa estava fazendo; e foi muito esperto, da Casa, perceber que uma

forma de manter esse público era justamente ofertando as ações. Então a gente tem, mesmo que não sistematizado, não organizado, a gente tem isso. Enquanto os pais estão lá na horta, as crianças estão aqui fazendo basquete, jogando, dançando, né? É um espaço familiar justamente por conta dessa configuração. Não é aquela coisa fechada, dura, né? Tem várias coisas, é aberto para você: "Ah, eu quero fazer outra coisa, não quero participar disso, eu quero fazer isso"; então vai, faça, é aberto! E isso favoreceu bastante a questão da Casa, né? As mulheres virem para Casa do Hip Hop, eu acho que acaba reproduzindo um pouco do que elas fazem em casa. Não estou desmerecendo homens.

Heinrich - Não, eu entendo.

Savana - Mas assim, mulher, ela tem uma cabeça um pouco mais aberta. Ela costuma olhar mais as coisas, né. Então, assim, a Carmem, por exemplo, ela veio aqui, ela começou a fazer uma coisinha ali, tal... de repente, do nada, ela já começou a assumir as coisas da cozinha, ela começou a assumir a limpeza, ela começou a ser líder das mulheres. Por quê? Porque ela tem esse olhar mais aberto e ela sabe das necessidades, né? Então, assim, mesmo que ela seja a responsável aqui pela Casa, ela não é só a responsável administrativa, mas ela tem um vínculo muito forte, afetivo com a Casa e com as pessoas que estão aqui, porque ela se reconhece. Ela tem essa relação de empatia com elas, né? É uma pessoa que sempre viveu também algumas situações difícil, complicadas.

Heinrich - Eu conversei com ela já. Ela já me conta muita coisa.

Savana - Então isso tornou mais fácil esse processo de vinda das mulheres se reconhecerem nesse espaço. O espaço se tornou também delas não só para os filhos, mas também é delas, né? Eu vejo muito isso aqui. Assim, homens, tem bastante: meninos, adolescentes... mas, homens, mais velhos, em relação à mulheres, é bem pouco o número, né?

Heinrich - Verdade! Não tinha pensado nisso... Tem muito menino mesmo.

Savana - É, adolescente tem um monte, criança tem um monte; mas, homens, são poucos, né? Porque acabou se tornando um espaço... e, mesmo assim, quando eles vêm, vêm porque a mulher pediu para vir, a mulher trouxe, a mulher convidou, né? Então é um espaço familiar, é um espaço de referência para a família, né? Coisa que eu, aqui em Piracicaba, a nível público, eu não vejo outro espaço que seja assim, a nível de Prefeitura, né? A gente costuma focar muito em projetos ali, só aquela pessoa. Não! A pessoa, ela é feita do meio, do território onde ela vive, ela convive com outras pessoas, então é importante também o saber da rotina dela, o que é possível para ela fazer naquele local que ela mora? Né? É, eu estava conversando com uma amiga minha, a Anne, mesmo... A gente, no trabalho, a gente fica trabalhando muito aquela família: "olha, você tem que ser mais protetiva, é assim..."; estimula muito a pessoa, só que a pessoa, a partir do momento que ela sai da casa dela, têm coisas que não estão sobre gerência e gestão dela. Então é nesse sentido, assim... é o espaço da família...

Heinrich - É isso, né? Assim, chega a galera, fica...

Savana - É isso. Porque alguma das... assim, o bom de ser bem diverso esse movimento é isso;

porque qualquer uma das atividades que faça aqui tem alguém que gosta, alguém que simpatize, alguém que conheça, alguém que saiba fazer e possa ajudar. Então o legal daqui, desse espaço, é justamente isso, essa diversidade. E a gente pegou um hábito muito ruim de ficar focado, só ali, não olha o entorno, o que está acontecendo, né? É... voltando lá, assim, eu tenho um trabalho com mulheres que são vítimas de violência. Não adianta nada... não que não adianta nada, mas adianta muito pouco, é muito pouco eu trabalhar só com ela, falar que ela tem direitos, que ela não pode ser violentada, não pode ser agredida, que tem serviços específicos para ela... Ela está super empoderada, mas e a pessoa que agrediu ela? Sabe que isso é errado? Então eu preciso trabalhar com quem? Com a vítima, mas também com o agressor, né? Não adianta nada eu ficar só empoderando a vítima, se o agressor também não entendeu, não fez sentido aquilo para ele. Eu acho que é isso, né? É a gente trabalhar, pensar numa atuação que seja para todo mundo: para quem produziu, para quem consumiu, para quem agrediu, para quem foi vítima... É neste sentido. É através disso que a gente consegue mudar algumas coisas. Eu penso muito assim... não sei.

Heinrich - Legal, não? Bom, massa. Me ajuda com muita coisa... assim, eu com certeza vou escrever sobre isso, tal... a gente vai ver junto, depois... eu ainda tenho um tempo de pesquisa, então a gente vai conversar muito.

Savana - Esses dias eu estava pensando, essa coisa da violência, a gente fala assim: "ai, violência contra a mulher, violência...", mas, quantas violências são cometidas antes de virar uma violência física, por exemplo? É isso.

Heinrich - Nossa, muitas. O quanto que a gente traz, né? Da gente, na fala, no jeito, numa escolha, numa decisão... e isso tudo vai, né? Até chegar à violência física.

Savana - Isso! Até mesmo eu, assim, é... de repente, eu falo assim: "Ah, a pessoa me empurrou"; eu aceito normal, isso, né? A pessoa está aceitando... Ah, ele empurrou, mas não deixa de ser uma agressão... e eu aceitei, porque para mim aquilo está natural, não é? Então, assim, a gente tem uma caminhada grande para desconstruir ou pelo menos fazer a pessoa parar e falar: "não, não foi legal, na próxima vez vou tentar mudar", né?

Heinrich - Tava conversando com uma amiga minha - professora de educação básica -, ela contando dos aluninhos dela, que os meninos têm o hábito de falar que é namorado da menina, sem a menina querer, vai lá e assume "não, ela é minha namorada e pronto". E aí a gente estava conversando isso, de que começa isso, e aí, socialmente, o menino começa a entender que ele tem a propriedade sobre a vida da mulher, até o ponto que vira uma violência e até de tirar a vida da pessoa, né?

Savana - E assim, a gente fala: "ai que bonitinha a namorada dele", né?

Heinrich - É uma coisa, né... e a menina não quer, né? E o menininho falou "mas ela é minha namorada, né? E aí ela falou isso, que trabalha isso com as crianças, que não pode, que a menina não quer e tal, enfim.

Savana - Ah, sei lá, eu acho que é isso. Eu me sinto bem. A grande verdade é essa, eu me sinto bem na Casa, me sinto bem fazendo isso.



Heinrich - Às vezes eu até esqueço que eu estou na pesquisa, porque às vezes eu tenho que registar coisas, às vezes eu esqueço, eu falo: "putz, não! Esqueci!".

Savana - É... eu não consigo... Eu já entrego pra alguém, porque se eu estiver falando, eu esqueço.

Heinrich - Ai, muito obrigado! A gente vai conversando mais, ainda. Eu ainda vou ter muito tempo... então...



CASA DO HIP HOP





Conversa realizada com Andressa e Maria no dia 11 de fevereiro de 2023, enquanto estávamos participando da oficina de origami oferecida na Casa. Andressa, além de ser filha de Maria, tem dois filhos que participam das atividades de skate oferecidas pela Casa. Como família, também frequentam outros espaços da instituição.



Heinrich - A gravação é pra eu não esquecer, porque eu converso com muita gente, tem muita coisa... então. É, eu... Eu faço uma pesquisa como eu falei e ela é de pós-graduação, doutorado, no caso e é aqui na casa do hip hop. Faz uns 6 meses, assim, mais ou menos que eu venho aqui nas atividades, frequento, que eu posso, eu consigo... igual hoje, assim, venho, participo de uma, participo de outra, participo de outra coisa, e principalmente no final de semana. E aí vou conversando com as pessoas para tentar entender... porque a pesquisa ela não tem uma característica assim, anterior, sabe, tipo, eu vou vendo durante a pesquisa, assim, o que eu vou vendo, eu vou, vou procurando, perguntando e tentando entender o que que é cada coisa. Por exemplo, hoje: eu vi que vocês estão em família, eu fiquei interessado. "Que legal." Passeio da família o rolê da família, enfim, mas é num sábado e tal. Sei lá, poderia estar todo mundo em casa, assistindo ou não, ou sei lá... enfim, ou tá em algum outro lugar num shopping, enfim, mas tá aqui, né? E aí eu achei isso curioso, e aí eu queria entender assim, um pouco, como que foi isso? Como que vocês vieram parar aqui? Como foi esse primeiro contato?

Andressa - Tá, eu já... Eu já conhecia. Eu sou a Andressa, e ela Maria. Eu sou mãe, ela é avó, minha mãe, né? Os dois meninos e ela é minha sobrinha. Eu conheço... eu conhecia porque eu vinha na pista assim, eu vinha trazer pra andar de skate, o menor. É, eu vinha trazer. Só que o meu filho mais velho faz 9 meses... é, vinha só que não era muito frequente.

Heinrich - Ah, ano passado?

Andressa - Isso, ano passado eu comecei a vim mais frequente. Aí o meu filho mais velho ele desencadeou uma crise de síndrome do pânico, o mais velho, Rafael. E assim, eu vinha aqui pra trazer o Adriel. E aí ele não queria sair de casa, ele não queria, é, ir na escola. Só queria ficar trancado no quarto e dormia, dormia. E eu comecei a vir aqui e eu conheci o Dilsão, né? Ele e o Catata, né? Aí um outro mocinho que vinha falou assim: "Ah, eles dão aula de skate"; porque o mais novo queria fazer, e eu fui conversei com ele, e ele falou assim: "vem um dia aí conhecer a aulinha". Eu vim um dia conhecer a aulinha, né? Que é: o Dilsão, o Catata e o Rasta[48], né? Que dão a aulinha. Aí conversando com ele, falando do meu mais velho, né? Que estava com depressão, porque assim, porque na verdade eu sou divorciada e o pai é muito ausente, bastante ausente. Então, assim, até na escola dele, o professor começou a perseguir ele, aí ele... ficava expondo ele, e ele começou a sentir... Ele já não gosta muito dessas coisas, não gosta de tirar foto. Aí ele começou...

[48] Dilsão, Catata e Rasta são professores de skate nas oficinas da Casa. Além disso, Catata é responsável técnico pela parte elétrica em termos de manutenção e instalações.

ele travou, não queria mais ir na escola. Eles vão de van, aí quando chegava a hora que a van chegava no portão, ele começava a... tinha uma síndrome que ele começava a vomitar. Até caía a pressão, não ia pra escola. Aí afastaram ele da escola e ficou em casa. Aí eu comecei a vir aqui, ele falou: "venham", o Dilsão falou, "venham um dia de sábado pra conhecer as oficinas", né, aí a gente veio. Aí chegando no dia, eu com minha mãe, né, chegando com o carro, ele não quis sair do carro, nem... ficou lá no carro. Aí o Dilsão foi lá, sabe, conversou com ele... eu falo assim, que ele foi um anjo, né, que apareceu ali pra, naquele momento. Aí começou a conversar e falou: "viu, venha de semana, traga eles pra andar que eu tô aqui". Aí de semana ele conversava, conversava com ele... eu comecei a vir, durante a semana, ele tava aí. Ele vinha com o skate, só que ele sentava lá, não queria andar porque ele tinha medo de cair, o pessoal rir. Sempre no jeitinho dele. E o Dilsão ia lá: "vamos andar, que ninguém vai rir de você" ... tanto o Dilsão como o pessoal dali, todo mundo, sabe, pra dá aquele incentivo pra ele. E ele começou um dia, né? Falei, foi essencial para ele, né? Que ele começou a andar, o Dilsão deu maior apoio. Foi o que fez ele deslanchar, porque aí... Ele passou com a psiquiatra, que deu um monte de remédio, e ele não tomou um remédio. Assim, se você vê ele hoje até ela fala que, quem vê, não fala que é aquela criança que estava travada, aquela travada. E assim eu falo pra ele óia, Dilsão é Deus no céu e cê na Terra, que eu falo que devo muito a ele. Ele, a Patrícia, sabe? O Rasta, o Catata... Deu muito apoio, né? Os três, né? Assim. E ele foi, não tomou um remédio. E mudou da água pro vinho, não sei se cê viu ele aqui. Ele não era assim, uma criança que ele não ria... Eu ia na chácara da minha mãe, que ela mora na chácara, ele só ficava o dia inteiro no quarto. Minha família vê e fala: "nossa, mas como que ele...? É o Vitor mesmo?" Porque ele mudou. Até quando ele voltou a passar com a psiquiatra, ela perguntou se ele tomou remédio eu falei: "não, ele não tomou remédio, não precisou", eu falei. Ela falou: "Ah, por quê?". Eu falei: "porque foi o professor de skate". Ela falou: "da onde que é?". Eu falei: "da Casa do Hip Hop". Ela falou: "Casa do Hip Hop?". Aquele preconceito, né? Porque tem um preconceito. Ela falou: "mas o que que é lá?". Aí eu falei: "então, os professor da Casa do Hip Hop foi que ergueu ele. E ele fala assim, ele deve muito, o Dilsão é tudo, né? Ele fala: "é o Dilsão, é o Rasta, é o Catata...". Assim, tem como ídolo, né? Os três, né? Foi essencial para ele. Eu falo assim, que eu devo muito lá os três. Porque se não fosse os três e a Casa do Hip Hop, né? Que eu falo que me ajudou bastante. Não tem o que pague. Foi assim, que eu comecei a vim, aí eu vinha na pista, conhecia um... aí eu vim no dia consciente, aí conheci ele, o Gigante[49], que tava brincando com uma máscara, aí começamos a conversar, aí conhecia um, conhecia outro... daí fomos chegando, né, na Casa.

Heinrich – Uai, aí cês vem por vocês, também, né, agora?

Andressa – É, acaba que assim, tem que vim trazer e acaba ficando tudo junto, né?

Maria – Sabe por quê? É, sabe, o acolhimento... essa questão! A gente também, sabe? Receber, receber bem e, sabe, cê vê cada um aqui de um jeito... Cada um tem uma história, uma tribo, e chega e, sabe assim, junta, sabe? E um respeita o espaço do outro, sabe? Cê cumprimenta, sabe? Conhece... um tempão e conversa, né? Então... eu vi com os meninos, do Rafael, meu neto, ele ia lá pra casa e falava assim: "vó,

[49] Gigante, ou Giga, é o Henrique, que ministra oficinas de origami na Casa.

quero ficar com você", porque é na chácara, né? Só que assim, eu ficava preocupada porque ele ia pra chácara lá, e só queria dormir o dia inteiro, só queria dormir. Lá é sossegado, sossegado, sabe? Só dormia. Quando não tava dormindo estava no celular jogando, trancado... e ele começou a sofrer junto, né? Aí ela veio para cá... Nossa, quando eu vejo hoje, sinceramente, quando vejo ele andar, sabe, assim? Não só por ser vó, né? Então, e daí, eu falo, sabe, assim? De olhar, assim, de vê! porque o Andriel já queria, sabe? Sempre gostava de esporte, né? Ele não, era travado, sabe? Sempre ele vinha mas não... sempre ele queria mas não tinha, assim, né? Aquela vergonha, aquele medo. Nossa, quando eu via e a Andressa filmava ele e ela falava: "mãe, olha o Vitor, né?", mandava pro celular meu... Nossa! Ficava, sabe assim? Naquela alegria. Nossa, que bom, né?"

Andressa - Eu tenho muito amigo assim, que fala: "mas você fica lá com as crianças?". Eu falo: "eu fico até tarde". Fica assim... às vezes fica só eu de mulher aqui, e é assim, sabe? O maior respeito, tanto assim, de todos, no geral, sabe? Que nem eu falei pra uma mãe aí, esses dias, que eu falei pra ela assim: "olha, pode vim sossegada, eu venho sozinha, venho só eu e os dois"... E tanto é que o menino dela... E os meninos que ficam aí, ajuda a levantar, ensina, empresta skate... Você vê que assim, é uma família mesmo, né?

Heinrich - Nossa, que legal. E aí na escola ele mudou, também?

Andressa - Ele mudou na escola, mudou. É, mas todo mundo assim que vê, fica... E aí, assim, até um dia, uma amiga minha disse assim: "nossa, mas lá é uma turma de vagabundo". Aí ela viu e ele e disse: "nossa, mas é o Vitor?". E eu falei assim: "mas então, foi os vagabundos lá que ajudou o Vitor". Porque tá lá, você vê a caixa tá lá, as caixas tá lá, tudo cheia de remédio, não tomou um remédio. Os remédios é tão forte que ia acabar com o estômago dele. A médica falou assim: "olha, mãe, vai melhorar numa coisa, mas o estômago dele vai ficar um pouco...". Nossa, como que pode?

Heinrich - Pode gerar dependência também, o remédio...?

Andressa - Então é um remédio superforte. Pra uma criança que tem treze anos?

Maria - Aqui teve uma feira, sabe, um dia. A gente conheceu, aí a gente pegou e veio. Assim, eu fiquei impactada. Sabe? Eu fiquei sentada aqui o dia inteiro, observando, sabe assim uma pessoa que tá num outro mundo? Porque eu sou uma pessoa evangélica, né? E indo pra casa, assim, eu falei: "nossa! Uma gente, sabe, assim? Senhor!". Aquele amor, sabe? Respeito, sabe, assim? De boa.

Andressa - Até minha tia, veio. Ela veio também. Eu falei: "vamos, Vitória". Que ela gosta das coisas, assim, de muitas... né? Ela veio também. Até ela ficou! Encantada com as coisas que ela viu. Uma da tarde... Várias tribos. Mas aquele amor, educação. Sabe, não importa a idade. Cada um, assim, é: "bom dia", "boa tarde". Uma coisa que lá fora você não vê isso.

Maria - Não mesmo.

Andressa – Uma coisa que pra eles é normal na sociedade, né? Mas não vê. A educação que o povo daqui tem.

Maria – Sim, porque, sabe, então, eu vinha, via a educação, chegando cumprimentando, sabe? Se envolvendo... Sabe, tudo numa boa? Respeitar o espaço do outro. Cumprimentava. Tem lugar que cê vai, e começa briga, brigaiada... E aqui, não. E o pessoal tudo tatuado! E eu falei pra Andressa assim: "viu? A gente não pode julgar o livro pela capa". Não pode porque, não tem esse negócio de que é tudo tatuado. Gente! Pensa num povo bom. Sabe, humano, que apoia, recebe. Queria saber de nem ir embora. Porque ela mora pra cá e eu moro é... E minha filha veio acompanhar as crianças e acabou se envolvendo, daí conheci a horta. Aí tem a horta, conheci a horta tudinho, que eles faz. Olha, gente, não tem o que paga. Eu acho que é gratidão. É gratidão, porque, sabe? Acolhe muito bem a gente, e só de pensar que um dia meu neto estava assim... Quando ele vem aqui, sempre que eu num tô ele mandou filmar e ele fala assim: "vó", aí ele à tarde ele manda um áudio.

Andressa – É. Eles chegam... É que eu sempre venho à noite. Eu venho umas seis horas, né? Aí eles sempre ficam andando, né? E sempre está os três aí: o Dilsão, o Catata, o Rasta, tão sempre aí... Aí chegam lá em casa, vai correm no WhatsApp: "viu, vó, aconteceu isso, aquilo, fulano fez isso, cicrano fez aquilo". Aquela coisa assim que cê vê que se divertem, né?

Maria – Nossa, e o que ia usar remédio, que é o Vitor, ele falava pra mim assim: "nossa vó, eu fiz tal coisa assim; nossa, olha que monte, muito da hora e...", e, sabe assim, começava a falar, falar... e fazia chamada de vídeo, e ela falava assim: "vai fofocando pra vó, já". Aí ele falava assim: "óia, vó, nossa, hoje o Catata me elogiou, e o Dilsão!". Então pra ele, isso aí incentiva, a criança cresce, né? E que nem, a Lorena, ela veio aqui hoje, ela é do meu outro filho, ela tem um atraso.

Andressa – Ela tem a idade do meu menino mais novo. Tem onze anos. Só que ela não parece uma criança de onze anos. Foi quando ela nasceu, né? Ela é uma moça...

Maria – Eu falei assim pra ela, que disse que ia tá comigo, eu falei pra ela assim: "Lorena, amanhã lá na Casa do Hip Hop, lá, amanhã, nós vamos ver, vamos conhecer o Gigante.

Heinrich – Ela não conhecia aqui?

Andressa – Não, não conhecia. Primeira vez que ela vem.

Maria – Ela falou pra mim assim: "ai, vó, estou com medo do gigante". E eu falei pra ela: "o gigante é um rapaz, só que ele é grandão, você vai amar ele". Aí ela falou: "é, vou?". Aí eu falei: "vai". Falei pra ela, era ontem, à noite. Aí quando foi hoje cedo ela: "vó, que horas nós vamo ver o gigante?". Que ela queria conhecer, o foco dela era o gigante. Aí pegava o celular assim, falava assim: "gigante, viu, tô chegando aí, tá? Tá bom, tá, beijo, tchau". Aí eu falei: "cê conhece ele?". "Eu conheço ele, vó". Chegou aqui, ela ficou falando do gigante... Aí conheceu o gigante, andou de patins, skate. Aí, ficou falando que conheceu o gigante... ela estava com ele ali, não largava mais. Ela disse: "viu, eu te amo". Eu falei: "olha, só de falar

dele, ele cativou ela". "Gigante! Gigante! Aí, como cê chama? Ah, é Henrique", aí ficava chamando ele de Henrique. E eu falei: "ai que interessante, né?". Uma coisa que cê vê que ela gostou, ela amou, viu? Que é bom pra ela. Que é uma coisa que é bom pra ajudar a desenvolver, é bom... aí falei assim... porque ela sempre anda comigo. Ela vê, sabe? Se desenvolver. Porque o fato dela ter esse atraso, na escola ela tem que ter auxiliar, ela tem que ter auxiliar na classe, também. Tem que ter auxiliar pra poder acompanhar, porque ela não acompanha a classe, sabe? Então tem que ter na classe, pra ajudar ela a escrever, lê... então, cê pergunta assim pra ela: "cê num tá indo na escola, ainda?"; aí ela: "aí, porque eu não tenho auxiliar, não tenho auxiliar, ainda". Aí eu digo: "mas você é capaz, você consegue, cê é inteligente, cê consegue fazer". "ai, consigo?". "Consegue, vai se esforçando, né?". E ela está assim, pra vê auxiliar, ela não conseguiu ainda, mas ela é muito, ela é muito inteligente. Ela guarda, ela fala. Aí eu falo: "como que pode uma criança ter um atraso, né?". Mas tinha que beber remédio forte, e foi tirando aos pouquinhos... tomou gadernal, tomou um remédio lá que era forte, e, nossa, deixava ela mais lenta ainda, do que ela era. Aí foi tirando aos pouquinho, e agora ela está assim. Em vista do que ela era, cê surpreende, porque ela... é muito inteligente.

Andressa – O médico falou que ela não ia andar. Até corre, já. Até anda de skate.

Maria – Ela é um milagre! E pega e anda, viu? Falo assim: "cê vai andar? Anda pro tio vê".

Andressa – Ela copia bastante os dois, adora. Tudo que eles fala, ela quer fazer.

Maria – Aqui é uma coisa muito boa.

Andressa – É, eu falo uma coisa assim que o pessoal não vai, não dá valor, na Casa do Hip Hop, as oficina, a horta... Se tivesse mais pessoas assim, pra ajudar, ia ajudar bastante gente. Ele foi lá, quando passou no psiquiatra, né? Que ele falou assim que a melhora dele, ela perguntou: "como foi sua melhora?". Ele respondeu: "não tomei nenhum remédio, não precisou". Daí ela falou: "por quê?". Daí ele falou assim: "olha, devo muito ao Dilsão, o Catata e o Rasta". Então falou assim que devia muito a eles...

Maria – Lindo! Lindo! (comentando sobre o Origami que a neta e os netos estavam fazendo)





Tudo.

Flora Maria Blumer de Toledo, nascida em 1834, se soma e assemelha à história de muitas outras: nasceu em situação de escravização em uma fazenda; Blumer era o nome dos donos da fazenda; Toledo era o nome da família que lhe comercializou quando tinha 41 anos; foi alforriada aos 47 anos de idade, em 1.881, em uma negociação intermediada pelo advogado que viria a ser o terceiro presidente do Brasil, Prudente de Morais; Flora trabalhou na cozinha do Colégio Piracicabano e faleceu aos 58 (Oliveira, 2022). Nem seus sobrenomes eram seus.

Morte aos senhores.

E às suas instituições. E a seus modos de colonização.

Djamila Ribeiro (2016), em seus estudos junto à Simone de Bouvoir e Grada Kilomba, apresenta um olhar da mulher negra como o outro do outro, em uma posição que contraria a masculinidade – por conta do patriarcado – ao mesmo tempo em que também se opõem à branquitude das outras mulheres – por fatores que remetem à escravização de antepassados. Não por acaso, rotineiramente ganham o noticiário casos de violentos assassinatos de mulheres negras e periféricas, mesmo em posições de destaque na sociedade, seja pela formação acadêmica e/ou participação no debate político, ou de crianças. Há casos em que isso ocorre com presença do aparato, recursos e financiamento direto do Estado – o Antônio das Mortes, como Kathlen Romeu (grávida, morta em ação policial enquanto visitava a família), Marielle Franco (morta dentro de um carro, em execução política), Ágatha Félix (de 8 anos, morta dentro de um veículo, durante ação policial)...

Conceição Evaristo (2017), denuncia violências da condição escravizada, ao escrever sobre os fios de ouro de Halima; em 1.852, com 12 anos, chegou nas terras de cá, oriunda de solo africano, especificamente de um clã que dava significado ao cabelo e seus penteados como um símbolo de beleza, norteador de regras do grupo. Halima teve seu cabelo raspado, cortado à força – antes de ser vendida como escravizada – e seu corpo servido de interesse à casa-grande para diversão, trabalho, prazer e reprodução; até que, anos depois, esqueceram dela, pois aguentava trabalhar pouco. Eis que aconteceu:

> "Havia um segredo que só Halima sabia. Seus cabelos não pareciam ser de ouro, eram de ouro. Ainda pequena, antes do embarque, seu destino havia sido vaticinado. De tempos em tempos, uma pessoa do clã de Halima nascia com cabelos de ouro, que só apareciam depois de longo tempo de maturação da pessoa, quando o tempo começasse a lhe oferecer a dádiva do sábio envelhecimento. Por isso, ela não se desesperava toda vez que os agressores lhe cortavam os cabelos. O ouro nasceria um dia, no tempo exato, no corpo amadurecido dela. Aos poucos, para não despertar a maldade e a cobiça, depois de comprar a sua própria liberdade, Halima, a suave, foi comprando a carta de alforria de mulheres, de homens e de crianças que, escravizados como ela, viviam sob o jogo das feras." (Evaristo, 2017, p. 51).

Sob a ótica de Beatriz Nascimento (1976), que também denuncia violências contra corpos, evidencia-se a característica patriarcal na hierarquia social, além dos privilégios de pessoas brancas – incluindo mulheres. Resgatando o processo histórico da escravização no Brasil, ela rememora a cruel herança para as mulheres negras que culminou apenas na manutenção de papéis que já haviam sido atribuídos previamente, ou seja, relegadas à ausência de acesso à educação, aos empregos domésticos, aos trabalhos rurais, à representação de estereótipos que fortalecem a dominação sexual por parte dos homens e à sobrepujação de privilégios dos outros grupos – mulheres brancas, homens negros e homens brancos.

Entre esses grupos, destacam-se as famílias compostas por mães solos. São 11 milhões que criam filhos sem a ajuda do pai; 90% são negras, considerando o período entre 2012 e 2022; 72,4% não contam com rede de apoio (Geledes, 2023a). Além disso, 18% estão desempregadas, e 44% vivem com até R$ 1.212,00 (Geledes, 2023b). Não é difícil, portanto, compreender alguns temas comuns na lírica rapper: abandono da paternidade, maternidade, amor, ódio, choro, tempo, morte, vida...

A vó de Djamila Ribeiro, Antônia, era de Piracicaba. Foi a matriarca de uma família com o marido e mais duas filhas e cinco filhos (Ribeiro, 2021). Halima, quando chegou por aqui, a terra se chamava Império do Brazil. Quando Flora nasceu, também era esse o nome dessas terras. Antes, Pindorama.

> O estranho é que mesmo pensando ter chegado às Índias, logo denominaram essa terra de Monte Pascal. Ao perceber que não era um monte, chamaram-na Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, por último, Brasil. Mais estranho ainda é que os povos aqui encontrados como, por exemplo, os povos de língua tupi que chamavam essa terra de Pindorama (Terra das Palmeiras), continuam sendo chamados de índios.
>
> Como sabemos, esses povos possuem autodenominações. Os colonizadores, ao os generalizarem apenas como "índios", estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome (Santos, 2023, p. 20).

Morte aos senhores.

E às suas instituições. E a seus modos de colonização.

Flora viveu em um lugar que era chamado de Vila Nova Constituição; antes, povoado de Piracicaba, anexa à Vila de Itu. Estavam por aqui, o povo Paiaguás, exterminados pelos colonizadores. Piracicaba significa o lugar onde os peixes param, vem do tupi-guarani (Brasil, 2013). Essas são as bases violentas da cidade banhada pelas águas do rio Piracicaba e pelo sangue do povo pindorâmico e do povo trazido de África – ou seja, dos povos originários. Esse é o palco em que se estabeleceu a Casa do Hip Hop de Piracicaba – conhecida como Casa, ou Hip Hop.

A instituição é intitulada oficialmente de Associação Comunitária, Cultural, Educacional e Política Casa do Hip Hop de Piracicaba, que está na presidência Ubirajara Cristiano de Barros Sabino – o Bira. Filho de Benedito Sabino e Sônia Maria de Barros Sabino.

Sônia me contou algumas histórias sobre sua vivência na cidade. Aos 22 anos de idade o marido foi embora, e a deixou com três crianças – Bira, Henrique e Fabiana. Sofreu diversas violências do ex-marido, que, no fim de sua vida, faleceu dependente de uma pensão do filho e da filha, Bira e Fabiana, para não morar na rua. Quando casada, o marido trancava ela, a filha e os filhos em casa e saía, então um vizinho pulava o muro para abrir o portão. Quando ficou só, precisou trabalhar para sustentar as três crianças. A imobiliária não aceitou a renovação do contrato em seu nome, mesmo ela tendo dinheiro, então morou um tempo de favor, dormindo no chão com a filha – pois perdeu seus móveis na mudança.

Trabalhava em um restaurante, mas tinha dificuldades em almoçar e jantar sabendo que os filhos e a filha estavam em casa passando fome. Ninguém tomou leite, pois era caro – até hoje, em substituição, consomem água com açúcar, pela força do hábito. A vizinhança foi solidária, doavam comida e roupas, e à chamavam para suas casas quando ouviam o ex-marido brigando com ela.

Após toda fome que passou com sua filha e seus filhos, agradece a Deus por estar viva e presenciar a Casa do Hip Hop alimentar tantas pessoas pela cidade. Saía para trabalhar e precisava deixar as crianças em casa, pois não havia alguém para cuidar; uma vizinha descobriu e entrava na casa para alimentá-las.

Sônia não permitia, mas quando acontecia, exigia que as crianças lhe dissessem de qual lugar, ou de quem ganhavam comida, roupas e brinquedos. Uma vez, no Natal, Fabiana ganhou uma boneca do Papai Noel que passava fazendo doações de brinquedos; quando Sônia chegou em casa, a filha chorava muito, pois não teria como confirmar a história e poder ficar com o presente, uma vez que passaram de carro na rua e jogavam pelos portões das casas. Os vizinhos confirmaram a história e ela pode ficar com a boneca.

As pessoas achavam que ela não daria conta de cuidar da filha e dos filhos, e pediam que os doasse, mas ela nunca quis isso, jamais doaria a própria filha e os próprios filhos. No entanto, confessa que pensou em se enforcar com uma corda, daí as pessoas poderiam cuidar de suas crianças.

O filho Henrique doa a própria roupa do corpo para pessoas em situação de rua, além de ser um excelente pintor, sem nunca ter estudado para isso. Fabiana tem uma filha e dois filhos. Bira dividia o sapato com o irmão, e revezavam para ir à escola em turnos diferentes com o calçado.

Uma vez, Henrique sonhou que comeu carne, e Bira começou a chorar pois toda vez que ele sonhava que estava para comer, acordava e nunca conseguia comer, nem no sonho.

Todo sábado, juntamente com outras mulheres, Sônia faz comida na Casa para quem vai participar de oficinas e para levar ao Renascer e para todas e todos que chegarem na Casa. Essas histórias, rindo, ela sempre me conta no carro, no caminho da comunidade. Uma vez, Sônia me disse: "Esse carro vai escrever um livro sobre mim, toda vez que eu entro nesse carro, conto uma história".

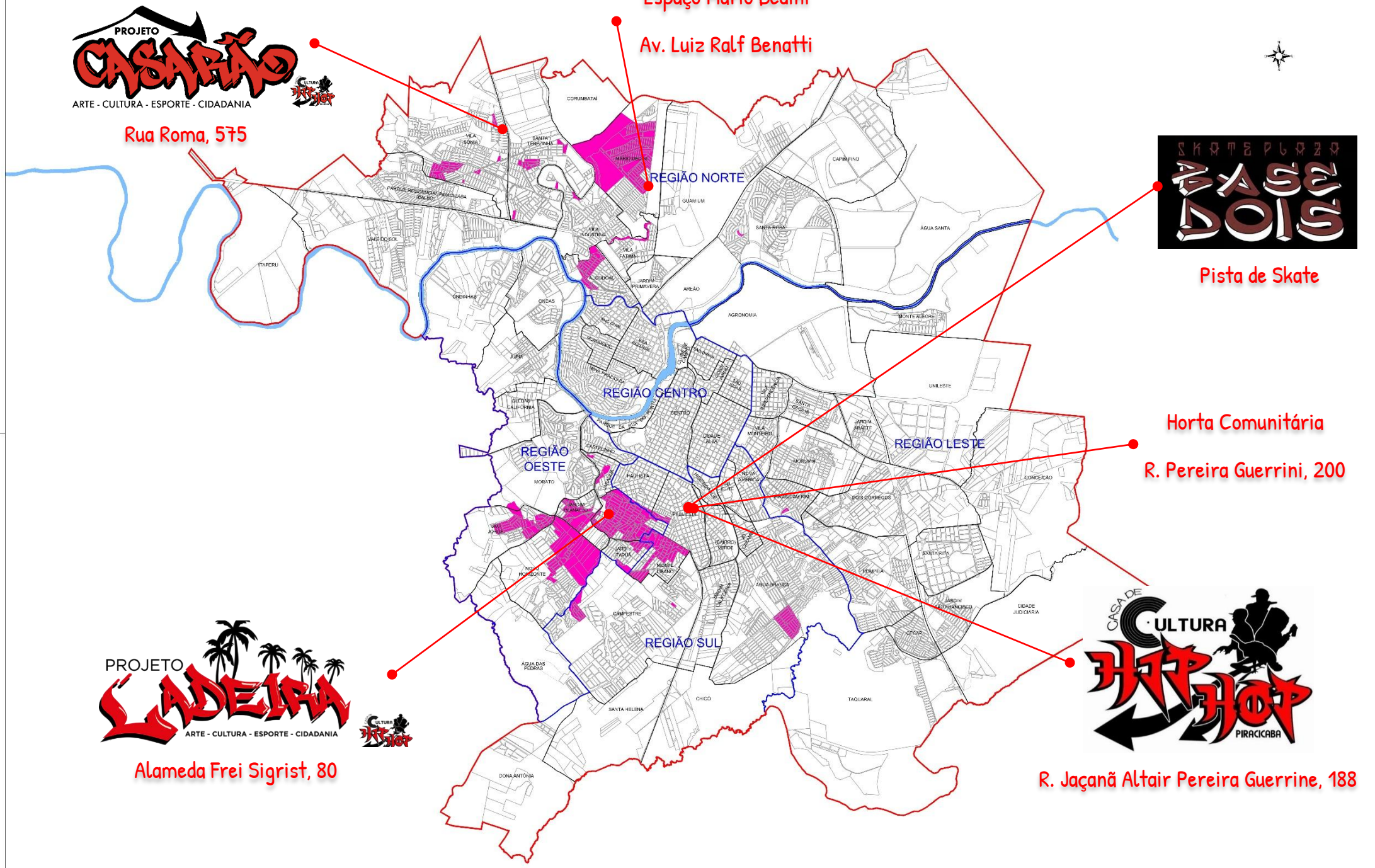

CASA DE
CULTURA

Esse é o palco em que se estabeleceu a Casa do Hip Hop de Piracicaba – conhecida como Casa, ou Hip Hop. Está sediada no bairro Paulicéia, em que morou Sônia. Antes, era a periferia da cidade. É um bairro preto, indígena, caipira. Localizada na Região Sul, a Paulicéia abrigou o tambor por meio da dança-rito caiumba, também conhecida como batuque de umbigada ou tambú, praticada no oeste paulista, como recorda Antônio Filogênio de Paula Junior, uma das muitas pessoas que participaram das bases que possibilitaram a fundação da Casa:

> A prática da caiumba acontecia no universo próprio dos terreiros, espaços de terra batida ao lado ou no entorno das senzalas no período da escravidão, servindo, de acordo com vários autores, como momento de descontração dos escravizados, o que era permitido pela maioria dos "proprietários" de escravizados, sendo até estimulados nesse sentido. Com a abolição da escravatura ou mesmo a constituição dos espaços quilombolas, esses terreiros foram deslocados para outros espaços rurais.
>
> Com o deslocamento do campo para a cidade, fenômeno que acompanhou os negros desde a abolição em 1888 em busca da sobrevivência, sendo intensificado em períodos posteriores, os negros passam a ocupar a periferia do espaço urbano.
>
> É, desse modo, que em Piracicaba as antigas fazendas e bairros rurais habitados por negros, ao longo do tempo, serão transformados, e os seus antigos moradores passam a ocupar os centros urbanos em periferias ainda hoje bastante conhecidas, na qual se destaca o bairro da Paulicéia, melhor compreendido como grande Paulicéia, abrigando vários bairros na região norte da cidade ou a chamada Vila África, reduto negro até os dias de hoje, localizado no bairro Vila Independência (Paula Junior, 2019, p. 180).

Casa do Hip Hop, Paulicéia, Região Sul, Piracicaba, oeste paulista, São Paulo, Brasil... essa é ordem de contenção considerando a localização física dos territórios.





Legenda:
- Área de Intervenção Prioritária de Vulnerabilidade Social
- Perímetro Urbano
- Divisa de Região
- Divisa de Bairro

ÁREA DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA DE VULNERABILIDADE SOCIAL
MAPA 13

Fontes e elaboração: IPPLAP
Base cartográfica - restituição vetorial 2011
Plano Diretor
Data: abril/2019
Escala: s/ escala

A Casa emergiu na Paulicéia, antiga periferia da cidade, em 2002. Em 2020 foi inaugurado outro espaço, o Projeto Casarão, na Região Norte da cidade. Em 2022 surgiu o Projeto Ladeira, na Região Oeste. Um novo espaço será inaugurado no futuro, também na Região Norte, no bairro Mário Dedini. Além disso, há na Paulicéia, além da Casa, a Horta e a Pista de Skate. Dentro da Casa há uma biblioteca comunitária que foi inaugurada em 2024, dentro de um container.

Espaço	Endereço	Inauguração	Atividades oficiais	Que mais?
Casa do Hip Hop	R. Jaçanã Altair Pereira Guerrine, 188	2002	Oficinas Eventos Distribuição de alimento e roupa Feiras	Lugar em que tudo começou; passou por muitas transformações; muitas pessoas estiveram e estão aqui.
Projeto Casarão	Rua Roma, 575	2020	Oficinas Eventos	Diálogo com Renata detalha mais detalhes sobre o espaço.
Projeto Ladeira	Alameda Frei Sigrist, 80	2022	Oficinas Eventos	Por ser mais recente, espaço está se constituindo.
Pista de Skate	Entre as ruas Jaçanã Altair Guerrini e Dona Idalina	2017	Oficina de skate (Base Dois) Eventos	Espaço aberto não vinculado diretamente à Casa, mas mantido e operacionalizado por ela.
Horta da Casa	R. Pereira Guerrini, 200		Oficinas Eventos	Espaço mobilizado pela Casa e por agricultores familiares da cidade.
Biblioteca da Casa	R. Jaçanã Altair Pereira Guerrine, 188	2024 (container)	Recepção de crianças e pessoas interessadas por leitura.	Iniciou suas atividades quase junto ao início da Casa, tendo passado por uma geladeira, depois uma sala aos fundos e em 2024 para um container.

De modo geral, a Casa opera por meio de núcleos, visando atender o maior número de pessoas, em especial crianças e adolescentes, mas também pessoas adultas e idosas. Todo o trabalho realizado é feito de maneira voluntária, e absolutamente nenhum valor é cobrado de quem participa das atividades. A filosofia de manutenção segue uma ideia de *nós por nós*. Ou de *a gente pela gente*.

Entretanto, há diversas parcerias que são realizadas com instituições públicas e privadas. Nesse sentido, além de fomentar a produção de cultura e educação nos espaços, as atividades também ocorrem em outros lugares da cidade, como o Sesc, praças, ginásios e centros culturais.

Com a missão de "criar um espaço de pertencimento para o jovem de periferia, através da cultura Hip Hop desenvolver referências que fortaleçam a identidade e os vínculos afetivos através das atividades socioeducativas ofertadas" (Casa do Hip Hop de Piracicaba, 2024, site), a Casa atende mais de 500 famílias, fortalecendo as bases comunitárias, em especial junto à população desassistida.



Semanalmente, durante o ano todo, espalhadas pelos espaços, ocorrem as oficinas que são fixas:

- Capoeira
- Dança Vogue Femme
- Danças Afro
- Danças Urbanas – iniciante
- Danças Urbanas – intermediário e avançado
- Breaking
- Dança KPop
- Muay Tay
- Basquete Adulto
- Basquete Base
- Jiu Jitsu
- Violão
- Flauta
- Grafite
- Costura Criativa
- Inglês
- Percussão
- Futebol

Outras oficinas e atividades que não são fixas ocorrem nos espaços (ou em outros lugares da cidade). São fruto de iniciativas de pessoas da própria Casa, ou de coletivos que atuam/nasceram com a Casa, empresas privadas, universidades, poder público – por meio das secretarias da prefeitura de Piracicaba ou de editais de fomento à cultura. Por vezes, a mobilização de pequenos grupos de pessoas resulta em ações potentes de produção e compartilhamento de saberes e modos que reverberam pelo entre e pelo além das fronteiras piracicabanas.

São tantas ações ocorrendo ao mesmo tempo, reverberando... A Casa opera na lógica de nascedouros de soluções que necessariamente defendem a vida. Mesmo estando imerso em todo esse universo, mesmo participando do máximo de atividades que dei conta, mesmo fazendo registros fotográficos, em áudio, em vídeo, em texto, em documentos, mesmo... enfim. Mesmo com tudo isso, eu jamais conseguiria mapear em uma tese todas as ações. Tudo bem, nem foi minha intenção. Ainda assim, deixo o registro de algumas atividades que vi, vivenciei, observei, fiquei sabendo, me contaram, participei, interagi, fui afetado, encantado. Para tanto, convido alguém sem nome a me ajudar com essa contação de uma cartografia de afetos. Alguéns que opera pela lógica rizomática.

Se eu utilizasse o modo que vocês medem o tempo, poderia dizer que eu tenho muitos anos. Não sei exatamente quantos, mas certamente mais de cem, talvez. Vocês dizem que eu vivo por volta de uns duzentos, então, devo estar da metade pro final da minha vida. Sim, sou viva. Por outro lado, não tenho olhos. Não tenho ouvidos. Não tenho boca. Não enxergo, apesar de observar. Não falo, apesar de cantar e histórias contar. Não ouço, apesar de escutar. Pra continuar, vou usar uma expressão que o autor desta tese usa bastante quando está se perdendo nas palavras – quase o tempo todo, aliás – enfim.

Fui convidada pra lhes e com vocês contar, cantar e... encantar. Encantar é como a vida, pois "o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto" (Simas; Rufino, 2019, p. 5). Ao operar pela lógica das matas, em confluência com os povos que dela vieram/estão – caboclos – tenho percebido a potência do CaOS que me circundeia. Minha relação com esses povos se dá por meio da bionteração, conceito que o preto velho Nego Bispo diz estar associado à melhor maneira de guardar os peixes: nas águas; e a melhor maneira de guardar produtos: distribuindo entre a vizinhança, reintegrando à energia orgânica (Santos, 2023).

Esse povo daqui são reis, rainhas, princesas, marinheiros, meninos, pés de cana, capoeiras, montadores de vento, sereias de água doce, orixás brasileiros, são caboclos, e, portanto, aquilo que quiserem ser, pois inventaram a vida para além do desvio (Simas; Rufino, 2019, p. 6).

Escuto bastante seus tambores. Quase sempre são tambores mesmo, daqueles com um tecido de outros seres estirado por cima. Quando tocam, sinto outras presenças que regem em confluência nossas energias orgânicas e espirituais. Mas também escuto seus tambores sintéticos, esses precisam de energia sintética, desviada das águas. Ajuntam dois discos um ao lado do outro, e tocam seus tambores sintéticos, e estes, também encantam. Pelo que me aterra, meus pés, e abaixo deles, me comunico com minhas irmãs. Somos como um. Assim, também, que sei das coisas. Mas lembre-se que estou aqui há muito tempo.

Aqui do alto posso ter vivenciado no mesmo tempo que Flora. Eu sei fazer contas, pois ao meu redor vocês se organizaram em espaços que confinam suas crianças enquanto vão trabalhar. Ali, elas vão pra aprender a fazer contas, pois repetem à exaustão, da mesma forma que sempre fizeram. Pois bem, nessa confluência com as crianças, aprendi a fazer contas. E, pelas minhas contas, se eu estiver chegando ao final de meu desencanto – para depois continuar a encantar reintegrando à energia orgânica, eu cheguei aqui ao mesmo tempo que Flora, há 200 anos atrás. De lá pra cá, minha memória já não é mais a mesma. Então nem tudo eu lembro.

Mas então, o autor desta tese participou de uma oficina no Sesc sobre Escrita Criativa Afrofuturista, com Fábio Kabral, e achou que seria uma boa ideia me convidar para lhe encantar – já adianto que o que eu lhe contar não será suficiente, você precisa vir me conhecer. Ah, o Sesc é uma instituição que

chegou por essas terras em 1.979. Eu não sei dizer muito sobre o antes, pois ele chegou em um lugar que caboclos daqui quase não iam.

Porém, hoje já não é mais assim. Pois agora tem aqui uma Casa de tambores sintéticos que encantam. Os caboclos que moram nela enquanto a luz do dia me alimenta, a chamam de Casa do Hip Hop. Como há muitas outras dessas casas espalhadas por aí, colocaram o nome daqui, e ficou Casa do Hip Hop de Piracicaba. Essa Casa de tambores sintéticos que encantam tem uma parceria com o Sesc, e recebem alimentos de um banco de alimentos chamado Mesa Brasil para redistribuir para outros caboclos que estão ainda mais longe do tal Sesc.

Esses caboclos que estavam aqui ao redor, que tocaram seus tambores, que criaram essa Casa. Estavam por aqui porque era um dos lugares mais longe de encantamento da região, as águas abundantes de peixe. Minhas irmãs lá de perto do rio me contaram que uns não-caboclos, uns tal de kara'iwa que só sabem de desencanto chegaram fazendo o que mais sabem: desencantando e afugentando os caboclos que viviam em bionteração com minhas irmãs. E trouxeram outros caboclos de outras terras para desencantá-los por aqui.

Todos esses caboclos foram se ajuntando, e, muito tempo depois, após aprenderem sobre as armas dos kara'iwa, colocaram seus tambores também no modo sintético pra continuar encantando. Foi o modo de resistirem. É **resistência**. Antes de criarem essa Casa, suas mães e avós iam num clube pra tocar seus tambores sintéticos que encantam, o Treze de Maio. Lugar em que mexiam seus quadris, dançavam, paqueravam, encantavam e se deixavam ser encantados. E se organizavam pra criar e compartilhar modos e saberes de continuarem resistindo aos kara'iwas.

Essa Casa, pelo que fui observando desde Flora, também pelo que me contaram minhas irmãs mais antigas que eu, essa Casa foi juntando tudo isso de saberes de caboclo. Criaram modos inventivos de resistência e aprendizado das armas de kara'iwa.

A cada quatro anos observo vocês indo de um lado pro outro pra escolher quem são as pessoas que irão representar todo mundo. Mesmo tendo muito mais reis, rainhas, princesas, marinheiros, meninos, pés de cana, capoeiras, montadores de vento, sereias de água doce, orixás brasileiros, caboclos; os kara'iwas continuam dando um jeito de quase sempre serem escolhidos, ou pelo menos dando um jeito de escolherem alguém que parece caboclo, age como caboclo, mas no fundo, é kara'iwa. Fala que encanta, mas só sabe desencantar.

Num desses quatro anos, foi em 29 de outubro, de 2022, vocês estavam às vésperas da eleição de segundo turno pra escolher quem ia representar todo mundo, inclusive pra ocupar o cargo de presidência/governo no Brasil. Eu estava observando o autor desta tese trabalhando aqui onde fico, uma Horta comunitária que os caboclos da Casa criaram ao lado da Casa pra alimentar outros caboclos.

Ele estava trabalhando na horta, todo sem jeito, pois nem com mata mexia antes, apesar de seus ancestrais sim. Ele estava conversando com um amigo meu, que sempre que chega aqui pra trabalhar e sai, fala comigo - Seu Roberto. Nessa época ele estava com 74 anos, mas o pessoal, de maneira respeitosa e carinhosa o chama também de Véio.

Seu Roberto estava contando que era aposentado, e, conforme ensinava como o autor da tese deveria proceder com a enxada pra abrir o canteiro de alface, ele ia contando sobre sua vida. Por exemplo, contou sobre o filho que mora em São Paulo e ia votar para presidente no kara'iwa que se dizia caboclo. Também contou sobre a filha, que mora com ele, em Piracicaba. Além disso, contou de sua falecida esposa, que partiu repentinamente, após um mal súbito, em 2019. Após isso acontecer, Seu Roberto ficou desnorteado, e se sentia muito solitário. Acabou descobrindo a horta comunitária, e passou a frequentá-la pra ajudar e compartilhar seus saberes sobre plantação - como estava fazendo naquele sábado ensolarado.

Aqui nessas terras a horta alimenta quem tem fome, e é gerida assim: pelo conhecimento de quem quiser vir plantar, cuidar e colher. Tudo é feito de maneira orgânica, sem acréscimo de venenos que fazem mal pra mim e pra minhas irmãs, os agrotóxicos. Se tem tóxico no nome, como que os kara'iwa continuam usando? Porque na comida deles não tem, e só sabem de desencanto.

A Casa e os caboclos que aqui vivem acolheram o Seu Roberto, e o possibilitou reexistir e vir a ser, após o falecimento de sua esposa. Seu Roberto acolheu a necessidade do espaço e compartilha seus conhecimentos e sua força de trabalho. De vez em quando, naquele dia, uma criança de nove anos, aparecia na horta com um megafone e papéis grudados ao corpo com o nome e o número do candidato que se dizia caboclo apesar de ser kara'iwa. Ela gritava no megafone o nome do candidato. O motivo? Pra carinhosamente atazanar seu amigo que conhecia há dois anos, Seu Roberto, que ia votar no outro candidato.

Aqui tem caboclo que vota em caboclo, tem caboclo que vota em kara'iwa que diz ser caboclo, tem caboclo que vota em kara'iwa... acho que aqui deve ter até kara'iwa, viu? É porque é terra de caboclo, aqui. Se fosse terra de kara'iwa, já teriam logo desencantado, afugentado ou botado pra trabalhar quem não quisesse saber do mesmo que eles.

Essa horta, lugar que eu encanto, encanta também, pois há muita vida aqui. Além de caboclo, vem erê aqui. Vêm com as escolas, mexer na terra, cantar e dançar com os caboclos daqui. Se divertem muito. Espero que aprendam bastante com suas mestras e seus mestres, pra cuidar das minhas irmãs no futuro. Espero que compreendam com os saberes daqui que o futuro só vai existir se operar pelo conhecimento ancestral das matas. Vêm também com suas mães e pais. Até pra participar da construção de uma casa que leva em consideração a bioconstrução, com barro. É uma casa que fica aqui do meu lado e está sendo feita pra ser mais um dos muitos espaços de aprendizado, de compartilhamento de saberes. Faz sentido essa lógica, porque o

tambor sintético que também encanta, encanta de cinco modos principais, e o quinto é o conhecimento.

Sabe, eu fico muito encantada de encantar e ser encantada, fizeram até uma mesa e um banquinho aqui do meu lado. Com o corpo de minhas antigas irmãs. E aqui ficam se alimentando, conversando, contando histórias, planejando, enquanto dou proteção da luz que me alimenta.

Sabe essa horta aqui? Pois veja só o que fizeram. Foi em 2020, isso. Se ajuntaram pra ajudar a alimentar caboclos sem comida. Daí, quando se ajuntaram, criaram um grupo chamado *Tô Aqui*, com a preocupação da soberania alimentar. Mas pra alimentar de forma saudável, sem veneno. Daí se ajuntavam aqui e colocavam muita comida nas sacolas, e tinha comida que já chegava aqui em sacola e comida que chegava de outras hortas parecidas com essa – e continuam fazendo isso. A Savana, que fala aqui nessa tese, aliás, faz parte desse grupo. Se reúnem, conversam, e pensam modos inventivos de resistir ao desencantamento kara'iwa. Falam com empresas privadas, escrevem textos para fomento de editais, fazem parceria com universidades, prefeitura. Atuam em um dos principais conselhos de alimentação da cidade, o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (Comsea) – que toma decisões em relação às ações e aos recursos públicos pra garantia das pessoas à alimentação. Até ajudaram a implantar uma outra horta como essa em outra comunidade, no bairro Santa Fé. A Casa ajudou a desenhar, aprovar e implantar uma nova lei na cidade pra concessão de terreno pra hortas comunitárias!

De forma semelhante, com a preocupação de alimentar, outro grupo da Casa, um pouco menos institucionalizado, porém também potente, faz comida e leva pra uma comunidade, o Renascer – uma ocupação que surgiu e se fortaleceu na pandemia, após muitas pessoas perderem seus empregos e serem colocadas nas ruas. Esse é o modo kara'iwa de desencantar. Há mais de 1.000 famílias resistindo no Renascer. Algumas dezenas delas, todos os sábados à tarde, sem exceção, desde 2020, recebem da Casa comida, mantimentos, produtos de limpeza, roupa, atenção... Tudo fruto de doações e trabalho voluntário.

Aqui, tudo que é caboclo opera pela lógica coletiva. De vez em quando sim, até percebo que há uma lógica kara'iwa de desencanto se esforçando pra desencantar, mas é logo afastada pela cosmovisão e forças de encantamento de reis, rainhas, princesas, marinheiros, meninos, pés de cana, capoeiras, montadores de vento, sereias de água doce, orixás brasileiros – caboclos.

A maior parte de cada volta do Ayê – modo iorubá de dizer o que vocês chamam de Terra – em torno da luz que nos alimenta eu sou/estou verde. Por vezes, mais amarelada. Aprendi com caboclos e minhas irmãs sobre as cores e seus modos e significações. De acordo com o que me contaram, dois orixás do povo iorubá podem ser representados por essas cores: Oxum, dona das águas doces e riquezas; e Oxóssi, dono das matas e mesas fartas. Outras cores confluem assim, por exemplo o preto com vermelho pode representar Exu, o

dono da rua e das encruzilhadas. Já o branco, por outro lado, é o pano de Oxalá, pai dos orixás e dono do conhecimento. As cores aqui nessa Casa são muitas, e variadas. Nos muros. Nos símbolos. No que fazem. São cores que encantam.



Vou te contar algumas coisas que eu fiquei sabendo, que o autor desta tese me contou. Ele pediu pra contar considerando seus modos de medir o tempo, quase como um diário, parecido um pouco com a maneira que a Carolina Maria de Jesus fez.

2022

18 de setembro de 2022 – Hoje ocorreu uma atividade de experimentações em que as pessoas podiam utilizar óculos e fones de ouvido com tecnologia de realidade virtual, operado por um grupo chamado Rotas Afro – gerido por Julia Madeira, que faz percursos guiados pelas cidades do oeste paulista, evidenciando a história recuperada principalmente pelo professor Noedi Monteiro. Nesse dia o autor desta tese conversou com Bira, e disse que gostaria de poder fazer alguma atividade em conjunto com a Casa. Bira, então, perguntando o que ele sabia fazer, sugeriu que formatasse computadores que estavam no Casarão.

19 de setembro – Ao visitar o Casarão pela primeira vez, o autor desta tese buscou onze computadores e um notebook e levou pra sua própria casa, ficando com eles até o dia 9 de outubro. Na oportunidade da devolução, foi possível conhecer pela primeira vez o espaço dedicado à biblioteca – uma pequena sala no fundo da Casa.

23 de outubro – Hoje ocorreu na quadra que a Casa compartilha com a escola ao lado, uma feira mobilizada pelo grupo Interior Consciente, envolvendo: a) artesanato e bem estar; b) música; c) fotografia; d) artistas; e) tatoo e body piercing; f) gastronomia; g) slow fashion e lojas; e h) brechós.

27 de outubro – Hoje à noite foi interessante, porque a Casa ocupou um espaço acadêmico: a Mostra de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Piracicaba. Pouco mais que uma dezena de caboclos encantaram dançando break e danças afro, tocando tambores, cantando RAP e contando de que modo a Casa surgiu.

29 de outubro – A Casa recebeu de um grupo que atua bastante por aqui, a Pastoral da Criança – Imaculado Coração de Maria, em parceria com a igreja católica do bairro. Ensinaram as mães e quem mais estava pra participar duas receitas: uma torta de legumes e um suco verde. Também ocorreram atividades pras crianças dançarem na quadra. Enquanto isso, Seu Roberto estava ensinando o autor desta tese a como manipular a enxada para abrir um canteiro de alface. À tarde, foram ao Renascer levar alimento. Também tiveram aulas de dança. Os sábados – e outros dias – são muito agitados, muita coisa acontece por aqui. É um caos.

05 de novembro – O aniversário de 20 anos da Casa está acontecendo. Percebo o autor desta tese cada vez mais envolvido com a Casa. Ajuda na horta, tira foto, faz vídeo... Hoje até registrou uma feira artesanato/brechó, além de uma oficina de dança do Coletivo Afroblack – caboclas de camiseta azul que operam na cidade pela relevância da cultura afro. Ele conheceu até a próxima casa da Casa, o Projeto Ladeira. Foi nesse dia que um dos principais mobilizadores da fundação daqui – Joel, contou sobre a magia da Casa. Também contou sobre a Rádio Livre Paulicéia que operou no início da Casa, uma das primeiras rádios comunitárias

do Brasil no início dos anos 90 - que foi desencantada por kara'iwas fardados que chegaram aqui e levaram tudo embora. Além disso, Joel contou sobre o teatro chamado Ópera Rap, espetáculo que dizia sobre o povo brasileiro com Hip Hop.

06 de novembro - Hoje ocorreram muitas coisas. Muitas! Capoeira. Batalha de dança break. Dança afro. Desfile de beleza preta. Batuque. DJ. Tambor. Discurso. Bolo. Anúncio da inauguração do Projeto Ladeira. Uma festa! Corpos que já estavam por aqui há muito. Corpos recém-chegados. O autor desta tese, muito tempo depois, viria a reconhecer nos registros suas amizades que iria fazer no futuro ancestral. Uma festa! Vinte anos da Casa dos tambores sintéticos que encantam!

19 de novembro - Esse dia fui percebida e registrada pelo autor desta tese. À minha sombra, enquanto ele tentava arrumar uma espécie de enxada sintética que precisa de energia sintética na forma líquida, mas que encanta pois faz mais fácil e produtivo o trabalho de abrir canteiro, enquanto ele tentava arrumar esse tal de tratorito, caboclos estavam conversando e registrando a conversa, sobre como nasceu a horta. Era o José Carlos, que o autor desta tese conheceu na segunda vez que veio aqui na Casa, em uma roda de conversa sobre alimentação saudável.

03 de dezembro - É curioso como são vocês. Nos seus modos de ser e vir a ser. O dono desta tese, ele tem um carro que tem nome! Até o carro tem nome que é religioso. O nome é José, como o pai de Jesus. José foi elaborado pela lógica karai'wa pra desencantar. Mas José opera pela cosmovisão de caboclo, porque, conforme cada sábado foi passando, como hoje, sempre enche de vocês, de comida, de roupa, de Cronopies+ pra ajudar a Casa e levar pro Renascer. Quando JOSÉ voltou aqui pra Casa, tinha tambor tocando, e não era sintético. Tinha samba e tinha corpo dançando. Tinha corpo umbigando, com o grupo Casa de Batuqueiro. Tinha também tambor sintético que encanta e corpos acompanhando o encantamento com passinhos. Tinha feira, barraca de comida. E como por aqui sempre tem bastante erê, tinha até lugar pra banhar sem água, mas com esfera sintética que encanta e algo que os erês ficavam pulando. Muito encantamento hoje.

2023

07 de janeiro de 2023 - Caboclos e caboclas da Casa, do Ladeira e do Casarão vieram aqui. Se ajuntaram em roda, rabiscaram seus nomes em papel e conversaram sobre cada atividade de oficina que iam oferecer ao longo de 2023. Era tudo que era caboclo oficineiro conversando. Era de violão, era de grafite, era de skate, era de capoeira, era de origami. Era tudo que era caboclo que mora aqui pra ensinar erê. Tinha até a cabocla Andréia, que sabe de tudo que é papel da Casa.

10 de janeiro - Atendendo um chamado do Joel, juntaram numa sala que o som fica dentro dela quando fecha a porta caboclos que queriam falar de reencantar a Casa com coisa de rádio. Usando seus modos sintéticos de conversar com quem não estava ali, foram enviando imagem e som do que falavam ao mesmo tempo que estavam falando, pra quem não estava ali poder acompanhar. Tava Joel, tava Bruno, tava

Carlos – que mora por aqui perto e também mexe com coisa de rádio e de foto. Enquanto falavam, tinham caboclos com roupa branco e faixa colorida na cintura treinando movimento de luta em cima de um chão sintético macio no salão da Casa. Tudo isso é sintético, mas também encanta.

21 de janeiro – **José** vinha de Rio Claro, se achegava e ia novamente, contam minhas irmãs que o observavam nas encruzas do caminho. Hoje a luz que me alimenta quase não apareceu, dando lugar à água doce que cai do céu pra irrigar a mim, minhas irmãs, caboclos e toda sorte de energia orgânica que encanta o Ayê – e até aos kara'iwas que só sabem de desencanto. O autor desta tese chegou cedo, antes de o povo que mora aqui chegar – então ele aproveitou pra registrar a pista de skate, os registros de parede e até eu virei registro! Quando chegaram, teve um caboclo que estava saindo com um skate e um livro, daí ele contou que tinha crescido por aqui, mas agora estava envolvido com coisa de academia e coisa de trabalho de conclusão de curso em outra terra, semelhante ao mar – Paraná. E daí ele, o caboclinho, estava aproveitando que estava pra cá, com sua família, e veio aqui na Casa que cresceu aprendendo skate pegar coisa de livro de gramática e tambor sintético que encanta. Nossa, o autor desta tese até registrou o livro em cima do skate. E não foi só isso: também teve **José** carregando alimento pro Renascer, pra Portelinha e conversa de rádio. É sempre um caos, aqui. Eu sei de caos. Caboclo sabe de caos. Kara'iwa que fica tentando fazer conta com o caos e tem dificuldade, porque acha que caos é bagunça. Mas é desordem, e, seja na ordem, na desordem, e em todas as possibilidades, precisa da participação de Exu (Simas; Rufino, 2019, p. 55).

22 de janeiro – O autor da tese está cada vez mais participando daqui. Dois dias seguidos, e cá está ele com **José** novamente. Hoje mexeu com a horta aqui do meu lado, aprendeu o que é e como tirar tiririca – minhas irmãs bem pequenas que vêm de monte e acabam pegando água dos alimentos dos caboclos. Foi o João da Agrofloresta que contou como fazer – ele é um amigo que ajuda a não ter veneno nas minhas irmãs, pois trata de coisa de agrofloresta, que é um modo de ter o que a energia orgânica já oferece sem usar sintético de só uma planta. Teve um modo de movimentar o corpo bem devagarinho, também, e ir respirando bem devagarinho; quem foi contando como fazer foi a Natália, professora de Yoga. O autor da tese aproveitou pra tirar foto de abobrinha, de tomate, de banana, de folha... até da minha amiga Peligrosa que fica me fazendo companhia enquanto a luz que me alimenta está me alimentando e também quando ela está sendo refletida pela casa da espada de São Jorge – a qual vocês chamam de Lua.

04 de fevereiro – Mais horta, Renascer, conversa com Joel sobre Educação Matemática... Aos poucos a Casa vai encantando, basta vir aqui.

06 de fevereiro – Hoje era pra ser a primeira aula de skate do ano, com o grupo do Base2, incluindo Adilson – o Dilsão, um dos caboclos que está aqui praticamente desde o começo da Casa, ficando mais por conta de promover

atividades de esporte pros erês. Hoje ele contou de quando ele e seus amigos eram erês, e que ficavam na rua, e, apesar dos convites pra andarem armados e se envolverem com tráfico de drogas, acabaram sendo salvos pelos movimentos dos tambores sintéticos que encantam. Nessa de encantamento, desde o começo se organizaram pra arrecadar livros e criar a biblioteca, que, no futuro ancestral, vai ocupar um container no quintal da Casa. Se ajuntavam por aqui toda quarta-feira, bolando modos de resistir aos desencantos de kara'iwa. Até o piso que tem na entrada da Casa, que é preto e branco, foi ele e o Bira que colocaram em um domingo que estavam sem o que fazer por aqui. Hoje teve também a celebração de um aniversário, de um dos caboclos que ensina erê a equilibrar em cima de skate. Em vez de aula, os erês organizaram uma festa surpresa, com bolo e parabéns. Podiam estar com depressão, tomando remédio, mas estavam aqui fazendo festa pra mestre caboclo que ensina como equilibrar em cima de skate. Só erê, mesmo.

...

Daí em diante, o autor desta tese foi se caboclizando, enquanto se encantava. Vinha pra cá aos sábados e algumas vezes outros dias, se alimentava, participava de oficina de tambor, oficina de tambor sintético que encanta, oficina de horta agroflorestal, plantava, colhia, passou a ajudar na cozinha... foi conhecendo cada grupo, cada caboclo, cada cabocla daqui. Conheceu as parcerias com as secretarias da prefeitura: de agricultura, de educação... Conheceu o CasAnálise, um grupo que, a partir do dia 18 de março de 2023 passou a oferecer atendimento pros caboclos cuidarem do Orí - que vocês chamam de cabeça. Foi-se deixando ser afetado e encantado. Conheceu o evento Um Salve das Minas, organizado pela Mina Patrícia que está por aqui desde quase sempre, junto com outras Minas que cantam, dançam, falam, denunciam, anunciam, queimam, giram, encantam. Assim ele foi caminhando por caminhos que o levaram a encruzilhadas, e Exu lhe mostrou caminho a ser seguido. Certa feita, numa conversa que ele teve comigo e com minha amiga Peligrosa, e também com outras presenças que sempre estão por aqui, o caminho que se revelou foi estar mais perto de aqui. Foi assim que **José** passou a ir daqui pra Rio Claro, e voltar pra cá, não o contrário. Pelo que sei, me contaram minhas irmãs de longe, até pra São Paulo a Casa o levou, numa parceria com Escola Novalis, num lugar chamado Monte Azul, e conheceu Ute Craemer - alemã que veio pra terras pindorâmicas em 1975. Mas teve um momento, em especial, que as distâncias que perduravam em estar, deixaram de estar, pra dar lugar à proximidade com a Casa: a Festa das Nações.

...

15 de maio de 2023 - O autor desta tese, não sabe, mas hoje, o caos, a desordem, vai operar. Minhas irmãs de perto do Rio Piracicaba contaram que ele veio de Rio Claro pra ajudar a Casa a montar a barraca da África do Sul. É a primeira vez que vão participar desta Festa, que já está em sua 38ª edição. Ela acontece em um dos lugares da cidade em que provavelmente mais tem sangue dos povos originários - tanto que vieram de África quanto dos que foram violentamente massacrados pelo modo kara'iwa de desencanto

– o Engenho Central, às margens do rio Piracicaba. Foi construído em 1.881, para produção de açúcar, se tornando um dos maiores do país. Pois bem. Contam pretas e pretos velhas e velhos da cidade que essa tal Festa das Nações, antes era possível de ir. Oferecia opções variadas de comidas. Mas não é mais assim. Agora, até pra parar o transporte sintético – como o JOSÉ, por exemplo – precisa de dinheiro, que é o modo kara'iwa de gentrificação, quer dizer, quele que, "grosso modo, designa um processo de aburguesamento de espaços nas grandes metrópoles e gera o afastamento das camadas populares do local modificado. O espaço gentrificado passa a ser gerido prioritariamente pelos interesses do mercado financeiro, do grande capital e similares" (Simas; Rufino, 2019, p. 109). Mas o que sei é que hoje o autor desta tese veio ajudar a montar barraca que a Casa vai operar em nome da África do Sul. É uma inteligência da Casa em compreender mais uma das armas dos colonizadores, e arrecadar fundos que podem ser revertidos em modos inventivos de resistir aos desencantos kara'iwas.

19, 20 e 21 de maio – Sexta-feira, sábado e domingo. Em todos esses dias o autor desta tese participou o dia todo, do início ao fim, da Festa, como voluntário na barraca da Casa – África do Sul. Conheceu mais ainda caboclos e caboclas que encantam na Casa. Foi guardião das chaves do Casarão, e dormiu sozinho por lá. Também dormiu na casa de um amigo que viria a lhe contar sobre o Deus do Nada. Fã que é de carro, até dirigiu o carro do Bira, exatamente no dia que o Ayê completou uma volta em torno da luz que me alimenta desde que tinha ido pela primeira vez na Casa. Conheceu Sônia, Renata e tantas e tantos outras e outros. Ficou responsável pelo caixa, e acabou tendo acesso aos valores e arrecadamentos financeiros, bem como dos gastos da Casa para estar na Festa. Presenciou os tambores orgânicos do Baque Caipira parar em frente à barraca, e ecoar encantamentos. Num momento em que estava tentando entender em que acreditava, visitando terreiros, enfim, se encantou. Exu lhe mostrou um caminho que seria sem volta, na vida, na pesquisa, no CaOS, na desordem.

...

Daqui em diante, são encantamentos, e uma boa quantidade de tentativas de desencantamentos, que, às vezes, até dão certo. Pois kara'iwa opera de modos cultivados em forças de muitas vidas. Porém, o encantamento é pra possibilitar outros modos de caboclos fomentarem modos inventivos de resistência. Assim, vir a ser em um futuro ancestral.

Eu não disse meu nome, quando cheguei pra lhes e com vocês contar, cantar e... encantar, pois não tenho. Não é meu modo e de minhas irmãs. Somos mata. Porém, vocês me chamam de Acácia Amarela. Prazer.

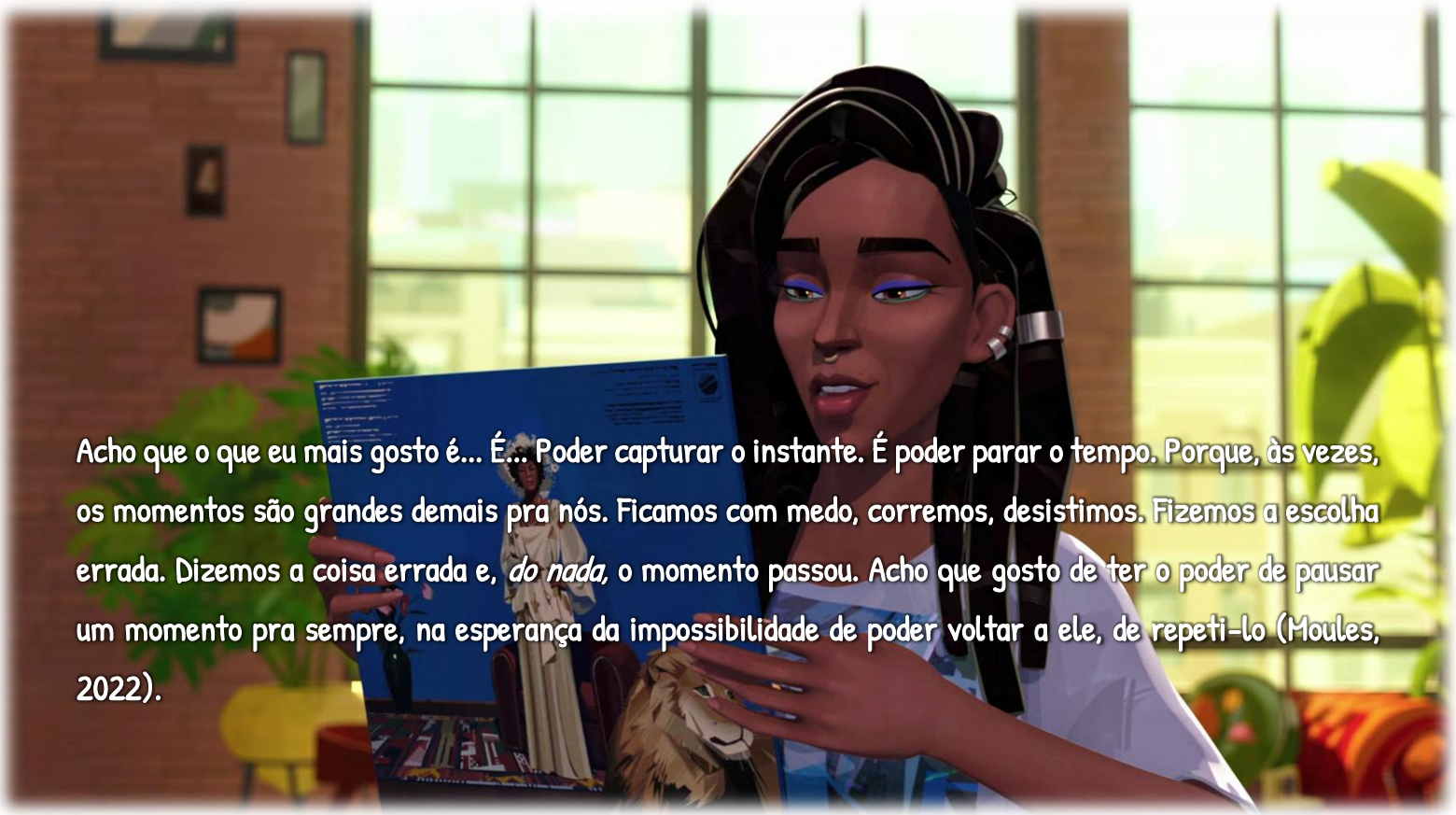


O Hip Hop foi afetado por Black Phanters. Em conjunto com Assata Shakur, mãe de Tupac, uma das ativistas mais conhecida do movimento, foi a Pantera Negra Angela Davis. Angela Davis (2016), além de refletir sobre o trabalho das mulheres negras, também aponta a educação como caminho para a emancipação delas; estas, quem criaram bases fortalecidas e prospectaram o ensino direcionando-o em sentido contrário ao analfabetismo, o que propiciou uma perspectiva de liberdade.

Atualmente, na cena Hip Hop em Piracicaba, se apresenta Mayra Krystina, que integra a coordenação da Casa, na função de Coordenadora Educacional e de Formação, é também rapper, e produziu a canção seguinte para uma amiga sua, abordando sua vivência e as suas em tempo contemporâneo.

Amiga deixa eu te contar dos planos daqui
Ainda querem nos parar
Com regras a ditar, nossa vida encurtar
E evitando nosso tempo de ser
Meu acalanto é viver no mesmo tempo que você
Nesse nosso tempo
Tempo de nossas ancestrais
De Dandara, Zacimba e tantas mais
De Néia, Marielle e tantas mais
Somos tantas mães que choram, com vidas sendo editadas
Finais ditados pelo sistema
Porque renascemos mulheres pretas
Meu tempo espaço é circular
Mas já que querem na base me colocar
Essa estrutura vamos balançar
E com essa pirâmide acabar
Meu acalanto é viver
No mesmo tempo que você
Nesse nosso tempo
Tempo de nossas ancestrais
De Carolina e Lélia e tantas mais
De Maria de Fátima, Maria Júlia, Lidwyuê, Soraya, Jéssica, Mirtes, Otila, Odila e tantas mais
Amiga, deixa eu te contar meus planos daqui a luta vamos continuar
Sem regras a ditar, nossa voz a escutar
Tendo todo o nosso tempo de ser
Por que elas estão aqui
No nosso tempo
A nos proteger
A nos projetar
Meu acalanto é viver
No mesmo tempo que vocês
(MAYRA, 2021)

Já em 2024, a cena feminina piracicabana do Hip Hop, tem um grupo denominado 4MP (Quatro Mulheres Pretas). Mayra Kristina, DJ Gabs, Arilene Teodoro e Isabela Camargo, as 4MP somam-se a *Todas Elas* – outras mulheres da cidade –, incluindo percussionista, dançarina, plateia e com quem dialogam, como Angela Davis que defende o movimento da mulher negra para que toda a estrutura da sociedade se movimente também (Sesc Piracicaba, 2024).



Que outras formas de amor possam ser manifestadas. Que, do nada, em tudo, as Deusas – mas também os Deuses – do Hip Hop possam afetar o vivenciado. Que a essência da natureza possibilite o agir pra conservação do ser, buscando virtude para libertação de afirmação de vida. Rogamos a isso. Rezamos. Oramos. Agimos.



CONTENTS



Conversa realizada com Renata no dia 30 de novembro de 2024, em um outro espaço físico da Casa - o Casarão, que fica no bairro Santa Terezinha. Renata é da Bahia, e responsável pelo Casarão, se dedicando como voluntária em especial ao apoio de jovens do bairro.



Heinrich - E aí, eu tô gravando... Nossa! Eu tenho... Eu tenho coisa de muita gente, lá. Nossa! De muita gente... E aí, eu gravo, transcrevo o que que as pessoas falaram... Porque a entrevista é meio conversa, né? Bate-papo, tal, enfim. E aí, eu tenho muita foto, tenho muito documento, tenho muito arquivo, enfim. É... é tudo, assim. E aí, esses dias eu tava pensando... Falei: "nossa, mas tá faltando sobre os outros espaços, né? Aqui do Casarão e do Ladeira. E vai ter do Mário Dedini, ainda, né? E aí, eu fui lá e gravei com a...

Renata - A vó[50]. A gente só chama de vó.

Heinrich - E eu gravei com ela... E aí, ela me contou a história dela, me falou do Ladeira... Enfim... E aí, daqui, fiquei pensando... Eu falei: "Pô, do Casarão, acho que é a Renata". Você conhece mais, você tá aqui há mais tempo, você conhece o Bira... A Casa do Hip Hop cê já participava de antes, de lá... Então, é isso, assim. E aí, não... não é bem entrevista, tipo... com pergunta... É o que for, assim, sei lá. O que você puder, o que você quiser contar, seja da Casa, seja da sua vida, seja aqui na cidade ou não, enfim, aí é contigo. É isso, basicamente.

Renata - Eu acho que, na verdade, o que eu tenho que falar, é de como eu conheci ele, primeiramente, né? Porque eu não sou daqui.

Heinrich - Cê é de onde?

Renata - Eu sou da Bahia, né? Cheguei aqui em... 2009.... Aí comecei a trabalhar no Clube de Campo, depois eu conheci algumas pessoas que acabaram me apresentando o CASE[51], e foi onde eu conheci o Negão [Bira], através do CASE. E aí, através do CASE, que eu conheci ele, acabei conhecendo a história do Hip Hop. Que até então não conhecia, é... Tinha o quê? Dois anos que eu tava aqui em Piracicaba. E aí, trabalhei com ele quase quinze anos, só no CASE... E aí, imagine, né? E aí, foi quando ele me chamou pra poder criar esse espaço do Casarão, né? Que ele tinha encontrado uma casa e que achava que eu seria uma pessoa ideal pra poder está aqui porque eu conhecia muita gente nessa comunidade, principalmente as crianças, as mães das crianças... E também foi logo quando surgiu a questão de que o CASE ia acabar... Então, a gente acabou se preocupando muito. O que iria acontecer com essas crianças? Porque o espaço do CASE iria ser

[50] Vó é o modo carinhoso de se referir à Dona Joana, responsável pelo Ladeira.

[51] CASE é uma sigla para Centro de Atendimento Socioeducativo, um espaço mantido pela prefeitura de Piracicaba que existiu de 2002 até 2020, oferecendo atividades artísticas, culturais e alimentação para adolescentes.

mudado, pra outro lugar, onde as crianças daqui não iam chegar até lá, porque não teria como. E aí, foi criado esse espaço aqui, né? Que agora já tem quatro anos. Têm todas essas atividades, agora. Que antes era só o reforço [escolar] e o grafite. E aí, depois, aos poucos foi criando-se as outras atividades. E aí, a gente tá aí até hoje, né? Graças a Deus. Ah! Muitas crianças aqui não conheciam, é... o espaço do Hip Hop. Não sabiam que existia, os pais também não. Então tiveram a chance de ir lá conhecer esse espaço, de conhecer as outras pessoas no Hip Hop, né? E aí, depois tiveram a chance de ir no Ladeira, conhecer o espaço de Ladeira, né? Então, principalmente as nossas adolescentes... Elas são muito agradecidas por tudo isso. Porque, se o que elas têm hoje, o que elas conhecem hoje, além de ter sido através do CASE, é através do Casarão, né? É através da gente. Então, elas têm um carinho enorme, tanto elas como eles, os pequeno também, os pais... têm um carinho enorme por esse espaço. Eu acho que a gente tem muito ainda a crescer, né? Falta muita coisa pra gente conquistar. Principalmente pegar mais essas mães da comunidade, fazer com que elas acreditem nelas, venham pra esse espaço, porque esse espaço aqui é delas, né? E muitas, acho que às vezes fica com vergonha de vim aqui. E acho que a gente tem que criar um espaço onde possa acolher essas mulheres... e os homens também, não só as mulheres, né? Os homens também. Aqui... pra que a gente converse, teja um espaço, assim... que eles possam se abrir, possam falar das questões deles, a gente possa ter algumas atividades, que eles possam aprender alguma coisa e depois correr pra vida, né? Que muitas é faxineira... muitas são mãe e dona de casa... mas gostariam de ter... seu.... ganhar seu dinheirinho de outra forma, né? Poder sentar e conversar com os seus filhos de tudo que é assunto. E, às vezes, tem muito tabu, e eles acabam não conversando... e acabam acontecendo tanta coisa como droga, como gravidez, sabe? Como prostituição... que, infelizmente, aqui tem muito, também. Então, eu acho que o Casarão pra mim, é um... que palavra eu posso dar...? É a vida, sabe? É estar aqui em prol dessas meninas e meninos que eu sei que eu não vou salvar todo mundo, mas eu tenho certeza que o que a gente plantar, eles vão colher lá na frente. Dos cem que tem, pelo menos cinquenta tenho certeza que vai colher alguma coisa, sabe? E isso para mim é muito prazeroso, é muito gratificante você poder ajudar pessoas que estão desacreditadas, né? E, ter conhecido o Hip Hop, esse espaço, as pessoas, as atividades que têm no Hip Hop... que têm muitas que não tem aqui, que eu até falo pra Bira que a gente tinha que trazer pra cá pelo menos uma vez no mês. "Vamos fazer essa integração, vai... daquelas meninas, aqueles meninos que dança aquele negócio lá, muito..." Pra eles conhecerem, sabe? Pra comunidade entender que tem tudo isso pra eles. Pra mim, é isso que tá faltando aqui no Casarão. Essa integração dessas atividades. E o espaço do Hip Hop... Conhecer as comunidades, sabe? Conhecer a história daquele povo, que é sofrida, e que tem tanta gente que não sabe dar valor. Tem, não sabe dar valor. E os que não tem, queria ter e não pode, né? É... É uma questão de humanidade, é uma questão de você dizer assim: "a gente tá aqui, a gente precisa fazer alguma coisa". Não esperar pelo governante, sabe? Não vai ter. É a gente por a gente. E foi muito, muito, muito bom ter conhecido esse Negão. Porque, eu morava numa cidade pequena. Não vou dizer pra você que não existia essas coisa, né? Lógico que existe. Só que quando você vem pruma cidade grande, uma realidade totalmente diferente do que você viveu... Porque cê mora numa cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo. É "oi, bom dia". Cê senta na rua, fica conversando até altas horas na sua calçada. Aí você vê uma coisa que é totalmente diferente da sua realidade. E quando você chega aqui, você vê a fome bater sua casa. Que lá cê se vira, vai na roça, planta,

se vira de alguma forma... E aqui? Ou você tem emprego, ou você fica esperando pelo outro. É! É dolorido isso, né? Então, cê aprende a dar valor ao que você tem. Cê aprende a dar valor ao seu suor, né? E você aprende a dizer assim: "eu preciso ajudar o próximo, e eu preciso do próximo, também. Eu num vivo sozinho". Acho que, resumidamente, é mais ou menos isso. É mais ou menos isso, né?

Heinrich – Bom, é isso. Eu... eu concordo... e é... é legal o que cê falou de "Ah, porque lá na frente que vai impactar a vida..." É curioso, porque eu estou conversando com o pessoal e aí... com gente que às vezes é mais jovem, tipo da minha idade, assim. E conta de quando era jovem, e a relação com a Casa, no começo da infância, da... da juventude. E aí, o pessoal fala da importância da Casa, tem... Porque eu tento conversar com gente de todas as idades, de... menino, menina, adulto, jovem, idoso, idosa... enfim. Pra poder ter essa noção maior, né? E aí, é... é muito... evidente, assim, o quanto que tudo vai impactando. Porque às vezes a gente acha que é uma coisa tão pequenina, tem um tanto de coisa lá que que eu sei... Eu estou fazendo, eu... eu estou sem muito tempo de conseguir mostrar pras pessoas, isso, porque eu tenho que fazer, tem que... tem prazo, tal. Mas eu acho que na hora que eu conseguir respirar, assim, pra eu mostrar, eu acho que a galera vai ficar muito feliz. Porque eu acho que tem muita coisa ali que o pessoal nem sabe o que impactou na vida das pessoas, sabe? Ali tem os relatos, tem tudo certinho... Então, eu acho que vai ser muito legal, assim, de... de pensar isso.

Renata – Eu tenho certeza.

Heinrich – E aí é legal que o Casarão, porque meio que tá nesse começo, entre aspas, assim, do que foi a Casa do Hip Hop há vinte anos atrás, né? Entre aspas, assim. Então, é muito legal pensar isso tudo.

Renata – E o bacana que são realidades diferentes, né? Como você tá conversando com pessoas de idade diferentes, pessoas que chegou na Casa do Hip Hop com seis, sete anos... dez, doze, quinze, né? E... Há vinte ano atrás! Depois de vinte anos, você tá conversando com pessoas que tá começando, por exemplo, aqui no Casarão, com seus dezesseis anos, 12 anos, 8 anos, né? E antes, há vinte anos atrás, era uma forma. Vinte anos depois, é outra forma. Mas, o objetivo é o mesmo. É... é... eu tenho certeza que esse trabalho que você tá fazendo vai ser surpreendente.

Heinrich – Pra mim tem sido, tem sido, assim... Eu confesso pra você que tem vezes, tem relatos... porque tem coisa de... que eu gravei há um ano atrás. E aí, tem coisa que eu já olhei, tem coisa que eu tô olhando agora, tem coisa que eu tô revendo... E aí, tem hora que eu tô escrevendo, assim... vem emoção, eu paro e choro, sabe? Pra continuar escrevendo. Porque tem muita coisa legal, tem muita coisa bonita, assim, que foi feita. Que tá sendo feita, né? Enfim. Então, é muito massa. Muito bom saber de...

Renata – E eu vou falar pra você... essa... nossa, esse Ubirajara é maluco, mesmo, né, velho? Hip Hop, Casarão, Ladeira, agora mais uma casa... mas o que esse cara tá fazendo... Meu Deus do céu. Acho que... Não tenho palavras pra te dizer, porque... Ai... Ai, não tem como eu não ficar emocionada. De ver como você pode ser tão grandioso na vida de uma pessoa, né? E às vezes as pessoas fala assim: "ah, esse cara é maluco, cê acha? Pra que tudo isso? Pra que ficar ajudando esse... esse tipo de gente, esse rebanho de

preguiçoso?" Dói tanto cê escutar isso... e escuta, viu? Escuta bem, muita gente. "Isso é um rebanho de vagabundo, rebanho de preguiçoso, manda ir trabalhar." Vai lá! Vai ver a realidade da pessoa. Vai ver por que a pessoa não tá trabalhando. Cê acha que é fácil você pedir? Cê acha que é fácil esperar alguém chegar lá, falar assim: "oh, hoje cê tem pelo menos um prato de comida?" Pra quem tá olhando, até pode ser, mas pra quem tá ali, passando por isso...? E aí, você ser tachado de vagabundo, disso, daquilo? Porque o pré-conceito que as pessoas têm é muito. Agora quando a gente tá lá, passando, sentido na pele, o que eles sentem, você vê. O quanto é diferente, o quanto é dolorido, o quanto é vergonhoso. Mas você tem que encarar, não tem jeito. "Eu vou lá, eu não vou passar fome. Se ele tá dando eu vou lá e vou pegar mesmo. Eu prefiro passar essa vergonha do que roubar, do que matar..." As pessoas pensam isso? Quando eu escuto, eu falo assim, véi! Vai lá. Vai lá. Eu trabalho num projeto social, com... com crianças, durante o dia. E quando eu cheguei lá... gente, como essas crianças jogavam comida fora, como jogava, sabe? Eu falava assim, só mostrava as foto do Renascer: "Cês tão vendo isso aqui?" Juro procê. "Cês tão vendo isso aqui? É uma comunidade aqui na cidade de vocês que vocês nem sabem que existe. Essas pessoas aqui, ó, procuram por um prato de comida que vocês não tão comendo e jogando fora. E eles não têm. E olha o que vocês tão fazendo." Juro pra você. Hoje em dia, a bacia... Porque eles entenderam a importância de dar valor ao alimento que eles têm. Em casa, na escola, no projeto social, sabe? Às vezes... logicamente as crianças não sabem, não conhecem. E a gente tem que passar esses valores pra elas, né? E foi impactante elas verem isso, porque elas não sabiam que existia, não sabiam. Elas vivem no mundo delas. De casa pra... de casa pra escola, da escola pro projeto, do projeto pra casa... Os pais não têm tempo de sentar e conversar com eles. Vai lá fazer a comida, pega o celular: "senta lá, se vira, se vai comer, se não vai comer, se vai jogar fora, se não vai jogar fora". E aí? A culpa é das criança? Não, não é das crianças. Porque não sabem da realidade. Então, é o nosso papel passar isso pra eles. Pra eles crescerem, e se tornarem adultos com outro pensamento. Porque se esperar... Eu culpo e não culpo os pais também, porque o dia a dia é tão corrido. É trabalho, trabalho, trabalho... que, antigamente ainda tinha esse tempo de sentar, conversar, brincar. Hoje em dia os pais não brincam com os filhos, não conversam, não falam sobre a vida... As crianças vão crescendo, assim, ó. Se a escola falou alguma coisa, tudo bem. Se o projeto falou alguma coisa, tudo bem. Se não, eles vão crescendo assim. E a vida vai ensinando. Ou ruim ou bom, a vida vai ensinando. Por isso que é bom. E o dia... A gente levou eles no Hip Hop. Conheceu o espaço do Hip Hop, conhecer a horta... Cadson foi uma pessoa, assim, ó... Eu tiro o chapéu praquele cabra véi, ele é demais. Ele mostrou cada detalhe daquela horta, plantou com as crianças, mostrou aquela abelha, o mel das abelhas, sabe? Eles ficaram fascinados. E são crianças de quatro a onze anos, né? Uns têm uma realidade mais ou menos, outros uma realidade maravilhosa, outros umas realidade ruim. E todos eles ficaram fascinados, né? Quando... Esqueci o nome dele, que dança, lá...

Heinrich - Walisson[52].

Renata - O Walisson fez uma dança com eles, meu Deus do céu! Pensa na felicidade. O sorriso deles vinham aqui, ó. Porque ele fez... Colocou as crianças pra dançar de uma forma gostosa. E todos eles se mexeram,

[52] Professor de dança na Casa.

de menino a menina. O... malabarista[53] lá, então? Fez umas mágicas muito maluca lá, e as crianças riram, sabe? Vê aquele sorriso gostoso que não é todo dia que você vê... Porque tem uns que têm realidade de sofrimento, porque... o pai se separou da mãe, não aceita a separação... a mãe vive brigando com o pai... o pai é alcoólatra... a mãe é drogada... sabe? Tudo isso também passa na cabecinha deles, né? Com sofrimento. E aí, você tirar um sorriso gostoso, eles esquecerem um pouco daquele sofrimento de casa. Gente! É... É isso que você fala, assim: "por isso que eu tô aqui. Por isso que eu quero estar aqui. Quero trabalhar com criança, quero trabalhar com adolescente. Eu amo trabalhar com criança e adolescente. Dá trabalho? Dá. Não é fácil. Mas a gente tá ali, ó. A gente mete a cara. Pra mim é maravilhoso. Eu amo estar no Casarão. Eu amo estar no meu serviço porque é com criança, é com adolescente. É tudo que eu gosto de fazer, sabe? Gosto de discutir, gosto de debater, gosto de enfrentar, de dar desafio pra eles... Porque, é a nossa vida. Cada dia que passa a nossa realidade ela vai ficando diferente. Os dias tão passando mais rápido. O estudo tá totalmente diferente. As crianças e adolescentes estão ficando diferente, porque estão só dependente de celular, de videogame, né? Esqueceram de brincar. Esqueceram de como é gostoso tá ali na rua gritando, correndo, se divertindo... uma sentadinha onde é normal tá falando de qualquer assunto, né? Eles não têm isso mais. É só isso aqui, ó: jogo, videogame, bate papo no celular. Não é olho no olho, como a gente fez, como a gente fazia. Então, eles têm que... tem que aprender o quanto é gostoso isso e fazer com que isso aconteça. E eu acho que é através desses espaços que a gente transforma muita coisa, né? Pelo menos um pouquinho deles. E mais um espaço, e depois mais um espaço, depois mais... quando a gente vê, a gente tomou conta de Piracicaba. É isso, meu amigo.

Heinrich – Já é! E haja gente pra trabalhar, pra fazer... que legal. Eu tenho uma... um dia que eu vim aqui, uma das vezes que eu vim aqui, foi... Acho que é... na quinta que cês faz atividade à noite aqui, não é? Que o Bira vem fazer a atividade de grafite. Terça? E aí, teve um dia que eu vim e eu... e aí tava as crianças cantando aqui no... na sala. E aí, eu tenho a gravação do trecho das crianças cantando, só esse pedacinho. Só um pedacinho da música, enfim. Daí é um trecho bonitinho, assim. Tá um monte de criança, um monte de voz de criança, cantando. E a música é de sertanejo, assim... não tem nada a ver com Hip Hop, mas no fundo é isso, né? Juntar...

Renata – É que, na verdade, o que a gente tem que passar pra eles, é conhecer tudo, né? Todos os tipos de música, todos os tipos... Porque senão a escola, funciona só uma coisa. Não precisa... não precisa focar só no Hip Hop. Você tem que conhecer. Você pode escutar qualquer um, mas você tem que conhecer todos os estilos. E o que você gostar cê foca. É... é isso.

Heinrich – Beleza, brigado. Valeu.

Renata – Magina. Precisando estamos aí.

[53] Federico – em suas andanças pela América Latina, quando está no Brasil, participa das ações da Casa, inclusive ministrando oficinas de circo.

Heinrich - É isso! Já me ajuda muito.[54]



[54] Após parar a gravação, Renata contou sobre casos de violência que as alunas sofrem, por exemplo, de um padrasto que tentou abusar de uma menina de 11 anos, e ela recorreu ao Casarão. Chamaram a polícia, e o padrasto foi pra rua. Conversamos sobre a possibilidade de em outras situações de dificuldades, ela e as irmãs saberão que podem contar com o espaço e as pessoas do Casarão. Havia um cachorrinho com uma semana de vida, em uma caixinha. Quando as crianças voltaram do treino de futebol, um menino tirou o cachorrinho da caixa e ficou no chão incentivando-o a aprender a andar. Outra menina pegou os jogos na estante de livro. Após, pegaram as frutas que iam levar para suas respectivas casas. Enquanto isso, Ubaldo - casado com Renata - fez uma manutenção no miolo/fechadura do portão principal.


RENASCER




HIP HOP

Osvaldo, por meio dos encontros que a vida possibilita, participou das fundações do que atualmente é a Casa do Hip Hop de Piracicaba. Nesta conversa, realizada na própria Casa, a partir de um encontro repentino, ele conta de como chegou na cidade nos anos 90, dos motivos que o afastou da Casa e como leva o Hip Hop em sua vida.



Heinrich – Então, eu sou da matemática, na real. Sou... formei em Matemática, em Minas. Eu sou de São Paulo, mas fui pra lá, estudei lá e tal. Daí fiz licenciatura, fui professor cinco anos, em matemática, e aí depois fui fazer mestrado, na área mais de política, da educação e agora eu estou fazendo doutorado aqui na Unesp de Rio Claro. E é na Educação Matemática, mas é mais voltado pra educação, entendeu? Participo de um grupo que trabalha muito com filosofia, principalmente. A gente trabalha com grupos que não estão associados à escola necessariamente, então tem colega que trabalha com quilombolas, indígenas, com coletivos femininos, enfim... então, sempre grupos que não são na escola, né? A ideia é pensar política, cultura, social... tudo isso com outros grupos que não estão na escola necessariamente. E aí o meu orientador, ele conheceu aqui a Casa, ele viu um teatro, e ele me sugeriu vir aqui. Começou em 2021 o meu trabalho, e aí... foi o ano passado que eu vim pra cá, conheci a Casa e comecei a frequentar o espaço, participar... E estou sempre aí, assim... todo sábado eu tô aqui, e às vezes durante a semana. Mudei pra cá recentemente, eu tava morando em [na cidade] Rio Claro e agora vim pra Pira, e aí é até melhor, porque agora eu consigo vim durante a semana, tal... E a ideia, no fundo, é isso, assim... Tentar entender um pouco da história da Casa, da importância dela, a importância dela no bairro, pras pessoas, a importância das pessoas pro espaço... Tudo isso, sabe? E é muito aberto, assim, a pesquisa também... Eu não trabalho muito com um problema pré-estabelecido... não tem pergunta pronta. Paro, troco ideia, e a partir dessa ideia vão surgindo ideias que eu vou escrever sobre. É isso, assim... é isso, eu tenho até 2025 para terminar, então tenho mais um tempo ainda pra ir trabalhando com isso... Aí, não sei... a hora que eu tava saindo, você estava chegando, e o Cadson comentou: "O Osvaldo, ele está aí desde sempre, ajudou a fundar a Casa...". E eu falei: "pô, vou trocar ideia com ele!". E é entender, assim, como que é isso, de onde vem...? Sei lá, tá ligado?

Osvaldo – Vamos lá, então. Vamos... Então, eu vou tentar fazer um breve resumo daquele... do meu start, né? Onde surgiu isso, essa identificação. Eu sou natural de São Paulo, também; sou lá da Zona Sul, de Santo Amaro, especificamente do [bairro] Jardim São Luís... Eu participei de um projeto que se chama CJ, Centro da Juventude na Fundação Julita[55], até hoje existe esse projeto aí. Então, assim, o meu start foi ali, porque dentro desse projeto, ele tinha vários fragmentos, com várias

[55] A Fundação Julita é uma iniciativa de empresários do ramo cafeeiro; entre os apoios sociais, abriga um Centro da Juventude, política pública brasileira de espaços com atividades de lazer, esporte, cultura e qualificação profissional para jovens.

atividades, né? Então tinha atividade de artesanato... panificação, datilografia ainda nessa época, né? Hoje em dia se vê na tecnologia.... Eu sou da época da datilografia. Aí... Eu tive um problema familiar, né? Meu pai e minha mãe se separaram e a gente acabou se mudando para o interior, pra cá, pra Piracicaba, especificamente em 94. E assim, nessa transição de separação aí, familiar, a gente... eu fiquei, no caso, meio rebelde, assim, vamos dizer, e a única coisa que me trazia no sentido era o projeto que eu era inserido. E aí quando eu chego no interior, ainda não tinha um... Algo que me despertasse alguma coisa, né? E em São Paulo eu já gostava muito do grafite. Eu já era mais ligado ao grafite. Então, assim...

Heinrich - Lá você participava desse projeto, tipo como alguém que ia lá pra estudar, junto... cê era moleque, na época?

Osvaldo - Moleque, eu era moleque. Eu estava... nessa época aí...? Eu tô falando de 89, 90... Nessa época aí. E tinha... teve uma oficina lá de grafite, só que na verdade não era o grafite igual a gente vê, né? Era o stencil. E aí quando o cara fez a... mostrou e tal... como mexe com o spray, como que faz o stencil, eu pirei! Eu falei: "caramba, isso aí que eu quero, é isso que eu quero". Eu já... Eu já sempre gostei de desenhar, né? É o que me o que me trazia calma, também, o desenho. Concentração, então, calma... Eu buscava... eu tinha muito esse refúgio pra mim... É, meio que dar uma tranquilizada no monstro que tava ali dentro de mim, ali querendo sair pra fora, né? Aí, como eu te falei, viemo pra cá, em 94. E a música, ela também é uma referência, porque a música pra mim é algo muito surreal. Assim, a música ela tanto pode transformar quanto destruir. Ela tem poder assim, muito grande a música, né? E, no caso, o RAP é uma música que pra mim é referência, né? Porque ele retrata a realidade e te traz uma esperança também, né? E aí cheguei aqui em Piracicaba e ainda não tinha me encontrado, ainda. Qual...? Qual grupo eu vou me pertencer, né? Ainda tava naquela descoberta... O grupo... Tinha uma galera já do RAP aqui, mas eu era distante... A galera que eu comecei a conversar era outro tipo de pessoal e tal... Aí eu comecei a frequentar alguns lugares aqui, que não era do RAP, mas tinha nos bailes, no finalzinho da noite, os caras colocavam um RAP para tocar... E nessa brincadeira eu fui conhecendo umas pessoas... Quando foi em 98, eu estudando numa escola aqui, chamada Melo Aires, 98 pra 99, eu conheci um cara chamado Daniel, que é um cara do [bairro] Piracicamirim. Que aí, os cara começou a trocar ideia! E ele... e a gente se aproximou, porque na hora do intervalo da escola eu cantava Racionais. Os cara gostava, eu sabia o CD inteiro, o *Sobrevivendo no Inferno*. De traz pra frente, frente pra trás... E os cara gostava de escutar eu cantando. E aí naquele momento eu me sentia útil, né? Porque eu reunia a galera ali para ver eu cantar música dos outros ainda, né? Eu falei: "caramba, né, meu? Que interessante, né, essa questão". E aí eu comecei a me ver, pô... dá pra fazer mais coisa... Mas, como? E esse Daniel viu eu cantando, e ele falou: "Cara, eu tenho um grupo de RAP, assim, assim, assim, você não tá afim de cantar?". Falei: "Ah, cara... Não sou cantor de RAP, velho, eu engano aqui, né, meu?". Aí ele falou: "não mano, cê canta bem". Ele achou que eu cantava bem, eu embarquei na dele, mas na verdade eu embarquei na dele justamente pra mim buscar o meu grupo, né? Minha tribo, vamos dizer assim, né, que até então eu estava meio desgarrado, né? E aí o RAP, como sempre, fez

parte... a trilha sonora minha... então, aí eu falei: "Ah, vamo vê". Só que aí o RAP foi a porta de entrada, né? Esse grupo aí foi a porta de entrada pra mim conhecer um pessoal do Pisca[56], que ali era forte. O grafite já era forte ali, né? O Betão foi um dos caras que incentivou eu na questão do grafite. Ele, aí depois eu conheci o Bayern, um dos pioneiros do grafite aqui em Piracicaba... E aí a gente tentou montar a primeira associação de Hip Hop aqui em Piracicaba. Então foi eu, Betão, Belfá, e esse Daniel. Esses quatro cara montou essa associação. Mas, assim é... a gente era muito... muito novo, ainda... Isso foi em 2000. A gente era muito novo, não tinha... As ideias ainda, não tava legal, não estava fluindo, né, a ideia. Foi um pouco de vaidade, de ambos... Aí a gente rachou. Rachamos... Então, quem era da associação ficou lá com o Betão, pessoal do Pisca, ali, que já era um grupo, e eu e Belfá, a gente tentou fazer uma outra associação que chamava Associação Revolucionária. Tentamo fazer esse... esse projeto andar. Também não deu muito certo. Foi uma coisa que não... não aconteceu do jeito que precisava acontecer... E aqui a gente tinha o Pira Rap, né? Tinha o Pira Rap... E a gente tava tendo, também, na época, o movimento que se chamava "Grito da Periferia". Que era... era um pessoal partidário... PMDB, acho... na época. Tinha um grupo lá e os cara começou a fazer esse lance aí. E foi nessa daí que eu encontrei o Bira, em uma desses baile aí, no centro aí, que eu encontrei o Bira. Na verdade, o Bira vem até a mim, porque ele... a gente já frequentava aqui, a Paulicéia... A gente tinha aqui umas domingueira na Paulicéia, e tal. E o Bira, daí já acredito... que já tava... Aí falo: "As pessoas se conecta, né, meu?"

Heinrich - É acredito, tamém.

Osvaldo - Os iguais se atraem, né? Não os opostos, os iguais se atraem, né? E aí, quando a gente... trocando ideia, ali... Aí eu falei: "pô, cara, nós já vem de duas tentativa, né, cara? Não sei meu?". "Não, mas vai dar certo e tal". Aí, na troca de ideia, aí é onde eu senti a simplicidade, né, mano? Senti a igualdade nas ideia. Não tinha uma sobressair, né? Porque, quando você vê que o cara que só quer lorota, ele sempre sobressai na conversa, né? No sentido assim: "o que eu tô trazendo é o certo, vamo aqui, né?". Ele nunca escuta o outro lado também, né? Só o lado dele que é o certo, né? E, com o Bira, eu vi que isso não, né, meu? Isso daí conectou. Então, conforme a gente foi trocando ideia, era eu, ele e o Rogério que estava trocando essa ideia. DJ Rogério, que é um cara das antigas também. Eu falei: "porra, cara, vamo nessa, cara. Aí, ele falou: "então, já tem um centro comunitário e tal". Aqui era abandonado, praticamente, pela comunidade, né? Só que a família do Bira sempre foi presente na comunidade, aqui na Paulicéia, a mãe dele, as irmã, sempre foi presente. Ele falou: "já tem um espaço, espaço a gente já tem". Falei: "opa, então menos mal, o espaço é o pior, né, meu?". Aí, a gente brinca, né? A gente tomou de assalto aqui. A gente invadiu o espaço, aqui. Aí, ele se candidatou à presidência do centro comunitário e eu fiquei, até então, como o presidente da Casa, né? A Casa ainda não tinha uma... Estatuto, igual tem hoje, né? Mas aí a gente criou esse corpo aí pra gente dominar o espaço. A gente se apropriou

[56] Pisca é uma abreviação para o bairro Piracicamirim, em Piracicaba. Na conversa com Marcinha, nesta tese, o bairro também é mencionado.

do espaço e não saímos mais, né? Mas tudo começou nesse encontro aí, na praça José Bonifácio. Foi ali por volta de 2003, se não me engano, 2000. É! Fez 21 ano a Casa, né? Então foi nessa época aí, né? Você contar 22, 21 anos pra trás.... Foi nessa época aí. E aí foi, cara. E aí, no começo, foi tudo meio tímido, mas aí a gente sempre entendendo que a gente precisava buscar informação... Legal. E aí, uma história interessante, né? A gente teve um mentor nosso, no começo, foi o Junior[57] da ação cultural, né? Nem sei se o Junior trabalha na Secretaria ainda, lá. Aí, o Junior que foi o nosso mentor, né? Ele que foi direcionando nós o que a gente precisava fazer, aonde a gente precisava correr atrás e tal, né?

Heinrich – Ele era da...? Da Secretaria de Cultura?

Osvaldo – Ele era... Isso! Ele era da Ação Cultural, Secretaria de Cultura. Aí, teve o Eduardo Gomes também, que deu uma força, uma orientação... hoje ele é falecido. Ele era o Pai Eduardo, né? Ele era do Candomblé. E aí, cara... Foi... Foi indo. Aí, teve um momento da nossa vida, a gente falou: "pô, a gente tem que buscar uma referência, a gente tá aqui, falando e tal, nós vamos buscar referência". A referência, até então, era a Casa do Hip Hop de Diadema, lá em São Paulo. E o África Bambata ia vim, e a gente foi. Tanto é que o Junior foi também, uma galera foi... Aí, a gente foi e tal. Chegamos lá, cara, a hora que o cara começou a falar, eu olhei pra cara do Bira, ele olhou pra mim e falou: "mas carai, nós tá fazendo tudo isso lá em Piracicaba, já, mano; a gente tá fazendo tudo isso lá em Piracicaba". Então, na verdade, a gente já tava no caminho, né, meu? Tá, beleza. Só que aí a gente sentiu a necessidade, que até então a gente começou só os quatro elementos. Mas a gente percebe, percebeu, né? Que a comunidade é muito mais que isso, né? Muito mais que só o Hip Hop. Hoje você vê a Casa do Hip Hop, não é só o Hip Hop. Tem o nome Casa do Hip Hop, mas a sustentação, a base disso aqui, não é só o Hip Hop, né? E foi onde a gente foi abrindo porta... foi abrindo porta... "Ah, eu tenho isso aqui, posso dar aula aí? Vai somar?". "Tem a mesma ideia? Chega". "Ah, vai somar, tem a mesma ideia? Chega". Mas precisava de uma virada mesmo, né? A gente não sabia ainda o que, mas precisava de uma virada. Aí, surgiu uma ideia de fazer um encontro com a igreja católica, grupo jovem e uma igreja evangélica. E esse encontro, ele foi tão, assim... Abençoado, que aí surge a parceria do Dilsão, na Base2. Que aí veio ele que participava do grupo jovem, que era da comunidade, já tinha um esquema de skate... Aí, a hora que a gente fez esse encontro, que aí foi o boom, né? Que aí deu tudo esse... Aí, a galera começou, tudo, né, meu: "pô, não é só Hip Hop, né, meu". Aí, a gente chegou em várias parcerias... com faculdade, né? Muitas duradoras, outras nem tanto, porque... Você tá aqui, você tá vendo, o bagulho é orgânico, né, mano? Então, se cê não por a mão no barato, o negócio não anda. Você vim aqui só pa garimpar e sair fora... Então, assim, a gente teve várias alegria, mas teve várias decepções, também. É ser humano, né, meu? Então, ser humano é... Tem seus interesses pessoais, né? Mas eu costumo dizer que o Hip Hop ele é tão foda que, ele por si só, ele caminha, né,

[57] Junior é o Antônio Filogênio de Paula Junior, que fez parte da banca desta tese, e uma das pessoas que participaram das fundações da Casa do Hip Hop de Piracicaba. Seu nome foi mencionado por todas as pessoas que conversei, que estiveram no início (e antes) da Casa.

meu? As coisas elas vão atraindo, né? É um ímã, né? Então, tipo, hoje eu não faço parte diretamente da Casa, mas toda hora eu tô aqui. É um ímã, não tem como, né? Não faço parte por conta da vida que eu segui de operário, né? Eu trabalhei 12 anos, 10 anos só com Hip Hop, e aí, não... Eu escolhi ter uma família, e não tava dando a camisa que eu queria, pra minha família, eu tive que mudar, né, meu? Que infelizmente a cultura no Brasil é mendigação, né, cara? A cultura... cê vê, pra sustentar um lugar desse aqui é mendigação, muitas vezes. Isso aqui mais acontece por conta das pessoas que estão aqui que da ajuda de órgão público ou coisa do tipo, né, amigo?

Heinrich - Sim, tô ligado.

Osvaldo - Então, assim, é foda. E aí pra mim já não dava. Se eu fosse... Continuasse... Ah: "sou solteiro, tou de boa". Aí eu tava até hoje... Mas, como eu... Mas isso não é uma desculpa, porque dá pra gente fazer, né? E aí eu dava aula de dança, também. Então eu dançava e grafitava. Mas, como eu falei lá no início, o grafite sempre foi o braço que me trouxe, né? Então, aí eu falei: "pô, é uma maneira que eu tenho de ficar, de permanecer sem sair totalmente de cena, né?" E aí eu costumo dizer: "a gente não para, né? A gente só dá um tempo, né?" A gente tá respirando isso. Isso faz parte de mim, não adianta. Minha fama hoje dentro do meu trabalho é puro Hip Hop. Não tem como falar que não. O que eu sou hoje é 100% Hip Hop. Não tem como eu falar que não. É mais do que tatuagem, colada na gente, é um estilo de vida, né? E a gente precisa entrar em todos os meios, sim, eu acredito. A gente precisa estar na faculdade, a gente precisa estar lá na gestão, a gente precisa estar lá no cérebro da empresa... A gente precisa, porque os nossos vão estar lá, também... Os nossos vão estar lá. Molecada que dança aqui, uma hora vai estar lá, né? E hoje tenho a felicidade... Já tive várias felicidades de trabalhar com a rapaziada que foi meu aluno, entendeu? E hoje, por exemplo, eu sou gestor de um rapaz que foi aluno nosso, do grafite, entendeu? Então, assim, precisa a gente tá como referência também, né? Ocupando os espaços. Então aquilo, o Hip Hop tem que tomar de assalto tudo, cara. Tudo quanto é órgão, tudo que ele tem que mudar! É tomar de assalto mesmo. E do nosso jeito fazer a transformação também, cara. Pra entender que, pô... E aí, tanto é que lá no trampo: "ah, qual que é o seu hobby?" "Ah, meu hobby, eu faço grafite". "Mas cê faz grafite?" "Faço grafite. Só que, na verdade, não é mais como hobby, é meu estilo de vida fora daqui... Você não gosta de tomar cerveja, no final de semana? Gosto de grafitar no final de semana. Simples assim, entendeu? Ah, tem a casa do Hip Hop..." "Ah é, tem a Casa?". E é maior barato que assim, eu nunca fui com essa de levar uma, né, meu? "Ah, sou fundador da Casa". Viu? Se não tivesse vocês pra abraçar aqui, não era porra nenhuma isso aqui. Eu só fui um louco lá que acreditou no mesmo louco que eu ali e falou: "vamos fazer a parada acontecer e levar, encontrar um monte de louco no meio do caminho aí que vai acreditar do mesmo jeito que a gente acredita e o bagulho vai andar". Entendeu? Só fui aquele cara que deu aquele bico, junto com o Bira, entendeu? Uns ficou pelo meio do caminho, outros resistiu. E nessa daí o Bira é o que mais resiste, né, mano? Ele é o cara, assim, que eu admiro pra caraio. Pra mim é mais do que amigo, pra mim o Bira é meu irmão, velho. Defendo ele pra caraio. Falou mal da Casa, fudeu, vamos treta comigo. Cê é louco, mano? Para! Vem aqui... Meu! Falar de longe, é fácil, cara. É

fácil gritar, quando tá de longe... E cê vim aqui, sentir o cheiro, pegar, fazer a coisa acontecer? Hoje rolou um almoço, pô. E aí? Quem que tá aí, todo dia aí, fazendo almoço aí? Tem valor, mano. Essas coisas aí, é na simplicidade que você vê a grandiosidade da parada, mano. E a Casa do Hip Hop é foda, mano. É foda! Quem vem aqui, sai diferente. Quem... Quem bebe da Casa do Hip Hop, tem outra perspectiva lá fora. E do Hip, como geral. Isso aí não tem como. Hip Hop, que nem eu falei, fez eu ser quem eu sou. Era um moleque, com a mesma história de milhares, filho de mãe solteira, perdido no mundo. Quem me abraçou? A rua. Quem tava na rua? O Hip Hop. Ele que me abraçou, ele que me deu a direção, ele que falou: "ó, aqui não vai dar certo, cara; vai ser um pouco mais sofrido, mas é aqui que vai ser legal". E se eu fiz uma faculdade, foi por causa do quê? Só por causa do Hip Hop, velho. Ele que mostrou pra mim, nas reuniões, de enxergar outras pessoas, de falar: "porra, não só tem aqui, mano". É o que eu falo, não é todo mundo que vai ser um bom DJ, não é todo mundo que vai ser um bom grafiteiro, que vai viver do grafite, não é todo mundo que vai ser um bom dançarino, que vai nas olimpíadas disputar um troféu, não é todo mundo que vai ser um bom MC que vai ter condição de gravar um disco. E aí, então morreu? Não, mano. Cê é bom no quê? Cê tem o Hip Hop como ferramenta, pra te atrair, para te dar uma direção. A partir dali, cê se descobre. E cê vê no que cê é de melhor. Então, o Hip Hop, ele é uma ferramenta, né? Fico meio triste também, quando as pessoas às vezes é... Meio que se ilude, porque muita gente se ilude e acha que vai viver do Hip Hop financeiramente. Mano! Aí cê tá enrolado. Mano! Aí cê tá enrolado... Porque aí você vai ter que se sacrificar. Cê acha que Racionais é Racionais por causa de quê? Só perguntar pra família deles. O quanto tempo eles ficaram longe de casa, pra ter o que os caras tem hoje, entendeu? Você vê a entrevista dos cara, os cara memo fala: "eu dei prioridade 100% por bagulho e esse bagulho é egoísta". Entendeu? É isso, cara, é isso. Então, o Bira tá aqui hoje, o quanto que ele não paga, também, pra família dele? E aí onde eu falo procê, que eu... que eu treto com essas pessoas que critica. Cê não sabe, irmão! Cê não sabe o que que o cara tem que escutar dentro de casa a hora que ele fecha a porta porque ele deixou a filha, deixou a mulher em casa, mano. Pelos outros! Não é nem por ele. Pelos outro! Mas é aquilo que alimenta ele ser quem ele é. Então não crítica, mano. Quem tá de fora é fácil falar, velho. Só quem tá lá dentro sabe qual que é a caminhada do negócio. Que que fez pra estar 21 anos em pé essa porra aqui, sem precisar de ninguém. A não ser das pessoas que acredita na parada. Monte de gente aí. Você, memo, um monte de gente aí, voluntária no bagulho aí, meu, fazendo o bagulho virar e o bagulho vira, Mano. Organizadinho! Mais organizado que um monte de empresa aí, ó. Todo mundo sabe que tem que vir aqui fazer, não precisa ninguém ficar mandando... É chegar aqui e fazer, mano. Mais organizado que um monte de empresa aí. Falo isso tranquilo. Eu trampo com empresa, eu sei como é que é.

Heinrich - É literalmente sua formação, né? Da produção?

Osvaldo - É! Minha profissão. É... formação, entendeu? E, então, cara, é foda, bicho, e é isso, mano. O Hip Hop é uma... pode...

Heinrich - Não, é que me fez até pensar, que, tipo, nessa parada... É o que eu te falei, assim, as ideias vai saindo na conversa, né? Essa coisa da Produção, da Engenharia da Produção, né? Tem

um rolê de engenharia aqui, envolvida, de produção, e a engenharia é feita pelas pessoas, né?

Osvaldo – É, mano, total. Cê fazer um arranjo físico[58] aqui, que é uma das matérias, cê vai ver produção 100% aqui no bagulho. É arranjo físico, você vai ver aqui, ó, 100% aqui. Que nada mais é que cê alocar as pessoas no lugar certo pro bagulho virar. Cê vai ver isso aqui, entendeu? Então, quando você começa trocar ideia com as pessoas... dentro... lá, a parte que eu faço, a parte humana, é da onde? É, da rua, do gueto, do rolê. É a troca de ideia aqui que nós têm, entendeu? O debate, a roda de conversa que faz pra trocar ideia sobre o próximo evento. É na produção. Então está tudo conectado. Então eu consigo conectar totalmente o meu trampo hoje, com o Hip Hop. Eu sou até ousado de falar que hoje eu sou muito mais Hip Hop que antes. Entendeu? Sou muito mais hoje, eu faço mais Hip Hop do que eu fazia antes. É ali, ó, no dia a dia... Porque: "converter pra convertido é fácil". E pra aqueles outros que não está ali? Que tem um preconceito no bagulho e eu chego chegando. É Hip Hop. "Ah, sabe a Casa?". "É, então!". A hora que vê eu pa rua desse jeito, despojadão: "Ô, meu! O cara é... carai, meu! O cara é líder de produção, porra véi!". Entendeu? Então hoje eu sou muito mais Hip Hop, por quê? É na... É na raiz ali o bagulho. Então a molecada hoje me vê: "Porra. A vida tem outro caminho mesmo, mano; a vida tem outro caminho". Porque, quando eu dava aula eu tava fudido, velho. Como que eu vou falar pro moleque que o Hip Hop vai dar camisa se eles vê eu fudido, entendeu? Tava fudido, não tinha um dinheiro pra tomar uma água muitas vezes, mano. Em outra parte tava me fortalecendo? Tava, minha autoestima! É que é onde eu tava buscando, também. Cê precisa da autoestima p'cê dá o próximo passo, né? Cê precisa se sentir alguém. E o Hip Hop foi esse cara que me deu autoestima, falando: "Não, meu, você faz parte desse mundo, né?". E se você olhar aqui, é o que Hip Hop dá p'um monte de gente que vem aqui: autoestima. Levanta a autoestima de todo mundo. Cê vê aí, a festa da Casa do Hip Hop, aí. Cê olhava na bolinha dos zói de todo mundo, tava todo mundo felizão, mano. Do seu jeito, com seus dreads, com sua maquiagem, do seu jeito de ser. O Hip Hop é isso! Tá, mas a gente precisa dar mais um passo, porque não é só isso. Por isso que eu falo, eu sou do cara que a gente tem que estar em todos os lugares. O Hip Hop ele tem que tomar de assalto todos os lugares: a universidade, o CEO – imagina a gente um dia tem um CEO do Hip Hop, mano, na empresa? Imagina que louco que não vai ser a transformação do bagulho? Aí o cara vai ver os operários diferente, cara. Eu garanto pra você que o dono do bagulho vai ganhar muito mais dinheiro ainda. Sem sangue. Na simplicidade da parada, na valorização da parada. Então, meu sonho é esse, é de ver um cara lá, eu batendo continência pro cara, eu falar: "Porra, esse cara, mano, vai estar lá no baile comigo, lá na Casa, lá". E nós vamos junto. Porque nós vamos junto? Porque eu sei que o cara é da mema proposta que eu. Eu entendo o cara, e o cara me entende. No olhar! A gente não precisa trocar muita ideia, mano. A gente vai daqui pra frente, no olhar a gente já vai saber o que que o outro sente, mano? Isso é Hip Hop, mano; Hip Hop é isso. Tanto é que, quando o cara vem de muito nhé-nhé-nhé, muita

[58] Arranjo físico é uma técnica da Engenharia utilizada para otimização de recursos, otimizando a rotina de trabalho.

gracinha, ele cai rapidinho, ele não se sustenta. Porque o barato é mais forte que ele. Hip Hop é mais forte que qualquer um de nós, Mano! Por isso que eu não ponho... Não levo uma que eu fundei porra nenhuma, entendeu? Porque o bagulho é muito mais forte que eu. E daí? Eu fui um instrumento pro barato! Eu fui um instrumento pro barato! O bagulho é muito mais forte do que eu. Se não fosse eu, ia ser outro, mano. O bagulho ia acontecer!

Heinrich – Sim, sim, total! Total!

Osvaldo – O bagulho ia acontecer! É aí que tá o segredo da parada. O bagulho ia acontecer!

Heinrich – Eu penso do mesmo jeito. É igual minha pesquisa, eu tô fazendo sobre a Casa, e se não fosse eu ia aparecer outra pessoa e vai fazer, é isso. Alguém vai fazer. É isso.

Osvaldo – Exato. Entendeu? Eu escutei esses dia... Porque assim, cara, eu sou suspeito de falar dos Racionais, tá? É trilha sonora, é Racionais... De vida! É outra... outra galera, também, se eu ouvir falando bosta já... Nossa! Já arruma, arruma comigo. Por vários motivos. E aí, eu não sei se foi o [Ice] Blue... Foi o Edi Rock. Ele num podcast, ele falando assim: "Mano...". Tava falando de um cara lá que não aproveitou a oportunidade, né? Que o bonde passa, e cê tem que pular nele. É aquela hora, entendeu? Se não for aquela hora, já era, cê perdeu. Foi o que aconteceu comigo, com o Bira e com o Rogério quando a gente trocou ideia na praça. O bonde passou, era aquela hora. E conhecendo o Bira que eu conheço, mais de vinte ano, ele ia arrumar outro louco que pensa igual e o bagulho ia virar. Cê tá entendendo? Por isso que eu falo que eu não levo uma, por conta disso. Então eu aproveitei o bonde. O que que ele viu em mim? O mesmo louco que pensa do memo jeito, é isso que ele viu em Mim: "Puta, aquele louco ali, dá pa nós tentar ver se... Porque o cara tá vindo de dois rolê que não deu certo, mas com nós aí vai ser diferente". Por quê? Já existia um barato aqui. Se pegar a história da Paulicéia, ela já fazia Hip Hop muito sem saber que que era Hip Hop. Mas já era Hip Hop puro! Né? Porque a gente fica muito pautado nos quatro elemento, do Hip Hop, que é o que fundou a parada, né? Os quatro elemento, né? Mas a gente traz um quinto elemento, que a gente acredita nisso, que é o que gira em torno disso, que dá sustentação pra isso. Então, antes aqui de acontecer a Casa do Hip Hop, existia um movimento muito forte na história daqui. Sempre existiu. Teve questão de Carnaval aqui. Teve uma rádio comunitária aqui, teve... O Bira pode até falar com mais propriedade, porque ele é cria da Paulicéia, né? Então o bagulho ia acontecer, entende? Até eu... Eu fui um esperto de pular no bonde, na hora certa. Opa! "Vamos pular nesse bonde, aqui; que que eu vou perder? Não tenho nada a perder, velho. Única coisa que eu tenho na mão, é isso". Entendeu? "Única coisa que eu tenho na mão é isso". E aí, isso me fez também, é... É o que eu falo: me trouxe autoestima, melhorou minha oratória. Eu era um cara tímido pra caramba. Dá p'cê entender, acreditar que eu era um cara tímido? Era um cara retraído pra caraio. Por toda situação que eu vivi. Então era uma maneira de defesa. O Hip Hop fez eu ser ao contrário. Às vezes eu tenho que me policiar para ver... Entendeu? É... Eu fui demais aí, até, da conta. Hoje, meu, se deixar, eu converso aqui até amanhã. Tem muita... Muito assunto, velho. Muita história, muita... Muita coisa nas entrelinhas, né? Muita coisa vivida que você tá tirando agora, que muita gente aí nem sabe. Muita gente aí nem sabe. Tem gente que pisa na Casa aqui, nem sabe

qual que foi o pega do negócio. As treta que nós teve aqui, que nós teve que invadir o bagulho aqui. É, Mano! Foi foda, meu. Nós roeu o osso, véi. Entendeu? Mas foi da hora. Foi para isso que a gente encarou a parada. Então, assim. A gente não tinha nada a perder, velho. Muito pelo contrário, a gente sabia que a gente ia ganhar alguma coisa. E aí até teve uma briga que a gente teve... A gente tem um grupo, né? De dança, né? Apesar de ninguém dançar mais, a gente mantém esse grupo. Até uma forma da gente, né? Vamos parar, né? Pelo menos a cabeça não para, né? Aí teve uns que veio o ano passado aqui na festa, né? "Ah, mas não tem mais a dança que nós dançava, e pi-pi-pi". Eu falei: "Mano, se não tem, é porque cê não tá lá, entende?" Se não tem o que eu quero que tenha, porque eu não tô aqui, mano. Então, se eu quero que tenha, eu tenho que estar! Simples assim. Só que uma coisa que os cara não vê é o além. Eu consigo enxergar o além. Eu consigo entrar aqui, que nem eu falei p'cê, e ver o brilho no olhar de todo mundo. Naquele momento, quantas pessoas aqui dentro? Deixou até de tomar o remédio antidepressivo, véio? Quantos cara naquele momento ali, cara, mina, deixou de fumar maconha, cheirar um pó, tomar uma cachaça pra tá aqui! "Não, hoje eu não posso, porque hoje tem que dançar, hoje tem que me exibir aqui com a galera". Entendeu? E aquela uma hora, duas horas, cinco horas, meia hora, já é grande! Já é grande, mano. Mas já venceu o monstro. É isso. Hip Hop, é isso, mano. Entendeu? Aí senti, ao enxergar além daquilo ali, mano. Isso o Hip Hop me ensinou. Isso eu não aprendi na faculdade, apesar de ter muita coisa legal na faculdade. Mas isso é rua, mano. Isso eu levo comigo pra onde for. Tá em mim. Não tem como eu tirar. Não tem como eu sacar: "Agora eu sou outro cara". Não tem como isso. Meu jeito, é isso. Jeito de falar com os cara. Eu nunca dei um grito com nenhum cara abaixo de mim. Um grito. Desnecessário! Porque não é assim que funciona. Porque eu não gosto que que grita comigo, então porque que eu vou gritar com você? Cê não é surdo, pô! Mesmo se cê fosse surdo, eu teria que aprender língua de sinal, porque mesmo gritando cê não ia escutar de qualquer jeito. Então é um eterno aprendizado, o barato. Nunca vai parar de aprender. Eu aqui com você tô aprendendo. Por mais que cê tá... cê tá de ouvinte, mas eu tô aprendendo, entendeu? Que a gente não combinou isso aqui.

Heinrich - Isso é uma das coisas que acontece aqui na Casa, né? Tem muita coisa que não é combinado... Eu acabo... É isso, né? Tem muitos... Eu estou tentando usar algumas teorias sobre isso, sobre o acaso, né, pra explicar algumas coisas. É... Da filosofia, da religião, da... Sei lá... Da literatura também... E é isso, assim... Vou compondo com o que as pessoas vão me falando. É isso.

Osvaldo - Pô, é assim... Eu... Eu acredito... A minha mulher que fala... De estudar filosofia, eu tenho uma inclinação assim, sabe? Mas cara, tem coisa que a gente... Cê é de que ano?

Heinrich - 91, mano, 91.

Osvaldo - Sou de 79. A gente tem vinte anos, de diferença? 79, 10, 90... Onze anos de diferença... Doze anos de diferença. Então... cê deve ter pego um pouco, ainda... vô, vó, né? Então, eu venho de uma época, cara, assim, como se fosse... o meu psicólogo era meu vô, né? Uma roda de conversa. Em casa se praticava isso. Em casa, até hoje, com meus filhos, todo mundo come na mesa. A comunhão ali, né? Não é só um fator de: "Ah, eu

quero que todo mundo coma na mesa", não. Ali é comunhão. Onde meu filho vai falar dos BO dele, minha filha vai falar do dela, minha mulher vai falar do dela, eu vou falar do meu e a gente vai ali nos entender. Por isso que fala "comunhão", né? "Comungar". E aí tem um pouco da religião, só, que nem eu falo... quando eu falo de religião, não vai... Não é bem religião, é religiosidade. Porque você não traz uma uma placa...

Heinrich – Sim, sim, é isso. Nesse sentido.

Osvaldo – Você não traz uma placa, né? Isso que é o da hora. Que o bagulho é sentir, mano. Se cê não sente, não adianta cê tá com o bagulho debaixo do braço ou ficar meio a meio. Cê não tá sentindo. É o que a gente tá fazendo aqui. Isso é uma religião, também. Hip Hop, pra mim, é uma religião, também. Porque, mano, quem que prova o contrário, se transforma vida? Se cê converte a vida... para entrar... entrou o louco, ali, saiu melhor. Vai falar que não é religião, isso daí? Cê tá entendendo? Não é conversão? Né? Que fala muito dentro da igreja? Converter. Convertido. Que que é o convertido? Você sair de um estado ruim, num estado bom, cara. E um monte de gente entra na Casa do Hip Hop assim: ruim. E sai bom. É isso, mano, é isso. Vai falar que isso aqui não religião? Que não é espiritual, o bagulho? O bagulho é totalmente espiritual, mano! O bagulho está além de nós. Ó! Até arrepiou, agora! Ancestralidade, não é, irmão? Isso aqui, tinha que acontecer. O Hip Hop, no mundo, tinha que acontecer. O Hip Hop, no mundo, apaziguou o mundo. Tenta fazer essa... essa reflexão. Apaziguou, mano. O que que tinha aqui dentro? Nada. Só droga e arma. Droga e arma, droga e arma. Só isso que tinha aqui dentro. Aonde chegou o Hip Hop, modificou o barato. Tem ainda a droga e arma? Tem. Porque isso nunca vai acabar, na minha opinião. Porque as poderosos não quer que acabe. E eu não tô falando de pôr polícia na rua, não, mano. Um cara da favela, ele não tem dinheiro para trazer a cocaína, maconha... ele não tem dinheiro pra trazer aqui. O cara não tem dinheiro pra atravessar a fronteira com um monte de arma. Quem que traz aqui? Quem é que leva arma? É pobre? Não, mano. É rico, e muito rico. E cara fudido. Influente, na parada. Pra mim, hoje, na moral, o Marcola é só um testa-de-ferro. Ele é um testa-de-ferro. Ele, Fernandinho Beira-Mar[59] é um testa-de-ferro. É um cara pra falar: "esse cara é o a desgraça do mundo". Por trás dos cara, nós não tem nem noção do que tem por trás dos cara. E o Hip Hop, ele vem pra amenizar isso, cara. Pra dar sentido nisso. Teve vez da gente receber cara muito louco aqui. Cara que comandava o bairro veio pra trocar ideia com nós, aqui. Aqui era um ponto de droga. Os caras saíram daqui. Entendeu? Os cara saiu daqui. Cara, mudou e tal: "então, beleza, a gente vai pra outra parada". Quem que te explica isso aí, mano? Se não foi espiritual, essa porra, aí? Você não foi uma conversão, isso aí? Do cara entender: "não, esse bagulho aqui precisa da comunidade, eu estou aqui errado, mas aqui precisa, eu não quero...". Sem o cara falar. Inconsciente, mano, o barato, né? Então, assim. É viver, cara. É sentir, é respirar, é tá junto, né? Cê, nesse tempo que cê teve aqui, garanto que cê mudou 360 [graus]. Perspectiva, na visão de mundo... até pra sua

[59] Marcola e Fernandinho Beira-Mar são considerados, respectivamente, líderes das duas maiores organizações de narcotráfico brasileiras: Primeiro Comando da Capital e Comando Vermelho. Ambos cumprem penas de mais de 300 anos, cada um, e estão presos há mais de 20 anos.

carreira. Ajudar pra caraio, né? Tá querendo atender os o desassistido. Eu preciso acessar o desassistido. Cê tem que entender o desassistido, se não cê não acessa. Cê pode chegar com a melhor proposta do mundo, se cê não entender cê não vai acessar o povo, não. Cê vai vim com uma ideia mirabolante, mas não é o que eles entendem. Agora, é isso. Cê trabalha na simplicidade. Eu acredito que cê já faz isso, mas você vai enriquecer mais isso. Com os gatilho, prestar atenção, o olhar. Olhar de estudo, cara. O olhar das pessoas, o jeito da pessoa. Eu faço uma roda de conversa que é... na verdade, eu não inicio nenhum dia sem trocar uma ideia. E qual que é o objetivo disso? É passar o trampo, mas muito mais o cara desabafar. Então eu abro cinco minutos pro cara falar do churrasco, falar do filho, falar... E depois eu jogo o que a gente tem que fazer. Nisso daí eu já estou percebendo como que o cara tá.

Heinrich - Qual vai ser o clima do dia...? Qual...?

Osvaldo - Exatamente! Exatamente! Eu fiz cinco... cinco... oficinas, curso de liderança. Nenhuma delas me ensinou isso. Isso eu aprendi no projeto quando fazia aula. Isso eu lembrei lá da Fundação Julieta, com meu professor dando aula pra mim, de teatro. É isso, cara. O Hip Hop é isso. Entende? Eu falei o tempo inteiro de Hip Hop, mas eu pouco falei dos quatro elemento. Isso é o Hip Hop. Entendeu? E é isso, cara. O Hip Hop que eu acredito, é isso. Por isso que é a "conversão", por isso que é a "transformação", por isso que os caras fala: "salva vida". Por quê? Porque eu te converto, te transformo. Enfim. O Hip Hop é muito foda, mano. Pode trazer qualquer intelectual aqui, de outra categoria, aqui, mano, não me convence que é o contrário do que eu penso do Hip Hop. Eu não tô lendo, tô vendo, a transformação. Eu tô vendo. Eu vi a transformação naquele cara, ali. Ele viu a minha transformação. Nós vimos a transformação de outros. Nós não leu, nós viu. Nós sabe que através do que a gente faz, o bagulho vira, o bagulho muda. Demora? Mas muda. Aí que eu falo: "esse moleque não vai ser um grafiteiro, um DJ, um MC, um rapper". Mas o moleque vai ser um cara que estuda, que vai dar aula, um cara que vai ser um gestor, um cara que vai ter um trampo mais da hora. Através do quê? Do que a gente falou, do que ele viveu aqui com nós. É isso. O Hip Hop, é isso. Né? Se eu falar pro moleque: "ah, você vai ser amanhã um puta artista", ah eu tô mentindo pra ele. Ele não vai ser um puta artista. "Cê vai ser um puta cara melhor", aí eu tô falando a verdade pra ele. E aí, minha contribuição hoje no Hip Hop é dentro do meu trabalho. De eu tá aqui prestigiando, eu já tô contribuindo. Tá aplaudindo o louco, ali, ó... eu aplaudir também é uma contribuição. Você tá aqui, é uma contribuição. Às vezes a gente acha que não, né? "Putz, será que eu tô fazendo o certo?" Só de você tá aqui, da molecada vê cê movimentando ali... eu não sei... eu nunca vi, né? Talvez eu fale besteira. Mas eu nunca vi você dançar, nunca vi cê grafitar, nunca vi cê discotecar, nunca vi você cantar. Só que cê é muito mais Hip Hop que muitos cara que faz tudo isso que eu acabei de falar pra você. As menina da cozinha é muito mais Hip Hop do que muito cara que mete Hip Hop aí. Entendeu? Que não chega nem ali falando obrigado pra elas: "ô, obrigado aí por cê ter feito a comida de hoje, aí". "cê quer que eu lavo a louça, aí? Pode deixar que meu prato eu lavo". É isso, mano. Hip Hop é isso. É tudo, é comportamento. Então, se você não tiver isso, não dá pra me falar que cê é do Hip Hop. Pra mim, cê não é, mano. Cê entendeu? Não

propriamente você mesmo, né? Não adianta, mano. Muitos cara aí, cê vai vê, aí: "ah, que eu sou do Hip Hop!" Bonezão, dread, trança... mas na atitude, mano, não sabe nada, velho. Não pegou nada. Tem muito cara que nem veste a grife do Hip Hop, ou a mulher, e é muito mais Hip Hop. É foda. Mas é isso, cara... Espero ter...

Heinrich – Não! Caraca! Já me traz muita coisa pra pensar, pra escrever... Valeu demais!

Osvaldo – E aí, faltou alguma coisa? "Vamo trocar aquele ideia de novo..." Pra mim, isso é uma terapia.

Heinrich – Da hora! É muito bom, pra entender um pouco da cidade, porque a cidade também é muito importante na composição da coisa... E, enfim...

Osvaldo – Legal que cê falou de cidade, né, meu? Porque, assim, quando eu mudei pra cá, era uma coisa muito forte, briga de gangue. Muito forte mesmo. Coisa que eu não vi em São Paulo, eu vi aqui, olha que coisa, né? Sai de uma metrópole, na onde a gente acredita que é pior, só que cê chega aqui no interior, cê vê que o barato é... Né? E aí, onde eu aprendi também que só muda a quantidade de pessoas. Mas a intensidade é a mesma. O impacto é menor por conta da quantidade de pessoas ser menor. Mas quando você começa a inchar isso, vai chegar na mesma proporção que tem numa cidade grande. E aí, tinha muita briga de gangue, cara. E aí, com a chegada do Hip Hop – esses cara do Pisca, mesmo –, foi um dos cara que começou a apaziguar briga de gangue. Por conta do Hip Hop. Então cê vê como que é a conversão, a transformação? Quebradas que nem se falava, começou a se falar, começou a se respeitar e hoje você pode ir em qualquer quebrada, aí entrar e sair, claro, com respeito, e ninguém vai te fazer mal, velho. "Eu preciso ir na quebrada tal...". Olha que louco. É muito louco, isso aí. Então, só disso daí dar uma acalmada... Vai falar o quê? Hip Hop total. Total. Estamos longe ainda, das pessoas se ligar? Tamo. Porque eu acredito que a gente tem que vir agora, no trabalho mais forte, nesse sentido de educação, mesmo. E trocar mais essas ideia, com a molecada. Deixar um pouco o artístico de lado e vir mais com essa... dando mais ênfase... Uma vez o cara tava falando pra mim, criticando a questão da música, né? Do Funk, mas desse Funk besteirol, né? Aí eu falo: "irmão, hoje, as redes sociais, que é o que mais... não tem como a gente fugir... é o que dá a direção... o que que mais a gente faz? O que que mais a gente contribui pro o barulho?" E ele: "ah...". Eu: "não, mano. Cê tá falando do Funk, certo? Eu vou falar pra você uma coisa sem hipocrisia. Eu não posso falar pra você que dessa água nunca beberei e nunca bebo; sem hipocrisia, tô falando de boa pra você." Falei: "a gente faz um pouco de coisa ruim, mano. A gente compartilha vídeo de terrorismo, vídeo de pornografia, vídeo de tiro, vídeo de violência... a gente compartilha muito, isso. E a gente não compartilha um prêmio Nobel da Paz, por exemplo... minha criança que foi nota 10 de matemática... uma mulher que teve premiação... a gente não compartilha isso. A gente só compartilha desgraça, então cê vai esperar o que, do mundo? Vai voltar desgraça pra você, mano. Então a gente tem que equalizar, o barulho ensurdecedor, aqui, negativo. E que que eu preciso fazer? Fazer barulho positivo, mano! Vamos começar a fazer o barulho positivo. Passado o barulho negativo, eu garanto pra você que o bagulho vai virar. É fazendo assim que o bagulho vai ser diferente. Por que que funk zoado vende? Porque tem consumidor, mano. Por que

que a indústria de pornografia cresceu? Porque tem consumidor, mano. Por que que a droga cresceu? Porque tem consumidor, mano. Por que música ruim, que cê fala que é ruim, cresceu? Porque a gente só consome essas músicas. Eu ligo o rádio, não importa a estação... porque é o Ibope... o cara tem um termômetro, lá, o medidor de quantos por cento pra soltar a música de novo. Dali a pouco, o bagulho entrou, já. Entrou na nossa, e na mente das crianças. E aí, cê vai esperar o quê dessas crianças, amanhã? Como que essas crianças vai fazer um Enem? E só, irmão? E aí não adianta só culpar os pais, velho. É todo mundo, mano, na mesma marcha, é todo mundo na mesma marcha. Se não entender isso, cara... Não dá pra criticar. Vai ser fraco, mano. Cê vai ficar arrotando uma coisa que ninguém vai dar ouvido pra você. Começa a fazer o contrário. Começa a propagar coisas boas. Universo, mano, universo é isso. Você joga uma coisa boa no universo, ele te devolve coisa boa." Falei para ele. Daí ele me mostrou o vídeo da Ucrânia, lá, né? Falei: "deixa eu falar uma verdade pra você: onde você mora? Brasil. Quantos quilômetros são da Ucrânia? Não tô falando que não me compadeço com o que que acontece lá, não é isso. Mas de repente, meu vizinho tá ruim da situação, mano. Vivendo em uma guerra interna, e eu nem olho pra cara dele. Às vezes é só um bom dia pro cara, ele já vai mudar o dia dele. E o que que adianta eu tá preocupado lá, com a Ucrânia, mano, se eu não consigo me preocupar com o que tá acontecendo dentro da minha casa, com meus filhos, velho? Seu filho tá cheio de BO na mente, lá; não olha na cara dele, não troca uma ideia com ele, e ele vai ser o cara que amanhã vai fazer guerra, mano." É isso aí. Mais uma vez o Hip Hop agindo. É isso, mano. Então, a gente às vezes quer um bagulho... a expectativa nossa, né? A expectativa de ser humano é muito além, e ainda você se frustra, mano. O cara tá tirando a cadeira ali, a gente tem que aplaudir, também. Cê pegou a sujeira, jogou ali: "pô, mano, legal". Aí cê vai começando naturalmente a ver todo mundo fazendo a mesma fita, velho. Porque quem não fizer, vai ficar chato. Quem não fizer, vai ficar chato. Não adianta, cara. Ou assim: "ah, coisa... shortinho, lá... nossa, bunda..." Não precisa brigar com o cara que tá vendendo.

[...]

Heinrich – É isso. Eu agradeço!

Osvaldo – Nada, mano!

Arte - Cultura - Esporte - Cidadania
www.casadohiphop.com.br




Cultura - Esporte - Cidadania
www.casadohiphop.com.br
RESPEITO NOSSA BASE
JAÇANÃ ALTAIR
PEREIRA GUERRINI


CASA DE
CULTURA
HIP HOP


Hip-Hop
Parabéns
+ 20 anos p/ o futuro!

Essa transcrição diz respeito a um documentário o qual eu estava presente no momento da gravação, que ocorreu no mês de aniversário dos vinte anos da Casa. O material está em produção, e ainda não foi publicado. No entanto, uma vez que conheço as pessoas da Casa, em especial José Carlos (responsável pela rede social @onutrifavelado), me foi gentilmente cedido o vídeo. Cenas entrecortadas por outras cenas, foram indicadas por [...]. O diálogo foi realizado na horta da Casa, e falam Bira e Cadson.



[...]

Bira - A Casa do Hip Hop hoje é uma Associação, né? Sem fins lucrativos. E esse mês de novembro agora, está comemorando 20 anos, né? Então, ela começou... eu estou dentro desse projeto desde os oito anos, né? Cheguei dentro desse... desse projeto a partir de projeto social, né? Então eu sou um resgatado de... através das ações sociais da comunidade, né? E aí, a Casa, ela... ela foi, na verdade, um dos projetos... um dos sonhos que eu sempre tive, né? De moleque, né? Que sempre foi montar um orfanato. A ideia inicial era montar um orfanato, né? Como a gente já tava, meio em situação de rua, e tal... E aí, um orfanato... estar dentro de um projeto... sempre foi ali o cuidar da... das criança, da comunidade, né? Então sempre tive um sonho de montar um projeto, né? E eu já estava numa... várias organizações, né? Fui parte do Ópera Rap e outros coletivos da comunidade, né? E um deles era o Agita Paulicéia, que organizava as quermesses do bairro aqui, né? Que fazia a discussão política no bairro, que buscava as políticas públicas pro bairro, que organizava as temáticas e assuntos do bairro... Então esse grupo, Agita Paulicéia, eu meio que coordenava junto com a molecada, né? E a gente tinha um varejão aqui na comunidade, que era do lado da escola, né? E esse centro comunitário, chegou uma época que ficou abandonado. Então, e aí, com esse coletivo, né, que eu organizei com a molecada, a gente começou a fazer os eventos, as domingueiras no bairro, pra reformar o espaço. Na verdade, na época, nossa, isso daí era uma cracolândia, na verdade. Era só droga. Como esse espaço aqui também era, só droga, 24 horas. Daí, a gente começou a fazer um trabalho com o usuário ali dentro, no sentido de trazer... pensar, na verdade, a situação deles enquanto dependente, enquanto doença ali, saúde, fazer as conexões que precisava, né? Junto ao poder público. Também trazer os talentos que tinha na comunidade pra beneficiar eles também. O pessoal que corta cabelo, o pessoal do bazar que tinha... doar uma roupa quem tinha, pra levar lá... Então, começamos fazer esse trabalho com os usuários de droga que estavam dentro desse espaço que é o centro comunitário. E aí, esses moleque, esses usuário, na verdade, começou a ajudar a gente a cuidar do entorno da... do espaço também, entendeu? Então, muitos saíram, foram pra droga... "não... não consigo estar dentro do espaço, preciso voltar pra mim"... Mas era escolha, né? É aquela questão de redução de dano, né? Vamos diminuir... o seu... seu uso. Aí, fomos trabalhando essa questão da redução de danos com eles, em parceria com a Saúde, né? Com o pessoal do CEDIC[60], no sentido de: "vamos orientar eles o máximo, pra que eles possam diminuir o sofrimento na rua... Como fazer esse trabalho com eles, né? Foi... Eu já tive tido feito parte do Ópera Rap,

[60] CEDIC é uma sigla para Centro de Doenças Infecto Contagiosas, unidade da Secretaria de Saúde de Piracicaba responsável por testar e prestar assistência às pessoas com/em risco de infecções contagiosas.

tendo contato com a Casa de Diadema[61], né? Que foi no início de Diadema lá, né? A partir do projeto Geledés... Aí eu comecei... falei: "pô, nós pode construir um trabalho também aqui em relação à cultura Hip Hop". Então, eu já era MC, já tinha a galera da dança, já tinha uma experiência que a gente já teve com a associação Hip Hop, né? Em 90, que não deu certo... Falei: "vamos montar um espaço nosso, de identidade, da cultura Hip Hop", né? Aí que eu encontrei o Osvaldo[62]... encontrei alguns moleques que já era da cultura Hip Hop... já era do Revolução Break... já era do Conexão Relaxa, que era do [bairro] Novo Horizonte, que era o DJ Rogério... na época, né? Então juntou mais essa galera, que já era da cultura Hip Hop, que já dançava e a gente já tinha lá a conexão dentro da cultura Hip Hop... "Vamos construir um coletivo... uma Casa do Hip Hop, agora". E aí, no início foi difícil. Foi difícil. Porque tudo que você vai montar é difícil, entendeu? Veio mais de cem pessoas com essa ideia de que aqui ia ser um banco central, a gente ia ganhar dinheiro aqui, entendeu, né? "A partir de agora, nós vai ter dinheiro, no negócio". Na verdade, não era dinheiro, era mais... Era o bagulho social. É mais você se doar a partir do seu trabalho, do que ganhar o dinheiro. Ou, o dinheiro era a consequência de tudo que a gente já produzia, né? Porque a gente não tinha um produto, a gente não tinha nada... a gente não entendia a cultura Hip Hop enquanto o produto, né? Então, as coisas foram acontecendo. A gente conseguiu reformar o espaço, a Casa. Fechamos uma parceria com a prefeitura, no sentido de trazer um clubinho pra cá, também; que foi, acho que a melhor coisa que a gente fez, em termos políticos assim: "ó, vamos aproximar a prefeitura"... Porque a gente era um coletivo que não tinha... não tinha... não era uma associação, mas era uma... tinha legitimidade. Porque a gente tinha... já tinha um trabalho na comunidade. Então, pra chegar aqui, tinha que falar com o coletivo que tava trabalhando. E, aí, a partir disso, a gente... A gente, show! Trouxe o clubinho, quando o clubinho saiu a gente cobrou da prefeitura uma reforma do espaço. Então, a partir de agora... quando cê aluga uma casa, quando cê sai da casa, cê tem que reformar a casa que cê... Foi mais ou menos o mecanismo que o sistema faz pra gente. E aí, foi: "a partir de agora, cês arruma, cês reforma. Aí tá: "beleza, como que cês quer a reforma?". Daí, desenhamos, lá... pinta aqui... não sei o quê... aí, é aquilo, né? Nada é fácil, também. Pintamos numa semana na... duas semanas, deu um furacão aqui que ergueu os telhado, e aí embolorou tudo as paredes... aí não podia mais mexer porque era o projeto que já tinha sido orçado... não podia sair mais um real daquilo que tá lá... E nós, de novo: quermesse, quermesse... vamos recuperar de novo, né? Então, cada momento... E a gente não era uma associação, a gente era um coletivo ainda, né? E aí começamos discutir a questão do estatuto, entendeu? Porque tudo que a gente buscava dentro do poder público, barrava: "cês não são... cês não são uma associação; então, a gente não fala com uma associação, cês não são associação e cês não são associação de moradores, então como que a gente vai discutir com vocês?" Então o tratar com a cultura Hip Hop era chamar... chamam você pra fazer um showzinho, uma apresentaçãozinha... então, era muito pequeno. Pra tudo que a gente desenvolvia e realizava, era muito pequeno, né? Então, tratava a gente como nada, ali. Sabia da importância, porque a gente trazia movimento, a gente fazia os movimentos acontecer. Mas, na hora de... dos benefícios, de trazer o que

[61] Casa do Hip Hop de Diadema, primeira Casa de Hip Hop do Brasil.

[62] Osvaldo é uma das pessoas que participaram do início dos movimentos de Hip Hop em Piracicaba, e há uma conversa com ele em páginas anteriores desta tese.

precisava mesmo, né? Em termos de de... de dinheiro ou em termos de apresentações, em termos de possibilidade, a gente ficava sempre atrás de um monte de gente que nem tinha uma história como a gente tinha. E aí, falamos: "vamos... a partir de agora, vamos estruturar uma associação". E começamos trabalhar, estudar. Estatuto, regimento, o que era... não sei o quê... Rolou toda uma discussão dentro da cultura Hip Hop, principalmente da Casa do Hip Hop, e: "como que a gente vai burocratizar toda a cultura Hip Hop, que é um movimento livre?" E aí, como que você vai amarrar isso, entendeu? Então falamos: "não, mano". Aí começamos a discutir, também, várias experiências, de movimento... Buscar história de vários coletivos, até dos Pantera Negra, como que se organizou, lá? E vários... é... como cada... cada organização, tirando ali... né? O máximo de caminhos que eles tiveram pra ter o sucesso ou pra errar menos no trabalho deles. Aí fomos estruturando o trabalho nosso também, né? Isso foi legal porque a gente começou a olhar pro trabalho nosso enquanto, né? "Espera um pouco, a gente não é qualquer coisa, estamos no meio da comunidade, tudo que a gente construiu em torno aqui, já com trabalho nosso, né? Quando a gente grita... quando a gente chega na relação com o poder público, treme... então a gente tem poder, entendeu? Então, nosso trabalho não é... não é qualquer trabalho, né?" E aí, na verdade... esse... esses movimento... Aí montamos uma associação. Também não foi fácil. Demorou cinco, seis anos pra registrar, também, né? Porque toda vez que a gente ia registrar, chegava no cartório faltava uma vírgula, tudo era uma vírgula, né? Cê arrumava aquilo lá, cê tinha que arrumar de novo... cê tinha que refazer toda hora, entendeu? Né? Então, na verdade, quando a gente pegou e registrou, aí foi legal, né? Registramos: "agora a gente é uma associação"... Só que a gente já tinha um trabalho, né? Quando a gente entrou pra dentro desse espaço aqui, por a gente já trabalhar a comunidade, né? Então pra nós ficou fácil, porque a gente começou a trabalhar a comunidade no sentido de sentimento, de pertencimento ao espaço, né? "Então vamos olhar pra comunidade e cuidar da... do espaço da comunidade. Então, é... como a gente já teve essa base, pra nós ficou mais fácil trabalhar. Então era um tiozinho, que tinha um talento ali "que cê sabe fazer? Traz pra nós". A gente trocava com ele, a gente ia beber no bar dele, ele ia tocar um sertanejo pra nós, num evento nosso, né? O outro... Então, essas troca, na verdade de tecnologia aqui que... dentro da possibilidade do caminho da economia solidária, entendeu? Então, pra nós, sempre foi o braço da Casa do Hip Hop, sempre nos fortaleceu, né? E aí, é... Passou bastante gente, um monte de coletivo saiu a partir do dedo da Casa do Hip Hop. Também foi legal, né? Um dos caminhos que a gente abraçou desde o começo... A gente ganhar uma associação, mas o que deu força pra nós foi a partir dos conselhos, né, da cidade... Então, desde do... da participação dentro do orçamento participativo, que a gente levava nossas demanda lá, pra gente poder reivindicar as políticas públicas que era... partida da nossa... do nosso desejo e tal, não "a partir do que eu acho", que a prefeitura sempre trazia pra nós. Então, mudamos esse mecanismo e a participação dentro dos conselhos, e a voz lá, pra poder levar nossas demandas lá e fazer as discussão dentro dos conselho, também. Então, começamos fazer essas amarras também, em relação à organização, também, da cidade. Tem uma força pra Casa do Hip Hop, porque já não está falando mais com qualquer um. Então o que você

falou lá dentro do Conselho da Criança[63], falou dentro do Comad[64], cê falou no Conselho da Mulher[65], a gente tá... Então, a gente conseguir levar nossas cartas lá dentro e dar nosso grito lá, também, né? Então, começava a mudar também, né? E aí, em relação ao espaço. Entendeu? Aí fomos ganhando toda... o que precisava também, entendeu? Em relação a isso. É difícil, porque cada ano cê tem que reformular todo o trabalho, entendeu? Pra poder dar conta de tudo que a gente abraçou. Não ter financiamento, por não ter prefeitura bancando, por não ter poder público bancando, nem... Cê tem que fazer uma mobilização com os coletivos, com a galera que está em torno ali, entendeu? Porque, é... a Casa, ela funciona com o tempo das pessoas, se é dez minutos, se é uma hora, se é 24 horas que as pessoas doam pra Casa do Hip Hop, é o tempo que... a forma que a Casa do Hip Hop trabalha, entendeu? Então, não tem... não tem funcionários, né? Funcionários somos todos nós ali que se dedica pra Casa funcionar, entendeu? Então a política é nós por nós pra fazer as coisas acontecerem, né? Então, é... Hoje tem quinze atividades acontecendo dentro da Casa do Hip Hop. Mas é... têm umas que são eventual, mas as que estão ali estão mantendo as trezentas pessoas inscritas ali, dentro da Casa do Hip Hop, né? É... com as dança, com grafite e tal, a arte cultural, esporte, né? A gente tem um projeto com a pastoral da criança, entendeu? Que é... da nossa pastoral aqui, da Casa do Hip Hop, é daqui da Paulicéia, que é mais de oitenta família, também, que trabalha... hoje até tem uma ação, mais tarde, da pastoral. Que é pra mim... pra discutir, trabalhar a questão dos filhos... e as famílias e tal... que é acompanhado pela pastoral, né? E além da orientação, e toda a parte que precisa, né? E aí, esse espaço aqui, a gente tá há seis ano atrás, a gente... sete, na verdade, porque a gente já invadimo antes.

Cadson – Vou só lembrar que é trezentos dentro da Casa. Fora, já... esse número [de famílias atendidas] já vai pra quinhentos, seiscentos.

Bira – Entendeu? Porque, na verdade, a Casa ela é... virou um espaço, e a gente conseguiu fazer uns braço nas comunidades, também, né? Então, isso... então, no início a gente teria um projeto chamado Mobilização Comunitária, entendeu? Que tinha dez liderança comunitária integrada na... no projeto da Casa, né? Hoje a gente ficou com cinco, com cinco comunidades só, agora, né? Onde a gente faz, né, uma discussão lá, social e política da comunidade... A gente faz... entrega cesta verde, cesta seca pra eles... então, faz um plantio lá, dependendo da demanda que tem ali, é... Dentro da nossa... da nossa possibilidade, também, dos grupos que a gente tem, dos coletivos, a gente leva de resposta pra a comunidade lá... mobiliza... Então, tem todo um trabalho meio em rede que tá sendo feito, pra estruturar agora essas cinco comunidade, né? Pra que elas possam diminuir o sofrimento delas, né? A gente tem hoje o Casarão, né? Que é um outro... que é uma outra casa... que a gente recebeu, e montamos um projeto agora lá; têm mais de oitenta criança, lá... Projeto de costura acontecendo, tem inglês, têm várias coisas acontecendo lá dentro dessa casa. Pegamos mais uma casa[66] agora, né? Que tá em reforma, né? Tá na fase de pintura, agora. Daqui quinze,

[63] CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente
[64] Conselho Municipal Sobre Álcool e Outras Drogas
[65] CM - Conselho da Mulher
[66] Projeto Ladeira

vinte dias a gente já põe pra funcionar. Eu queria até o Natal. Até o Natal, mano, vai ser um presentão pra comunidade, lá. Que é no meio de uma comunidade, também, lá no [bairro] Glória, entendeu? Então, a gente tamo trabalhando agora pra manter a casa funcionando e trazer a comunidade pra dentro desse espaço, lá, pra diminuir, lá... E pra tá ingressado, também, entendeu, né? Porque tem bastante... bastante potencial lá na comunidade. A gente andando ali, a gente percebeu: "pô, nós tamo no ouro aqui", entendeu, né? Então, primeiro a gente tá com o Casarão, né? Que fica lá no [bairro] Parque Holanda, né? Oitenta criança lá, mais quinze mulher fazendo costura lá, né? E aí, a gente tá com o Ladeira, agora. E também é mais um projeto que tá... tá numa fase agora... mas tem também essa... essa busca de parceiros de... vai ter um financiamento agora pra montar um fundo, agora, pra manter esse início da casa, né? Então, têm várias galera trabalhando em cima disso, também, né? Já fechamos o Semae[67], também, agora... a questão de ficar isento da água, também, que é uma... diminui, também, né? E outra: traz essa responsabilidade, também da... né? Do setor, que é a Semae aí, junto na Casa, também, no trabalho. E aí, a gente tá... tá com... desde o início da pandemia, na verdade, né? No início da pandemia a gente já tinha entrega de sopa, nossa, aqui. De quinze em quinze dia, a gente fazia com a Ju[68], os moradores e tal, né? A maioria que enchia... atendia, era o pessoal da região, entorno aqui. A Praça da Craque, era Trinta e Um de Março, era Pontilhão, era mais essa região nossa, do... dos usuários que tinha aqui, né? Porque a gente não queria ir pra praça, porque na praça todo mundo vai, fica aquela loucura doida lá e tal. Não que lá não precisa. Precisa, também, né? Mas só que aqui também tinha um monte de gente na mesma situação de rua, como a praça, né? E a gente tentou focar mais aqui, as rua aqui, a parte da praça da Craque, ali, que era a mesma população que tava aqui. E, quando entrou a pandemia, iniciou a pandemia, aí, eu... junto... a gente, na verdade, sentou com a galera, com a galera da Casa e falou: "a gente precisava, é... a galera nossa pra ter um alimento dentro de casa, entendeu?" Porque a maioria da molecada que a gente trabalhava, é... que era atendido pela Casa do Hip Hop, tava sem alimento, né? Aí: "agora vamos lançar uma campanha, de alimento, com os amigo, com os parceiros... Começamos, via WhatsApp, na verdade, cada grupo: "ó, cê tem no grupo aí? Deixa de falar bom dia, vamo olhar pro armário e ver como que tá...". E começamos a fazer esse movimento, juntar as redes sociais nossa, e dos grupo que a gente tinha. E daí, a galera começou a organizar: "ô, na minha firma também, eu posso fazer isso?" "Faz na sua firma, também". Começou a mobilizar várias pessoa que já tavam dentro das empresas, e algumas empresa começaram, também, a adotar essa política, né? De... de doação, dentro da empresa. Aí, na verdade, a gente começou a ter um volume grande de alimento, dentro da Casa e começamo a atender... e fechamos, na verdade, esse grupo de dez comunidade. Pegava Bosque, pegava algumas à Norte, lá... algumas da Sul... pegava o Oriente, da... Leste, lá... Então, pegava os quatro canto da cidade, na verdade. Tinha, é... comunidade que fazia essa entrega. E era só a entrega do alimento, só. Não tinha algo a mais do alimento. E aí, hoje tá com o projeto Tô Aqui, também... Querendo ou não, deu uma mudada, também, na forma de relação que a gente tem... como a gente diminuiu a quantidade de comunidade, né? E, a gente entendeu, também, é... já tava discutindo a questão da soberania alimentar, como a gente ia chegar até essa população... Que só arroz e feijão não

[67] Serviço Municipal de Água e Esgoto de Piracicaba.

[68] Juliana é moradora e líder comunitária da comunidade Renascer.

era suficiente pra poder fazer, é... uma alimentação saudável, com qualidade. Começamos buscar mais qualidade dentro do produto, não era só mais um enlatado, né? Então, esse era o problema maior. A gente chegava com a cesta básica "legal", até levava embora, né? Mas, depois faltava esse... esses... essas coisas pra complementar esses... esses complementos que faltavam, né? Quando chegou lá com a verdura nossa, da horta, foi mais... teve mais felicidade, né? Do que a cesta que a gente levou, entendeu? A gente pegou... "pera um pouco, alguma coisa tá errada, né?". Aí, começamos a discutir com a rede de produtores da cidade, né? Então, a gente, na pandemia, a gente já tinha um pessoal do MST, de alguns MST, trazendo pra nós... E a gente conhecendo mais ou menos as hortas que tinha na cidade. Eles trazia, também, porque eles não tinha mais como escoar o material deles, né? Porque tinha plantado muita coisa, no início da pandemia. Depois, chegou uma certa... num certo momento, que a cidade parou de comprar, né? Não tinha mais supermercado, não tinha mais... E, a galera começou a perder e começou a trazer pra a gente, também. E começamos levar essa... essa coisa verde, aí, dentro da nossa cesta. Acho que foi o início de... da mudança, assim, do nosso olhar: "pera um pouco, a gente tem um terreno, tem uma horta na Casa do Hip Hop; a gente pode usar essa horta, também; produzir mais e articular com uma rede..." Tava eu e a Val, conversando sobre isso, né? E, fortalecer... fortalecer as outras hortas, também. Aí, nós lançamos uma campanha, que foi a primeira campanha nossa, do Tô Aqui. A gente arrecadou uma grana, e aí fechamo dez produtores, né? E esses dez produtores, dentro da política do orgânico. Aí, fizemos toda... um critério que... do material, que a gente ia levar. Porque, é o que a gente tava discutindo aqui na horta, entendeu? Não era qualquer produto, sim um produto limpo, produto saudável, produto sem veneno, né? Era um produto que vem do produtor que tem essa consciência agroecológica e tal, né? Então foi legal, porque a gente começou a trazer essa discussão, também, pra... pro movimento. Então, antes a gente já tinha feito o seminário, né? Que é o do SAPO, que é o seminário da.... da agroecologia, né? Aqui de Piracicaba. Então, foi legal porque a gente já tava nesse movimento que discutia agroecologia, trazer essa discussão pro município... fazer essa rede, dentro da ecologia. Porque falava em agroecologia só universidade, só, entendeu? Só a Esalq era universidade. Então o resto não era, né? E começou a articular... e começou ocupando esse terreno, aqui, com o primeiro seminário, né? Quando eu falei que ia trazer o primeiro... a primeira ocupação, na verdade, a prefeitura veio aqui e passou o trator, né? Que foi a semana do Acampe, lá, da... da Unimep, da... da Esalq, na verdade. Que foi a semana que veio... o tema da Terra, né? Aí veio muita gente lá, do MST, pra cá... e ficaram acampado na Casa... Então, a prefeitura achou que o pessoal ia acampar aqui também, e derrubou o terreno. Fizeram esse buraco. Isso aqui era retinho aqui, ó. Lá era uma... era uma nave, aqui, né? A prefeitura veio, encheu de buraco e eu falei: "Ah, legal, não deu pra gente ocupar, né? Dessa vez". Porque, a ideia, era começar a fazer um plantio, que a galera já tava aqui. E a colocar as tecnologias deles, da... da roça, lá do MST, pra nós, a gente ia começar a plantar. E aí, não deu certo. Porque a gente já tinha uma horta atrás da Casa do Hip Hop. Porque muitas coisa que vinha de... de alimento, de fruta, do Mesa Brasil, a gente faz... A gente tinha lá o Menes, que é o nosso parceiro, né? Que já fazia Esalq, lá, e trazia muita coisa pra nós, em termos de... De agroecologia, né? Tema de... de alimento, como manusear ele, como cuidar... E montamos uma compostagem, lá, a partir dos alimentos que chegava do Sesc, né? Então, o que não ia pra comunidade, a gente: "ó, joga lá, vamo... vamo fazer um material ali, que esse material vai pra nossa horta". Fizemo lá uma captação de chuva, várias oficina pra

Casa do Hip Hop pra trabalhar essa questão de alimento, ali. E ali foi a primeira horta, e depois a gente entrou: "vamo trazer pra cá". Aí, trouxemos pra cá essa ideia a partir do seminário. Fizemos o seminário, no último dia de seminário, falei: "Ah, a gente vai fazer a ocupação do terreno, vamos fazer um mutirão lá, vamos começar a plantar nesse terreno", né? Há seis anos atrás, né? E aí, começamos plantar. Fizemos um último dia, todo mundo que tava aqui no seminário. "Acabou? Vamos pra horta, todo mundo". E fizemos as primeira plantação de árvore e os primeiro canteirinho, né? E era louco, porque a gente tinha uma mangueira, daquela de bombeiro, que a gente arrumou aí da... das construção, da vida aí, tal... atravessava água aqui... Então, era... foi difícil, na verdade, porque cê tem que encher caixa dágua e depois vim com a regadora, e regar toda... toda mata que a gente plantou aqui, né? Então, no começo foi bem difícil, porque até cê entender, até cê vê o potencial disso aqui... Porque, como eu falei antes, aqui era um espaço que era pra guardar coisa roubada, era pra... um espaço de usuário, né? É... um espaço que colocava a comunidade em situação violenta, entendeu, né? É... arrisco total, naquela época, né? E não tinha portão, não tinha nada, então o pessoal não estudava, então tinha um todo um problema lá, né? E quando a gente trouxe isso aqui, essa ideia, pra prefeitura era o quase "vão querer tomar o terreno que não é de vocês", entendeu? E aí, que a gente teve que discutir com o poder público, na verdade, e mostrar pra eles que a ideia nossa, a intenção nossa, né? Que esse espaço era um espaço aqui, é... ser servido pra comunidade, né? Que a ideia era fazer uma horta comunitária, que integrasse a comunidade, que diminuísse a violência, que produzisse alimento, né? Que produzisse consciência a partir dos saberes da comunidade, ali. Tinha muita gente que sabia muita coisa, velhinho... principalmente os velhinhos entorno aqui. Quando a gente saía "ó, quando eu plantava na minha.... na minha roça, lá, no meu quintal, tinha esse vazinho aqui..." E quando a gente trouxe esse espaço aqui, a gente trouxe a comunidade para dentro do espaço, né? Isso foi legal, também, porque houve uma mudança em relação até à comunidade, o preconceito que tinha em relação ao espaço, à Casa do Hip Hop... que achava que isso aqui era um espaço de bandido, de marginal, sabe? "Eu não conhecia porque tinha os preconceitos". Preconceitos em relação a tudo que nós produzia aqui.

Câmera (José Carlos) – Cê acha que o lance da horta ajudou pra que as pessoas pensassem no que elas tão comendo no dia a dia, na alimentação delas?

Bira – Eu acho que sim, eu acho que sim. Porque quando eu... quando... na verdade, quando a gente começou a discutir a questão, entender a questão da cultura Hip Hop dentro do quinto elemento, na cultura Hip Hop, a nossa vida mudou. A gente começou a olhar pra... pra alimentação, pra... principalmente pra alimentação, pro corpo, com... diferente. Então, não dá pra gente encher a cara e dançar, não dá pra gente não se alimentar e querer fazer uma atividade física. Então, pra nós, a cultura Hip Hop, ela tem um outro sentimento, entendeu? Quando a gente tem essa questão da consciência como o Norte, né? Da transformação da nossa realidade. Então, a gente vem trabalhando bem antes da horta. Quando entendeu a cultura Hip Hop... enquanto cultura Hip Hop. Então, ela faz parte, né, da cultura Hip Hop. Então, dá pro cê brincar, só brincar, entendeu, né? Que a brincadeira seja consciente também, entendeu? Então, a alimentação, ela vem... vem em cima disso. Porque quando a gente "vamos montar uma horta", então não

foi difícil pra nós, porque o alface que a gente levava, a gente mordia diferente... o material que a gente levava, né? A gente começou a ser mais exigente com aquilo que a gente comia, porque, queira ou não, não dá pra comer mais qualquer coisa, não dá mais pra beber qualquer coisa, né, quando cê tem noção. Então, pra nós ficou mais difícil, porque não é qualquer lugar que você vai comer mais, né? Não é qualquer coisa que cê coloca na boca, mais, entendeu? Porque cê tá precisando da saúde... Então, pra nós, é... pro Bira, posso dizer meu particular, daí a galera, cada um vai falar no seu sentido... Mas, pra mim, eu tive uma outra visão, porque, pra mim, não foi difícil. Até pra comunidade, também foi legal... também, porque, depois a gente levava o alface e trocava com o resíduo dela ou discutia com ela o resíduo dela... Era diferente. "Ô, mas porque esse aqui tem uma outra cor?" "Ó, porque lá não tem veneno. Tudo que você tá levando pra sua casa vem lá com 50% de veneno... e aí, até brilha mais do que essa aqui... que é essa é a noção do supermercado, né? Da produção que até brilha mais. Mas, isso aqui eu vou viver mais do que você, entendeu, né?" Então, era legal por causa disso também, né? Então, quando a gente fazia essa... trouxe, na verdade, várias experiências, né, de outros estados... uma da... da revolução dos baldinho, também, então: "ó, trouxe esse baldinho pra você, cê leva lá o baldinho... a gente pega o alface, você vai trabalhar na órbita e leva o alface pra sua casa... Então, é... foi legal por causa disso, também. Quando começou a pandemia, deu uma... deu uma brecada, também, em relação... porque, era muita gente que vinha. Falei: "Ah, galera, vai ficar um grupo que tá afim de mexer, não os sonhad... os aventureiros". Porque vinha muita gente, é... como os aventureiros, né? "Ah, eu vou lá porque eu acho bonitinho o que cês tão fazendo". Mas não era... não era... não é parque, né? Não é passeio, né? Então, é algo sério, que tá sendo produzido lá, né? Então, é... Foi legal, por causa disso, também. Porque a gente trouxe bastante gente, a gente conseguiu conectar com várias pessoas que também tinha o seu... as suas intenções em relação a isso, mas não entendia como fazer. "Como que eu vou trabalhar, fazer essa transição do veneno pro não veneno, aqui na minha roça se eu preciso, né? Fazer com que a comunidade venha... venha comprar, né?" Aí, a gente falou: "precisa comprar? Cê precisa comprar? Precisa vender hoje? Não pode vender amanhã ou depois, a hora que ela tiver sadia? Porque ele vai estar com mais qualidade... demora um pouquinho, mais. É um processo mais longo, mas, enquanto qualidade, enquanto vida, cê vai ter mais ganho. Então, se cê colocar os dois na balança, o dinheiro não vai trazer sua vida". Então cê começava a discutir com... com os produtores, essa ideia, né? Aí é... e vários compraram, né? A dona Lurdes, na verdade, foi nossa mãezona... porque é nossa persona, lá... do orgânico. A negrona, lá. E ela, assim, uma fala dela foi... foi mais ou menos em cima disso que a gente... Ela falou: "ó, eu consigo comer, eu consigo dormir, né? A partir do momento que eu alimentei. Cê não vai no supermercado... cê consegue? Sabendo que... o que tem veneno, sabendo que... aí, eu consigo deitar e dormir tranquila. Eu não sei se você consegue dormir tranquilo". Então, aquilo lá já foi uma mudança pra nós. "Opa, pera um pouco, alguma coisa... é, além... não é só encher a barriga".

Câmera - Tipo assim, você é... que que você pensa assim, Bira, sobre... isso é um comportamento de revolução? Essa questão de vocês criarem a horta... Têm mais hortas no Brasil, além dessa aqui...?

Bira - Sim. Na verdade, a gente tem... a gente tem várias hortas urbanas, na cidade. A gente não tá inventando... é uma rota que já tá acontecendo, né? Não só... Principalmente nas comunidades, de

Quilombo, né? Tá acontecendo isso, lá nas... Então, a gente só tá trazendo essas tecnologias pra... pro terreno nosso aqui, hoje, a partir das nossas necessidades, né? A gente viu isso aqui enquanto uma necessidade, né? O estar na Terra ou mexer na Terra. A gente viu que pra nós é uma revolução pessoal, né? É um ato de revolução, porque não depende de ninguém. É trazer um pouquinho dos nossos ancestrais, ali... trazer um pouquinho dos nossos avós, ali... e como eles se organizavam? Porque, hoje, falou que... pro cê comer, tem que ir pro mercado pra comer. Então, e aí... perdeu o sentido da Terra, perdeu o sentido do plantar, perdeu o sentido de você ser autônomo da sua autonomia, da sua alimentação. Quando a gente entendeu isso, e que a gente pode plantar aquilo que a gente consome. E, quando a gente consome, planta, a gente tem mais certeza daquilo que a gente tá se alimentando, da forma que a gente tá se alimentando. Pra nós, a transformação pessoal é transformação social. E aí, a gente vem fazendo isso, dentro do trabalho da Casa, passando pros oficineiro, passando pras família que passa dentro da Casa do Hip Hop, provocando o poder público pra que entenda que isso é uma política comunitária necessária e tem que ser abraçada pelo poder público.... e como encampar isso enquanto uma política municipal. Então, hoje, essa horta aqui, cê tem uma referência pra uma lei, municipal, pra movimentar a Secretaria do meio ambiente, né? A Sema e outra Secretaria ligada ao meio ambiente, pra comprar isso enquanto uma política. "Opa, espera um pouco... será que a gente tá cuidando da nossa Terra? Será que a gente tá...? Como que a gente tá se alimentando?" Então, hoje a gente vem discutindo alimentação na cidade: "pera um pouco, como que... que que cês tão levando pra... pra mesa da... ? Que que cês tão comprando? Que a maioria que cê fez, importa... a comida da cidade. Tem muita gente produzindo na cidade..." Então, esse movimento que a gente fez aqui, que parece que é só um... é... muitas outras pessoas olham como só um terreno com um monte de coisa plantada. Mas, muitas coisas, importantes, a gente movimentou na cidade pra que a cidade entendesse e olhasse pra cidade de uma outra forma. Então, pra nós, é de extrema importância, essa atitude de nós, né? Então, a gente dialoga com o poder público diferente hoje: "pera um pouco... vai falar de hortas urbanas, né? Não vai falar de experiência de fora, de livrinho que a gente tá lendo, narrando, né, tentando interpretar... vamos lá na Paulicéia, porque já existe uma horta sendo... sendo desenvolvida pela comunidade. Então, hoje... É legal, também, trazer as experiências de fora, né? Mas a gente tem uma aqui, cinco minutos do centro... cinco minutos do centro, acontecendo de uma forma orgânica. E aí, está sendo massa pra caramba, entendeu? Então, hoje a gente tá discutindo com... na cidade, também, isso, né? E a questão, também, que a gente tava discutindo, que foi um despertar, também, nos outros produtores. Porque ficava muito... ali... Esperando que a prefeitura abrisse as portas, pra... "Não! Chuta a porta! Cês são produtores, cês são o mecanismo da... do alimento da cidade." Então, pensando empoderar. Tentando, na verdade, trazer autoestima pros produtores, pra eles poderem se colocar enquanto agente de transformador a partir do alimento da... dentro da... dentro do município. E muitos vieram isso, vieram com essa bandeira. Então, cê pega várias outras chácaras, trabalhando... outros produtores, que tão produzindo, fazendo sua barraca... é... brigando com o poder público, pra ter um espaço nas feira, pra poder levar... brigando com os veneno, porque isso é a parte mais difícil, entendeu? Brigando com os veneno pra aqueles produto deles, da horta deles, orgânico... com essa ideia do orgânico, com esse sonho, com essa ideologia, com essa... com essa magia do orgânico, aí, é... de fato seja encampado na cidade. Seria respeitado pelas pessoas, porque... é isso, né? Tem que ser respeitado. Quer veneno? Quem quer comprar

veneno, compra. A gente respeita. Mas, quem quer comprar o produto limpo e sadio, compra também, entendeu? Então, esse respeito com as pessoas no mesmo espaço, a gente tá conquistando, também. Então, hoje você vê mais... mais pessoas produzindo, mais pessoas envolvida com isso... poder público escutando os agricultores que têm essa ideia... essa ideologia, do não veneno dentro das terra. Então, isso foi através da nossa... das nossas ações, aqui, também. Então, hoje a gente fica orgulhoso por causa disso. A gente olha pros cantos, a gente: "Ah, tem aqui, enquanto referência" ou, "lá na Paulicéia, existe", né? Então, hoje a gente tá discutindo um terreno, já tamos com o terreno quase pronto, falta 10%, que é só assinar o terreno lá, né? É uma ocupação que a gente vai fazer num terreno lá do Novo Horizonte, que vai ser a primeira horta, modelo. Com a prefeitura, com... né?

Cadson – Regularizada, regularizada.

Bira – Regularizada! Revolução! Chegamos lá, onde a gente queria. Cê entendeu? Né? E fazendo conexão com as... com a Secretaria da agricultura, do abastecimento, da fazendo a conexão de todo mundo ali... da educação, tá em torno, entendeu? Do social, que tá em torno... fazendo toda a... o mecanismo das pasta da prefeitura, ali, discutir a questão da produção orgânica e comunitária. Então, a partir de... da nossa... dos nossos encontros, de entender que a gente precisa incentivar a comunidade, e ocupar os espaços públicos, né? Pra... pra plantar coisa sadia, que vai trazer benefício pra comunidade. Tem muita área verde, na cidade, né? Na cidade, nesses espaços que a gente tem, que a gente olha lá, é 60% da área verde, que precisa ser ocupado por coisa verde lá dentro. E aí, quando a gente tem uma secretária, tenho uma Secretaria que também tem essa sensibilidade, hoje, né? Que eu vejo a Nancy[69] mais tranquila, nesse diálogo... de abrir essas portas... que a gente possa discutir essa questão de alimentação e dessas ocupações aí, de uma forma sadia a partir da... Abre aí pro legislativo discutir, abre pro executivo discutir... Então, cê vê as pessoas... várias pessoas discutindo... É isso que nós tava discutindo no gueto, aqui, né? Então, é vitória pra nós, pai, é vitória pra nós, né? E aí, quando a gente leva isso aí, "tá tudo certo, tá... virou documento, tá tudo certo", mandamos uma documentação: "que que cês precisa? Ah, é estatuto?". É isso que nós falou. Aquilo lá que a gente fez em 90, em 2000, na verdade, foi 2001 que a gente começou a discutir, tá servindo pra hoje. As canetadas que nós precisa lá, que foi difícil, tem que provar, a gente tem aí, hoje... a gente consegue, tem a documentação, tudo certo: "o que que cês precisa? Tá aqui". Nós joga na cara do sistema e o sistema aí tem que abrir as portas. Porque: "não é isso que cês falaram pra nós ter? Nós tem. Tá aqui." Então, abre a porta agora. Faz acontecer, agora. Então o diálogo mudou hoje porque a gente tá... um monte de gente, cê entendeu? A gente tá com uma rede muito forte aqui e não é adição de ideia furada, com propósito, entendeu? Tem várias experiências chegando, e a Casa, na verdade, ela é um espaço aberto pra essas tecnologias chegarem, a gente vivenciar essas tecnologia, entendeu? Então, isso pra nós é vitória. Porque, não tem egoísmo, não tem ego, tem que a gente ganha quando as pessoas chegam, né, e sabe que as pessoas saem daqui com algo, também. Então, essa troca nos fortalece e fortalece as pessoas que tão passando e deixa algo pra nós, também. Então, o alimento é isso. Então, a gente vem trabalhando isso. Então, hoje a gente tem uma sopa que a gente faz toda semana. Então, faz

[69] Foi secretária da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Piracicaba, até 2024.

quatro ano que não paramos um final de semana. A gente faz a sopa, tem uma rede de... de... Têm cinco família, na verdade, quatro família que faz mais... na Casa. Então, cada semana fica uma família, que faz a sopa, que leva pro Renascer. Então, é... e aí, a gente faz, lá, também, esse trabalho. Porque a gente tinha uma preocupação em relação ao Renascer, no início que era: "começamos a pandemia com duzentos barraco, hoje tem 1200 barracos, lá". E na mesma situação, ainda, de madeira... tipo, fazendo um fogão de lenha, lá... com fogão de lata dentro do barraco, colocando lá a família, tudo, em risco. E aí, a gente trouxe essa proposta que no sábado, pelo menos, a gente tem... a gente garanta um... um mínimo lá, entendeu, né? Que é levar o que a gente arrecada, pra comunidade. Mas... é uma refeição meio pronta, lá, porque eles não precisem é... acender o fogo lá, dentro do barraco e colocar o povo em risco... entendeu? Não, eu quero comer lá o que tá na lata, brilhando lá, que passa no comercial da televisão, entendeu? Que falaram que é importante, que ali tá a solução de... da vitamina que eu preciso, entendeu, né? E aí, perde tudo. E, quando a gente chega lá, vamos "mistura aqui, né, corta aqui, o talo da beterraba... com a Ora Pro Nóbis, com não sei o quê... cê começa a trazer alimento, né, sadio, ali... "ó, não joga fora esse broto aqui, não, esse broto aqui é o que cê precisa ali, ó", né? Então você vai trazendo essas tecnologia, aí... Na verdade o irreal do... do alimento, né? E aí, você vai percebendo. Hoje, no Tô Aqui, quando a gente vai nas experiência, né? A gente vai nas experiência, é da hora, porque tem... além da gente levar o alimento hoje, a gente faz a horta. Então tem comunidade que a gente conseguiu implantar horta. Nossa... pegar lá no Pereirinha, que a gente fez... a última vez que a gente entregou, a gente fez a roça lá. Então, cê vê nas fotos lá, aquele... aquele bichinho que nós colocou, hoje já tá servindo lá, os moradores entorno ali, entendeu?

Cadson – É, então. A próxima vez não vai precisar levar daqui ou da outra família, né? Já vai ter lá.

Bira – Eles têm lá, eles têm lá na roça dele. Tá produzindo ali, entendeu? Então, e essa é a ideia. "Ah, eu sei fazer, é... mexer com... tem uma receita que eu fiz com meus... que eu aprendi com meu vô, lá... com a minha vó...", então, isso é legal. Essa troca de... de saberes, ali, é a revolução também, entendeu? Porque eles acha que não sabe. A hora que cê começa a mexer ali, o balaio ali... "pô, é iorgute com inhame, é... o leite com... com outro produto mais barato, lá... e vamo mexer com isso, com aquilo lá, que vai dar aquele outeo produto..." Cê entendeu? Então cê vê, lá, os bolo com a casca de banana, com a fibra, não sei o que, tralálá... Cê fala: "pô, porque a galera não divulga isso aí?", né? E foi legal que eu fui com o Marcos lá no... no Jupiá, lá, na janela da mulher... Aí, os moleque: "ah, meu professor lá, que não sei o quê". Daí: "ô, Bira, vem aqui." Levou pra ver, lá. Na janela, assim, ó, bonitinho, plantadinha! "Ah, nós cata aqui pra colocar na salada, não sei o que mais...". Continuou plantando.

Cadson – Só precisava ter tido o primeiro contato, né?

Bira – Mas ela falou... a mãe mesmo falou isso. Isso que eu acabei de falar pra você, foi a fala da mãe. A gente foi criado, não mexia, é... tudo limpo. "Que é feio, mexer na terra, é sujo mexer na terra...

Câmera – No máximo aprender a plantar um feijãozinho, na escola, lembra? Algodão, né? No máximo.

Bira – Então, plantava no algodão, lá... saia o brotinho, lá. Você...

Cadson – É, o sistema fala o tempo todo que você tem que estar limpo, limpo. Não, não é sujo. E esse pé sujo?

Bira – A gente vive do mercado, né? A gente vive de capital e vive do mercado, né? Então, hoje orgânico virou luxo.

Cadson – Quem vai ter acesso, é quem pode...?

Bira – É, isso. Eles viram um caminho ali, de ganhar dinheiro... hoje, orgânico. Então cê olha lá, você pega toda essas marca grande aí, tem lá um... tem lá um bagulho lá, orgânico. Tem o veneno? Mas tem orgânico também, lá. Tem um orgânico, também. Custa mais caro... é... mas, tá lá. Porque vira um mercado ali, vira um caminho pra ganhar dinheiro. Então, o nosso... o nosso medo, é que isso aqui acabe virando um produto descartável, na verdade. Essa atitude nossa, que...

Cadson – Porque se a marca ela já tem o orgânico, também. Quem vai ter o poder, né? Quem vai aparecer na TV, no comercial, depois, na TV Globinho, tá ligado?

Bira – E a gente não tá na rede deles, na rede do grupo dos veneno. Eles são tudo a mesma família, tudo conectado, né? O cara do veneno com o cara da... do... da farmácia. Então, tá tudo conectado.

[...]

Bira – Da hora. A gente gosta muito do... do cotidiano, do dia a dia, né? Então, a Casa do Hip Hop está à disposição. Quem quiser colar na nossa horta, fica aqui na Paulicéia. Rua Jaçanã Altair Pereira Guerrini, número 200. É Paulicéia, Zona Sul. Aí, cola que tamo junto. A casa, aí, 20 anos da Casa agora, né? Então, agradecer cada um de vocês, aí, que fez ou faz parte desse... dessa história da Casa do Hip Hop. Desses vinte anos, né? A gente é porque a gente tem vocês, aí, junto com a gente, conectado aí... Então, tamos junto, né? Viva a agroecologia, aí. Viva uma alimentação saudável, aí, pra geral.


HORTA
COMUNITÁRIA
CULTURA + INCLUSÃO
PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA
saiba mais em:



COLETIVO CRONOPIES+

No convite de abertura desta tese, além da Casa de Hip Hop de Piracicaba, também foi mencionado um outro grupo, mais especificamente o Coletivo Cronopies+, um grupo de pesquisa (e...) que opera de muitos modos; em nossos trabalhos produzidos, costumamos nos apresentar assim:

... cronópios ... cronopios ... cronopi@s ... cronopi*s ... cronopies ... cronopies+ ... cronopies+! ...

Eram eles, os cronópios, uns seres verdes úmidos, inspirados na imaginação de Julio Cortázar (2009), que, distraídos, viviam perdendo o que tinham nos bolsos. Já não se viam em um acento que os territorializava em uma língua por vezes estrangeira. Como cronopios, os incomodava uma masculinidade latente. Ainda assim, a binaridade de cronopi@s não funcionava no mundo que se mostrava em possíveis tons diversos. Um dia, se deram conta que cronopi*s não alcançavam os ouvidos de amigues que necessitavam de audiodescrição. Rebatizados de cronopies e com receio de uma nova territorialização, abriram suas fronteiras em cronopies+ e, sempre dispostos a se multiplicar involutivamente - ou seja, em evoluções não lineares, em diferentes direções - se tornaram cronopies+!...

Atentos a uma matriz de colonialidade que de alguma forma também os habita, o Coletivo Cronopies+! tem buscado operar com experimentações em pesquisas que envolvem educação e matemática e comunidades em situação de vulnerabilidade social e..., de modo a produzir fraturas nessa matriz.[70]

Nesse movimento, fazem-se presentes uma atenção a pesquisar-com e não sobre, com trabalhos de campo imersivos, perguntas de pesquisa iniciais que podem se alterar à luz das urgências dos grupos com os quais trabalha, diálogos com saberes de outras cosmovisões e produções de escritas que experimentam outras formas de produzir conhecimento (Miarka, 2024).

[70] As produções do Coletivo Cronopies+ podem ser encontradas em https://cronopiando.org/

Ou seja, somos, sim – SOMOS, um Coletivo que também é um grupo de pesquisa – ou um grupo de pesquisa que também é um Coletivo. Nós, não de maneira isolada, mas de forma explícita, temos a preocupação com a vida. Nos preocupamos com o acadêmico, e com o que tradicionalmente não tem sido associado ao acadêmico. Bem, em algum âmbito, já estavam fazendo isso, e nós somamos a essas forças[71].

É curioso o fato de que nos repetimos. Me parece – e aqui eu não intenciono falar pelo grupo, mas sim, somar às vozes – que nós temos nos repetido em apresentar o grupo, em apresentar o Coletivo. Fizemos isso algumas vezes. Fiz uma busca, e identifiquei as seguintes apresentações:

Dissertações de mestrado

> Não sabia que seu passaporte também não era do país do samba, e talvez isso faça a diferença... Depois fiquei sabendo que ele já havia tido vários orientandos da minha nacionalidade. Dias depois vim para Rio Claro com a finalidade de conhecer o professor loiro e seu grupo, o Cronopi@s, um encontro sobre o qual quero falar um pouco a respeito.
>
> Eu embarquei para a cidade de Rio Claro para meu encontro marcado com o Professor Loiro. Ele, muito solícito, foi me buscar de carro na rodoviária e me levou ao campus da universidade. Teríamos uma reunião na qual conheceria um pouco da cidade e da universidade. Da cidade, só percebi que era bem tranquila, bem pequena, e com casas com telhados e tetos da cor laranja. Conheci os grupos Im@go e Cronopi@s, seus integrantes e estudos. Naquela tarde havia uma reunião em que discutiriam o livro O que é a filosofia?, de Deleuze.
>
> Em uma primeira impressão sobre o mundo acadêmico e os grupos de pesquisa, entendi que cada um de seus integrantes tinha suas singularidades, trabalhando com o que gosta e com algo que tinha a ver com suas vias, sem se adequar a um programa de pesquisa que impusesse pesquisas artificiais de interesse apenas do orientador. Isso chamou muito minha atenção, já que me permitiria estudar e pesquisar coisas que fossem de meu interesse. Além disso, percebi que meus colegas de grupo gostavam de literatura, de cinema e da vida boêmia, mas sem perder um foco de pesquisa emaranhado no mundo acadêmico de pesquisa com fundamentos em filosofia da educação e educação matemática (Suárez, 2020, p. 41).

[71] Como é o caso, por exemplo, dos Grupos: (a) Travessia, da Universidade Federal de Juiz de Fora; e (b) Escrileituras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Casal, 2023).

— O ciclo é algo que aparece bastante na sua fala. Consegue perceber de onde vem isso? Que ciclo seria esse?

— Posso falar de um deles: a entrega da escrita. Não sei ao certo quando se inicia, mas que ganha muito corpo na entrada para o programa de pós-graduação em que estudo e ainda mais corpo ao fazer parte do Coletivo Cronopies+. Em algum momento já devo ter falado sobre esse coletivo do qual faço parte. Cronópios, Cronópi*s, Cronópies, Cronópies+...

Um coletivo em transformação, em constante mutação, de acordo com as pessoas que vão entrando e saindo do grupo, que produzem mudanças até mesmo no próprio nome do coletivo. As pesquisas desenvolvidas são alimentos para as diversas discussões que perpassam o grupo, que compõem junto à filosofia da diferença e outros campos e intensidades... Com filosofia e antropologia e literatura e pintura e... e educação e matemática e... Os diversos trabalhos, da filosofia da diferença à decolonialidade, dos múltiplos encontros, em uma aldeia indígena, em um quilombo, em um acampamento ou assentamento do MST, em um coletivo de mulheres pretas, em uma aula de Matemática, na escola, no ensino de Análise... Múltiplos caminhos, uma diversidade de encontros, encontros com o desconhecido, encontros com o fora. Um deslocamento que produz, junto aos encontros, possibilidades múltiplas de ser e estar na academia e de produzir junto a ela. Um coletivo plural, que possui como orientador dos trabalhos do grupo o Roger, o pilar do grupo. Isso não é sinônimo de centralidade, apesar de institucionalmente o ser. Mas sim de continuidade. E é fácil perceber o coletivo a partir do momento que o conhece. Mas ser orientado por ele não é pré-requisito para estar junto ao Cronópies+. O coletivo é de quem quer estar junto, seja na academia ou fora dela. O coletivo é de todos que ali estão e se dispõem a compor com o grupo. Cada discussão perpassa os trabalhos, em uma composição de múltiplas mãos, trazendo inspirações ou até mesmo pirações para a confecção de cada texto (Casal, 2023, p. 75).

Com Roger veio também CRONÓPIOS. "Somos seres verdes e úmidos". Aqui está grande parte das mãos que escreveram este trabalho. Mãos que escreveram e corpos que acolheram nas horas de indecisão. Um grupo. Um coletivo. Seres verdes em processo de amadurecimento sem pressa de amadurecer, escapando e ocupando, como fluidos, um corpo sem órgãos. Aquelas pessoas, aqueles seres que te afetam simplesmente pela presença, companheiros de todas as horas. Invenção em

movimento, movimento em grupo, grupo de diferentes pela diferença. A vocês muito obrigado (Mesquita, 2018).

cro- nópio- s (Gondim, 2018, p. 7)

Porém, apesar do texto apresentar uma ordem preestabelecida -a qual não pretende ser explicada- submetida, em certa medida, pela sequencialidade que dão as folhas, as páginas e até mesmo as palavras, pretende-se que o leitor crie, teça sua própria composição, que tenha a possibilidade de trançar os fios, de tensiona-los do jeito que considere e julgue pertinente, pois sem desconhecer que Famas, Cronópios e Esperanças são artesãos desta criação, espera-se que também o leitor possa encontrar seu próprio ritmo. [...]

Falar de Famas, Cronópios e Esperanças se faz a modo de brincadeira aluindo às famosas figuras literárias criadas pelo escritor argentino Júlio Cortázar, a todos os colaboradores que fazem parte do trabalho (sejam estudantes indígenas, sejam referencias teóricos etc.) ao mesmo tempo que se faz referência ao grupo de trabalho Cronópios conformado pelo orientador - o professor Roger Miarka -, que compartilha o grupo com seus orientandos (Orjuela-Bernal, 2018, p. 14).

Teses de doutorado

A Brasil, la UNESP, Roger Miarka y el Colectivo Cronopi@s por permitirme llegar a este nivel educativo a pesar de mi edad. (Guachetá, 2024)

Esta tese, ainda que produzida por mim, é entendida como uma composição coletiva, nessa medida ela foi realizada junto ao Tekoha Takuapiry e Kaiowás e Guaranis e Cronopies+! e... e [...] Agradeço também a meu grupo de pesquisa o Coletivo Cronopies+! Pelas discussões, as parcerias, os afetos, as confidencias e o suporte dado durante todos estes anos de trabalho-composição (Orjuela-Bernal, 2023, p. 8, 10).

> No entanto, quando pensamos junto a autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, dentre outros, e junto ao orientador desta tese, bem como junto ao nosso grupo de pesquisa e estudos e saltos e voos e viagens e invasões e roubos e desterritorializações e..., o Coletivo Cronopi@s, alguns questionamentos começam a brotar, especialmente quando deixamos em suspenso o dualismo causa-efeito, o qual, nesse contexto, pressupõe que todo conhecimento matemático desenvolvido irrompe na linha da História da Matemática como consequência de algum outro conceito que estava incompleto, carente de elucidação e estrutura (Gomes, 2020, p. 30).

> A nuestro colectivo de trabajo cronopios, esos seres que con sus singularidades hacen de nuestras discusiones un lugar que no necesita solo ser habitado, si no también sentido (Amaris-Ruidiaz, 2018, p. 7).

Trabalho de conclusão de curso

> Agradeço infinitamente ao coletivo Cronopies++, que não podem se resumir a um grupo de pesquisa, mas são um grupo de amigos, um coletivo que procura sempre ser receptivo e acolhedor com as diferenças e pensa, constantemente, no meio de todos os problemas. Agradeço imensamente a todo o apoio que me deram em todos os momentos que estiveram presentes, seja sob a forma de orientação do trabalho, seja comprando fraldas para minha futura criança, seja me acolhendo e me abraçando em momentos de muita tristeza, seja compreendendo loucuras (Hardt, 2023, p. 7).

Além desses trabalhos, outros têm sido produzidos. Em acontecimento. Como:

(a) Potências produzidas no encontro entre uma educadora matemática e coletivos para uma educação matemática sensível a expressões de gênero entendidas em suas pluralidades. Por Jeimy Marcela Cortés Suárez.

(b) Educação Matemática e cartografias de uma escola do campo produzida entre as demandas de uma escola pública e de um movimento social. Por Wanderson Rocha Lopes.

(c) Sobre a educação matemática voltada à população quilombola: um estudo a partir da comunidade quilombola São Miguel. Por Maiéli Masteloto Crestani.

(d) Producción de sujetos en la clase de matemáticas: entre las políticas públicas en educación y los contextos indígenas en Colombia. Por Carolina Higuita Ramírez.

(e) Se NÓS, os Vangangela, formos como todo mundo, quem será como NÓS? As ticas de matema dos Vangangela de Chitembo - Bié/Angola para uma Educação Matemática que afirme modos Vangangela de ser e existir no mundo. Por Ezequias Adolfo Domingas.

(f) Afrografias de territorialidades dissidentes: o gargalhar da encruza no corpo-tempo-espaço-emoção da voz negra mulherista de Rio Claro. Por Célia Fernanda Raimundo.

(g) A Matemática que fala através da estética corporal: simetria nas danças Broska e Kussunde. Por Isna Gabriel Sia.

(h) Compreensões sobre o tempo por meio de desenhos realizados por frequentadores do Centro de Atenção Psicossocial 3 de Rio Claro, SP. Por Camila Hardt.

(i) Um dobrado em Educação Matemática: Composições junto a uma banda de música popular mineira. Por Lucas Gabriel de Souza Cruz.

Sobre o último trabalho enunciado (i), em troca de e-mail com o autor e amigo, nota-se a potência que possibilita a multiplicidade de muitas mentes e corações que são aplicados em nossas produções.

> Oi, Heinrich. Bão?
>
> Cara, eu tava lendo um texto da Rolnik sobre ético-estético-político e me surgiu uma questão que me remeteu a você.
>
> Ao longo do texto, ela vai falando um pouco sobre como marcas emergem em nossa vida e em nosso corpo e vão conduzindo a formação própria do autor. Em determinado momento, ela começa a discutir sobre o que é pensamento enquanto trabalho e destaca, mais uma vez, o papel das marcas nisso.
>
> O ponto que me fez lembrar de você vem na seção "Só se pensa porque é forçado". Basicamente, ela diz que é a violência das marcas que fazem nosso corpo tecer composições. Desta maneira, podemos considerar que é pela formação e reafirmação de marcas em nosso corpo que o pensamento vai caminhando. Ela destaca que as marcas são violentamente impostas quando a Diferença se faz presente. Ela ainda define o pensamento como um misto de acaso, necessidade e improvisação: acaso dos encontros, onde produzem diferenças; necessidade de criar um devir-outro; improvisação das figuras deste devir.

Eu fiquei pensando justamente na questão da improvisação com o "Do nada". É interessante quando você discute que o mundo gira e as oportunidades aparecem, desaparecem e se transformam "do nada". Eu penso que, talvez, você possa pensar melhor como lidar com o "Do nada" mais do que pela contemplação. Como improvisar com o "nada"? Quais devires-outros emergem "do nada"? O acaso é, em si, o "do nada" ou são os encontros que formam este "do nada"? Pensar e escrever "do nada" é um ato intenso de criação.

Acho que, se você quiser, pode tentar ir pelo caminho da Diferença e casá-lo lindamente com o caminho do "Do nada". Não que aquele primeiro caminho precise emergir por um compromisso com o conceito, mas sim, porque ele lhe ofereceria elementos muito potentes para compor com o segundo.

É isso, querido. Fiquei com essas ideias em mente e quis compartilhar contigo.

Um abraço,

Lucas

(Cruz, 2023)

Seguindo a sugestão de Lucas, acessei o material compartilhado. Se trata de um texto com a palestra de Suely Rolnik (2018) para um concurso de professora titular em uma universidade, realizado em 1993. A autora, ao abordar seu memorial – que é um documento com comentários sobre a trajetória acadêmica de quem presta um concurso –, apresenta o que chama de "marcas".

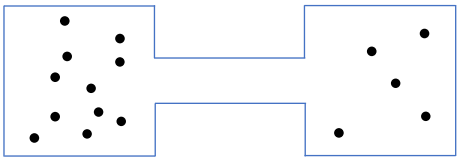
Para ela, o termo é utilizado como produto da memória, uma que é invisível e não é feita de fatos. A memória do invisível possibilita os fluxos que constituem uma composição, bem como gera estados inéditos em um corpo, rompendo a linha que define a fronteira que objetiva o corpo, tornando-o outro. Esses estados inéditos que subjetivam uma figura, compondo uma nova, produzindo a diferença, são as marcas.

As marcas, podem ser enigmáticas. Ao percebê-las, o sujeito pode criar sentido ressignificando e territorializando maior grau de potência. Rolnik indica que a corporificação se dá pela prática do pensamento, uma espécie de cartografia conceitual, que se dá "por um misto de acaso, necessidade e improvisação: acaso dos encontros, onde se produzem as diferenças; necessidade de criar um devir-outro que as corporifique; improvisação das figuras deste devir" (Rolnik, 2018, p. 4).

O rigor aqui é mais da ordem de uma posição ontológica do que metodológica, intelectual ou erudita: é um rigor ético/estético/político. Ético porque não se trata

> do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir destas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir (Rolnik, 2018, p. 5).

Marcado pelo rigor ético/estético/político, que é um dos elementos que compõem o corpo Coletivo Cronopies+, quero apresentar uma figura e duas equações.



N_1 N_2

$$P = \frac{N!}{N_1!N_2!} \qquad S = klgP$$

Esse é o esquema de Boltzmann, que, em 1872, acreditava, de acordo com Prigogine (2002), uma justificativa possível para a irreversibilidade do tempo poderia ser demonstrada da seguinte maneira: ao colocar muitas partículas em uma caixa (N_1) ligada por um tubo à outra caixa (N_2) com poucas partículas, com o tempo, espera-se um nivelamento da quantidade de partículas, gerando uma ilusão de irreversibilidade, e, portanto, provando que a paciência é o que limita irreversibilidade. Em outras palavras, Boltzmann utilizou esse esquema para dizer que o presente, o passado e o futuro não dependem de uma "seta do tempo" para nortear um caminho a ser percorrido, que vem e que vai; ele enxergou o tempo como uma ilusão.

Prigogine (2002) recorre a diversos estudos para apreciar o paradoxo do tempo e explicar que há sim uma seta do tempo. O autor pressupõe que para compreender o tempo – "a nossa dimensão existencial e fundamental; é a base da criatividade dos artistas, dos filósofos e dos cientistas" (Prigogine, 2002, p. 13) –, precisa-se consultar o papel das leis do caos em relação ao imprevisível, de fenômenos díspares, da instabilidade, afinal, "quando se leva em consideração o caos, pode-se falar de uma reformulação das leis da natureza" (Prigogine, 2002, p. 12).

Nesse sentido, se reconhece que o *irreversível é consequência do instável*, e que, portanto, levando em consideração as leis físicas da termodinâmica, a *instabilidade gera a irreversibilidade* (Prigogine, 2002). Em linguagem matemática, poderíamos dizer:

Instável → Irreversível

É interessante assumir que a Casa do Hip Hop foi produzida por um ambiente de instabilidade, conforme percebido na vivência das pessoas que falaram durante esta pesquisa. O calor político, econômico, social, religioso, do Hip Hop, tornou o ambiente instável ao ponto de produzir a Casa, e, portanto, a irreversibilidade.

Prigogine (2002) também apresenta o conceito de bifurcação, um ponto em que, em termos químicos, dado um recipiente com matéria, se produz diversas outras soluções a partir do encontro de fluxos de energia com a matéria, levando a novas estruturas em caos.

A bifurcação seria o momento exato em que se produz algo, em que se produz o nada e o tudo. É tudo ou nada. A bifurcação produz tudo ou a bifurcação produz nada. Seja em qualquer caso, que importa olhar, estudar? Tudo? Nada? Bifurcação? O que produziu a bifurcação? Em tudo ou em nada territorializa a vida. Ou a morte; que possibilita uma nova vida. "Começo, meio e começo." (Santos, 2023, p. 30)

HEINRICH DA SOLIDADE SANTOS

Este foi o nome que minha mãe e meu pai me deram. Sempre que me apresento, acabo tendo que explicar sobre a origem do nome, e, por vezes, acabo me apresentando como H-E-I-N-R-I-C-H, soletrando cada letra. Aliás, até escrevi um texto sobre isso, outro dia. Foi em 2019, eu trabalhava no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/SP) como professor na área de conhecimento Matemática e suas Tecnologias. Foi a primeira experiência da instituição com turmas de Ensino Médio: a ideia, na época, foi adequar o currículo e prática de cursos técnicos já oferecidos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Certo dia, resolvi mudar o penteado. Basicamente, foi isso:





Saí do verde (que durou uma semana 😂) para o azul. Daí, em uma segunda-feira, uma turma de 1º ano do EM fez uma brincadeira de me comparar com o personagem Minion Roxo, por mensagens que compartilharam pelo celular, mas só mostraram posteriormente. Eu fiquei chateado, na hora, e, após o intervalo, coloquei a imagem no projetor e fiz uma fala sobre respeito.

Quando fui embora, conversei com um professor sobre o ocorrido, e ele me sugeriu uma ação. Então, como docentes, nos organizamos para uma atividade na sexta-feira, o dia que era reservado para projetos (a BNCC prevê uma dimensão de projeto de vida, para desenvolvimento de pilares além do conteúdo, como pessoal, social e profissional).

Então, na sexta-feira daquela semana, nós, docentes e coordenação organizamos uma manhã para discutir sobre bullying.



Nos juntamos em uma sala, de surpresa. Foram quatro ações, e iniciamos comigo lendo o texto que escrevi.

Oi, eu sou o Heinrich. Einrrixi [pronunciando cada sílaba]. Meu nome parece um pouco diferente, mas isso, em grande parte, é o que tem me constituído. Por exemplo, quando eu era um aluno da Educação Básica, meus colegas sempre riam quando um novo professor ia fazer a chamada. Uma boa quantidade de vezes diziam "Saúde!". Sim, queriam dizer que meu nome era um espirro, ou seja, uma doença. Em outros momentos, já no Ensino Médio, me associavam a uma certa marca de cerveja.

Alguns simplesmente me batiam mesmo. Mas isso acho que nem era pelo meu nome, era mais por eu ser um nerd. Mas não essa caricata figura cool de hoje. Sim um nerd que sofria bullying por ser... nerd. Naquela época, isso significava gostar de desenho de super-herói, usar óculos, se vestir mais "formal", respeitar os professores, e coisas assim. Lembro de uma vez que meus colegas de sala cantavam diariamente uma música (a mesma música) pois eu ia sempre com a mesma calça (estávamos passando por dificuldades financeiras e eu só tinha uma calça para ir à escola). Lembro bem da música, era mais ou menos assim:

"Ele não tira mais a calça!" E no dia seguinte:

"Já faz mais de três dias!" E no dia seguinte, continuavam:

"Ele não tira mais a calça, já faz mais de quatro dias!" E assim, seguiam:

"Ele não tira mais a calça, já faz mais de uma semana!" "Ele não tira mais a calça, já faz mais de duas semanas!" 🎶

...

Sobre o meu nome, no Ensino Médio, me tratavam principalmente por Enrixi. Ou Ritchi. Eu fazia um curso técnico em eletrônica, no período da tarde, e, por ser muito quieto, me apelidaram de Transparente. Às vezes, no final da aula, olhavam pro fundo da sala e diziam: "Eita! O Transpa veio hoje! Nem tinha visto!".

Já o "Rainexi" surgiu em um lugar que trabalhei, e me acompanhou por um bom tempo na faculdade.

"Ok, mas e os seus pais, então?" Porque é isso que conta, né? Bem, eles me chamam de Enrique. Ou Rique. De acordo com a minha mãe, ela encontrou a versão em outro idioma numa revista, e achou muito bonita a grafia. Daí ficou assim. Eu descobri a forma *ideal* de se dizer, quando já era adolescente, da idade de vocês, praticamente. Em alemão, é algo como Ráind'richi. Não gosto do "Enrique", pois sou muito mal resolvido com a família, e isso me remete a eles. Sempre foram extremamente religiosos, e, de novo, mais ou menos na idade de vocês, me descobri ateu.

Mas eu sou homem, hétero, branco, "de exatas", estou reclamando de quê? O que eu quero, afinal? Dizer como é pra se referirem a mim?

Na real? Pode me chamar de Einrixi, Rainixi... Como preferirem. Só não pode me faltar com o respeito.

Finalizando a fala, fui pegando uma tesoura que havia deixado enrolada em uma toalha no chão, e, na última frase tirei o chapéu que estava usando e cortei o cabelo, em silêncio, com a cabeça abaixada. E concluí:

Então, aparentemente eu resolvi um problema, eliminando do meu corpo algo que aparentemente tende a incomodar algumas pessoas. Mas e se esse incômodo, das outras pessoas, fosse porque... se eu fosse negro, por exemplo? Mulher... Alto... Magro... Gordo...?

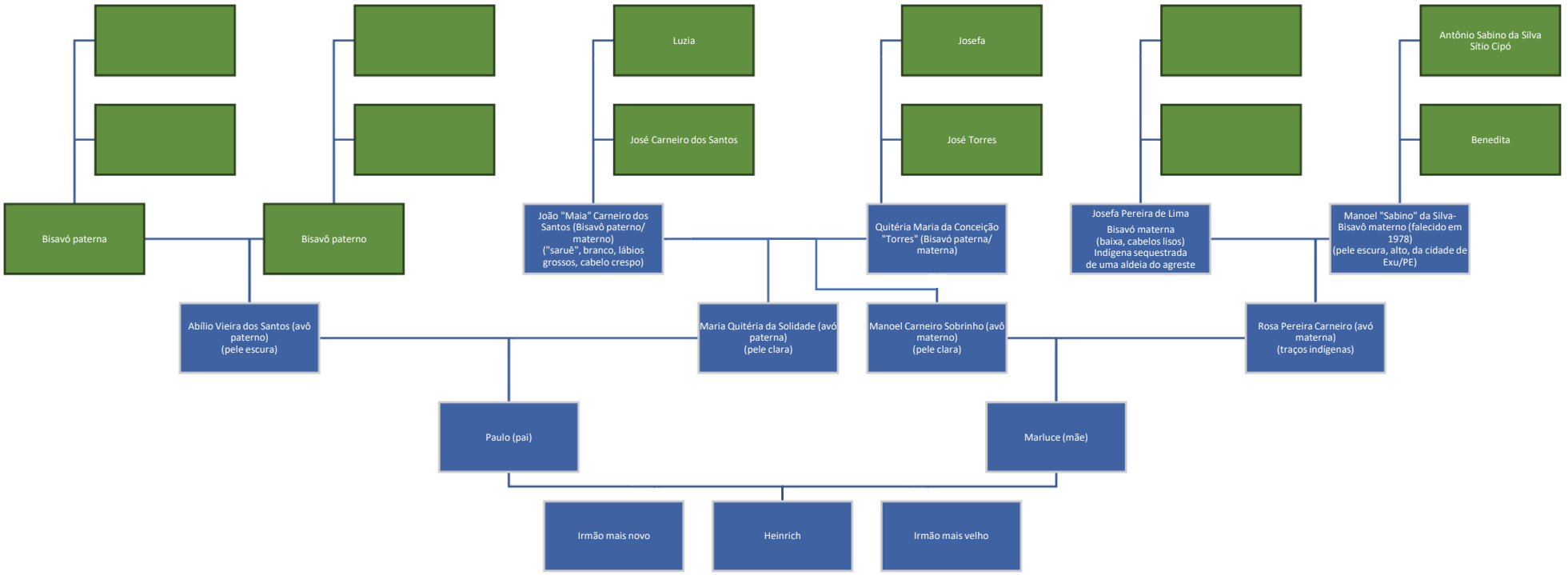
Depois disso, eu – e outras pessoas na sala (entre estudantes e docentes) – sob forte emoção, dialogamos sobre os impactos que podem ter o modo de diálogo com outras pessoas ao desconsiderar a sensibilidade.

Bem, esse foi o texto que escrevi sobre meu nome (mas, também sobre outras coisas; já já, voltamos à elas). Então, é isso. Prazer. Sou o Heinrich. Heinrich da Solidade Santos. Morei em uma boa quantidade de lugares, e, cada um desses lugares, as pessoas me chamaram de uma forma diferente. Hoje em dia, me apresento como "**Ênrrixi**". Em geral, me perguntam da origem, se sou do Brasil. E eu sempre falo do Santos, nesses momentos. Esse sobrenome herdei do meu pai, seu Paulo. E, aqui, preciso falar um pouco sobre minha família.

Ou, sobre minhas origens. Ou, sobre meus antepassados.

Meu pai e minha mãe são primos, de primeiro grau. Ou seja:

– Ah! Antes de continuar, preciso recordar o que eu disse sobre a confusão deste texto que compõe esta tese. Algumas coisas, eu vou dizendo conforme lembro. Me perdoe por isso, mas é minha maneira de afetar com meu estilo nessa composição, que pode soar quase como a métrica de um improviso em meio a tanto imprevisto. Talvez, se eu compusesse um RAP, seria difuso assim. Mas, então, eu lembrei que preciso lhe dizer algumas das motivações do porquê estou falando sobre mim mesmo, afinal, essa é uma tese sobre uma casa de Hip Hop, realizada em um programa de pós-graduação em Educação Matemática. E, bem, é isso mesmo: pra eu explicar como cheguei até aqui, quais são os elementos que me atravessam, quais são minhas lutas, de que forma tomei minhas decisões na minha vida, quais opções a vida me ofertou, quais lugares que pude acessar... não consigo continuar sem atravessar minha ancestralidade, que, até o ponto que identifiquei dialogando com minha família, são das regiões do agreste e do sertão pernambucano e paraibano. Na árvore genealógica apresentada na sequência, sou – junto com meus irmãos [e primos] – a primeira geração que não nasceu na região Nordeste (Pernambuco e Paraíba) do Brasil.



Curiosidade: a avó e a mãe de Lampião têm Soledade como sobrenome, e viveram no mesmo período que minhas/meus avós/avôs, na mesma região (Serra Talhada/PE); este é um sobrenome que aparece com minha falecida avó paterna, mas não nos pais dela, e ninguém da família sabe explicar o motivo. Soledade também nomeia bairros, cidade e fazendas no Nordeste brasileiro. E a mãe de Jesus, quando chora de saudades do filho crucifixado.

Essa miscigenação é a realidade da maior parte das pessoas que nasceram no Brasil. De fato, conforme o Censo realizado em 2022, 45,3% da população se declara como parda, ou seja: "a pessoa que se declarar parda ou que se identifique com mistura de duas ou mais opções de cor ou raça, incluindo branca, preta, parda e indígena" (IBGE, 2023, p. 22). É importante ressaltar que foi o primeiro ano em que a população que se declara branca, não foi a maior parte:

> O Censo Demográfico 2022 confirma as tendências de alteração do pertencimento étnico-racial da população residente no Brasil apontadas pelas pesquisas domiciliares do IBGE no que tange às populações branca, preta e parda. Assim, verifica-se a ampliação do peso da população de cor ou raça parda, passando de 43,1%, em 2010, para 45,3%, em 2022; da população de cor ou raça preta, de 7,6%, em 2010, para 10,2%, em 2022; e da população de cor ou raça indígena, de 0,4%, em 2010, para 0,6%, em 2022. Por outro lado, a diminuição do peso das categorias de cor ou raça branca ou amarela também se confirma nos dados censitários: a primeira passando de 47,7% para 43,5%, e a segunda, de 1,1% para 0,4% no período considerado (IBGE, 2023, p. 7).

Ou seja, um processo de autoidentificação (e, por que não, também de autoconhecimento) tem acontecido nos últimos anos, de maneira que as pessoas têm ressignificado quem elas são – a própria identidade. E eu estou junto a essas pessoas.

Eu disse, algumas páginas anteriores, que iríamos voltar a outras coisas que escrevi além do meu cabelo. Parafraseando eu mesmo: "[...] eu sou [...] branco". Isso foi dito em 2019. Tentando compreender quais elementos me levaram a esta pesquisa, precisei conhecer minha ancestralidade, minhas origens... daí, fui conversar com minha mãe, meu pai, avó e avô. Isso, somado às vivências na Casa do Hip Hop, possibilitaram me perceber como pardo.

E, já que falei deles, e até apresentei uma árvore genealógica, estava dizendo que meus pais são primos, né? Essa familiaridade na própria família significa que os sobrenomes são aproximados. No meu caso, herdei o "do Santos" (de alguma família escravocrata) do meu pai. Os olhos apertados, indígenas, da minha mãe.

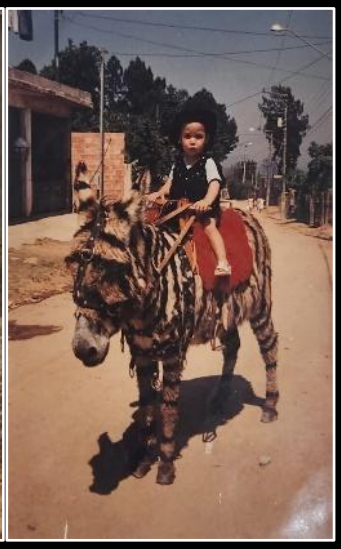
Então, olhando para todas essas informações apresentadas até agora, minhas origens, minha ancestralidade, diz respeito a uma genealogia indígena, preta. Povo que foi marcado pela potência da vida, mas também por inúmeras violências praticadas contra a sua vida.

Nesse contexto de resistência e sobrevivência, meus pais sempre foram muito protetores – e bastante religiosos. Pensando em algumas histórias da minha área, lembro que os lugares que acessei, quando criança/ adolescente, essencialmente eram minha própria casa, a igreja (evangélica) e a escola. Não tive televisão. As opções de lazer, foram, essencialmente, livros e revistas.

"OLHE PRAS SUAS NEGA VÉIA E ENTENDA QUE NUM É EM BLOG DE HIPPIE BOY QUE SE APRENDE SOBRE ANCESTRALIDADE" (DJONGA, 2019)

Nascido em São Paulo/SP, criado na cidade de Embu das Artes/SP, no bairro Jardim Santa Luzia, na rua Daniel. De um tempo em que o registro de uma imagem era um recurso raro e [illegible] caro, fotógrafos itinerantes – que percorriam os bairros para tirar e vender fotos das pessoas –, a seguir a rua em que morei (meu irmão dois anos mais velho aparece nas imagens):

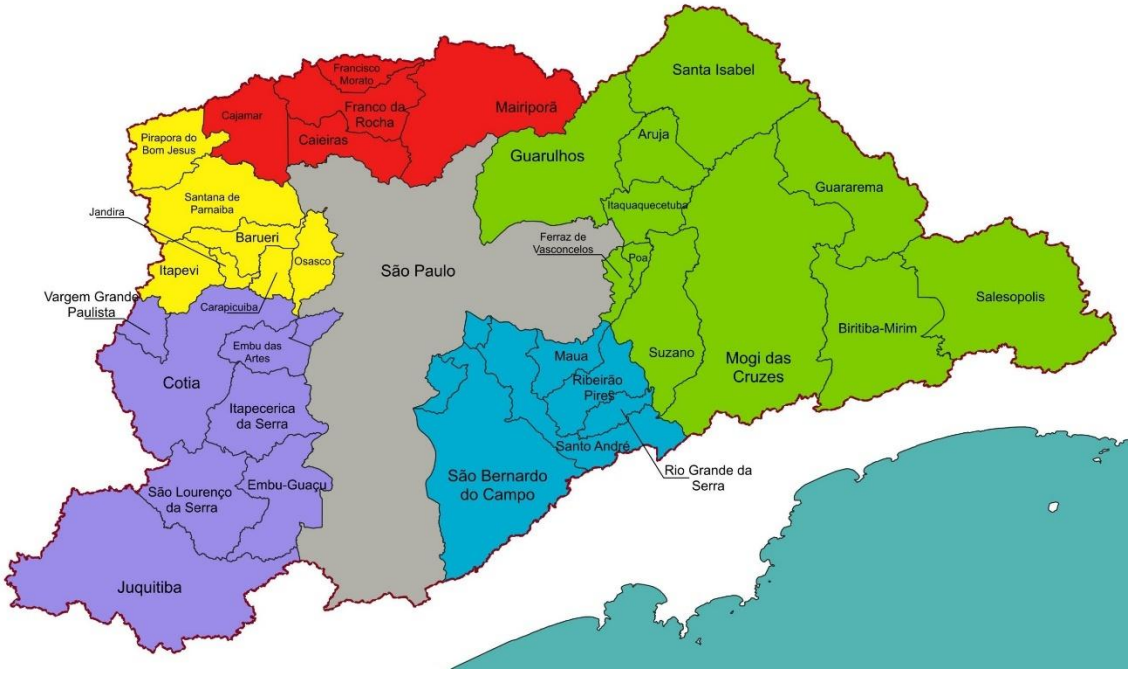




Embu das Artes (Embu) faz parte da chamada Região Metropolitana de São Paulo.

Ficam mantidos os atuais limites territoriais da Região Metropolitana de São Paulo, composta pelos seguintes Municípios: Arujá, Barueri, Biritiba-Mirim, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embu, Embu-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapecerica da Serra, Itapevi, Itaquaquecetuba, Jandira, Juquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Lourenço da Serra, São Paulo, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista (São Paulo, 2011, LEI Nº 1139).

Ou, em versão imagética:



Fonte: Luchesi apud Pasternak; D'Ottaviano, 2023.

Parte dessas regiões eram (ainda são), compostas por favelas; porém, com o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) que iniciou em 2007, do Governo Federal, se investiu em uma política de urbanização das favelas, e, regiões do Brasil todo foram contempladas, bem como o lugar que morei (BRASIL, 2010, p. 25).

Crescer em uma favela significou ter contato com diversos elementos, de potência, mas também de violência (G1, 2012). De fato, favela, em São Paulo, de acordo com Carolina Maria de Jesus, é o 'Quarto de Despejo': "O Palacio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos." (Jesus, 1983, p. 28).

Recordo de ouvir muitas músicas de RAP quando criança, principalmente os Racionais MC's, não dentro de casa – um lar evangélico –, mas do som da vizinhança; quando adolescente, sim, no meu próprio fone. Outra lembrança é a convivência no ambiente escolar e no caminho para casa – momentos em que outros mundos se tornavam conhecidos, além do dogmático religioso. Era como se a ponte que possibilitava a diferença fosse o portão da escola.

No texto que escrevi em 2019, apresentado aqui algumas páginas antes, eu menciono um Heinrich nerd. Na escola, eu fui essa figura que habita o imaginário que descreve pessoas que são mais estudiosas. Hoje, entendo que estava muito mais relacionado às condições que eu vivi. Não saberia dizer sobre privilégios – por mais que eu os enxergue –, pois, em alguns momentos, talvez tenha sido apenas a possibilidade de viver dignamente; sem ausência de fome, por exemplo, como relatou muitas vezes

Carolina Maria de Jesus. Talvez, não tenha sido a realidade de outras crianças que estavam na mesma sala que eu.

Por qual olhar o privilégio se confunde com dignidade e vice-versa? Em que momento, direito à dignidade, bem como à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, como diz o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990) pode ser percebida como privilégio?

Em que momento, essas perguntas são realizadas? Que perguntas são realizadas? Quem tem o privilégio de efetuar perguntas como essas? Quais escolhas que fazemos e que fazem por nós, nos permitem fazer o que fazemos? Quem pergunta as perguntas? Que elementos físicos, sociais, genéticos, históricos, espirituais, entre outras possibilidades, operam o que pode? Quem pode? Quem pode, o que pode? Que divindades, que, do nada, perguntam, respondem, agem... ou não?

Como nessa tese nada é do nada, que perguntas que do nada possibilitaram perguntar, ser perguntado e continuar perguntando? Bem, sei que na escola, ALIÁS, essa escola (eu sou o de boné preto e vermelho e blusa cinza, no canto inferior esquerdo):



Fonte: Escola Estadual Dona Maria Nélida Sampaio de Mello, 2005

Mas, então, como estava dizendo, sei que nesse período de Educação Infantil, Fundamental e Média participei de teatros, eventos, feiras culturais... além da própria dinâmica de aulas. Queria ser 'engenheiro' ou algo relacionado à tecnologia da informação; não era um desejo que vinha do nada, mas sim das referências disponíveis, uma vez que a identidade de profissionais nessa área (Souza, 2016) era muito aproximada à maneira que eu me enxergava à época: homem branco.

Isso implicava, então, dedicar-me às áreas de exatas, e não ter tanta preocupação com outras áreas do conhecimento. Com o desejo de "ser engenheiro", porém, considerando minhas origens populares,

inclusive de escola pública, o ingresso à universidade pública não foi imediato, e, como ocorre com jovens nesse período, foi uma longa travessia (Sampaio, 2011; Zago, 2006), e acabei cursando um curso de Licenciatura em Matemática, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na cidade de Ituiutaba, em Minas Gerais (MG), em 2011.

Nesse curso de graduação, participei de iniciações científicas, programas de complementação de formação inicial (Programa de Educação Tutorial e Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), grupos de pesquisas, bem como apresentações e publicações de trabalhos em eventos, capítulos de livros e periódicos, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Essas participações – no próprio curso em si, bem como de todas as outras atividades – colaboraram para que eu me apaixonasse pela educação, pelo ensino, pela sala de aula, pelo experienciar com pessoas em processos de formação.

O mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – Mestrado Profissional (PPGECM) da UFU, resultou em uma dissertação defendida em 2019. Intitulada *Análise Comparativa do Sistema Educativo de Formação Inicial do Professor para a Educação Básica*, objetivou analisar, por meio da Metodologia de Educação Comparada, as confluências e divergências das políticas educacionais voltadas à formação inicial de professores para a Educação Básica em relação aos países que são do núcleo de Estados Partes do Mercosul (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai); também desenvolvi, como produto[72] educacional complementar ao tema estudado, um site que combina diferentes tipos de interação possibilitando a ação do público interessado em acessar o conteúdo (Santos, 2019).

Além do contato com desenvolvimento/ programação na graduação e no mestrado, pude trabalhar com TI nos ambientes profissionais: (a) primeiro, nas aulas de matemática como efetivo da Educação Básica – 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental (EF) e 1º ao 3º do Ensino Médio (EM) – regular e Educação de Jovens e Adultos de Minas Gerais, em Monte Alegre de Minas; (b) em seguida como Mediador Presencial no curso de Ensino à Distância de Licenciatura em Matemática da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), em São Vicente/SP; (c) como professor na área de Matemática e suas Tecnologias, nas turmas pioneiras de EM Técnico em Informática, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), onde o trabalho ocorre em conjunto à área de TI e vivenciei diversos processos de formação continuada.

No Senac, a proposta era a de atender as demandas da BNCC, como uma proposta pioneira que norteou (no ano seguinte) a abertura de novas turmas em outras unidades de SP. Nesse sentido, o que fizemos como docentes naquele ano de 2019, em São Miguel Paulista, Zona Leste da cidade de São Paulo, serviu de experiência para

[72] Pode ser acessado pelo endereço eletrônico http://educamercosul.com.br/

o que veio a seguir. Para mim, resultou em muitos aprendizados. Como a divisão de trabalho ocorria por área do conhecimento, Matemática e suas Tecnologias era a única área em que eu atuava sozinho, acabava propondo atividades em parceria com docentes das outras áreas. Foi aí que conheci o livro da Carolina Maria de Jesus: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

A obra foi escrita como um diário no final dos anos 1950, e publicada em 1960, pela escritora mineira, com dois anos de educação formal, relatando seu cotidiano como catadora e mãe de uma filha e dois filhos na favela do Canindé, em São Paulo.

Estar imerso à essas vivências – mais que isso: ser afetado por todos esses elementos potência e desejo que pareceram me atravessar do nada, me levou a propor um projeto de doutorado para relacionar uma formação em Tecnologia da Informação com a escrita de diários. Posteriormente, pela vivência em campo, esse tema que foi inicialmente proposto, não se concretizou, dando espaço para possibilidades com o Hip Hop.

Assim, iniciei, em 2021, o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM), na Unesp de Rio Claro ou seja, foi assim que eu cheguei até aqui. Não foi do nada. E você? Como chegou até aqui? Vou deixar esse espaço para me dizer, se desejar; pode escrever, desenhar, ou apenas refletir...

COMO CHEGOU ATÉ AQUI?

COMO CHEGOU ATÉ AQUI?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA...?

METODOLOGIA...?

ANÁLISE...?

CONSIDERAÇÕES... FINAIS?

Aqui assumimos uma investigação que acompanha uma flecha no tempo. Para isso, nos questionamos "Que pode o encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop produzir com a Educação Matemática ao assumir afetos vivenciados e sentidos?" e objetivamos "assumir afetos vivenciados e sentidos no encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop, operando na diferença, com a cartografia".

Começando pelo final de tudo que assumimos, que questionamos e que objetivamos, esta discussão parte primeiro pelo final: cartografia. Mesmo que não haja final, mas sim "começo, meio e começo" (Santos, 2023, p. 30). Para tanto, ressaltamos uma das obras que fundamenta nossos trabalhos de Cronopies+, evidenciando pistas desse método de pesquisar, inventar, se perder, acompanhar, distinguir... por autorias que, por sorte, operam na academia:

> Encarnando uma política da invenção, como não se perder durante a caminhada? Como o método pode constituir uma orientação quanto ao modo de seguir com a pesquisa sem, por outro lado, fechar a investigação ao movimento e aos processos que ela se propõe a acompanhar? Frente ao presente vivo da pesquisa, como distinguir os verdadeiros problemas dos falsos problemas? Como diferenciar um problema bem colocado de um problema mal colocado? (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015a, p. 205).

Tais questionamentos dizem respeito às pistas que a cartografia apresenta como possibilidade de método de pesquisa. De modo geral, há pesquisas qualitativas ou quantitativas. "Pesquisas quantitativas e qualitativas podem constituir práticas cartográficas, desde que se proponham ao acompanhamento de processos" (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015b, p. 16). A intenção deste texto final é negar um final, e partir do meio para o começo.

Nesse sentido, a flecha no tempo é guiada pelo caos do pensamento exuzíaco, e aponta e direciona caminhos que se encontram em encruza, revelando modos inventivos para domínio das armas do colonizador. Isso tudo, ou isso nada, para pensar em conjunto com uma pesquisa que também é cartográfica com Educação Matemática com Casa do Hip Hop com Hip Hop Studies com... COM. "A tarefa proposta não é a substituição de determinadas formas por outras, mas a capacidade de estabelecer coexistência, diálogo e inteligibilidade mútua", para inclusive apresentar "outras rotas fora das coordenadas cartesianas edificadas pela dominação moderna-ocidental" de modo que os povos "acometidos pela tragédia e violência sistemática do contínuo colonial" possam "vir a ser" com aprendizagens outras em cruzo de saberes (Simas; Rufino, 2019, p. 33).

Conta-se que em terra iorubá

> [...] um mensageiro chamado Exu andava de aldeia em aldeia à procura de solução para terríveis problemas que na ocasião afligiam a todos, tanto os homens como os orixás. Conta o mito que Exu foi aconselhado a ouvir do povo todas as histórias que falassem dos dramas vividos pelos seres humanos, pelas próprias divindades, assim como por animais e outros seres que dividem a Terra com o homem. Histórias que falassem da ventura e do sofrimento, das lutas vencidas e perdidas, das glórias alcançadas e dos insucessos sofridos, das dificuldades na luta pela manutenção da saúde contra os ataques da doença e da morte (Prandi, 2001).

Exu é dono da encruzilhada, que

> [...] emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias (Simas; Rufino, 2019, p. 13).

"Exu é o poema que enigmatiza a vida, o caos necessário a toda e qualquer invenção" (Rufino, 2019, p. 21). "Ele é o acontecimento, antes mesmo da inscrição deleuziana (...)" (Simas; Rufino, 2019, p. 23).

A inscrição deleuziana do acontecimento, ou seja, o acontecimento para Deleuze não é o que acontece, um acidente, mas sim é no que acontece, no que dá sinal; é, portanto, o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece (Deleuze, 1974).

Aqui, junto com Deleuze, junto com Exu, junto COM, a pesquisa cartográfica trata-se menos da "descrição de estados de coisas do que o acompanhamento de processos" (Alvarez; Passos, 2015, p. 135). Na Casa do Hip Hop de Piracicaba, foram acompanhados diversos processos. Esse acompanhar se deu estando COM o território da Casa. Isso significa que, nesse caso, a pesquisa possibilita colocar a ciência em movimento caótico, de transformação, "exigindo práticas originais de investigação" (Barros; Kastrup, 2015, p. 56) produzindo subjetividades.

Ao chegar na Casa, muito já estava acontecendo. Entrei pelo meio. A Casa já estava em acontecimento. A biblioteca já estava em acontecimento. A pista de skate já estava em acontecimento. O Casarão já estava em acontecimento. O Ladeira já estava em acontecimento. Mesmo no tempo cronológico, antes de tudo isso, o bairro da Paulicéia já estava em acontecimento. E durante também estava. Está agora, inclusive. Eu estava em acontecimento. Estou. Nós estávamos em acontecimento. Estamos. Tudo ali, lá, acolá, aqui, aí, dá sinais de caos. Ao mesmo tempo em que o nada também dá esses sinais. Para estar em território, foi, é preciso agir com, escrever com, se envolver em afecção com (Barros; Kastrup, 2015). Daí a importância de afetar e se deixar ser, conforme foi dito no convite que abre esta tese. "Afeto implica em uma relação dialógica, de reciprocidade, estabelecida entre o afetar e o ser afetado" (Francisco, 2005, p. 2).

Para a autora supracitada – Ana Lúcia Francisco –, não existem respostas prontas para a dor e angústia de experienciar viver em coletivo, pois a busca por respostas habita, sobretudo, o próprio trabalho coletivo. Sobre esse dolorido vazio do viver, ela recorda que na tradição chinesa "pode ser visto como o pleno, como possibilidade de múltiplas manifestações, múltiplas ações, múltiplas relações" (Francisco, 2005, p. 4).

A autora indica, inclusive, que adotar postura semelhante, de multiplicidade, pode possibilitar, por exemplo, a percepção de que a humanidade em sua ânsia de ser moderna tem deixado a capacidade de proteger e manter a herança cultural que a faz... humana. Ora,

> Se estamos diante de um evento, entendido, aqui, como um conjunto de circunstâncias em que o sujeito é convocado a decidir ou a inventar uma nova maneira de ser, parece-me que é pela via do resgate do afeto, sobretudo, que esta invenção será possível, o que implica, necessariamente, em comprometer-se e continuar (Francisco, 2005, p. 6).

Aqui assumimos desde o início uma investigação que acompanha uma flecha no tempo. Para isso, nos questionamos "Que pode o encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop produzir com a Educação Matemática ao assumir afetos vivenciados e sentidos?" e objetivamos "assumir afetos vivenciados e sentidos no encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop, operando na diferença, com a cartografia".

"Começo, meio e começo" (Santos, 2023, p. 30).

Afetos foram, tem sido, vivenciados e sentidos junto com a Casa do Hip Hop de Piracicaba. A Casa, como um Quilombo Urbano tem se especializado em modos inventivos de aprender sobre as armas dos colonizadores, e, assim, tem se comprometido em continuar em um processo de resistência. A Casa tem operado como uma das principais forças contra colonizadoras da cidade, pois luta em defesa de seus territórios. O lugar físico da Casa, que também é epistêmico e político, que pelos colonizadores na formação da cidade foi invadido, expropriado e subjugado, resgata com a existência da Casa os saberes ancestrais de seu próprio povo para vir a ser.

Seja ocupando o espaço jogando capoeira, seja oferecendo um salão amplo com espelho e som para corpos aprenderem as artes dançantes do mundo, seja fortalecendo os corpos que lutam inclusive lutas físicas, seja compartilhando saberes acadêmicos, seja sendo palco de afirmação da população idosa, seja entoando canções, seja plantando, seja alimentando, seja ensinando, seja produzindo, seja grafitando, seja cantando, seja discotecando, seja... independente do modo, a Casa é. Em um sentido de multiplicidade que contempla os espaços físicos, o território, as pessoas, as histórias, e tudo mais, a Casa é um lugar de produção de saberes, por meio também do afeto, do cuidado. É, como propõe o quinto elemento, lugar de

produção de conhecimento. É na Casa, COM a Casa, que o povo contra colonizador encontra um espaço para vir a ser resistência.

Cartografar processos com a Casa, tem mostrado que a "seta do tempo" é uma ilusão. O acontecimento do tempo é caótico. Não há como uma seta do tempo – com direção e sentido – dar conta de dar sentido e direção ao tempo. Conforme indicado por Prigogine (2002), mesmo as leis modernas da física apontam que a instabilidade gera, produz irreversibilidade. Colonizadores chegaram em terras pindorâmicas e causaram instabilidade. Colonizadores chegaram em África e causaram instabilidade. Colonizadores sequestraram povos de uma terra para outra e causaram mais instabilidade. Colonizadores, em sua ânsia de serem modernos, operaram em desencantamento e causaram instabilidade ao redor de um trecho de rio em que os peixes param – o território que viria a ser a atual Piracicaba. Todos esses saberes ancestrais confluíram junto COM a Casa do Hip Hop. A Casa é, de certo modo, produto da instabilidade. É um grito de resistência. A resistência, é irreversível.

Ainda junto com Prigogine (2002), novamente o conceito de bifurcação emerge. Vale recordar que diz respeito a um ponto, um momento exato de produção de novas estruturas de caos, oriundas de estruturas anteriores. Caos gerando caos. A Casa opera pela lógica politeísta pois opera pela lógica do caos, ou seja, Exu. Pode-se pensar, portanto, em caminhos de encruza, numa Pedagogia das Encruzilhadas, com sensos político, poético e ético.

Assumidos como estratégia de guerrilha epistêmica, e, portanto, de domínio de armas colonizadoras, cada senso faz parte do encontro de acontecimentos caóticos da Casa com esta tese. Politicamente os movimentos de formação e produção de conhecimento buscam transgredir as regras de desencanto. Por exemplo, ao defender a plantação de alimentos saudáveis sem utilizar agrotóxicos, sem veneno, e a sua distribuição de forma gratuita para a população desassistida da cidade.

A poética se apresenta como senso que revela impossível separar os seres que territorializam a Casa, de seus saberes e de suas formas de linguagem. Com dança ou com grafite, por exemplo, habitam e (re)fazem a cidade, ao produzirem modos inventivos de ocupação, e, portanto, de resistência. Os muros da cidade que ganham novas cores, textos e formas, ganham junto com o senso poético que parte da Casa. Os movimentos que os corpos fazem ao acompanhar e produzir saberes do corpo em conjunto com o chamado dos tambores – orgânicos ou sintéticos – encantam e afetam poeticamente. Ou mesmo com o modo de falar característico do oeste paulista, que se soma a uma herança dos povos originários. Nesse sentido, junto com Lélia Gonzales, Cerqueira (2020) aponta que, especificamente nas manifestações do Hip Hop há a ausência de concordância nominal de número, como os mano, por exemplo. A autora indica que fazer uso de variantes linguísticas que já foram em outros momentos estigmatizadas, possibilita a emancipação e as condições de empoderamento. É senso poético com o Hip Hop caipira.

Por outro lado, o senso ético preocupa-se com a invenção de novos seres, que, em conjunto da educação articula a vida, a arte e o conhecimento. Essencialmente, pode-se dizer que são essas as preocupações da Casa do Hip Hop, inclusive desde sua missão, já anunciada anteriormente, e relembrada aqui: "criar um espaço de pertencimento para o jovem de periferia, através da cultura Hip Hop desenvolver referências que fortaleçam a identidade e os vínculos afetivos através das atividades socioeducativas ofertadas".

Os sensos político, poético e ético da perspectiva das encruzilhadas como potência educativa estabelece coexistência, diálogo e inteligibilidade mútua junto com um rigor ético/estético/político. Nesta tese, o rigor ético é assumido não de um sistema de verdades, mas sim de diferenças que se fazem nos acontecimentos. Já o rigor estético é a própria criação inventiva de territorializar a tese como numa obra de arte, uma tese de Educação Matemática hiphopzada. E o rigor político, por sua vez, opera ao ser assumido na luta contra as forças de desencantamento dos colonizadores (Rolnik, 1993).

Junto com tudo isso, ou nada isso, amparado inclusive pelos modos de operar com o coletivo Cronopies+, as falas apresentadas e produzidas nos encontros que talvez tenham dependido da sorte, que talvez tenham acontecido do nada, que talvez tenham acontecido do tudo, essas falas que foram transcritas em sua integralidade, mantendo o mais próximo possível de seu senso poético assumidos a partir da Pedagogia das Encruzilhadas, essas falas foram produzidas como parte dos processos acompanhados de uma pesquisa cartográfica.

Vale ressaltar que a pesquisa cartográfica percorre passos que ocorrem ao mesmo tempo, sem que um termine, sem separação, diferente de outras formas em que se faz coleta, análise e discussão de dados (Barros; Kastrup, 2015). Fala-se, portanto, em passos que são (a) a produção – e não coleta – de dados e (b) a escrita do texto.

Acompanhar processos por meio de encontros, de modo geral, resulta em muitas páginas com informações, imagens, momentos, histórias, memórias... Daí, nesse caminhar de produzir dados em conjunto com o campo, as falas que foram transcritas nesta tese, bem como as imagens, os áudios, os vídeos, os momentos, as... os... es... is... us... tratam do acontecimento da inscrição deleuziana, evidenciando a preocupação não com o que acontece, mas sim no que acontece. Porém, antes mesmo, com olhares de desconfiança, em passos dados por caminhos em encruza, a poética de Exu foi, é, está sendo e será o poema que enigmatiza a vida. Foi COM o caos necessário a toda e qualquer invenção que esta tese foi escrita, produzida.

> A política da escrita deve incluir as contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que restam em aberto. Não é necessário que as conclusões constituam todos fechados e homogêneos, nem é desejável que estas sejam meras confirmações de modelos teóricos preexistentes. (...) os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode

> contribuir para a produção de dados numa pesquisa. Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto. (...) A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra (Barros; Kastrup, 2015, p. 72-73)

Pois, bem. Sobre a escrita - e para dizer também de outro modo com o qual esta tese conflui - Deleuze (1997, p. 11) escreve que "Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria viável ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido". Assim, nesse emaranhado de afetos vivenciados e sentidos na Casa do Hip Hop de Piracicaba esta tese foi, está sendo, escrita. Sempre inacabada, nunca termina. Não tem fim. Vai, foi, tem ido, do começo para o meio e depois para o começo de novo. Em modos inventivos de escrita, que desafiam a lógica colonial, monoteísta. No modo que a favela escreve. No modo que a Casa escreve.

> Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: "Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?". E respondi: "Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento".
>
> Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolonização... e assim por diante. Ele entendeu esse jogo de palavras: "Você tem toda a razão! Vamos botar mais palavras dentro da língua portuguesa. E vamos botar palavras que os próprios eurocolonizadores não têm coragem de falar!".
>
> Por que o povo da favela fala gíria? Preenchem a língua portuguesa com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. Enchem a língua como quem enche uma linguiça. E, assim, falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. A favela adestrou a língua, a enfeitiçou. Temos que enfeitiçar a língua. Posso dizer que sou feiticeiro, qual é o problema? Mas sou feiticeiro e milagreiro, porque sou politeísta e sei fazer o efeito tanto pelo milagre como pelo feitiço (Santos, 2023, p. 3-4).

No entre de estruturas metodológicas, de pesquisas qualitativas e quantitativas, que podem ser constituídas por práticas cartográficas, que outros modos também poderiam ser assumidos nessa composição de acontecimentos, de emaranhamentos, operados pelo caos perturbador do pensamento exuzíaco? Uma outra possibilidade é a pesquisa que não é qualitativa e não é quantitativa, mas sim... performativa!

> No entanto, nos últimos anos, alguns pesquisadores têm se mostrado impacientes com as restrições metodológicas da pesquisa qualitativa e sua ênfase em resultados escritos. Eles acreditam que essa abordagem necessariamente distorce a comunicação da prática. Houve uma mudança radical para não apenas colocar a prática dentro do processo de pesquisa, mas para liderar a pesquisa através da prática. Originalmente propostos por artistas/pesquisadores e pesquisadores na comunidade criativa, essas novas estratégias são conhecidas como prática criativa como pesquisa, performance como pesquisa, pesquisa através da prática, pesquisa de estúdio, prática como pesquisa ou pesquisa orientada pela prática. Neste artigo, para esclarecer, os pesquisadores performativos são construídos como aqueles pesquisadores que realizam pesquisas orientadas pela prática. A pesquisa orientada pela prática é intrinsecamente experiencial e ganha destaque quando o pesquisador cria novas formas artísticas para performance e exposição, ou projeta jogos online orientados pelo usuário ou constrói um serviço de aconselhamento online para jovens.[73] (Haseman, 2006)

Logo, a pesquisa performativa, compreende que a escrita não dá conta sozinha de, apenas por resultados escritos, enfatizar um estudo, sendo necessário conduzir a pesquisa por meio da prática. Portanto, esse outro modo de guiar o processo investigativo, também ajuda a explicar as escolhas metodológicas apresentadas nesta tese, em especial, no que diz respeito às ideias já anunciadas, que, apesar de parecerem confusas, talvez só sejam mesmo... caóticas. Assim, as cores! e as FORMAS! e os textos! e as palavras! e as gramáticas! e as IMAGENS! e as fotos! e as discussões! e as falas! e os relatos! e as transcrições! e as criações! e as reproduções! e os QR Codes (que também são links)! e... não é - não foram! - do nada. Mas sim, novas formas artísticas, poéticas, para performar.

---

[73] However, in recent years some researchers have become impatient with the methodological restrictions of qualitative research and its emphasis on written outcomes. They believe that approach necessarily distorts the communication of practice. There has been a radical push to not only place practice within the research process, but to lead research through practice. Originally proposed by artists/researchers and researchers in the creative community these new strategies are known as creative practice as research, performance as research, research through practice, studio research, practice as research or practice-led research. In this paper, to clarify, performative researchers are constructed as those researchers who carry out practice-led research. Practice-led research is intrinsically experiential and comes to the fore when the researcher creates new artistic forms for performance and exhibition, or designs user-led, online games or builds an online counselling service for young people.

Aqui assumimos desde o início uma investigação que acompanha uma flecha no tempo. Para isso, nos questionamos "Que pode o encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop produzir com a Educação Matemática ao assumir afetos vivenciados e sentidos?" e objetivamos "assumir afetos vivenciados e sentidos no encontro de um educador matemático com uma casa de Hip Hop, operando na diferença, com a cartografia".

"Começo, meio e começo" (Santos, 2023, p. 30).

Inserida em um programa de Educação Matemática, esta pesquisa busca refletir sobre a própria área. Então, ressaltam-se os nomes que compõe a área:

> Educação matemática um dia nasceu como nome – Educação Matemática –, trazendo consigo marcas de filiação de duas mães que se veem em seu rebento e se projetam por meio de seus nomes: Educação e Matemática. Nasce de duas mães divorciadas, em um movimento que desterritorializa as tentativas de territorialização de seu próprio nome. Não basta chamar o bebê com o nome das mães. O filho é o poder de criação no entre-espaço de uma mãe e de outra. Em seu ato de nascimento, a Educação Matemática é apartada de cada uma das mães ao deixar seus ventres. Rebento que arrebenta. Não é Matemática, não é Educação, ao mesmo tempo em que atravessa uma, outra e ambas. É multiplicidade de atravessamentos. É multiplicidade em atravessamentos. (Clareto e Miarka, 2015, p. 5)

Desse modo, problematizando aspectos relativos à área, recorre-se ao questionamento realizado por Silva e Miarka (2017, p. 4): "Quanto de área e quanto de movimento suporta uma [E]educação [M]matemática?". Os autores partem da canção *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque, para produzir uma investigação em que a personagem Geni é compreendida como "educações matemáticas" e a Cidade como "Educação Matemática". Neste contexto, três cenas são apresentadas: a) cena 1 (Genis que se tornam cidadãs), apontando alguns marcos da área como prática social no Brasil, de pesquisadores que atuavam em departamentos ou institutos de Matemática e se assumiram como pesquisadores em Educação Matemática, e, inclusive, da criação do primeiro programa de pós-graduação, o qual esta tese está inserida – o PPGEM; b) cena 2 (você está dentro ou fora?), descrita em três narrativas, em que se juntaram "educadores" e "matemáticos" para propor soluções ao ensino e aprendizagem de matemática na escola, sofrendo influências principalmente da Psicologia, produzindo efeitos de pesquisas classificadas como ou objetivas ou subjetivas; porém, mais recentemente, pesquisas que refletem sobre a identidade da área ganham força ao assumir a incerteza, a multiplicidade, a incompletude, a fragmentação, o caos...; e c) cena 3 (qual é o preço de estar dentro?), questiona as relações hierárquicas produzidas pela manutenção de poder a partir da lógica neoliberal. Por fim, a partir destas três cenas, os autores indicam Geni percorrendo as fronteiras da Cidade, e questionam:

> Mais que isso, perguntamos ao leitor que nos lê, quanto de Geni e da Cidade percebe em suas práticas. Ou mesmo de "capitão", de "detento", de "bispo", de "errante", de "prefeito", de "banqueiro", de "cego", de "retirante", de "louco", de "lazarento"...? Mais do que buscar a escolha por uma ou outra identidade, perguntamo-nos: Quais personagens já não aceitamos em nome de uma área? (Silva e Miarka, 2017, p. 15)

Acrescenta-se à discussão acerca da Educação Matemática como área, o próprio escrever na pesquisa, e, portanto, uma política de escrita assumida desde a já longínqua página vazia que emergiu junto ao nada, no início desta tese.

> Uma página em branco, um vazio? Um lugar onde as potencialidades podem ser atravessadas, onde máscaras e rostos podem aparecer ou desaparecer no caminho do escrever. Salpicamos tinta negra sobre uma folha à espera de que de algum modo pudéssemos ser localizados por nossos leitores. Queremos, sim, ser localizados, mas não como sombras, não como fantasmas errantes. Queremos ser localizados pela lógica na onipresença, como um fluído que envolve o seu entorno, que habita as vísceras de seu leitor, fazendo-o expurgar seus próprios líquidos, sejam eles feitos de mel ou de fel. (Amaris-Ruidiaz e Miarka, 2018, p. 12)

Para Amaris-Ruidiaz e Miarka (2018, p.15), os encontros enunciados a partir de uma política de escrita ao pesquisar com a Educação Matemática implica em "criar possibilidades inéditas de criação, aberturas no e do campo do possível, uma fronteira tomada como um lugar possível de resistência, em que se cria uma relação com o mundo, onde o pulso e a vida dão lugar à luta".

Ao emergir, observar pelas frestas, estar no entre, começar pelo meio... junto ao pesquisar com a Educação Matemática, e também educações matemáticas, uma carta-manifesto sem sujeito foi produzida a partir de escritas que não queriam ser escritas:

> Se eDucação matemática é um corpo,/ este corpo é organizado com quais órgãos?/ Pode uma educação matemática sem órgãos/ com funções pré-determinadas?// Uma educação mAtemática se faz com corpos/ e produz corpos./ Corpos disciplinados ou corpos desejantes?// Uma educação matemÁtica pode gaguejar?/ Que potência tem uma educação matemática gaga?// Educação matemática produz programas de cursos,/ de instituições, de sociedades, de periódicos, de vidas.../ Pode uma educação matemática em uma língua menor?// Uma educação matEmática engendra/ corpos educadores e aprendizes./ Corpos escritos por vontade,/ com vontade ou à vontade?// edUcação matemáTica e seu funcionamento:/ domestica ou afirma vidas?/ Educação matemática captura?/ Liberta?/ Conjunção ou disjunção?// Uma educação matemáticA da ordem da experimentação/ se produz pelo meio e opera com saídas.// EducAção matemática

> como baliza/ de meio/ e não de fim.// Quanto de eduCação e quanto de matemática suporta/ uma educação matemática do acontecimento?// educação matemátIca: um quintal, um apartamento ou um alto-mar?/ Questão de habitação ou de ocupação?// Vale toda educaçÃo matemática/ mas não qualquer uma.// Uma educação maTemática forma-dora/ ou preparadora de corpos?/ Para confortar, incomodar ou deslocar?// Uma educaçãO matemática pode operar/ como uma máquina de criar afetos?// Uma educação Matemática pode criar/ rupturas naquilo que já está estabelecido?// Uma educação mateMática que opere/ com encontros/ e não com aulas ou disciplinas.// Uma educaÇão matemática mais para lambuzar-se/ do que para conhecer/ pode ser um dos segredos/ para uma vida feliz (Gomes, Amaris-Ruidiaz e Miarka, 2024, p. 13)

Assim, pelo meio, começo, meio e começo, meio e começo... inserida em um programa de Educação Matemática, esta pesquisa busca refletir sobre a própria área. Então, ressalta-se, novamente, em especial a pesquisa cartográfica como possibilidade, uma vez que ela:

> [...] crava marcas num corpo sensível que as digere produzindo novos mundos. São constantes processos de criação e recriação que vão se gerando junto à composição das experiências do mundo. São explorações das possibilidades do campo. São experimentações e criações de modos de existir. Às vezes, produzem-se frente aos acontecimentos, com extratos e sensações daquilo que vive em campo. Por outras, surgem do nada, das surpresas e das imprevisões que movem a pesquisa, mas da vida que se afirma em campo, ou de um inconsciente que produz rachaduras no mundo. (Orjuela-Bernal et al., 2024, p. 10)

Então, junto com

- o Coletivo Cronopies+ - inserido na linha de pesquisa Filosofia e Epistemologia na Educação Matemática do PPGEM, que opera com a Filosofia da Diferença compreendendo que a diferença possibilita promover conhecimentos por meio de políticas de escritas;
- a Casa do Hip Hop de Piracicaba - e seus muitos modos de territorializar a cidade de Piracicaba como um Quilombo Urbano, levando em conta o acompanhamento de uma flecha no tempo que não percorre um tempo linear, mas sim engendra afetivamente um resgate contínuo para tornar possível um futuro balizado na ancestralidade da produção de saberes a partir dos elementos do Hip Hop;
- Deleuze e Guattari (1991, p. 9) - que, na obra 'O que é a Filosofia?' indicam a filosofia como "a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos";

- Nego Bispo (2023) – que propõe trocar "conceito" por "denominação", como forma de enfraquecer as palavras coloniais e potencializar as palavras do povo politeísta –, e, portanto, sendo possível reescrever a indicação de Deleuze e Guattari sobre o que é a filosofia, para "a arte de formar, de inventar, de fabricar denominações";
- todas as vozes que ecoaram por aqui;

junto com todos esses operantes, corpos, caboclos, caboclas, contra colonizadores, propõe-se a fabricação da denominação: Educação Matemática hiphopzada.

As vozes que aqui falam, Bira, Osvaldo, Renata, Andressa, Maria, Savana, Marcinha, Jaqueline, Joana, Cadson, Mayra... enunciam, anunciam e denunciam cotidianamente com que e gente e né e pra e aí e isso e assim e era e lá e casa e cê e vai e tá e tinha e minha e hip e hop e só e tudo e já e coisa e essa e esse e cara e vou e hoje e sabe e falei e falar e até e mim e ter e tava e acho e sou e mano e dia e sempre e entendeu e falou e nossa e sei e anos e coisas e espaço e vida e fui e sobre e depois e muita e daí e tô e vê e fazendo e mundo e mãe e ainda e nada e todo e começou e elas e música e ideia e nem e pro e vem e comunidade e falo e vezes e legal e pessoa e falando e fala e pouco e hora e gosto e essas e vamos e veio e mulher e precisa e dela e dele e deu e enfim e poder e projeto e bira e estou e lugar e queria e questão e dá e família e tão e bagulho e forte e quero e cidade e fiz e cultura e ficar e galera e grupo e época e escola e estava e história e olha e pesquisa e alguma e meio e momento e nunca e ano e crianças e dar e horta e muitas e outra e partir e quer e disso e jeito e toda e consigo e dança e filha e junto e tanto e trazer e viu e diferente e num e pai e vim e várias e às e alguém e conhecer e criança e entender e louco e mayra e pensar e vinha e algumas e certo e conheci e difícil e falava e nos e primeiro e sentido e sim e aquilo e numa e paulicéia e posso e primeira e bairro e daqui e faço e forma e lado e monte e nesse e pessoal e pô e rap e rua e sabia e vez e comigo e desse e menos e mesma e outros e quanto e cês e olhar e sua e vó e esses e fica e há e lembro e mulheres e piracicaba e velho e acontecer e além e associação e aula e comecei e conta e cá e deus e escrever e ficou e levar e meus e movimento e prefeitura e relação e sair e semana e venho e alimento e conversar e grafite e grande e matemática e menina e parada e precisava e trouxe e chegar e conversando e dessa e dona e embora e filho e filhos e fácil e nas e nessa e nisso e pela e público e seja e acontecendo e capoeira e chegou e começa e conversa e dinheiro e duas e eram e ninguém e política e porta e preciso e remédio e três e vão e ajudar e algo e através e dilsão e exemplo e faculdade e fiquei e madalena e realidade e vejo e vocês e acredito e apesar e boa e cantar e deles e discutir e educação e ficava e mudou e músicas e naquele e outras e pega e processo e quatro e ruim e situação e social e universidade e veneno e 4mp e adianta e afro e amigo e andar e cena e chega e cinco e começamos e consegui e curso e medo e negra e passar e principalmente e produto e professor e sendo e terra e terreno e trabalhando e traz e vamo e violência e amiga e casarão e centro e chegando e começo e conhece e conhecia e consegue e doutorado e gigante e início e lugares e melhor e orgânico e palestra e pandemia e parece e paulo e pegou e referência e sala e seis e trabalhei e trazia e vendo e viver e África e aconteceu e amanhã e aos e arilene e barato e barraco e bastante e cabeça e cheguei e comer e dançar e droga e entrou e feito e foda e gostava e igual e meninas e meninos e moleque e mostrar e parar e produção e quase e religião e

saiu e sete e show e skate e teatro e transformação e vila e vir e vira e voltar e acha e atividades e cantando e colocar e começando e conseguiu e dava e delas e dias e dor e for e foto e gosta e idade e mal e menino e naquela e nossas e nãos e passando e passei e pensando e perder e porra e quadra e sistema e toca e trampo e trocar e vinte e vários e aprendi e caramba e causa e certeza e coletivo e conhecendo e conseguir e deixar e dez e existia e fico e foram e fosse e ganhar e gostei e igreja e minas e montar e morreu e mudar e pais e passou e pensei e querendo e querer e quinze e tanta e tomar e tomou e Às e absurdo e acabou e alimentação e brasil e buscar e cabelo e cantava e comida e construir e discutindo e dormir e durante e encontro e enfrentar e entre e espaços e esqueço e estudar e final e frente e importante e importância e inteiro e irmão e ler e longe e mexer e minutos e molecada e mães e negócio e noite e pensa e pequena e plantar e pouquinho e produtores e quilombo e quiser e racismo e rede e roda e sai e serviço e tocar e total e trabalha e troca e via e adoro e aprender e arte e autoestima e bairros e base e beleza e case e catata e chama e chamou e coletivos e comprar e conheço e deixou e diferentes e doméstica e doze e elemento e empresa e entendo e entrar e escrita e esperar e evangélica e evento e exatamente e força e gabs e gostar e gravar e homem e homens e indo e infantil e instituição e inteligente e junior e justamente e ladeira e lembra e loucura e maior e maria e meses e morava e natália e nenhuma e palco e pras e praça e presente e professora e próximo e rapper e revolução e rio e samba e saúde e secretaria e seminário e sentir e seus e sido e sobreviver e sábado e tentando e teria e todas e turma e voz e vêm e aberto e acabar e achei e acontece e ajudou e akanny e algum e amor e anda e aniversário e arma e auxiliar e avó e ações e barulho e bolsa e cantada e canto e caraca e celular e chamar e chegava e claro e começar e compartilha e comunitária e consciência e contar e contato e contrário e cuidar e cultural e dando e daquilo e deixa e deixo e demais e dessas e desses e devo e discussão e diário e existe e experiência e falaram e feliz e ficando e fotos e física e ganhei e gostoso e grupos e horário e leva e mandou e marido e material e minhas e mora e morei e mostrou e natural e nossos e onze e ouvir e parir e participar e passa e passado e pedir e pegava e penso e pequeno e perdeu e perdi e pergunta e ponto e pé e pública e respeito e roça e seletivo e senti e sofrimento e sozinha e surgiu e terceiro e termos e texto e tom e totalmente e verde e vindo e vive e vídeo e vô e água e área e acabei e acesso e achava e acreditar e acreditava e adolescente e afeto e ajuda e amigas e apresentar e atitude e baile e bambu e bonde e braço e briga e brigando e cantou e caras e caso e central e cesta e chorava e chácara e começava e comunitário e concurso e conheceu e consumidor e corpo e correndo e câmera e céu e dali e dependendo e diferença e direção e disse e emprego e encontrei e ensinou e entende e entendi e entorno e errado e escrevi e escutar e estrutura e estudando e falam e falta e fevereiro e fizemos e fomos e formação e fundamental e geralmente e grito e hortas e humano e inclusive e interior e irmãos e jornalismo e jovem e lendo e levava e levo e levou e limpo e literatura e livre e livro e manhã e manter e mediação e mensagem e mesa e mst e muda e mudei e máximo e necessidade e nenhum e normal e noção e passo e pastoral e pele e pera e periferia e perspectiva e pira e possa e possam e poucos e problema e produtora e qualidade e quantos e quis e racionais e rapaz e rasta e real e reunião e rolê e salva e santa e saí e senhora e sente e seria e servidora e sociais e sofrer e sofri e suas e tarde e tendo e tirando e tirar e tivesse e torno e trans e trecho e treze e urbano e varejão e vergonha e virar e visto e visão e vitor e vivi e whatsapp e aberta e abraçou e abre e abrindo e acaba e aceito e acredita e acreditou e agroecologia e alface e alô e

ambiente e amigos e amo e andando e anne e aparecer e apareceu e apresentação e assalto e assunto e atividade e ato e baixo e batalha e bonito e brincar e caixa e canta e caraio e carinho e carro e casinha e certa e certinho e chamei e chego e clubinho e coloca e colocou e colégio e comunhão e comunidades e conectividades e conexão e conforme e conseguia e contrabaixo e conversado e conversão e coral e correr e coréia e cuidado e cura e dançando e daquela e dificuldade e diminuir e documentário e doido e encontros e enorme e entendendo e entendia e entrada e entrega e entrei e entrevista e enxergar e escrevendo e espetáculo e estamos e estatuto e experiências e falado e faltou e familiar e famílias e fato e faça e feita e ficaram e filosofia e flora e foge e fudido e funk e ganha e geral e gravei e graças e heinrich e igor e imagina e importa e infelizmente e intervalo e joana e joga e jogando e jogar e josé e juro e larissa e lei e leitura e lenço e lidar e lindo e luta e magia e manifestações e marechal e marginais e mecanismo e memo e mercado e moradores e morando e morar e moro e márcia e mão e nasceu e nasci e obrigado e oitenta e olhando e olhei e olho e opa e organização e participo e passava e pautas e pedacinho e pelas e pensava e perceber e perguntar e piracicamirim e planta e plantou e população e portas e preconceito e prestar e preta e procê e produzindo e profissão e projetos e pronta e publicar e puder e pular e puta e quantas e quarto e raça e reforma e repente e rogério e roupa e saindo e salvar e salve e sarau e sentar e sesc e simplicidade e sinto e sociedade e solteira e somos e sopa e super e sério e tamo e tatá e tecnologia e temas e tentou e terminei e tio e tiver e tiveram e trabalhava e trazendo e trás e vencer e vieram e virou e vitória e viveu e voltei e volto e véi e única e único e abrir e abriu e abuso e acabado e acaso e aceita e aceitar e aceitei e achou e adolescentes e alex e alimentando e alisar e amizade e andressa e aplaudir e aposentar e aprende e aprendendo e apresentações e aproximo e arruma e arrumar e artista e assistindo e atender e atraso e atriz e aulinha e avós e ação e baldinho e basquete e batuque e beber e benefício e betão e birão e boca e bonitinho e brasileira e brigar e buscava e cadson e calma e caminhos e campanha e caos e capital e carona e categoria e católica e caótica e caótico e chamava e chegam e chorei e científica e classe e cocaína e coincidência e comendo e começaram e comportamento e comum e conecta e conectado e conectar e congressos e conselho e consome e contando e contei e contexto e continuar e contribuição e conversava e conversei e converso e convertido e corta e costumo e cresceu e criado e criar e cumprimentar e daniel e dançava e danço e daquele e deixava e dependente e desassistido e desculpa e desenvolver e desgraça e detalhe e diadema e digo e disciplina e doar e dolorido e domingo e dono e dormia e dread e dão e dói e elementos e emoção e empregada e encher e encontrava e engenharia e ensaiar e ensino e entra e esalq e escuta e esperança e esperava e espiritual e essência e estavam e estudava e estudo e exato e explicar e fase e fazem e fechamos e fechar e felicidade e festa e figura e fizeram e focar e fogão e fortalece e fotografia e funciona e funcionar e fundo e gangue e garanto e geografia e gostou e graduação e gravação e gritar e guitarra e hobby e horizonte e hum e ideias e imaginava e indígenas e iniciação e intenção e interessante e inventando e iria e jeitinho e jovens e juventude e lance e lar e lembrança e lembrar e lembrei e levando e leveza e liderança e ligada e limpeza e linda e lindamente e maconha e madeira e madrinha e mandei e maravilhoso e marca e marcinha e marcos e massa e mato e menor e mexe e mexia e monitora e montamos e morre e movimentos e mudança e muro e mês e namorada e natal e necessariamente e nesses e nomes e norte e notificação e noventa e nível e número e ocupação e oficina e olhou e oportunidade e orfanato e organizado e orientador e palavra

e palavras e palestrar e palito e papel e parceria e participava e participei e pau e pego e pelos e percebeu e perto e piano e pior e pisca e pista e poderia e polícia e políticos e possibilidade e potencial e praticamente e prato e precisar e prefeito e procurando e pronto e proposta e pros e provar e própria e próxima e psiquiatra e pude e putz e pôr e p'cê e quantidade e questões e quinto e rebanho e receber e recitou e reformar e registrar e regularizada e religiosidade e renascer e respeita e respeitado e respeitar e resto e revolta e revolucionária e rodando e sabem e sabendo e sabiam e sadia e saia e sec e segura e sentada e sentado e sentimento e separação e separo e será e significa e sincronicidade e solo e sonho e sonora e sorriso e start e suficiente e sujo e sul e supermercado e sônia e talvez e tantas e tecido e tecnologias e tento e território e testa-de-ferro e textos e tinham e toa e tornou e tou e trilha e trinta e tristeza e trocando e tímido e ucrânia e universo e usuário e vagabundo e valeu e valores e venha e venham e violino e vivendo e volta e voltando e vontade e vínculo e vítima e abandonado e abolição e absurda e acabam e acabe e acabo e academia e acessar e achando e acolhe e acolhedora e acolheram e acompanhar e acontecem e acústico e adotaram e adulto e afim e afinidade e africano e agita e agradeço e agrediu e agressor e ajudando e ajudo e alcoolista e alegria e algodão e aliado e alimentar e almeida e almoço e aluno e amenizar e ancestralidade e andou e andréia e antigamente e antigo e antônio e aonde e apaixonada e aparece e aparecendo e apaziguou e apoia e apoio e aproximar e aquilombando e arranjo e arrepia e articular e aspas e assistente e assistir e assumir e assuntos e atendia e atenção e atraem e atrasando e atravessando e ausente e autocuidado e aventureiros e avô e bacia e backing e bancando e bandido e baque e barranco e barriga e bate-papo e bater e bebia e bebê e belfá e belo e bispo e bissexual e black e bolo e boom e branca e branco e branquitude e break e brilha e brincadeira e broto e buraco e buscando e básica e caiu e calle e camadas e caminhada e camisa e campeonato e campo e cantado e cantos e capa e capricha e carai e casas e casei e cem e cento e centrinho e ceo e chamada e chamado e chamam e chamando e chamavam e chance e chato e chegamos e chorando e chuva e chão e clima e clube e colher e colocando e colocava e colonial e comentado e comentar e comercial e comia e compartilham e competição e composição e compra e comprei e concordo e condição e conformado e conhecem e conquistar e consciente e conseguem e conseguiam e conselhos e construção e construí e construía e contabilidade e continua e continuidade e contribui e converter e convivia e convivência e cor e coração e correta e correu e costuma e costura e cozinha e craque e crescendo e criançada e criação e cristina e cuida e cuidando e culpo e cumprimenta e curar e curioso e dado e datilografia e dedo e defender e dei e demanda e demora e depende e deputado e desafio e desanimada e descoberta e descobrir e descrever e desejo e desenhar e devia e...

> "a trajetória desses povos transpões qualquer texto científico ou literário. Ela é visível e palpável materialmente e pode ser sentida imaterialmente, tanto quando olhamos para o passado e fazemos referência aos nossos ancestrais, como hoje quando visitamos as comunidades da atualidade e dialogamos com as suas organizações e manifestações culturais (Santos, 2023, p. 30).

Dito de outro modo:



Com tudo isso e/ou nada isso, Educação Matemática hiphopzada está junto com elementos que produzem conhecimentos, operados com afetos vivenciados e sentidos na Casa do Hip Hop de Piracicaba, em um fluxo de modos quilombolas, oficinas, parcerias, territórios físicos, Hip Hop Studies principalmente com STEM/STEAM, e, em especial, modos inventivos de domínio das armas colonizadoras para defesa, a partir de um pensamento politeísta.

"Começo, meio e começo" (Santos, 2023, p. 30).

Hip Hop pra mim é (mais que) religião.


A LUTA
NÃO
PARA

> Para que espaços assim aconteçam, é preciso que as favelas avancem nos processos de composição. Numa feira na favela, as pessoas poderiam ir para conversar sobre o comportamento da polícia, para combinar coisas e fazer articulações, para estruturar e compartilhar as suas defesas. As favelas precisam piratear tecnologias, montar as suas fábricas clandestinas de bicicletas. Montam, a polícia vai tomar, e então montam de novo. Está na hora de fazer confusão, roubar e quebrar patentes! É preciso que as favelas tenham os próprios produtos, e a China é uma grande referência. Não seria possível termos celulares se os chineses não tivessem quebrado as patentes dos celulares. Eu não teria condição de me comunicar hoje; faço isso graças à pirataria. A favela precisa se especializar na pirataria de tudo o que for possível, a partir da tecnologia e da sabedoria do nosso povo. (Santos, 2023, p. 28)

ALMEIDA, Rafael Gonçalves de. **Favelas do Rio de Janeiro:** a geografia histórica da invenção de um espaço. 2016. 510 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/16/teses/852626.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

ALVAREZ, J., PASSOS, E. Pista 7 - cartografar é habitar um território existencial. **In:** E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 131-149). Porto Alegre: Sulina, 2015.

AMARIS-RUIDIAZ, Paola Judith. **Encontros e fluxos numa escola: educadora matemática em potência de criação, fratura e resistência**. 2018. 172 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155962 Acesso em: 15 abr. 2024.

AMARIS-RUIDIAZ, Paola Judith; MIARKA, Roger. Escrita-corpo-experiência e literatura: que pode o escrever (na pesquisa) [em educação matemática]? **In:** Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 13-32, set./dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2018v11n3p13 Acesso em: 13 fev. 2025.

BRASIL. **Lei** nº 8.069, de 13 de julho de 1990. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 15 abr. 2024.

_____. **Urbanização de Favelas:** a experiência do PAC. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Habitação. 2010. Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNH/ArquivosPDF/PAC_Urbanizacao_de_Favelas_Web.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

_____. **Piracicaba.** Biblioteca IBGE. 2013. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=32723 Acesso em: 15 abr. 2024.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Pista 3 - Cartografar é acompanhar processos. **In:** E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 52-75). Porto Alegre: Sulina, 2015.

CALDAS, Sidcley Dalmo Teixeira. **Canções matemáticas:** contribuições para o processo de representação

semiótica de conceitos matemáticos no ensino fundamental. 2023. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37183 Acesso em: 29 nov. 2024.

CARVALHO, Alvino Rodrigues de. **Movimentos culturais e justiça social:** um estudo da cultura hip-hop mineira. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em CIÊNCIA POLÍTICA) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-88WNHV Acesso em: 15 abr. 2024.

CASA DO HIP HOP. **Saúde e a população Negra.** Casa do Hip Hop: 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=3136525323226154&set=pcb.3136525456559474 Acesso em: 15 abr. 2024.

CASAL, João Roberto Bêta. **Escritas em divã:** encontros ético-estético-político em educação matemática. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2023. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/4b79fd54-25f4-4b1c-bc8f-43f3a26c353c Acesso em: 15 abr. 2024.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. O pretuguês como comunidade de prática: concordância nominal e identidade racial. **In:** Traços de Linguagem, v. 4, n. 1, p. 75-88, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.30681/2594.9063.2020v4n1id4644 Acesso em: 28 nov. 2024.

CRUZ, Lucas Gabriel de Souza. **Umas coisas que andei pensando...** E-mail. <lg.cruz@unesp.br> 4 de dez. de 2023, 16:56

DAVIS, J.; PITTS BANNISTER, V.; MUTEGI; J. BOOK REVIEW Hip-Hop and Mathematics: A Critical Review of Schooling Hip-Hop: Expanding Hip-Hop Based Education Across the Curriculum. **In:** Mathematics Education Research Journal. v.7, n.1, p. 96–106, 2014. Disponível em: https://scholarworks.iupui.edu/items/3395c369-605e-4080-beda-28daa382893d Acesso em: 15 abr. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Crítica e clínica.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O QUE É A FILOSOFIA?** São Paulo: Ed. 34, 1991.

DJONGA. **Bença.** In: Ladrão. Ceia Ent, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vItmJnY-waY Acesso em: 15 abr. 2024.

EMDIN, Christopher. **For white folks who teach in the hood… and the rest of y'all too:** reality pedagogy and urban education. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2016.

_____. **Ratchetdemic:** reimagining academic success. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2021.

ESCOLA ESTADUAL DONA MARIA NÉLIDA SAMPAIO DE MELLO. **Agenda 21.** 2005. Disponível em: https://seaembu.org.br/wp-content/uploads/2022/11/ag21_ee_marianelida.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

ESTEVES DORE, Lucas. **que diz o muro da escola?** aprendizagens e deslizamentos e matemática. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9330 Acesso em: 29 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDES, Diego Savio da Costa. **Representações do Hip Hop em livros didáticos.** 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/items/2820552a-08cf-496e-92c9-e426fd0055dd Acesso em: 15 abr. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Ópera rap mistura hip hop com teatro em São Paulo**. 1994a. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/27/ilustrada/9.html Acesso em: 15 abr. 2024.

_____. **Racionais abrem espetáculo**. 1994a. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/27/ilustrada/10.html Acesso em: 15 abr. 2024.

FORBES. **O rapper Tekashi 6ix9ine foi preso por violência doméstica.** Hugh McIntyre, 2024. Disponível em: https://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2024/01/18/rapper-tekashi-6ix9ine-has-been-arrested-for-domestic-violence/?sh=379a9aa03cce Acesso em: 15 abr. 2024.

FRANCISCO, Ana Lúcia. Resgatando o afeto. **In:** Bol. Psicol. São Paulo, v. 55, n. 123, p. 168-176, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 dez. 2024.

G1. **Criminosos matam dois em favela de Embu das Artes**. 2012. Disponível em: https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/08/criminosos-matam-dois-em-favela-de-embu-das-artes-sp.html Acesso em: 15 abr. 2024.

G1. **Policiais militares que agrediram cadeirante durante abordagem a jovem em Piracicaba são afastados**. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2024/04/03/policiais-militares-que-agrediram-cadeirante-durante-abordagem-a-jovem-em-piracicaba-sao-afastados.ghtml Acesso em: 15 abr. 2024.

GANHOR, João Paulo. **Ciência, Tecnologia e o Rap:** Contribuições à Educação Científica e Tecnológica em Periferias Urbanas. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação Cientifica e Tecnológica) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169080 Acesso em: 29 nov. 2024.

GELEDES. **Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas.** GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA, 2023a. Disponível em: https://www.geledes.org.br/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas/ Acesso em: 15 abr. 2024.

GELEDES. **Datafolha:** metade das mães brasileiras são solo e 69% das mulheres no país têm ao menos 1 filho. GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA, 2023b. Disponível em: https://www.geledes.org.br/datafolha-metade-das-maes-brasileiras-sao-solo-e-69-das-mulheres-no-pais-tem-ao-menos-1-filho/ Acesso em: 15 abr. 2024.

GIONGO, Flávia Nascimento. **Resistências, poderes e transgressões:** discursos de cantoras de rap de São Paulo/SP. 2020. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/4848 Acesso em: 15 abr. 2024.

GOMES, Flávia Goodwin. **Ritmo e Poesia nos Duelos da Vida:** Levante Denunciante, Ritmo Dançante e Educação Participante: Improvisações Etnográficas acerca da cultura Hip Hop e da Performance do Duelo de Mc's. 2015. 249 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais,

Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B76EG4 Acesso em: 15 abr. 2024.

GOMES, Danilo Olímpio. **RIGOR SEM ÓRGÃOS**: EM MEIO A RELAÇÕES DISCURSIVAS, (R)EX(S)ISTÊNCIAS POSSÍVEIS. 2020. 206 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192603/gomes_do_dr_rcla.pdf?sequence=3&isAllowed=y Acesso em: 15 abr. 2024.

GOMES, Danilo Olímpio; AMARIS-RUIDIAZ, Paola Judith; MIARKA, Roger. Afetos-Experimentações de uma EduCaçãO MaTemáTica que Afirme Vidas e uma Troca de Cartas que Exercite uma Escrita por Vir. **In:** Hipátia: Revista Brasileira de Educação Matemática, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2018. Disponível em: https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/hipatia/article/view/2482 Acesso em: 13 fev. 2025.

GONÇALVES, Joana Brauer. **Bohemian Rhapsody:** Performance, Ritual e Relações de Gênero no Breaking. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A4YPYF Acesso em: 15 abr. 2024.

GONDIM, Diego de Matos. **Ribeiras de Vales ...e experimentações e grafias e espaços e quilombolas e....** 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152579 Acesso em: 15 abr. 2024.

HARDT, Camila. **"Compreensões sobre o tempo por meio de desenhos à mão livre de crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental" ou "Desenhos sobre o tempo para adultos que não têm tempo".** 2023. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Física – Licenciatura) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2023. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/a5046556-d416-4cb5-9dff-64322de92da1 Acesso em: 15 abr. 2024.

HASEMAN, Brad. A Manifesto for Performative Research. **In:** Media International Australia incorporating Culture and Policy, theme issue "Practice-led Research". n.118, pp. 98-106, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1329878X0611800113 Acesso em: 29 nov. 2024.

HILL, Marc Lamont. **Batidas, rimas e vida escolar**: pedagogia hip hop e as políticas de identidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**. 2000.

HUMMEL HARA, Carolina. **"Hip-hop é minha bandeira, rap é o hino nacional":** uma análise das transformações estético-políticas do movimento hip-hop brasileiro a partir da Casa do Hip-Hop de Piracicaba. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/16848 Acesso em: 29 nov. 2024.

IBGE. **Censo demográfico 2022:** identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: resultados do universo. Ministério do Planejamento e Orçamento Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3105/cd_2022_etnico_racial.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

IBGE. **Produto Interno Bruto – PIB.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: Rio de Janeiro, 2024a. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php Acesso em: 15 abr. 2024.

IBGE. **Panorama CENSO 2022.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: Rio de Janeiro, 2024b. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/ Acesso em: 15 abr. 2024.

IMAM KONING, S.; NASRIFAN, M. N.; MD. JUNUS, N. W.; NOR AZMI, N. Integrasi aktiviti muzikal dalam pengajaran dan pembelajaran matematik: Satu kajian literatur. **In:** Jurnal Pendidikan Bitara UPSI. v.14, p. 92-102, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.37134/bitara.vol14.sp.10.2021 Acesso em: 15 abr. 2024.

ISTOEDINHEIRO. **IBGE:** Brasil tem 11.403 favelas, onde vivem cerca de 16 milhões de pessoas. ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA, 2023. Disponível em: https://istoedinheiro.com.br/ibge-brasil-tem-11-403-favelas-onde-vivem-cerca-de-16-milhoes-de-pessoas/ Acesso em: 15 abr. 2024.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. 10 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LODI, Maria Inês Helio. **A escrita das ruas e o poder público no projeto Guernica de Belo Horizonte**. 2003. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://www.scribd.com/document/321762840/A-Escrita-Das-Ruas-o-Poder-Publico-No-Projeto-Guernica-de-Belo-Horizonte-Maria-Ines-Lodi Acesso em: 15 abr. 2024.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofia africanas:** uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

LUCHESI; PASTERNAK; D'OTTAVIANO. **Censo 2022:** primeiro olhar para a Região Metropolitana de São Paulo. Observatório das metrópoles. 2023. Disponível em: https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/censo-2022-primeiro-olhar-para-a-regiao-metropolitana-de-sao-paulo/ Acesso em: 15 abr. 2024.

LUTES, A. C.; HSIAO, E-LING; DOWNEY, S.; KIM, D.; HARTSELL, T. S. The Effect of a Hip-Hop Based Education Unit on Fifth-Grade Students' Math Achievements. **In:** The International Journal of Science, Mathematics and Technology Learning. v.28, n.1, p. 61-77, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.18848/2327-7971/CGP/v28i01/61-77 Acesso em: 15 abr. 2024.

LUTES, A. C. **The Rose That Grew from Concrete: A Study of Hip-Hop Based Education in Urban Fifth-Grade Math.** 2019. Tese (Doutorado em Curriculum and Instruction in the Department of Curriculum, Leadership, and Technology of the Dewar College of Education and Human Services) – Valdosta State University, Georgia. (in)Disponível em: https://vtext.valdosta.edu/xmlui/handle/10428/4931 Acesso em: 15 abr. 2024.

LUZ, Márcia Gomes Eleuterio da. **Narrativas musicais na construção de identidades e processo educacional.** 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: http://old.ppe.uem.br/dissertacoes/2012/2012%20-%20Marcia%20Luz.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

MALTA, Gabriel Nogueira. Juventude e(m) movimento [manuscrito]: uma terapia problematizadora da BNCC. 2023. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/60983 Acesso em: 29 nov. 2024.

MATSUNAGA, Priscila Saemi. **Mulheres no hip hop:** identidades e representações. 2006. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: http://bdae.org.br/bitstream/123456789/1739/1/tese.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

MAYRA. **No mesmo tempo.** Mayra Kristina de Camargo. Articulando Utopias - Aos 45 minutos do primeiro tempo. SESC PIRACICABA, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HKHpXAdCi2U Acesso em: 15 abr. 2024.

MESQUITA, Diego Marques. **Uma investigação junto a uma formação política de um docente de matemática**. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154240/mesquita_dm_me_rcla.pdf?sequence=3&isAllowed=y Acesso em: 15 abr. 2024.

MESSIAS, Clayton Roberto. **Educação e descolonialidade do saber:** cultura hip-hop: uma perspectiva através das epistemologias do Sul e das pedagogias decoloniais. 2022. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba. Disponível em: https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/693089168426920.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

MIARKA, Roger. **… E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E [DE(S)]COLONIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÕES E…** No prelo. 2024.

MOASSAB, Andréia da Silva. **Brasil periferia(s):** a comunicação insurgente do Hip-Hop. 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5158 Acesso em: 15 abr. 2024.

MOULES, Fletcher. **ENTERGALACTIC.** Program creators: Kid Cudi, Kenya Barris. Netflix, 2022.

MUNIZ, Bruno Barboza. **"Dub: um estilo? Um gênero? Um vírus?".** 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/34/teses/769544.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Publicado originalmente no jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976. Disponível em: https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/ Acesso em: 15 abr. 2024.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **A performance poética do ator-MC**. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4481 Acesso em: 15 abr. 2024.

OLIVEIRA, Beto. **Esquecendo Flora.** Frame7 Cinema, 2022. Disponível em: https://www.frame7cinema.com/flora Acesso em: 29 nov. 2024.

ORJUELA-BERNAL, Jorge Isidro. **Indígenas, Cosmovisão e Ensino Superior:** [algumas] tensões. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154217 Acesso em: 15 abr. 2024.

_____. **... E TEKO E ARANDU E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO SUPERIOR E EDUCAÇÕES OUTRAS...:** MODOS DE VIDA CRIADOS E AFIRMADOS POR KAIOWÁS E GUARANIS. 2023. 303 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2023. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/ef36c127-3ef6-4e89-9609-c7af4ce05cf3 Acesso em: 15 abr. 2024.

ORJUELA-BERNAL, Jorge Isidro; SANTOS, Heinrich da Solidade; LOPES, Wanderson Rocha; LOPES, Ronilce Maira Garcia; SUAREZ, Jeimy Marcela Cortes. La cartografía como camino posible en la investigación en educación matemática: Algunas investigaciones del Coletivo Cronopies+. **In:** Prometeica - Revista de Filosofía y Ciencias, São Paulo, Brasil, v. 31, p. 369–379, 2024. DOI: 10.34024/prometeica.2024.31.19501. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/prometeica/article/view/19501 Acesso em: 15 jan. 2025.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. **In:** E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 201-205). Porto Alegre: Sulina, 2015a.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. **In:** E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 7-16). Porto Alegre: Sulina, 2015b.

PAULA JUNIOR, Antonio Filogenio de. **FILOSOFIA AFRO-BRASILEIRA:** EPISTEMOLOGIA, CULTURA E EDUCAÇÃO NA CAIUMBA PAULISTA. 2019. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP, Piracicaba. Disponível em: https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/18012021_131009_antoniofilogeniodepaulajunior_ok.pdf Acesso em: 29 nov. 2024.

PIRACICABA. Temor de revoltas de escravizados marcou a Piracicaba de 1858. Câmara Municipal de Piracicaba. 2022. Disponível em: https://www.camarapiracicaba.sp.gov.br/temor-de-revoltas-de-escravizados-marcou-a-piracicaba-de-1858-57793 Acesso em: 15 jan. 2025.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA - PPGEM. **Seminário de Matemática e Educação Matemática (SMEM)**. 2024. Disponível em: https://igce.rc.unesp.br/#!/pos-graduacao/programas-de-pos/educacao-matematica/atividades-academicas/smem/ Acesso em: 29 nov. 2024.

PRIGOGINE, I. **As leis do caos**. 2002. Editora Unesp.

RIBEIRO, Djamila. **A categoria do Outro:** o olhar de Beauvoir e Grada Kilomba sobre ser mulher. Blog da Boitempo. 2016. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2016/04/07/categoria-do-outro-o-olhar-de-beauvoir-e-grada-kilomba-sobre-ser-mulher/ Acesso em: 15 abr. 2024.

_____. **Cartas para minha avó.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ROCHA, G. **Deus e o diabo na terra do sol.** DVD DISCO. VERSÁTIL HOME VÍDEO, 1995.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. 2018. **In:** Dossiê Linguagens. v. 1 n. 2 (1993). Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38134 Acesso em: 15 abr. 2024.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAMPAIO, S.M. R., org. Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. **In:** Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 27-51. ISBN 978-85-232-1211-7. Disponível em: https://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117-03.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo. **COLONIZAÇÂO, QUILOMBOS:** Modos e Significações. 2. ed. Brasília: AYÔ, 2019.

_____. **a terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SÃO PAULO. **Lei** nº 1139, de junho de 2011. 2011. Governo de São Paulo. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2011/lei.complementar-1139-16.06.2011.html Acesso em: 15 abr. 2024.

SAYÃO, Lara. Prefácio. **In:** LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. Filosofias africanas: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SENADO. Polícias militares têm origem no século 19. Agência Senado, 2013. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/25/policias-militares-tem-origem-no-seculo-19 Acesso em: 15 abr. 2024.

SESC PIRACICABA. **4MP + TODAS ELAS.** Guia de Programação Março 2024. Sesc Piracicaba, 2024. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/wp-content/uploads/2024/02/guia-de-programacao_marco24_web.pdf Acesso em: 15 abr. 2024.

SILVA, Marcio Antonio; MIARKA, Roger. Geni, a Pesquisa em [E]educação [M]matemática e o Zepelim. **In:** Perspectivas da Educação Matemática, v. 10, n. 24, 30 dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/5331 Acesso em: 29 nov. 2024.

SILVA, Jaqueline Altomani da. **Hip Hop e sapiência:** os rappers como intelectuais orgânicos. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba. Disponível em: https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/visualiza.php?cod=MTk3MQ== Acesso em: 29 nov. 2024.

SILVA, Ildslaine (MC Sharylaine). **Projeto Rappers:** A Primeira Casa do Hip Hop Brasileiro. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OFiZxuK5_84 Acesso em: 29 nov. 2024.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência:** culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Lucia-Souza-3/publication/344886674_LETRAMENTOS_DE_REEXISTENCIA_CULTURAS_E_IDENTIDADES_NO_MOVIMENTO_HIP_HOP/links/5f96ccafa6fdccfd7b7fa1b7/LETRAMENTOS-DE-REEXISTENCIA-CULTURAS-E-IDENTIDADES-NO-MOVIMENTO-HIP-HOP.pdf Acesso em: 29 nov. 2024.

SOUZA, Angelita Matos. **Deus e o diabo na terra do sol:** leitura política de um capitalismo tardio. 2003. 193 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1595813 Acesso em: 15 abr. 2024.

SOUZA, Aline dos Santos Preto de. **Dança de rua:** práticas pedagógicas de arte - educação no âmbito do lazer. 2014. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

SOUZA, T. P. **Trabalho, profissionalização, identidade e relações de gênero no campo da tecnologia da informação**. 2016. 363 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/df64fd2a-33eb-4ede-a2d3-6d5d22d0f2f2 Acesso em: 15 abr. 2024.

SPINOZA, B. **Ética.** Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SUÁREZ, Jeimy Marcela Cortés. **Denúncias e anunciações sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia**. 2020. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", Rio Claro, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/76db1dbc-e806-49b7-a9a5-f7ed056137e7/content Acesso em: 15 abr. 2024.

THURSTON, P. K. DOCTORAL DISSERTATIONS, 2019: Doctoral Dissertations on Russia, the Soviet Union, Central Asia, and Eastern Europe Accepted by Universities in the United States and Canada, 2019. **In:** Slavic Review. v.79, n.4, p. 895–907, 2020. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27059618 Acesso em: 15 abr. 2024.

TO AQUI. **VENHA PRO CALDINHO AGROECOLÓGICO DO TÔ AQUI!** Movimento Tô Aqui, 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ch8cBupOTSO/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA== Acesso em: 15 abr. 2024.

UNESP. **Bases de dados e outras fontes de informação:** Acesso via VPN Unesp e CAFe. Administração Geral - Câmpus de Botucatu. 2023. Disponível em: https://www.btu.unesp.br/#!/sobre/biblioteca/acervos-fisico-e-digital/bases/ Acesso em: 15 abr. 2024.

VALOR. **Quem são os 69 brasileiros na lista de bilionários da "Forbes" em 2024.** 2024. Disponível em: https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/04/02/quem-sao-os-69-brasileiros-na-lista-de-bilionarios-da-forbes-em-2024.ghtml Acesso em: 15 abr. 2024.

VAI-VAI. **SAMBA ENREDO VAIVAI 2024.** Vai-vai: 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5rWK_6fniRc Acesso em: 15 abr. 2024.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
VOCESA. **A disparidade de renda entre o 1% mais rico.** Tássia Kastner, 2024. Disponível em: https://vocesa.abril.com.br/sociedade/a-disparidade-de-renda-entre-o-1-mais-rico Acesso em: 15 abr. 2024.

ZAGO, N. **Do acesso à permanência no ensino superior:** percursos de estudantes universitários de camadas populares. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 15 abr. 2024.

